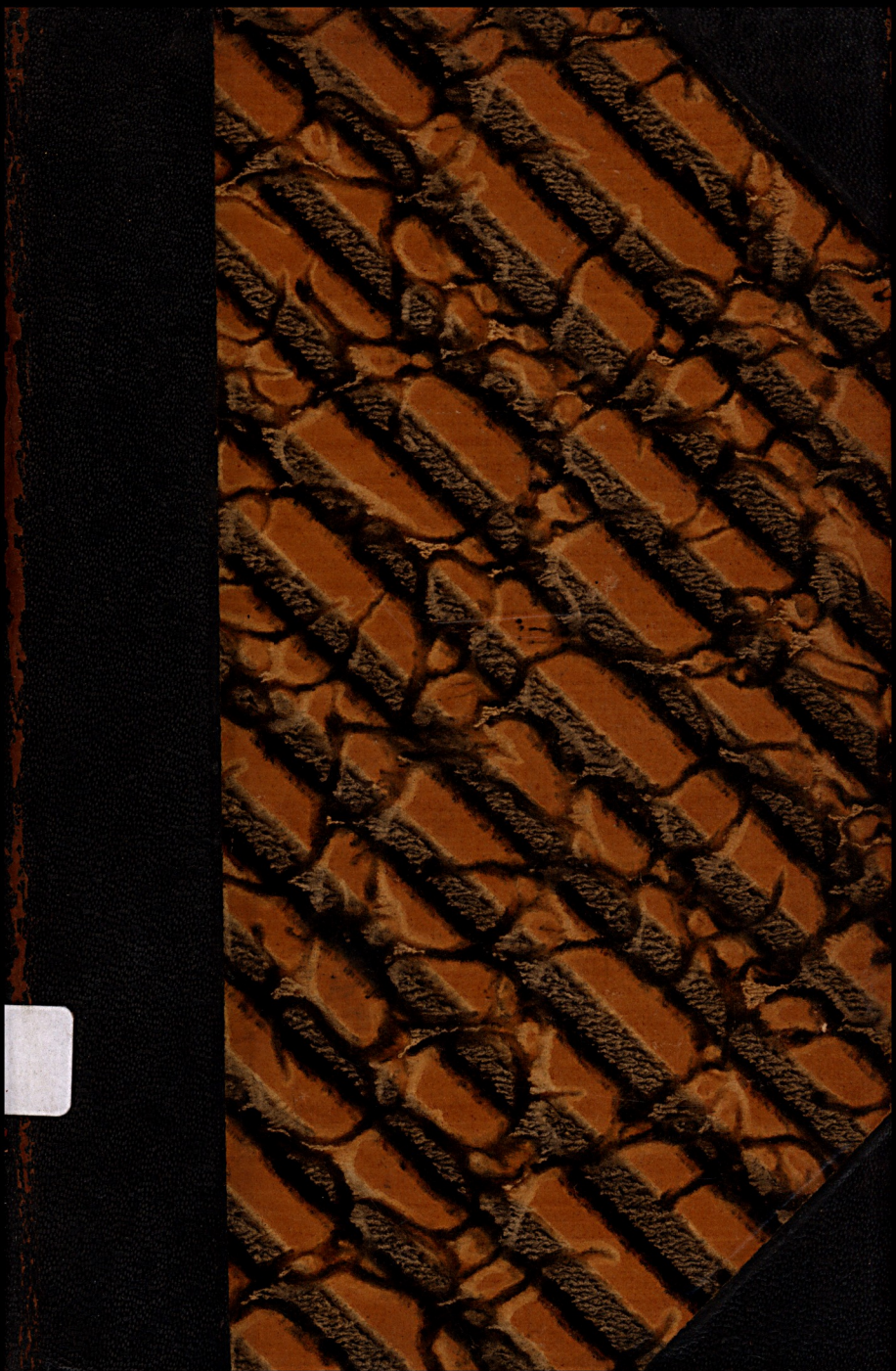

A. W. SELLIN

Geographia geral

DO

BRASIL

TRADUZIDA E CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADA

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C., EDITORES
46 E 48 — RUA DE GONÇALVES DIAS — 46 E 48
1889

856—88

O presente livro appareceu em 1885 no *Wissen der Gegenwart*, acreditada publicação popular em que collaboram os mais notaveis especialistas da Austria e da Allemanha. O autor serviu-se para compol-o de muitas monographias e relatorios e tinha a mais a experiencia de 12 annos de estada no Brasil, onde dirigiu uma das colonias do Rio Grande do Sul.

A traducção é litteral e fiel até onde o permitte o espirito de duas linguas tão differentes como a nossa e a sua. Os accrescimos são em geral feitos em typo diverso do do texto corrente As correcções, quando simples, são lhe incorporadas. As mais de vezes são muito poucas: um ou outro equivoco reparado, uma ou outra mudança de forma para dar maior precisão á idéa. Houve muito poucas suppressões; umas continham explicações necessarias para a Europa, mas inuteis para o Brasil; outras, referencias a desenhos e cartas que não acompanham esta edição.

Por vezes propositalmente não ha notas, porque levariam muito longe. E' o caso do capitulo XI, em que o lado geographico deveria predominar com maior força. Mais que as guerras e revoluções politicas deveria attender-se ao modo por que em pouco mais de 100 annos povoou-se o littoral desde S. Luis do Maranhão até Cananéa; como no seculo XVII os Paulistas conquistando o Parahyba abriram o caminho para Minas Geraes, os Bahianos communicaram com o Maranhão pelo Paraguassú e Parnahyba, e o Ceará ligou-se a Pernambuco pelo Salgado e Capibaribe; como no seculo XVIII, descobertas as minas, povoaram-se electricamente os certões, e a necessidade de encontrar escoadouros para o Norte fez navegaveis o Madeira, o Tapajós e o Tocantins; como em nosso seculo, introduzido o vapor, definhou o certão ao mesmo tempo que o littoral prosperava, e as viagens desviaram de suas direções antigas para outras totalmente diversas.

Isto se poderá fazer em outra edição.

O capitulo relativo a escravidão poderia bem supprimir-se. Não se fez, porém, por que a lei de 13 de Maio é tão moderna que ainda

parece sonho. Não é justo que se risque pelo silencio o que bradou por mais de tres seculos.

Nem sempre se concordará com os conceitos do autor; mas isto não envolve inconveniente. Com elles e outros semelhantes forma-se a opinião europeia a nosso respeito, e é bom que conheçamos qual é esta opinião, para melhorarmos si fôr possivel ou necessario, para sabermos dirigir-nos em qualquer caso.

Tendo residido no Sul, o autor communica a muitas de suas idéas cunho sulista. Seria conveniente oppor-lhe a face do Norte; mas não é facil. O Norte é mais original: lá houve nada menos de quatro centros: Pará, Maranhão, Pernambuco e Bahia. Por exemplo o Ceará no Cariry recebeu influxo bahiano, no Jaguaribe influxo pernambucano, no Acarahú influxo maranhense: d'ahi seu caracter complexo. O Sul no fundo é S. Paulo.

Ha de se notar a falta de um capitulo sobre a antropogeographia. Será possivel escrevel-o? Sabemos que a estructura massiça de nosso littoral estorvou o desenvolvimento da marinha; que a ausencia de mattas favoreceu a creação de gados; que a falta de campos no Amazonas fez do peixe a base do alimentação; que na proximidade das cachoeiras formam-se nucleos de povoação a contar do ponto de partida, como Crato, Santarém, Penedo, Cachoeira (quantas?), Itú etc; mas estes factos são ainda em numero muito pequeno para se formular uma theoria do meio. Mesmo o clima, o clima ardente a que tantas responsabilidade se attribue em todos os nossos defeitos, que sabemos de sua acção? Von den Steinen concorda que no alto certão de dia acabrunha; nas noite tonifica e restaura.

Dadas estas explicações posso concluir. Existe em nossa litteratura livro como este que rapida e precisamente nos informe do estado geral do Brasil?

Não o conheço.

E por isso abalancei-me a traduzi-lo, certo de que prestará bons serviços em quanto não ficar terminada a traducção do Manual da Wappæus, mais antiquado porém, mais amplo, mais profundo.

Rio 20 de Dezembro de 1888.

J. Capistrano de Abreu.

INDICE

GEOGRAPHIA PHYSICA E HISTORICA — 1 a 107.

I. Area e limites..... 1
II. A configuração horisontal, portos e ilhas..... 5
III. A configuração vertical..... 10
IV. As bacias hydrographicas..... 17
V. Climatologia..... 35
VI. O reino vegetal..... 38
VII. O reino animal..... 49
VIII. Os grupos ethnographicos..... 67
IX. Noticia historica..... 82
X. A população..... 98

CULTURA ESPIRITUAL — 109 a 139.

XI. O culto..... 109
XII. Instrucção publica, associações..... 116
XIII. A constituição..... 123
XIV. A administração..... 131

CULTURA MATERIAL — 141 a 207.

XV. A roça e os productos agricolas..... 141
XVI. A criação de gado..... 160
XVII. Os productos florestaes..... 166
XVIII. Terras e colonisação..... 171
XIX. Vias de communicação..... 179
XX. Moeda, pesos e medidas..... 192
XXI. A mineração..... 194
XXII. A industria..... 199
XXIII. O commercio..... 202

GEOGRAPHIA GERAL

DO BRASIL

I

AREA E LIMITES

Quasi metade do continente sul americano é occupada pelo imperio do Brasil, que comprehende uma superficie de... 8.337.218 kilometros quadrados, e é maior quinze vezes que o imperio da Allemanha. Estende-se de 4° 22' 24'' de lat. N. até 33° 44' de lat. S., e de 34° 40' a 73° 15' de long. O. de Greenwich. Limita ao N. com as Guyanas Franceza, Hollandeza e Ingleza, Venezuela e em parte a Colombia; a O., SO. e S. com a Colombia, o Ecuador, o Perú, a Bolivia, o Paraguay, a Argentina e o Uruguay; a E. com o Oceano Atlantico.

As cartas brasileiras são geralmente referidas ao meridiano do Rio de Janeiro, cujo observatorio, segundo Liais, fica 43° 3' 38'' O. de Greenwich, e 45° 27' 45'' O. de Paris.

Os pontos extremos do paiz: são a serra Roruima, a 5° 9' 40'' N; a barra do Chuy, aos 33° 45' S; a ponta de Pedra, junto a Olinda, aos 8° 19' 26'' E do Rio de Janeiro; as cabeceiras de Javary, aos 30° 58' 26'' O do Rio de Janeiro.

A maior extensão de Norte a Sul, entre as cabeceiras do Cotingo, na serra Roruima, e a barra do Chuy é de 4280 kilometros; de E a O., entre a ponta de Pedra e as cabeceiras do Javary, é de 4323 kilometros.

Os limites terrestres têm sido fixados por convenções, mas nem todos estão demarcados e sobre alguns as pretenções das diversas potencias são contradictorias. E' o caso com a Guyana Franceza, em cujas fronteiras está o territorio neutro do Amapá; com a Guyana Ingleza, onde se neutralisou o territorio de Pirara; com a Colombia, que não acceitou o tratado proposto a 25 de Junho de 1853; com o Ecuador, cujas fronteiras dependiam de ajuste prévio seu com o Perú, só ultimamente realisado, segundo se diz.

Os unicos limites demarcados ao Norte são os de Venezuela, assim descriptos no *Relatorio dos Estrangeiros* de 1884, p. 203/204.

« Do marco de madeira collocado na cabeceira principal do rio Memachi, affluente do Naquieni, o qual desagua no alto Guainia ou rio Negro, começa do lado de O. a nossa linha de limites com a republica de Venezuela. As suas coordenadas geographicas são lat. N. 2º 1' 27'' 03, e long. 1h 40' 17'' 51, ou 25º 4' 22'' 65 O. do Imperial Observatorio do Rio de Janeiro, que está a 2h 52' 22'' ou 43º 8' O. do meridiano de Greenwich.

« Dahi segue a linha de limites pelo alto do terreno, dividindo as aguas que vão ao Guainia e pertencem a Venezuela, das que correm para o Cuyary e pertencem ao Brasil.

« Encontra essa linha o serro Caparro, bastante distincto e conhecido como marco natural, sendo suas coordenadas geographicas: lat. N. 1º 54' 4'' 75 e long. O. do observatorio do Rio de Janeiro 1h 39' 20'' 61 ou 24º 50' 9'' 11.

« Do serro Caparro continúa pela divisa sinuosa que separa as aguas que seguem para o N. das que correm para o S. e passa pelo marco de madeira collocado no caminho que une o rio Tomo, affluente do Guainia, ao igarapé Japery, affluente do rio Xié, e cuja posição é lat. N. 2º 1' 26'' 65 e long. 1h 37' 46'' 57 ou 24º 26' 33'' 58 O. do Observatorio do Rio de Janeiro.

« Segue dahi pela divisa das aguas até a cabeceira do Macacuny, onde erigiu-se um marco de madeira na lat. N. 1º 12' 30'' e long. 1h 35' 28'' ou 23º 52' 0'' O. do Observatorio do Rio de Janeiro.

« Dahi dirige-se em linha recta até a margem direita do rio Negro, em frente a ilha de S. José, proximo a pedra do Cucuhy.

« Neste ponto existe um marco de madeira cujas coordenadas são: lat. N. 1º 13' 51'' 76, e long. O. do Observatorio do Rio de Janeiro 1h 31' 36'' 77, ou 23º 39' 11'', 51.

« Deste marco dirige-se a fronteira em linha recta até o grande salto de Húa no canal Maturacá, que é considerado marco natural e cuja posição é lat. N. 0º 45' 3'', 37 e long. 1h 32' 14'', 90 ou 23º 3' 43'', 50 O. do Observatorio do Rio de Janeiro.

« Continua dahi por outra recta até o serro Cupy na margem esquerda do Baria (Bahina) na lat. N. 0º 48' 10'', 26 e long. 1h 31' 34'', 45 ou 22º 53' 36'' 75 O. do Observatorio do Rio de Janeiro.

« Ahi começa a serra que serve de divisa aos dois Estados e que pertence ao grande systema orographico da Parima.

« Do serro Cupy segue pelo *divortium aquarum*, passando pelas serras Imery, Tapiirapecó e Curupira, correndo no rumo geral de O. para E., exceptuando, porém, na serra Imery, onde corre de S. a N.

« No alto da serra Tapiirapecó existe um grande penedo denominado Curumicoera-uruçacanga, que pode servir de marco natural, cuja posição é a seguinte: lat. N. 1º 12' 47'', 5, e long. 1h 26' 55' 74 ou 21º 43' 56'' O. do Observatorio do Rio de Janeiro.

« Entre as serras de Tapiirapecó e Curupira passa o caminho que vai do rio Marary, affluente do Padauiry, ao Castanho, affluente do Siapa.

« Este caminho corta a linha de limites no serro Piradaby, na lat. N. 1º 14' 36'', e long. O. do Obs. do Rio de Janeiro 1h. 26' 41'', 33 ou 21º 40'' 20', entre os igarapés Sumahuma, affluente do rio Madona que desagua no Marary, e o Suassú, affluente do Tarihyra, que desemboca no Cunúcunú, affluente do Castanho.

« A linha passa pelo serro Curupira na lat. N. 1º 13' 18'' e long. 1h. 26' 36'', 83 ou 21º 39' 12'', 50 O. do Obs. do Rio de Janeiro.

« Da extremidade oriental da serra Curupira a linha, que corre desde o serro Cupy na direcção geral de O. para E., muda de rumo e inclina-se para o N., percorrendo a serrania desconhecida da Parima, onde se dividem as aguas do Orenoco das do rio Branco.

« No serro Mashiati, cuja posição geographica é lat. N. 4º 31' 0'' e long. O. do Observ. do Rio de Janeiro 1h. 26.m 36'' ou 21º 39' 0'', torna de novo a fronteira a correr no rumo geral de O. para E., percorrendo a grande cordilheira da Pacaraima e descrevendo uma linha cheia de sinuosidades.

« Esta linha passa pelo serro Piá-shauhy na lat. N. 3º 53' 24'' 3 e long. O. do Obs. do Rio de Janeiro 1h 18' 57'', 80 ou 19º 44' 27'', proximo ao caminho que do Uraricàpará vai ter ao Auapirá, affluente do Parauamuxi. Passa tambem pela serra Roruima na lat. N. 5º 9' 40'' e long. O. do Obs. do Rio de Janeiro 1h. 10' 17'', 33, ou 17º 34' 20''. Nas proximidades desta serra nasce o rio Coţingo ou Cotin. Este é o ponto mais septentrional do Imperio. A linha para attingir esta latitude muda de direcção, correndo no rumo do SO para NE.

« Da serra Roruima a linha inclina-se de novo para SE. até as cabeceiras do Unamará, donde inclina-se novamente para NE, passando pelas nascentes do rio Mahú, dahi segue para SE até o serro Anay na lat. N. 3º 56' 0'' e long. 1h 3' 35'' ou 15º 53' 45'' O. do Obs. do Rio de Janeiro.

Entre o Perú e o Brasil assignou-se um tratado de limites a 23 de Janeiro de 1851, e em 1866 ambos os Estados nomearam uma commissão demarcadora que traçou uma linha da povoação de Tabatinga para o N. até o Japurá, na foz do Apaporis, e para o S. até a foz do Javary no Amazonas. Do ultimo ponto até as cabeceiras é o Javary que serve de divisão com o Perú.

Das cabeceiras do Javary parte uma linha até á confluencia do Mamoré e Beni; e esta com o rio Mamoré, seu affluente Guaporé, e o rio Verde, affluente deste, formam parte dos

limites com a Bolivia. Das cabeceiras do Verde começa outra linha que, cortando as lagoas Uberaba, Guahyba, Mandioré e Caceres, vae sahir na foz da bahia Negra no Paraguay, onde termina a fronteira com a Bolivia.

Os limites com o Paraguay, assentados pelo tratado de 9 de Janeiro de 1872, são os seguintes:

Começam na barra do Apa no rio Paraguay e pelo Apa sobem até as suas cabeceiras na serra Amambahy. Seguem por esta serra até a do Maracajú, que termina em frente ao salto das Sete Quedas ou de Guaira. D'ahi por diante serve de divisão o rio Paraná até á foz do Iguassú.

Com a Argentina ainda não ha limites pactuados.

Pelo tratado de Buenos Ayres, de 28 de Setembro de 1885, os dois paizes nomearam uma commissão, que já está funccionando, incumbida de reconhecer os rios Pepiri-guassú e Santo Antonio e os dois situados no Oriente delles, conhecidos no Brasil pelo nome de Chapecó e Chopim, e que os Argentinos chamam Pequiri-guassú e Santo Antonio-guassú, bem como o territorio comprehendido entre os quatro.

A' vista dos relatorios e plantas, diz o artigo V do tratado, procurarão as duas Partes Contratantes resolver amigavelmente aquella questão, fazendo um tratado definitivo e perpetuo que nem-um acontecimento de paz ou de guerra poderá suspender.

Os limites com a republica Oriental começam na barra do Quarahim no Uruguay e por elle sobem até o arroio da Invernada na cochilha de Haedo, por onde continuam até a cochilha de Sant'Anna. Desta descem pelo arroio S. Luiz, até a sua barra no rio Negro, donde traçou-se uma recta que vae até o serro de Aceguá, nas cabeceiras do Jaguarão. Seguem pela margem direita deste rio, até sua barra na lagoa Mirim, contornam-lhe a margem occidental até o pontal de S. Miguel, continuam pelo arroio do mesmo nome até o Passo Geral, d'ahi por uma recta O — E até o arroio Chuy, e por este até o Oceano.

II

A CONFIGURAÇÃO HORISONTAL, PORTOS E ILHAS

O territorio do Brasil tem a forma de um triangulo fechado, disposição que não é das mais favoraveis ; porque, como o interior só parcialmente é cortado de rios navegaveis, as relações com o littoral são extremamente difficeis. Tambem a costa, attendendo-se a sua grande extensão de cerca de 8000 kilometros, não é das mais propicias á navegação ; entretanto possue, além de alguns portos de primeira ordem, grande numero de ancoradouros. Em um relatorio do 1º tenente da Armada Arthur Indio do Brasil e Silva, descrevem-se mais de 100.

Os continentes avultam e convergem ao Norte, e divergem e espontam ao Sul. D'ahi o facto que a terra domina naquelles, e a agua nestes.

Os mares interiores vão augmentando para o polo artico e diminuindo ao Sul do Equador, porque, como observa Kruemmel *(Der Ozean*, p. 22), onde ha mais terra no mar, as costas são mais articuladas, e onde ellas são mais articuladas, é maior o numero de mares interiores. Tomando a massa do continente como tronco, e as peninsulas como membros, é notavel o facto que o Brasil não tem uma peninsula digna desse nome.

A feição massiça da costa brasileira influiu muito sobre a exploração e povoação do paiz, juntamente com outras circumstancias, que impediam ou difficultavam a navegação constante entre as capitanias ao Norte e ao Sul do cabo de S. Roque. Não podendo aproveitar a via maritima, os primeiros povoadores tiveram de procurar vias terrestres. Desde os fins do seculo XVII, estavam abertos o caminho que pelo Itapecurú, Parnahyba, S. Francisco e Paraguassú ligou o Maranhão a Bahia, e o que por Goyana, Parahyba, Campina Grande, pelos rios Piranhas e Jaguaribe ligou o Ceará a Pernambuco.

A direcção da costa brasileira é pouco variada ; póde-se dividil-a em duas secções: uma, cujo rumo geral é para NO-SE, outra de rumo geral SO-NE. Para tornar mais minuciosa esta divisão, aqui ficam os dados colhidos de Wappæus.

Do cabo de Orange (4º 22' 24'' N) ao do Norte (1º 42' N), a direcção geral é SSE ; entre o cabo do Norte e a ponta Tijoca (0º, 34' S) estende-se a accidentada foz do Amazonas ; da ponta Tijoca ao cabo Gurupy (0º 54' S), a direcção média é entre E e S ; deste ao morro de Itacolumi (2º 19' 14'' S), ha uma curva para SE ; da bahia de S. José á barra de Tutoia, no Parnahyba, a direcção é ESE.; desta á ponta do Touro a direcção média é SE ; d'ahi ao cabo de S. Roque (5º 28' 17'' S) é SSE;

d'ahi até Olinda a direcção é a mesma, pendendo para SE; deste ponto até a bahia de Todos os Santos (12º 58' 16") a direcção média é SSO: desta á ponta da Balea é S; d'ahi pende para SO até Porto Alegre, onde volta á direcção de S, até a barra do rio Doce; desta ao cabo de S. Thomé é SSO; do cabo Frio até o morro da Marambaia é O; desta até á ponta Cairoçú é SO; d'ahi a Santos SSO; deste porto ao de S. Francisco SO; d'ahi á ilha de Santa Catharina S; do cabo de Santa Martha até o Chuy SO.

A parte mais desfavoravel á navegação é o trecho de costa baixa que se estende do cabo de Orange, aos 4º22'24 lat. Norte, até o de S. Roque. Com excepção da foz do Amàzonas, de 180 milhas de largura e accessivel aos maiores vapores oceanicos, e dos portos de Coité, Gurupy, Alcantara, S. Luiz do Maranhão, ilha de Sant'Anna, Preguiças, Tutoia, Amarração, Granja, Acarahú, Fortaleza, Aracaty, poucas enseadas apresenta de sufficiente profundidade. A entrada para os portos mencionados não é facil em consequencia dos baixios que os defrontam. A costa é formada de dunas de areia que, por influencia dos ventos de E., muda constantemente de posição, e é impellida para os rios que correm do Sul para o Norte, os quaes acarretam-na para o mar, formando os baixios a que nos referimos. Trazida em parte novamente á costa pelas correntes maritimas, começa a areia nova peregrinação, ora impellida pelo vento, ora pela agua, em seu movimento circular. Assim explica-se a circumstancia que, ao contrario das margens orientaes escalvadas das embocaduras dos rios, neste trecho de costa as margens occidentaes são cobertas de mangues verdejantes.

O cabo de S. Roque (5º 28'17" lat. Sul) forma um monte de areia baixo, coberto de arbustos. D'ahi para o Sul ainda a costa é monotona; mas gradualmente vão assomando junto aos mangues outras formas de plantas, especialmente coqueiros, que em grupos extensos rodêam as numerosas aldeias de pescadores. Da ilha de Itamaracá por diante, apresenta-se a costa mais montanhosa, e especialmente Olinda, nas proximidades do Recife, é facil de reconhecer ao longe, do Oceano. Até ahi notam-se os portos do Natal e da Parahyba, cuja entrada, porém, apresenta grandes difficuldades. A entrada do bello porto de Pernambuco é tambem difficultada por um recife de coral. Este recife estende-se parallelamente á

costa até a banda oriental do porto da Bahia; deixa, porém, abertas muitas passagens pelas quaes pode-se penetrar até as barras e portos que ficam-lhe por traz. Entre estes o mais importante neste trecho é o de Maceió.

Grandioso aspecto offerece com sua coroa de exuberante vegetação tropical, a bahia de Todos os Santos na qual, aos 13° 58' 16", está situada a antiga capital do Brasil, a cidade do Salvador ou Bahia, cujo porto é accessivel aos maiores navios oceanicos e cuja entrada dispensa praticos.

D'ahi para o Sul até os rochedos dos Itacolumis (13°/17° S), a costa é moderadamente elevada, em parte arenosa, em parte coberta de matta; dos 14° ½ por diante é acompanhada por uma serrania pictoresca, interrompida pelas barras de numerosos rios, a chamada serra Grande, que mais para o Sul toma o nome de serra dos Aymorés e finalmente perde-se na serra do Mar, que se estende até o extremo meridional do Brasil. Notavel nesta serrania é o monte Paschoal, situado a 16° 53' 20", de 536 metros de altura, o primeiro ponto do Brasil avistado do mar por Cabral, quando descobriu a terra. Os rochedos dos Itacolumis, assim como recifes e bancos de coral, embaraçam ainda a navegação neste trecho; entretanto, mediante elles, formam-se tambem bacias de agua mansa e seguro ancoradouro, que os caboteiros procuram como refugios.

Dos 17° aos 20° a costa, excepto pequenas partes, é muito baixa; d'ahi por diante assomam de novo junto ao mar as montanhas, cujos grotescos cimos isolados elevam-se até 1750 metros, e emprestam ao littoral aspecto pictoresco. Apenas ao Sul da foz do Parahyba a terra, que aqui boja e termina no cabo de S. Thomé, é lisa, arenosa e interrompida de pantanos e lagoas, das quaes uma, a lagoa Feia, tem 40 a 50 milhas de circuito. Na extensão entre a Bahia e o Rio de Janeiro demoram nada menos de vinte portos, os quaes, porém, são apenas praticaveis por caboteiros. A partir do cabo Frio (23° 0' 42"), onde existe bello pharol, assume a costa, que aqui é baixa e arenosa, uma direcção occidental; adiante, quando já se avistam os picos da serra dos Orgãos, semelhantes de forma aos canudos deste instrumento, saltam

do mar diversos rebentos graniticos escalvados, de algumas centenas de metros de altura, especialmente o chamado Pão de Assucar, que apontam a entrada para a estupendamente formosa bahia do Rio de Janeiro. Nem-um banco de areia, nem-um recife oppõe-se aqui á navegação, e os maiores navios oceanicos podem, sem praticos, approximar-se da capital do Brasil e deitar anchora.

Ao Sul do Rio até o cabo de Santa Martha (28° 38 ′) conserva a costa o mesmo cunho pictoresco, isto é, é montanhosa, exuberantemente vestida de matta, e forma porção de bellos portos, como o de Santos, que dá entrada aos maiores navios, e os de Cananéa, Paranaguá, S. Francisco e Desterro, nos quaes podem em qualquer tempo anchorar navios de calado médio. Do cabo de Santa Martha por diante recolhe-se, porém, a serra do Mar para O, atravessa a provincia do Rio Grande do Sul e manda seus bracejos ao rio Uruguay. A costa, até os extremos meridionaes do Brasil no rio Chuy, torna-se cada vez mais lisa e afinal apenas compõe-se de dunas escalvadas de areia. São os unicos portos neste trecho os de S. Domingos das Torres, e Rio Grande. O primeiro, situado aos 29° 19 ′ 30 ″, é agora procurado apenas por pequenos caboteiros, mas, na opinião de eminentes engenheiros hydraulicos, está excellentemente apropriado pela natureza para um porto artificial capaz dos maiores navios. A iniciativa final desta idéa é tanto mais importante quanto o porto do Rio Grande, o unico actualmente praticavel na rica provincia deste nome, em sua barra ominosa de areias movediças oppõe os maiores obstaculos á navegação. Trata-se agora de escavar ali canal mais fundo por meio da formação de um delta artificial; mas só o resultado poderá decidir si será ou não util este trabalho. A cidade do Rio Grande e a villa de S. José do Norte estão na entrada da lagoa dos Patos, a maior de agua salgada do Brasil, que tem 130 milhas de extensão e 40 de largura, navegavel por navios de calado médio até Pelotas e Porto Alegre. Por meio do rio S. Gonçalo está ligada á lagôa Mirim.

Entre as ilhas da costa, de que aliás o Brasil não é rico, a mais consideravel é a de Marajó, situada na embo-

cadura do Amazonas, pois iguala quasi á Sicilia em superficie. Ali demoram tambem as ilhas Mexiana, Caviana e porções de ilhéos, os quaes, porém, expostos ás inundações, pouco são habitados.

Na bahia de S. João Marcos estão as ilhas de Sant'Anna e Maranhão, na ultima das quaes (2° 31' 45") foi construida a cidade de S. Luiz, capital da provincia.

Fertilissima é a já mencionada ilha de Itamaracá, a qual pertence á provincia de Pernambuco; do mesmo modo que a ilha de Itaparica, situada na bahia de Todos os Santos.

Entre os 17° e 20° S., e a 30 milhas de distancia da costa, está o grupo dos Abrolhos, composto de cinco ilhas pequenas e incultivaveis, a maior das quaes, a de Santa Barbara, possue um pharol; nas suas proximidades encontra-se um ancoradouro abrigado.

Na bahia do Rio de Janeiro ha grande porção de pequenas ilhas cultivadas, e na costa do Brasil meridional são notaveis a fertil ilha de S. Sebastião, em grande parte coberta de matta; a baixa ilha de Mel, na entrada da bahia de Paranaguá; a ilha de S. Francisco e a pittoresca ilha de Santa Catharina, em que está a cidade do Desterro. Conta esta 30 milhas de comprido e 10 de largo e é tão alta que se avista do mar á distancia de 45 milhas.

Ao Brasil pertencem ainda as ilhas de Fernando de Noronha aos 3° 50' S. e 32° 25' O. de Greenwich, na qual ha um presidio para os criminosos brasileiros; mais 6 ilhotas, as estereis Roccas, situadas aos 3° 51' 30, a E. de Fernando; e a ilha da Trindade, inteiramente deserta, situada no Oceano, aos 21° 31 S.

III

A CONFIGURAÇÃO VERTICAL

A configuração vertical, a que já alludimos, é como as condições hydrographicas da terra, excessivamente simples. O interior, opulentamente banhado pelo Amazonas, pelo Paraná e pelo Paraguay e seus affluentes, é em grande parte plano e só gradualmente eleva-se para o littoral.

Ahi fórma um territorio montanhoso de mais de 3 milhões de kilometros quadrados, o qual, embora chamado por nomes differentes, segundo as montanhas particulares, quasi por toda parte é continuo, e prolonga-se com uma altura media de 300 a 700 metros desde a costa de Norte até cerca de 28° de latitude Sul, e d'ahi para O. até o rio Uruguay. A cordilheira que beira o Oceano é na sua maior extensão conhecida geralmente pelo nome de serra do Mar. Na provincia do Rio de Janeiro liga-se ella com a serra do Espinhaço vinda do Norte, a qual em sua parte meridional chama-se tambem serra da Mantiqueira e fórma a mais importante cadeia do Brasil, que nos pontos mais altos eleva-se quasi a 3000 metros : o pico de Itatiaia, por exemplo, está a 2994 metros, a Lapa a 2650, os picos de S. Matheus 1880, e o Itacolomi 1750 metros acima do mar. As montanhas centraes, que não têm pontos notavelmente elevados, chamam-nos alguns de serra das Vertentes, por ahi estarem as cabeceiras dos affluentes meridionaes do Amazonas e de alguns do Paraguay e do Paraná.

Caracteristico das montanhas brasileiras é que o declive oriental é muito ingreme, porém vestido de bella matta e cortado de muitos regatos e riosinhos ; a vertente occidental, porém, é escalvada e de vegetação baixa.

Tambem as chapadas são, ora cobertas apenas de gramma, e então chamam-se campos, ou de vegetação rasteira e então chamam-se catingas. Em geral são cultivaveis, e bem ir-

rigadas ; apenas ao NE. encontram-se extensas planicies, pobres d'agua, de matto secco, os chamados sertões, que não são proprios para o cultivo, e só passageiramente, na estação das aguas, se cobrem de verdura. Com elles contrastam de modo frisante os valles dos numerosos rios e regatos do interior cobertos de matta virgem eternamente verde, que, onde não ha obstaculos climaticos, reservam ás gerações futuras campo inesgotavel para a manifestação de sua industria e de sua intelligencia.

A America do Sul consta de tres massiços : o dos Andes, o do Brasil, o da Guyana. O Brasil comprehende quasi todo o massiço brasileiro, parte do massiço da Guyana e da depressão do Amazonas que delle o separa, e parte da depressão do Paraguay, que o separa do massiço andino.

A depressão amazonica é cortada pelo rio Amazonas e por seus affluentes. Relativamente estreita a Este do rio Negro, attinge a sua menor largura (200 a 300 kilometros) proximo ao Xingú, entre os altos do Tapara ao Sul e de Almerim, ao Norte ; a Oeste do rio Negro alarga-se extraôrdinariamente, tanto junto ao rio principal como junto a seus tributarios. Eleva-se muito lentamente para O : a maré é sensivel a 900 kilometros da foz, em Obydos ; Tabatinga a 3375 kilometros, está a 71 metros, segundo Agassiz ; junto ao pongo de Manseriche, a 4100 kilometros, o nivel do rio é de 180 metros. Para N. e S. a proximidade dos massiços brasileiro e guyano torna-lhe a elevação mais rapida; as cachoeiras dos tributarios mostram onde esta depressão termina.

A depressão amazonica é periodicamente inundada, abunda em lagos e cortam-na numerosos paranamirins e furos, em parte devidos á formação de ilhas alluviaes, em parte talvez restos de um estuario antigo.

Subindo pelo Madeira e Guaporé, rodeia-se o massiço brasileiro e passa-se quasi immediatamente á depressão do Paraguay. Atravessada diagonalmente por duas cadeias quebradas de morros, que apparecem em Coimbra e no Fecho dos Morros a S. e O., estende-se em territorio brasileiro desde a juncção do Jaurú com o Paraguay por 5 graus de latitude, e sua maior largura, na parte septentrional, anda por tres graus de longitude: não occupa menos de 120 mil kilometros de superficie. Sahindo do Brasil, continua junto aos rios Paraguay e Paraná até além de Buenos Ayres.

A parte desta planicie que fica ao Norte do Fecho dos Morros está abaixo do nivel das enchentes do rio, e a parte mais septentrional é tão baixa que apenas se eleva acima das vasantes. Grande parte do anno fica debaixo da agua, e os primeiros viajantes consideraram-na como um lago immenso, a que deram o nome de Xaraes. Do Fecho dos Morros para o Sul, a planicie está acima do nivel das enchentes, e sempre mais alta em relação a ellas rio abaixo. Segundo todas as probabilidades, a planicie inteira, como a do Amazonas, deve sua existencia a um braço de mar, ou grande estuario que fosse atterrado pelos detritos do rio.

O Brasil ainda conta outra região de terras baixas, a da margem oceanica, que se compõe de uma cinta mais ou menos larga, situada entre a costa e a margem oriental do massiço central. Ao sul do Rio de Janeiro, diz Derby, é constituida por baixas planicies arenosas, cheias de lagunas, e por contrafortes e cabeços denudados de planalto. Ao norte do Rio de Janeiro

ha, além destes, morros e chapadas de formação peculiar a esta cinta da costa e que se elevam de 100 a 200 metros.

Transpondo a zona baixa do littoral na altura do Rio de Janeiro, encontra-se a serra dos Orgãos, que faz parte do cordilheira maritima brasileira. Este systema orographico principia em Montevidéo, mas só se torna bem definido de modo a constituir a feição topographica dominante, na provincia de Santa Catharina; acompanha o mar com differentes denominações: serra do Mar, do Cubatão, da Bocaina, da Estrella, dos Orgãos, etc. e apparece em cadeia seguida com o rumo de NE até as margens do rio Parahyba. Seu ponto culminante é o pico dos Orgãos na bahia do Rio de Janeiro, com 2232m.

Na provincia do Paraná destaca-se uma divisão parallela, a de Mantiqueira, cuja largura é relativamente pequena nas cabeceiras do Iguassú, Paranapanema e Tieté, dilatando-se na região das cabeceiras do rio Grande, affluente do Paraná. A sua margem occidental corre proximamente de SO. — NE., passando perto do Campo Largo e Castro, na provincia de Paraná, e de Faxina, Ipanema, Sorocaba, Itu e Campinas na de S. Paulo. Proximo de Campinas parece bifurcar-se esta cordilheira: um galho vai para NNO, rumo de Araxá, passando perto de Mogy-mirim, S. João da Boa Vista, Espirito Santo da Forquilha e Desemboque; outro continuando no rumo primitivo de SO-NE, margeia o rio Parahyba em quasi todo o seu curso.

Ao N. de Barbacena esta cadeia perde a importancia como grande divisor das aguas, mas, continuando sob o nome de serra da Chibata e do Sousa, separa os tributarios do Parahyba e do Doce, confundindo-se depois com a Serra do Mar. Tomando mais para o Norte, estende-se depois até a provincia da Bahia, com o nome de serra dos Aymorés, sendo atravessado pelos rios Doce, Mucury, Jequitinhonha e Pardo, sem aliás exercer influencia notavel sobre seus cursos, em virtude de sua pouca altura. A superficie desta zona é muito irregular e extremamente accidentada; a elevação media oscilla entre 700 e 1500 metros acima do nivel do mar. Nas cabeceiras do rio Grande ha picos mais altos entre os quaes o de Itatiaia, de cerca de 3000 metros de altura, que é o ponto culminante do Brasil.

Na região de Barbacena destaca-se da Mantiqueira outra cadeia que com o rumo de NNE prolonga-se para o N., ao longo da margem oriental da bacia do S. Francisco, até a provincia da Bahia, com diversas denominações locaes e com a designação geral de serra do Espinhaço creada por Eschwege. Os pontos mais elevados desta serrania são os picos de Itacolumi com 1752 metros e Caraça com 1955 metros, proximo a Ouro Preto; Piedade com 1783 metros junto a Sabará, e Itambé, com 1823 metros, na região de Diamantina. A serra do Espinhaço vai abaixando para o Norte, como a do Mar para o Sul; do lado septentrional do S. Francisco apenas apresenta cabeços isolados.

O grupo das montanhas maritimas constituidas pelas serras do Mar, da Mantiqueira e do Espinhaço forma uma zona comprida e comparativamente estreita de cerca de 20 leguas na sua maior largura nas provincias ao Sul do Rio de Janeiro, de quatro a cinco vezes mais no Sul de Minas Geraes, de 50 ou 60 leguas a E. de S. Francisco.

Transposto o grupo maritimo de montanhas, entra-se numa grande planicie elevada de 300 a 1000 metros de altura, a qual na região a E. do rio Paraná é dividida em duas partes pelo galho já referido, que parte da Mantiqueira, no N. da provincia de S. Paulo, com o rumo do N. ou NNO. Este galho passa pelas cabeceiras do S. Francisco, onde, sob o nome de serra da Canastra, forma uma especie de isthmo montanhoso estreito que separa as planicies dos rios Paraná e S. Francisco. Dirigindo-se para a provincia de Goyaz, liga o grupo maritimo com outro menor que póde de-

nominar-se o grupo central ou goyano. Este dirige-se de SO. a NE, e na sua parte mais typica, onde fórma a divisa entre as aguas do Paraná e do Tocantins-Araguaya, toma o nome local de serra dos Pirinéos, attingindo a altura de cerca de 2,300 metros. As suas extremidades confundem-se com os espigões deixados pela denudação da planicie, os quaes na divisa entre o Paraná e o Paraguay, e entre o Tocantins e o S. Francisco tomam approximadamente a direcção N - S. Provavelmente as montanhas do Piauhy e do Ceará devem ser referidas a este grupo.

A maior parte do massiço brasileiro é constituida por uma planicie elevada, cortada pela profunda excavação dos valles em espigões que, acompanhando o curso dos valles, apresentam o aspecto de ramificações do systema montanhoso. Desta natureza são quasi todos os divisores das aguas secundarios, e em parte tambem os primarios, como a secção occidental da celebrada serra das Vertentes. A intercalação das montanhas divide nesta planicie em quatro partes que podem ser denominadas os chapadões do Paraná, do Amazonas, do S. Francisco e do Parnahyba.

O chapadão do Paraná, que póde ser considerado como incluindo o do Uruguay, comprehende a maior parte das provincias do Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, parte de S. Paulo, Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso. E' bem limitado a E. pelas montanhas do grupo maritimo e pela ramificação que liga este ao de Goyaz. Este ultimo limita-o tambem pelo lado de NO.; mas a O elle se confunde com o chapadão do Amazonas.

O chapadão do Amazonas é limitado a N, O e S. pelos terrenos baixos do Amazonas, Madeira, Guaporé e Paraguay. Uma lingua estreita de terras altas muito denudada o liga com os altos de Chiquitos na Bolivia oriental, que póde ser considerada como parte destacada do massiço brasileiro. Provavelmente ha uma ligação com o massiço andino pelas terras altas a O. do Madeira, passando pelas cabeceiras do Purús. A E. este chapadão é em parte limitado pelas montanhas de Goyaz; mas ao Sul deste grupo se confunde com o do Paraná e ao Norte com os de S. Francisco e Parnahyba.

A sua escarpa meridional, diz Herbert Smith, fórma uma linha irregular que se estende na direcção approximada de SE., desde a juncção de Mamoré e Beni até as ultimas cabeceiras do Araguaya. Esta região é muito denudada e quebrada por valles de innumeros rios e corregos que, escavando profundamente a terra, deixaram apenas restos de superficie original, que apparecem entre os valles como morros irregulares ou de cume chato. A denudação formou ladeiras extensas e suaves para o N., mas inclinações muito ingremes e até precipicios para o Sul, e assim a escarpa meridional do planalto constitue uma especie de muralha continua que vae desde o Madeira até a divisoria das aguas entre o Taquary, affluente do Paraguay, e o Pitombas, affluente do Araguaya. São muitos os nomes locaes desta especie de muralha natural: serra da Paca Nova, serra dos Parecis, serra de Diamantina, serra de S. Jeronymo, etc., mas quasi por todas as partes o aspecto é o mesmo: uma subida muito ingreme para quem vae da planicie, coroada por precipicio tão alto e ininterrompido que muitas vezes é necessario dar longas voltas para galgal-o. O cimo do precipicio é exactamente a parte mais alta do taboleiro; d'ahi a superficie vae gradualmente cahindo para o Norte, erguendo-se, porém, ás vezes em paredão alteroso, para tornar a descer gradualmente como antes. Esta curiosa disposição de superficies, com extensas ladeiras suaves para o N. e quédas abruptas para o S., depende da estructura geologica, pois as camadas inclinam-se suavemente para N. ou NE.

O chapadão do S. Francisco occupa grande parte das provincias de Minas Geraes e Bahia, especialmente o lado occidental do rio, onde apenas em parte é bem destacada dos chapadões do Amazonas e do Parnahyba.

O chapadão do Parnahyba occupa toda a provincia do Piauhy, parte do sul do Maranhão e do Ceará (serras do Ibiapaba, do Araripe, etc.) Este chapadão, intercalado entre os do Amazonas e S. Francisco, só é bem definido com limites montanhosos em parte da fronteira com este.

A parte pertencente ao Brasil do grande massiço da Guyana tambem tem caracter de chapadão, profundamente denudado pelos valles dos tributarios orientaes do rio Negro e septentrionaes do baixo Amazonas, nos quaes se apresentam cabeços de rochas chrystallinas e metamorphicas sobre as quaes assentam as camadas dos chapadões. Com quanto pouco conhecida, esta região parece apresentar os restos de dous chapadões distinctos de altura diversa, e cuja estructura é apparentemente em terraço. O primeiro, formado pelas altas serras da fronteira com Venezuela e a Guyana Ingleza, tem cerca de 2.000 metros de altura e como o chapadão do Paraná apresenta grandes e numerosos derramamentos de rochas intercaladas em camadas horisontaes de grês. O segundo, mais baixo, com cerca de 300 metros de altura, estende-se até perto da margem do Amazonas, onde sua beira escarpada apparece nos pittorescos taboleiros de Almeirim, Paranhaquara etc., na região fronteira á comprehendida entre a foz do Xingú e a do Tapajoz.

Estes diversos accidentes da superficie auxiliam a comprehensão dos systemas hydrographicos do massiço brasileiro. A serra do Mar serve de divisora das aguas até a altura do Rio de Janeiro, e como fica muito proxima do Oceano, os rios mais caudalosos vão para o lado opposto, o que explica a importancia do Uruguay e do Paraná. Poucos são os rios que rompem para E., dos quaes os principaes são o Ribeira e o Parahyba. A partir do Espirito Santo, a cordilheira maritima perde a importancia como divisora das aguas: os rios rompem-na facilmente para E, graças a sua disposição em terraço, e adiante do rio das Velhas nem um affluente notavel corre a O. para o lado de S. Francisco.

Na provincia de Minas a linha da divisão é feita pelas lombadas transversaes que, com os nomes de serra da Canastra e da Matta da Corda, ligam a Mantiqueira ás serras de Goyaz, e mais para o Norte pela montanhas de Goyaz, que separam o S. Francisco do Tocantins. Estas mesmas montanhas, estendendo-se de SE. a NO. separam as aguas de Tocantins-Araguaya das do Paraná. A divisão entre outros affluentes do Paraguay e os do Amazonas, elevação alguma notavel de superficie apresenta. E', porém, para notar que as aguas que vão ao Paraguay descem abruptamente para a depressão deste rio, ao passo que os que procuram a do Amazonas effectuam a descida em cursos muito mais longos.

Assim a divisora do Amazonas e do Paraguay, fazendo-se no sentido de E - O impelle as aguas dos rios para o Norte ou para o Sul. E' a mesma direcção que imprimem ao Tocantins e ao S. Francisco as serras de Goyaz e do Espinhaço, até que esta sendo rompida, abre-lhe passagem para o Oceano. Os affluentes do Paraná são impellidos em geral para NO, mas a disposição de terreno impelle o grande rio para o Sul, porque a Serra do Mar impede-lhe a sahida mais facil para E.

Os rios do Brasil são quasi todos de planalto, e por isso em geral apresentam grandes obstaculos á navegação. São facilmente navegaveis na baixada oceanica, e geralmente o são no planalto em trechos mais ou menos longos; mas na passagem do planalto para a baixada produzem-se cachoeiras, algumas das quaes difficilmente serão jámais vencidas. Os

rios do Maranhão e do Piauhy estão relativamente livres destes embaraços, porque operam mais suavemente a transição. Os unicos rios de baixada do Brasil são o Amazonas, com os seus affluentes que desembocam a O. do Madeira e do Negro, e o Paraguay com alguns affluentes.

Simples como a superficie são tambem as condições geologicas, ao menos no que ha conhecido, pois até agora não se realisou investigação geologica regular, do mesmo modo que não ha levantamento topographico. Toda a cordilheira maritima pertence á formação primitiva. O gneiss, o granito e diversos schistos primitivos são as rochas fundamentaes. Na serra do Espinhaço, pertencente á mesma formação, e especialmente no monte Itacolumi, na provincia de Minas Geraes, se encontra um micaschito elastico e flexivel, que por causa do logar donde procede se chama itacolumito e que apparece tambem na serra do Mar e muitos logares das chapadas interiores juntamente com o talco e itabirito ou ferro micaceo. As chapadas interiores não pertencem, porém, exclusivamente á formação primitiva; ha partes que pertencem a terrenos de transição, menos por causa das rochas, do que por causa dos fosseis que ali se encontram. A formação terciaria está representada na costa das provincias da Bahia e do Espirito Santo, assim como no valle entre a serra do Mar e a serra da Mantiqueira. Até agora não se tem determinado a que formação pertencem as possantes camadas de gres, de que ha grandes superficies tanto ao Norte nas provincias do Maranhão e Piauhy, como no centro, em Goyaz e Matto Grosso, e até no extremo Sul: não contêm fosseis e assentam em schisto argilloso, que por sua vez cobre os terrenos primitivos. Associados com o gres e camadas argillosas apparecem na provincia do Rio Grande do Sul stratos carboniferos de formação mais recente, cujo producto certamente não se equipara ao carvão inglez, mas póde em parte substituil-o como conbustivel nos vapores e estradas de ferro.

A maior parte do Brasil é coberta pelo diluvio que assenta immediatamente sobre rochas primitivas e consta em grande parte de seus productos degradados. Este terreno thalassio é o logar onde se encontra o ouro e o diamante, do que

adiante se tratará mais desenvolvidamente. No cascalho do terreno alluvial encontra-se tambem esmeralda, rubim, safira, bellos topasios, amethystos, agathas e grande porção de outras pedras menos preciosas. O ferro está espalhado por todo o paiz; ha tambem chumbo, antimonio, cobre e estanho; os depositos salinos são raros.

Dos fosseis encontrados, principalmente nas grutas calcareas do rio das Velhas, na provincia de Minas Geraes, pertencem a maior parte a especies de animaes ainda existentes; tem-se encontrado, porém, do mesmo modo que nos pampas argentinos e nos campos meridionaes do Rio Grande do Sul, restos de Megatherio e de Toxodon.

Não ha vulcões no Brasil; em differentes provincias ha fontes thermaes reconstituintes, aliás pouco frequentadas pelos doentes.

IV

AS BACIAS HYDROGRAPHICAS

No que respeita á irrigação, basta olhar uma carta para vêr que os numerosos rios do Brasil recolhem-se em tres bacias differentes, que são a do Amazonas, a do Prata e a do Oceano Atlantico.

O rio Amazonas, com a extensão de 5500 kilometros, é não só o maior como o mais volumoso da terra. Nasce nas cordilheiras da costa occidental da America, onde primeiro toma o nome de Marañon, entra na planicie passado o pongo de Manseriche (onde pode estar 180 metros acima do nivel do mar), e atravessa-a de Oeste a Este na extensão de 4800 kilometros, dos quaes 3828 ficam em territorio brasileiro exclusivamente.

Ha duvida entre os geographos quanto ás verdadeiras cabeceiras do Amazonas, que uns consideram o Ucayali e outros o Marañon. Segundo H. Wagner, a extensão do Marañon até juntar-se-lhe o Ucayali é de 1340 kilometros, a do Ucayali 1960; a extensão do Amazonas-Marañon é, pois, de 4900 kilometros, a do Amazonas — Ucayali 5500 kilometros. São estas medições as mais modernas e approximadas. (Guthe-Wagner, *Lehrb. der Geog.*, I, p. 239).

Embora a velocidade de sua corrente proximo de sua foz ainda seja 6,6 kilometros por hora, todavia a influencia do fluxo e do refluxo se nota a 900 kilometros de distancia do Oceano. A sua menor largura, junto a Obydos, regula por 1600 metros, com a profundidade media de 75^{m}. Martius calculou a agua que ali corre em 499.584 pés cubicos por segundo, avaliação que Wallace acha justa; Avé Lallement, porém, orça-a em 335.555 toesas cubicas por segundo.

O Amazonas, bem como o Nilo, tem enchente e vasante regulares, determinadas pela estação das chuvas. A vasante começa no fim de Junho (a 24, dia de S. João Baptista,

segundo a crença popular) e a enchente nos mezes de Dezembro e Janeiro. Em Fevereiro e Março as chuvas se tornam constantes, o rio sobe então rapidamente e inunda por muitos mezes as numerosas ilhas baixas e as terras marginaes cobertas de matta.

As chuvas que cahem na superficie da bacia amazonica, diz Wappæus, não apparecem ao mesmo tempo; ha differença de mais de 6 mezes entre o N. e o S. desta zona. Nas encostas dos Andes bolivianos e no chapadão amazonico, Setembro é o mez proprio das chuvas; na Guyana começa a chuver em Março. Neste intervallo de 6 mezes enchem alternadamente os affluentes da direita e da esquerda. Quando o Madeira, o Purus, o Xingú trazem pouca agua, estão cheios o Napo, o Içá, o Negro e vice-versa. Por esta razão, as enchentes do Amazonas dependem menos da fusão do gelo nas montanhas em que tem as cabeceiras, do que das chuvas periodicas que ha nos seus affluentes meridionaes e septentrionaes. Destes os que mais influem sobre a cheia são os do Sul, especialmente o Madeira. A altura a que se eleva a enchente varia segundo as localidades. Agassiz avalia o maximo do nivel 17 metros acima, e o minimo 10 metros abaixo, das aguas médias.

Por isso e por causa da grande extensão do rio, o maximo e o minimo da altura da agua occorrem em epochas differentes. Emquanto o Marãnon, isto é, o alto Amazonas alem dos limites brasileiros, já em Janeiro está cheio, no Solimões, entre Tabatinga e o rio Negro, a enchente começa em Fevereiro; mais para baixo, no Amazonas propriamente dito, além da foz do rio Negro, quando muito em principio de Abril; no Pará o rio attinge o maximo em Junho, tornando logo á baixar até Outubro. (Wappæus, *Handb.*, p. 1235).

As terras marginaes, quando expostas a inundações, chamam-se ygapós, isto é, agua que tem mato. Com embarcações miudas pode-se navega-los em rumos diversos; o que em geral fazem os viajantes do paiz por causa da agua tranquilla e para evitar a corrente do grande rio, ou tambem para encurtar a distancia entre pontos differentes.

Uma feição peculiar são os numerosos lagos marginaes ao Amazonas, que recebem aguas das inundações e tambem de fontes, e despejam-nas no rio por canaes, chamados igarapés, isto é, caminho das canoas.

Nas duas boccas do Amazonas, separadas uma da outra pela ilha de Marajó, pouco sensiveis são enchente e vasante; tanto maior, porém, é ali a influencia das grandes marés, a qual, de duas em duas semanas, põe a terra baixa debaixo d'agua.

Fóra do territorio brasileiro, recebe o Amazonas pela margem esquerda os rios Napo, Tigre, Pastaza e Moroña; pela direita os rios Ucayali e Uallaga, os quaes juntos são navegaveis n'uma extensão de 1980 kilometros. A extensão navegavel dos principaes affluentes no territorio brasileiro está officialmente computada em 32. 822 kilometros, a dos pequenos affluentes e lagos em 6.600 kilometros; de sorte que, sommados aos 3.828 kilometros do rio principal, o Amazonas brasileiro offerece uma extensão de 43.250 kilometros navegaveis, de que apenas um decimo é regularmente navegado.

Neste calculo não se comprehende o rio Tocantins, que desagua no braço meridional ou rio Pará, e que muitos geographos não consideram affluente do Amazonas.

Tem-se discutido si o Tocantins é ou não affluente do Amazonas. O facto de elle receber uma quantidade consideravel d'agua do Amazonas por differentes furos, observa Derby, resolve a questão affirmativamente, porque o Amazonas contribue muito mais do que o Tocantins para o estuario chamado rio do Pará, que é apenas a parte meridional do grande estuario amazonico. (Wappæus, *Geog. phys. do Brasil*, p 68).

O Tocantins possue 2640 kilometros de extensão, e seu poderoso affluente, o Araguaya, que mais que nem-um outro rio desta bacia, penetra no interior da terra, 2627 kilometros; cada qual, portanto, o duplo do Rheno. Ambos são navegados a vapor do Pará, embora em seu trecho baixo, da fóz até o forte de S. João da Barra onde se reunem, (300 kilometros), não faltem cachoeiras. O Araguaya, mais prestavel como via fluvial, é navegado até as proximidades da capital de Goyaz. Entretanto de pouca importancia é aqui o movimento, porque os rios atravessam terrenos pobres de gente, e apenas habitados por Indios selvagens ou meio civilisados.

O mesmo succede com a mór parte dos affluentes do Amazonas, dos quaes os maiores são: o Xingú, o Tapajoz, o Madeira, o Purús, Coary, Teffé, Juruá, Jutahy e Javary pela margem direita; e o Jary, Parú, Trombetas, Nhamundá, Uatuman, Urubú, Negro, Japurá e Içá pela margem esquerda. Sem duvida hão de constituir para o

futuro importantes vias de communicação deste terreno sempre fertil ; agora, porém, os vapores apenas sobem as partes baixas do Tocantins, Xingú, Tapajoz, Madeira, Purús, Negro, e de outros menos importantes.

De importancia especial são os rios Madeira e Negro, o ultimo assim chamado por causa da côr preta de suas aguas, que contrasta com a agua amarellada do Amazonas e de muitos dos seus affluentes. Wallace attribue esta côr preta á circumstancia deste rio, desde suas cabeceiras, só atravessar mattas e além disto correr tão socegado que não acarreta as partes molles de suas margens, contendo, em compensação, no fundo grande porção de materias vegetaes decompostas, como folhas e raizes putrefactas. Segundo o mesmo sabio, todos os rios que nascem nas serras do interior, como o Xingú e o Tapajoz, têm agua azul clara, emquanto que o Madeira e o Purus, cujas fontes em parte demoram nos Andes, têm agua barrenta como a do Amazonas e só durante a estação secca apresentam côr abrunada.

O rio Madeira (Cayary dos Indigenas) pode ser navegado por grandes vasos até 290 kilometros de sua fóz, isto é, até Santo Antonio ; d'ahi por diante, até o forte do Principe da Beira, no seu affluente Guaporé, só é utilisavel por montarias. A partir do forte do Principe da Beira no Guaporé, póde ser de novo navegado por vapores. As cabeceiras deste rio ficam muito proximas das do Paraguay, e assim poder-se-ia talvez pôr em communicação a bacia do Amazonas com a do Prata, mediante pequeno canal ; porém com a população pouco densa que agora ha, e emquanto os saltos do Madeira não forem vencidos por uma estrada de ferro, isto não trará utilidade alguma.

As cabeceiras do rio Guaporé, que manda suas aguas para o Amazonas, e as do Jaurú, affluente do alto Paraguay, diz Wappæus, ficam muito proximas umas das outras, nos çampos de Parecis, do planalto de Matto-Grosso. O rio Alegre, affluente do Guaporé, nasce aos 16° S., quasi contiguo ao rio Aguapehy, affluente do rio Jaurú. Correm parallelos por um terreno de canga e areia branca, e o varadouro entre os dois (aos 25° 49 S. e 61° 30' O. de Paris), onde ambos já são navegaveis, não tem mais de 5322 braças. Sob o governador D. Luiz Pinto de Sousa, terceiro capitão general de Matto Grosso foi levada uma embarcação do

Guaporé para o Paraguay, navegando-se de villa Bella pelo rio Alegre acima, transportando-se a embarcação pelo varadouro facilmente praticavel ao Aguapehy, e por este abaixo até o Jaurú. Segundo varadouro encontra-se ainda entre o Alegre e o Aguapehy, que apenas mede 3920 braças, mais não é de pratica tão facil. Neste logar já em 1773 tentou-se abrir um caminho fluvial entre o Amazonas e o Paraguay, mas o plano falhou porque nivelaram errado e o canal do lado do rio Alegre ficou muito alto. Mediante este canal, de realisação pouco difficil, dar-se-ia a possibilidade de navegação não interrompida através de todo o continente, desde Buenos Ayres até a embocadura do Orenoco, em frente a ilha Trinidad. A chamada serra de Aguapehy, nas cabeceiras do rio deste nome, por causa de sua posição isolada parece de altura consideravel; porém provavelmente não tem mais de 2.000 pés acima do nivel do mar e parece apenas ser um platô elevado com muralhas de pedra despenhadas (*Wappæus, Handb. d. Geog. des Bras.* p. 1230/1231).

A ferro-via para contornar as cachoeiras do Madeira foi começada a construir com garantia de juros do governo brasileiro, e depois interrompida por longo tempo. Em 1882 a Assembléa Geral votou creditos para os estudos do traçado, e a este fim lá foram duas commissões. Realisada esta estrada, ficaria o rio Madeira importante arteria commercial, porque não só banha o territorio brasileiro, como tambem por seus affluentes Beni e Mamoré liga-se á fertil zona do NE. da Bolivia. Mesmo agora ha animado movimento de montarias e canôas nesta porção do territorio amazonico.

O rio Negro é o mais importante affluente septentrional do Amazonas. Como já fica dito, tem curso muito socegado, pelo que mais que qualquer affluente do Amazonas é navegado: a 750 kilometros da foz é sulcado por vapores; navios á véla de 100 toneladas commerciam nelle e em seus affluentes: rio Branco, Uaupés, Cassiquiare, etc., não só no territorio brasileiro como no de Colombia e Venezuela. Abaixo da barra do Uaupés, junto a S. Gabriel, dão-se em larga extensão rapidos e saltos, que oppõem grandes embaraços á navegação; mas acima delles, continua o rio a correr socegado. Grande numero dos navios que sulcam o rio Negro, são construidos em S. Carlos, na fronteira de Venezuela. Summamente importante ha de ainda tornar-se a navegação do Cassiquiare, que fórma communicação natural entre o Orenoco e o Negro (282^{m} acima do nivel do mar), por onde póde ir-se do Amazonas ao Orenoco e vice-versa.

O Cassiquiare, canal que communica o Orenoco com o rio Negro, começa 15 milhas abaixo de Esmeralda, e desemboca, depois de cerca de 50 leguas de curso dirigido de NE. para SO., acima da povoação venezuelana de S. Carlos 19 milhas, aos 2º N. e 25º 30′ O. do Rio de Janeiro. Recebe alguns affluentes dos quaes são mais notaveis o Siapa e o Pacimoni, que desaguam pela esquerda. Communica com o Negro por dois canaes : um formado pelos igarapés Mé e Iconorochito; o outro pelos rios Pacimoni, Baria, canal Maturacá e rio Caubury. Pela segunda destas vias de communicação podem passar canoas em qualquer época. Sua largura média é de 300 metros, mas em muitas logares é de mais de kilometro. E' encachoeirado. Em qualquer época dá passagem a igarités e até a embarcações de maior porte. No tempo de cheia podem nelle navegar vapores curtos e de pequeno calado. Da boca do Cassiquiare para cima, o rio Negro tem o nome de Guayniá (Wappæus, *Geog. phys. do Brasil*, p. 99/100).

Apezar dos magnificos sangradouros e da fertilidade sem par do territorio do Amazonas, cujos productos naturaes serão adiante descriptos, em nem-um a actividade humana é tão pequena como ali, o que se explica principalmente pela influencia enervadora do clima quente, em que o trabalhador europeu não pode prosperar.

Em toda essa immensa zona, que Wallace, não levando em conta a bacia do Tocantins, orça em 2.330.000 milhas quadradas inglezas, que portanto occupa mais de um terço de toda a America do Sul, e em que poderiam caber dois terços de toda a Europa, moram apenas 200.000 homens, e ainda assim a maior parte delles são improductivos. Entretanto nos ultimos decennios tem avultado muito o commercio no rio Amazonas e em seus affluentes. A parte pertencente ao Brasil é navegada a vapor desde 1852, a parte peruana desde 1865 ; mas só desde 7 de Setembro de 1867 foram suas aguas abertas a todas as nações do mundo por decreto imperial. Diversas companhias de navegação a vapor servem ao commercio entre o Pará e o estrangeiro ; ultimamente levantou-se a idéa de communicar directamente por vapores a Inglaterra com a cidade de Manáos, capital da provincia do Amazonas, na barra do Rio Negro ; mais de 50 vapores servem ao commercio interno. A companhia de navegação de mais importancia é a *Amazon Steam-Navigation Company Limited*, fundada em 1867 no Pará, a qual no anno de 1880 possuia 29 vapores de força de 3.410 cavallos e capacidade de 12.321 toneladas. Decisivo em favor do desenvolvimento

do commercio do territorio amazonico é o facto que na cidade do Pará de 1850 a 1880 a exportação e a importação subiram de 4.800 contos a 26.000 contos; desta somma couberam 11/12 ao Brasil e apenas 1/12 aos estados do Perù, Bolivia, Equador, Colombia e Venezuela.

Os seguintes dados sobre a navegação amazonica, extrahidos do relatorio de Borja Castro sobre a navegação fluvial do Brasil (*Rev. do Inst. Polytech. Bras.*, XVIII, pag. 91/130), dão idéa precisa do movimento de navegação subvencionada no Amazonas e seus affluentes.

A *Amazon Steam Navigation Company* é subvencionada pelo governo geral para fazer 24 viagens annuaes de Belem a Manáos (1720 kil.), 12 de Manáos a Iquitos (2260 kil.), 12 de Belem a Macapá (716 kil.), no Amazonas; 12 de Manáos a S. Isabel (780 kil.), no rio Negro; 12 de Belem a Hyutanahan (3520 kil.), no Purús; 12 de Belem a S. Antonio (2500 kil.), no Madeira; 12 de Belem a Bayão (260 kil.), no Tocantins.

A mesma companhia faz viagens mensaes subvencionadas pela provincia do Amazonas: de Belem a *Manáos*, no rio Negro, e nos Madeira, Purús e Juruá (de Manáos a Marary, 1910 kil.); por conta da provincia do Pará, de Belem a Manáos, a Itaituba no Tapajoz (1214 kil.), a Juruty (1250 kil.), a Faro (1200 kil.), a Portel (814 kil.), a Piriá (460 kil), a Arary (57 kil.); duas mensaes a Soure (80 kil.); uma diaria a Pinheiros (3 kil.)

Por conta do governo do Perú faz ainda a mesma companhia uma viagem mensal de Iquitos a Jurimagua no Huallagua (890 kil.)

A companhia de *Manáos*, subvencionada pela provincia do Amazonas, faz seis viagens annuaes a Caquetá no rio Acre (2270 kil.), quatro a Tarauacá no Juruá (1800 kil.), quatro a Cunecá no Javary, estendendo ao Jutahy (2080 kil.)

Ha ainda a empreza *Reyes y Hermanos* que faz viagens de Manáos ao rio Içá (2200 kil.), e a empreza *Bastos* que navega de Manáos a Caracarahy no rio Branco (715 kil.)

A companhia *Red Cross Line* faz nove viagens annuaes de Manáos a Liverpool, e a companhia *Booth Steam Ship* faz tres annuaes de Manáos a New-York, e a companhia *Brasileira* tres mensaes do Rio de Janeiro a Manáos.

Na provincia do Pará ha ainda a empreza de *Marajó e Tocantins* que faz viagens de Belem a Igarapé-mery (150 kil.), a Cayrary no Mojù, (215 kil.), a Souzel no Xingú (640 kil.); a empreza do *Guamá e Capim*, que faz viagens a S. Miguel de Guamá (160 kil.), a Capim (210 kil.), a Acará (95 kil.); a empreza do *Irituia*, que faz viagens do Guamá a Irituia (77 kil.) e a empreza do *Salgado*, que viaja entre Belem e Marapany (160 kil.)

Além destas differentes emprezas, ha muitos vapores particulares, que se empregam no commercio e no transporte de generos.

A embocadura do Amazonas não fórma delta, e não é aterrada como a de outros rios do Brasil por depositos de lama; o fundo e as margens compoem-se de grés argiloso e cascalho. Dahi concluiu Agassis que toda a planicie amazonica foi

outr'ora um mar mediterraneo que transcendia muito seus limites actuaes. A ser exacta a hypothese, o rio Tocantins deveria ser considerado como verdadeiro affluente do Amazomas.

Segundo Derby, a falta de delta no Amazonas é devida ao facto de seu curso inferior se achar ainda em estado de transição entre rio e estuario. Dahi resulta que o delta não está no que geralmente consideram como a embocadura do Amazonas, porém mais para cima, na cabeceira do estuario, e é representado pela trança de canaes existentes entre a barra do Xingú e a ilha de Marajó (Wappæus, *Geog. phys. do Bras.* pag. 68).

Outras particularidades do rio Amazonas mencionadas por Wappæus são o facto de, correndo quasi sempre do O. para E., o clima ser o mesmo em todo o seu curso, porque não varia a distancia média do Equador; a falta de montanhas (excepto nas cabeceiras), não só ao longo do rio principal como de seus affluentes, e consequente abundancia de varadouros; e ainda a grande depressão que atravessa a bacia quasi do Norte ao Sul, e que põe-na em ligação entre 16° e 18° S. com os pampas argentinos pelo valle do Madeira, e entre 2° e 3° N. com os llanos de Venezuela pelos valles do Negro e Orenoco.

Chamaremos a attenção para uma particularidade observada nos dias que seguem a lua cheia e a lua nova, sempre depois da baixa-mar, nas visinhanças de Macapá, no braço septentrional do Amazonas. São tres a quatro ondas de 12 a 16 pés de altura, que atravessam-se por toda a largura do leito com grande estrondo, occasionando muitas vezes grandes prejuizos. Este phenomeno que occorre ainda nas barras de outros rios, e na do Garonne chama-se *Mascaret,* é aqui conhecido e temido sob a denominação de Pororoca.

O macaréo ou pororoca não se observa nos rios allemães; mas na França observa-se no Gironde, *(Mascaret)*, Charente, Vilaine, Orne, Seine, e n'um pequeno rio costeiro, o Couesnon, que desemboca na bahia de S. Malo *(Barre)*; não se tem notado no Adour nem no Loire. Dos rios inglezes possue-o tambem o Saverne.

Nos paizes não europeus é mencionado no Amazonas desde Laconda-mine, no Tocantins; nos rios da Guyana brazileira, especialmente o Amapá, que desemboca junto a Maracá; no Hughli até acima de Calcuttá e tambem no Megna. O antigo *Periplus maris Erythraei* descreve um macaréo devastador na embocadura do rio de Barygaza *(Narbada)*, onde parece que agora já não existe. Conhece-se ainda este phenomeno na costa septentrional de Borneo em Sadong e Batang Lupar e finalmente na bocca do Tsien-tang, onde os Chinezes chamam-no trovão, e os Europeus *the eager*; sobe pelo rio até além de Hang-tscheu, e visto dos altos diques marginaes assemelha-se a um cabo branco, estendido transversalmente sobre a agua.

Martius descreve de maneira animada o phenomeno da pororoca, qual o viu no Guamá, affluente do Tocantins. A pororoca, escreve elle, devia em consequencia da periodicidade regular no fluxo e refluxo, começar depois do meio dia, pois a lua naquelle dia (28 de Maio de 1820) tinha de passar pelo meridiano um minuto antes da meia noite; não deixei, pois, um instante um morro baixo, fronteiro ao rio, do qual poderia vel-a. Trinta minutos depois de 1 hora, ouvi um rugido violento, igual ao estrepito de grande cachoeira; dirigi os olhos pelo rio abaixo, e passado um quarto de hora appareceu uma onda de uns 15 pés de altura, occupando, qual muralha, toda a largura do rio, que com terrivel estrepito avançava para cima com grande rapidez, sendo as aguas que se precipitavam da crista em torvelinho substituidas sempre por outras que vinham da enchente de traz. Em alguns logares contra a praia mergulhava a agua na largura de uma a duas toezas; elevava-se, porém, de novo rio acima, onde a onda reunida proseguia sem descanço. Emquanto pasmo eu assistia a esta insurreição das aguas, mergulhou subitamente por duas vezes toda a massa aquosa, abaixo da união do Capim com o Guamá, ao mesmo tempo que ondas largas e superficiaes e pequenos turbilhões occupavam toda a superficie do rio. Apenas se apagara o estrondo desta primeira corrida, empinou-se de novo a agua, subiu mugindo com violencia, e continuou, qual muralha de agua viva, sacudindo as praias tremulas até aos alicerces, coberta com uma crista de espuma, quasi tão alta como viera, e dividida em dois galhos metteu-se pelos dois rios, onde em breve perdi-a de vista.

Todo o phenomeno fôra obra de meia hora apenas; as aguas assanhadas, que entretanto bem como as ondas da pororoca, não pareciam muito turvas de lama, appareciam agora nas condicções da mais alta cheia; gradualmente foram socegando, e depois de prazo egualmente curto, ao começar o refluxo, começaram a baixar visivelmente.

Em outra parte diz o mesmo escriptor: Em muitos logares, que são sempre de fundo consideravel, a pororoca mergulha, mas eleva-se de novo acima, em logares razos do rio. Os logares tranquillos chamam-se esperas. Nelles se observa augmento d'agua, porém não pororoca.

Em todas as partes são caracteriscos de macareo: a fronte em fórma de muro com que corre rio acima, a contra-corrente da agua detraz para diante, a arrebentação nas margens planas e nos bancos de area do rio. A altura da onda para o Tsien-tang é de 8 a 10 metros; para o Amazonas e Ganges de 5 a 6, para o Seine e Batang Lupar de Borneo de cerca de 2, para o Dordogne de 1/2 a 1 metro, e para os outros rios francezes de alguns decimetros. (Bogulawski-Kruemmel, *Handb. d. Ozeanographie*, *II*, p. 275/277).

Pelo que respeita á historia, mencionaremos brevemente que Vicente Yañez Pinzon, partindo de Palos em 1499, chegou em 1500 a sua embocadura, não penetrando, porém, no interior. Só em 1540, foi navegado por Orellana, companheiro de Pizarro, que a elle veio ter descendo pelo affluente Napo. Deste tempo data igualmente o nome de Amazonas, pois Orellana affirmou ter sido atacado junto á barra do Trombetas por Indios, a cuja frente achavam-se mulheres armadas. Embora a veracidade desta historia não se confirmasse, pois nem-um dos viajantes que vieram depois encon-

trou mais mulheres tão guerreiras, entretanto foi ella parte para que a velha lenda das Amazonas passasse das margens do Don e do mar Negro para o rio-mar da America do Sul.

Antigamente designava-se com o nome de Amazonas apenas o seu curso inferior até a barra do rio Negro ; o curso medio, d'ahi por diante até as fronteiras do Brasil, chamava-se Solimões ; o curso superior Marañon ; agora os geographos do Brasil e do Peru vão empregando o nome de Amazonas para todo o curso do rio.

A bacia do Prata, que com seus 9000 kilometros navegaveis occupa uma superficie de 3 milhões de kilometros quadrados e inclue grande parte do Brasil meridional, não tem para o commercio importancia comparavel á da bacia do Amazonas, pois só pertencem ao Brasil as partes superiores do seu curso, de navegação difficil ; ficando fóra delle as partes inferiores e as embocaduras, unicas accessiveis a grandes vapores.

Compõe-se de tres rios principaes: o Paraná, o Paraguay e o Uruguay.

Em certo sentido a bacia do Prata é triplice, diz Derby, pois uma ligeira mudança de nivel que levasse as cabeceiras do estuario até á embocadura do Paraná, teria como effeito separar as tres bacias do Paraguay, do Paraná e do Uruguay. Embora menor que o Paraná, é o Paraguay que se deve considerar como rio principal, por causa das relações em que se acha para com as porções elevadas do continente que ficam a E. e O. (Wappaeus, *Geog. phys. do Bras.* p. 68 e 69).

Como já se viu no capitulo anterior, a baixada do Paraguay separa o massiço brasileiro do massiço andino.

O Paraná, que é o rio principal, fórma-se no Brasil oriental pela reunião dos rios Grande e Paranahyba, e tem uma extensão de 3700 kilometros, sendo portanto quatro vezes mais extenso que o Oder. Infelizmente corredeiras e saltos o tornam innavegavel em grandes extensões, o que tambem succede aos seus principaes affluentes no territorio brasileiro — Ivinheima, Tieté, Parapananema, Ivahy e Iguassú.

Por ter mais curso e mais volume de agua, o rio Grande é considerado por muitos geographos como a corrente principal do Paraná, recebendo o Paranahyba, aliás alto Paraná, como tributario. Em qualquer systema hydrographico, porém, a estructura geral da bacia tem mais importancia do que a extensão do curso e volume das aguas dos seus diversos canaes para se determinar qual a corrente denominante, ou qual deverá ser considerado como o rio principal. Assim o Paraguay e o Mississipi são tomados como rios principaes dos seus respectivos systemas, posto que inferiores em extensão e volume, antes da juncção, aos tributarios Paraná e Missouri; isto porque occupam o eixo de uma depressão entre dois systemas orographicos, feição esta caracteristica das grandes bacias hydrographicas. Sendo a bacia do Paraná uma área deprimida entre a região montanhosa da costa e a de Goyaz, isto é, um planalto entre montanhas, deve ser considerado como rio principal o que melhor corresponde á linha média ou eixo deste planalto. O Paranahyba, pelo menos até a foz do Corumbá, preenche esta condição muito melhor do que o rio Grande. Acima deste ponto, a escolha do rio que deve ser considerado como a verdadeira cabeceira do Paraná deve estar entre o Corumbá, S. Marcos e o alto Paranahyba. Sem noticias mais exactas sobre a geographia physica e estructura geologica da parte superior da bacia, é difficil dizer a qual deverá ser dada a preferencia. Dos tres, o que corresponde melhor ao rumo geral da bacia que da confluencia do Paranahyba e rio Grande vai até a grande volta abaixo das cachoeiras de Sete Quédas e ao SO., é o Corumbá; o que se afasta mais deste rumo é o Paranahyba; sendo para notar que, nascendo muito mais para o Sul do que vem representado nas cartas do Brasil, este rio se assemelha mais ao rio Grande, Tieté e outros tributarios do lado oriental, do que geralmente se suppõe.

O caracteristico commum de todos os tributarios deste lado, desde o alto Paranahyba até o Iguassú, é que nascem na alta cadeia das montanhas que formam a margem oriental da bacia e correm no rumo geral de O. cortando transversalmente uma zona mais ou menos larga, que apresenta as mesmas feições geologicas e topographicas que a vertente, e em seguida uma zona que pertence ás planicies elevadas que caracterisam a parte central da bacia. Assim, no estudo de qualquer destes tributarios temos duas zonas a considerar: a primeira, caracteristica de suas cabeceiras e da parte superior dos seus cursos, constituida por terrenos montanhosos e formado geologicamente de rochas crystallinas, cujas camadas são altamente perturbadas e inclinadas; a segunda, caracteristica da parte média e inferior de seus cursos, constituida por terrenos que apresentam os caracteres topographicos de uma planicie elevada, accidentada pela excavação profunda dos valles que a atravessam, e formada geologicamente de rochas sedimentarias dispostas em camadas profundamente horisontaes. Nota-se, porém, que sendo este o caracter geologico essencial, a segunda zona é profundamente modificada por numerosos affloramentos de rochas eruptivas, e que pelas differenças no caracter e modo de sua apresentação esta zona se divide naturalmente em duas partes bem distinctas. (*Derby, Contrib. para o est. da geog. phys. do rio Grande, pag. 5 e 7*).

A mais importante de suas cachoeiras, chamada salto de Guayra ou das Sete Quédas, fórma o Paraná aos 24° 4' 27". O viajante hespanhol Azara, que o visitou em fins do seculo

passado, informa que o rio passa de repente de uma largura de 2100 toezas ou 4093 metros a 30 toezas ou 58 1/2 metros, e depois despenha-se com furor espantoso sobre uma inclinação de 50 gráos para o horisonte, de sorte que sua altura vertical é de 52 pés parisienses ou 16^{m} 9.

Do Iguassú e de suas 100 quédas, visitadas em 1883 por uma commissão allemã-argentina e descriptas por G. Niederlein, fallar-se-a mais detidamente em outro volume. Em seu curso E-O. passa ainda o Paraná pelos rápidos de Apipé, que oppoem novos obstaculos á navegação. Só depois de reunido ao Paraguay, torna-se navegavel o Paraná por grandes vapores. Actualmente na parte brasileira do Paraná e em seus affluentes não ha propriamente navegação regular.

São particularidades do Paraná o ser essencialmente rio de planalto, cujos affluentes (excepto o Iguassú, que tem duas grandes cachoeiras muito proximas da embocadura), desembocam antes delle descer á depressão pela grande cachoeira das Sete Quedas; nascerem seus affluentes orientaes, especialmente o Tieté, muito proximo do Atlantico; seguirem seus tributarios orientaes, especialmente o Tieté, o rumo de NO., como si procurassem não a embocadura, mas a cabeceira do rio principal. Não menos caracteristica é na parte montanhosa do valle do rio Grande a abundancia de fontes mineraes e thermaes.

Segundo o trabalho já citado de Borja Castro, o Paraná é navegavel do salto de Urubupunga ao de Sete Quédas, na extensão de 528 kil., e navegado ou navegavel no rio Grande, do ribeirão Vermelho á cachoeira da Bocaina, 170 kil.; no Mogy-guassú, desde o porto Ferreira, até (dentro de pouco tempo) sua confluencia no Grande, 305 kil.; no Tieté do Avanhandava á foz do Piracicaba 294 kil., e este tributario desde a cidade de Piracicaba até Funil, 95 kil.; o Paranapanema até a barra do Tibagy, 192 kil., e d'ahi ao salto Grande, 110 kil.; e transposta a secção das cachoeiras, do salto Jurumirim á foz do Guarahy 120 kil.; o Tibagy até Jatahy 78 kil.; o Ivahy até Pery dos Coroados 250 kil.; o Pequiry 106 kil.; o Iguassú do porto União ao porto Amazonas 300 kil.; o Negro, seu affluente, á villa do rio Negro 105 kil. De seus affluentes occidentaes são navegaveis o Pardo até a cachoeira do Cajurú-mirim 142 kil.; o Ivinheima até a barra do Brilhante 203 kil., e o Brilhante até Sete Voltas 230 kil. Segundo o mesmo autor, a bacia do Paraná tem 2.753 kilometros navegaveis em territorio brasileiro.

A respeito da navegação está melhor servido o Paraguay, que nasce na provincia do Matto-Grosso, nas chamadas Sete Lagoas, aos 13° 30 S., e já aos 16° é navegavel por embarcações de 7 pés de calado. Sobre a possibilidade de unir-se seu affluente Jaurú com o Guaporé, e assim ligar toda a

bacia platina com a bacia amazonica, já fallamos atraz. O Cuyabá, affluente do Paraguay, é navegado regularmente até a cidade do mesmo nome, capital da provincia, para onde já se tem levado canhoneiras. Depois de atravessar os pantanaes, tambem chamados lagôa do Xaraes, que com as inundações dos rios semelham lagos extensos, e de receber no territorio brasileiro os rios navegaveis de S. Lourenço, Taquary, Miranda, e o Apa que serve de fronteira, o Paraguay corta a republica do mesmo nome de Norte a Sul e une-se ao Paraná, proximo a cidade argentina de Corrientes. Como o territorio brasileiro que elle banha é mui tenuemente povoado, não póde ser ainda consideravel a navegação de seu curso superior. Alèm das embarcações fluviaes que ahi servem ao commercio, existe entre Montevidéo e Cuyabá uma linha a vapor subvencionada pelo governo, que faz viagens mensaes.

O Paraguay é rio de baixada. Como já se viu em outra pagina, as suas margens, relativamente ao nivel do rio, vão baixando a medida que se procura as cabeceiras, até que nos pantanaes ficam quasi todo o anno de báixo d'agua. Não menos caracteristicos são os lagos marginaes, vulgarmente conhecidos pelo nome de *bahias*, e que ao contrario dos lagos amazonicos desembocam para o rio principal, e enchem antes deste (Herbert Smith, *Do Rio de Janeiro a Cuyabá*, p. 395/396.)

Além da linha de navegação a que se refere o autor foram ha annos contratadas mais duas, tambem mensaes: uma de Corumbá e S. Luiz de Caceres, na extensão de 720 kil., outra de Corumbá a Miranda, no affluente deste nome, com 280 kil.

O rio Uruguay, na parte que atravessa o Sul do Brasil e nos limites com a Argentina, é difficil de navegar por causa das quedas e baixios; só abaixo das cachoeiras, situadas nas republicas Argentina e do Uruguay, entre as cidades do Salto e Concordia, é utilisavel por grandes vapores. D'ahi partem vias-ferreas rio acima. Nas enchentes navegam pequenos vapores pelo alto Uruguay até além de Uruguayana; porém, como esta parte está quasi totalmente separada do baixo Uruguay por meio de saltos e o commercio só é possivel nas cheias, a viação ferrea ha de se desenvolver mais animadamente do que a navegação. No territorio brasileiro, o Ibicuhy é o unico affluente do Uruguay navegavel a vapor.

Entre os rios que desembocam na costa septentrional do Brasil, o Parnahyba é o mais importante. Embora muito raso nas barras de suas seis boccas, é navegado a vapor até Theresina, capital do Piauhy. Os rios Gurupy, Tury-assú, Mearim e Itapicurú representam papel subordinado como vias commerciaes.

Dos rios que despejam directamente no Atlantico, diz Derby, os do Maranhão e o Parnahyba são os que offerecem maior facilidade para a navegação, porque nascem em nivel mais baixo e effectuam a descida ao nivel do mar por um declive gradual distribuido ao longo de todo o seu curso, em vez de ser concentrado em uma ou mais grandes series de cachoeiras (Wappæus, *Geog. phys. do Bras.*, p. 66).

Sobre a navegação destes rios encontram-se os seguintes dados no trabalho de Borja Castro: O rio Pindaré é navegado a vapor da cidade de S. Luiz, capital do Maranhão, a Monção, 300 kil; o Mearim, da capital a Pinheiros, kil., 740, e no tempo das aguas mais 650 kil., de Pinheiros á barra do Corda; o Itapicurú, da capital a Caxias, 55 kil., o Munim, da capital a Manga, 280 kil.

O rio Paranahyba tem duas linhas subvencionadas, na extensão de 737 kil., sendo uma de Theresina á cidade da Parnahyba, e outra de Theresina ao estabelecimento rural de S. Pedro de Alcantara. Obras recentemente feitas desimpediram o rio em 366 kil., até a cachoeira de Santo Estevão, 216 kil. acima de Nova York. Presentemente trata-se do trecho entre esta ultima e a villa de Santa Philomena, na extensão de 350 kil. Concluido este trecho, e sendo a navegação augmentada com os 400 kil. do affluente Urussuhy, a navegação total do Parnahyba será de 1.846 kil.

O mais importante dos rios que desembocam na costa oriental é o de S. Francisco. Nasce aos 20° ou 21° S, na serra de Canastra na provincia de Minas Geraes, e atravessa em curso de 2900 kilometros aquella provincia e as da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Recebe entre outros os rios Pará, Paraopeba, das Velhas, Verde-grande, Paracatu, Correntes, Carinhanha, Grande, em parte navegaveis; forma aos 17° 20' S. o salto de Pirapora de cerca de 3m,50 de queda, que, segundo Halfeld, fica 536m acima do nivel do mar. D'ahi é navegavel por navios á vela e a vapor n'um trecho de 1.500 kil., com a profundidade média de 18 pés. Seguem-se n'uma extensão de 300 kil. rapidos, que terminam na magestosa cachoeira de Paulo Affonso.

A bacia hydrographica do S. Francisco, diz Derby, é essencialmente uma bacia de terras altas. Situada 300 metros ou mais acima do nivel do mar, só começa a descer a 65 leguas da foz. E' bacia muito comprida e

estreita, o comprimento total é de cerca de 400 leguas, e a largura, que é muito uniforme, varia entre 50 e 80 leguas. Na sua parte superior, acima de Paulo Affonso, cercam-na de todos os lados altas montanhas, que se elevam 1.000 a 1.500 metros acima do mar e de 600 a 1.000 acima do rio. Esta cinta montanhosa, na maior parte, ergue-se abruptamente sobre o nivel geral das terras da bacia, e ficando ordinariamente a menos de 30 leguas do rio, restringe muito a área da drenagem.

O rio nasce no elevado planalto montanhoso a O. de Barbacena a 1.000 metros de altura proximamente. Correndo para o N., desce até a altura de 541 metros na cachoeira de Pirapora. Entre esta e a cachoeira de Itaparica, onde o rio começa a descer precipitadamente até o nivel do mar, o valle apresenta um declive mais brando, descendo 242 metros em 317 leguas. A partir de Itaparica, o rio desce n'uma esplendida serie de cataratas até a altura de 47 metros em Piranhas. Finalmente, o valle inferior, que começa em Piranhas e tem 43 leguas de comprimento, eleva-se apenas alguns metros acima do nivel do mar.

A divisão geral do valle é N., inclinando-se um pouco para E., desde as cabeceiras do rio até a foz do rio Grande, situada 168 leguas abaixo de Pirapora. Toma depois o rumo de ENE. nas 45 leguas seguintes, até Cabrobó; ahi faz uma volta brusca para SE., direcção que persiste até a foz, n'uma distancia de 100 leguas.

A parte superior da bacia, excessivamente irregular e montanhosa, está situada n'uma das partes mais elevadas do Brasil, sendo esta caracterisada por altas montanhas escarpadas e valles profundos e estreitos. Deixando logo esta região montanhosa, o rio penetra n'uma região de planicies elevadas, correndo n'uma depressão cavada nessas planicies, que, não obstante serem consideravelmente mais baixas do que a cinta montanhosa, elevam-se 200 a 300 metros acima do nivel do rio. Esta depressão com cerca de uma legua nos logares mais estreitos e cinco ou mais nos logares mais largos, é occupada por baixas terras de alluvião ou planicies denudadas, pouco elevadas acima do nivel do rio e com alguns morros isolados ou fragmentos da formação mais alta, a qual, subindo com encostas ingremes ou escarpas, termina no cimo por uma planicie de nivel ou chapada.

Inferiormente, a bacia do lado oriental conserva este caracter até Urubú, e do lado occidental muito além, até quasi em frente a Chique-Chique.

Abaixo destes pontos, o caracter da superficie muda, sendo as chapadas regulares e continuas substituidas por serras isoladas e dispersas, de contornos irregulares e endentados, elevando-se abruptamente acima da superficie geral da região; esta é quasi plana, e a parte do rio sobe gradualmente para as muralhas montanhosas que cingem a bacia, de um a outro lado. A mudança, na direcção da bacia abaixo da confluencia do rio Grande, faz com que ella se volte gradualmente ao encontro da alta e montanhosa cinta de E., a qual, tornando-se mais baixa e menos continua para o N., franqueia ao rio, atravez de si mesma, uma passagem para a região mais baixa, a E. das montanhas. A sahida detraz desta barreira é acompanhada de uma mudança brusca de nivel, descendo o rio n'uma esplendida serie de cataratas por um estreito e profundo canhão, talhado muito abaixo do nivel das terras adjacentes.

Desprendendo-se deste canhão, na cidade do Pão de Assucar, o rio, na parte restante de seu curso, corre n'um largo valle em fórma de V, apresentando as terras de ambos os lados uma elevação moderada e tornando-se progressivamente mais baixas á medida que se avisinham da costa.

Uma feição notavel da bacia é que os tributarios importantes da corrente principal estão na sua metade superior, entre a confluencia do rio

Grande e as cabeceiras, sendo os da outra metade curtas e insignificantes correntes que, torrenciaes na estação chuvosa, transformam-se em canaes sem aguas no tempo da secca. Da foz do rio Grande á do rio das Velhas os tributarios mais importantes são os do lado occidental, cuja área de drenagem é maior e melhor banhada do que a do oriental.

Entre o rio das Velhas e as cabeceiras dá-se o contrario, ficando os tributarios mais importantes do lado oriental. (*Reconhecimento geral do valle do S. Francisco*, p. 3/4).

A cachoeira de Paulo Affonso é depois da do Niagara a primeira da terra, excede-a mesmo em altura, que é de 80 metros, emquanto que naquella não passa de 50m; em masas de agua não lhe fica tambem atraz; mas vista de longe é talvez menos grandiosa, porque o rio, antes da quéda, divide-se em quatro braços, e então rugindo entre muralhas enormes de granito, impellindo as aguas confusamente, atira-se ao abysmo em muitas quédas. Da bacia, coberta de espuma, evolam-se sem cessar grossos nevoeiros que, com tempo conveniente, são visiveis á distancia de 30 kil. Abaixo da cachoeira, n'uma barranca despenhada, ha uma gruta de 48 metros de profundidade sobre 88m de altura, com uma entrada de 1m,5, chamada a furna dos Morcegos.

Até a cidade de Piranhas, o poderoso rio vai rompendo caminho através de ingremes despenhadeiros; depois, porém, vão abaixando suas margens e tornando-se mais aprazíveis, o leito alarga-se e cobre-se de ilhas, e até a barra, n'uma extensão de 264 kilometros, é navegavel por vapores de 3m,3 de calado. Na barra forma differentes baixios que infelizmente vão crescendo, assim estreitando e aterrando os canaes por que desemboca.

Desde 1865 o baixo S. Francisco é navegado a vapor; em 1872 introduziu-se a mesma navegação no alto S. Francisco. Entre Piranhas e Jatobá foi construida á custa do Estado uma estrada de ferro de 117 kilometros, que, salvando as cachoeiras, liga os dois trechos do rio.

Do salto do Pirapora, não longe da barra do rio das Velhas, até a cachoeira do Sobradinho, a navegação do rio S. Francisco é livre em 1328 kil. de extensão, que brevemente será augmentada com 428 kil. até Jabotá, do trecho que está sendo melhorado, dando a extensão total de 1.756 kilometros.

De seus affluentes são ainda navegaveis: pela margem direita o rio das Velhas, da foz até Taquarussú, 588 kil., o Gequitahy, até Macahubas, 17

kil., o rio Verde Grande, 40 kil., o Verde Pequeno, 33 kil.; pela esquerda; Paracatú, até Burity, 422 kil., o Urucuia, até campo Grande, 142 kil., o Corrente, até S. José, 156 kil., e seus affluentes o Formoso, 33 kil., o Arrojado, 28 kil.; o rio Grande, até campo Largo, 300 kil., e seus affluentes Preto, 261 kil., Branco, 51; Onças 11. A extensão navegavel da bacia do S. Francisco é, portanto, de 3.841 kilometros (Borja Castro, *op. c.*).

Entre outros rios a E. do Brasil notam-se ainda: o Itapicurú, que tem um curso de cerca de 800 k., de pouca importancia para a navegação por causa de suas cachoeiras, e de sua barra aterrada; o Paraguassú que, alargando-se em lago no seu curso inferior, desemboca na bahia de Todos os Santos, é navegado a vapor desde a cidade da Bahia até a da Cachoeira; o Contas ou Jussiape, navegavel até 22 kilometros da barra; o Pardo; o Jequitinhonha ou Belmonte, em cujo leito se encontraram outr'ora tantos diamantes, só parcialmente navegavel por causa de um salto de 40 metros (16° 45' S) e das muitas corredeiras; o Buranhem; o Peruhype, em cujas margens estabeleceu-se no anno de 1818 a colonia suissa Leopoldina, a qual produz o afamado café de Caravellas, assim chamado do porto por que é exportado; o Mucury, navegado por pequenos vapores, em cuja margem estabeleceram-se colonos allemães, que depois acabaram miseravelmente; o S. Matheus; o Doce, abundante de corredeiras, baixios, travessões e pedras, que, apezar das grandes despezas do Estado, têm impedido a navegação regular a vapor; o Itapemirim, navegado por pequenos vapores; o Parahyba, que n'uma extensão de cerca de 800 k. banha os mais ferteis districtos cafeeiros do Brasil, mas só é navegavel a vapor até S. Fidelis, a 82 k. da barra, pois adiante saltos e corredeiras oppoem obstaculos invenciveis á navegação; o Iguape em S. Paulo, navegavel por vapor cerca de 100 kilometros, até a villa de Xiririca; o rio S. Francisco do Sul, cuja barra, abrigada pela ilha de S. Francisco, offerece bom porto para embarcações de calado médio; o Itajahy, navegado por vaporesinhos até a colonia de Blumenau; e o Tubarão, em cujas margens encontram-se ricas jazidas de carvão de pedra.

O rio Grande do Sul não é propriamente rio, mas simples canal natural que liga a lagôa dos Patos com o mar. Esta

lagôa recebe ao Norte o Guahyba, rio formado pela reunião do Jacuhy, Cahy e Sinos, navegaveis a vapor; ao O. o Camaquam e tambem o S. Gonçalo, que liga o lagoa Mirim com a dos Patos. A navegação em ambas estas lagoas é muito importante.

São ainda dignas de menção as lagoas de Manguaba e Jequiá, ambas na provincia das Alagôas e sulcadas por vapores. De lagos interiores do Brasil nem-um se distingue especialmente pelo tamanho, pelo fundo ou pela importancia commercial.

V

CLIMATOLOGIA

E' claro que não pode ter um só clima territorio tão grande como o Brasil, que em parte demora na zona torrida e em parte na zona temperada, e cujas differentes secções apresentam notaveis differenças na configuração vertical, na irrigação e vegetação. Portanto melhor será tratar deste ponto a proposito das provincias; aqui apenas indicaremos aquelles pontos que são caracteristicos de todo o paiz. E' em primeiro logar a differença consideravel das isothermas annuas entre a costa oriental e a costa occidental da America do Sul. Com effeito estas linhas descrevem tal curva para NO., que, por exemplo, o Rio de Janeiro, embora afastado do Equador mais 10° do que Lima, accusa entretanto temperatura média annual mais elevada 1° que esta cidade.

Com excepção das baixadas do Brasil central e septentrional e principalmente do districto de diamantes do Matto-Grosso, celebre pelas febres intermittentes que ali dominam, o clima deve considerar-se sadio. As provincias meridionaes podem mesmo dizer-se extraordinariamente salubres.

Para expôr mais claramente o pouco que se conhece da climatologia brasileira, convém dividir a região tropical do paiz em duas partes, a do littoral e a do interior.

LITTORAL.—A temperatura média vai diminuindo á medida que augmenta a distancia do Equador; é de 27° no Pará, 26°4 no Maranhão, 26°6, na Fortaleza, 25°7 em Pernambuco, 25 na Bahia, 23°8 no Rio de Janeiro, etc. Entretanto a mudança é lenta, e só se accentua mais na zona temperada.

A pressão atmospherica é uniforme e conserva-se ao nivel do mar entre 760m e 757m.

Os ventos dominantes até 10° S. sopram de SE. o anno inteiro, virando, porém, para E. nos mezes de Setembro a Março. De 10° para o Sul dominam no mar os NNE e E, e ao longo da terra os ventos do N, nos mezes de Setembro a Março; dominam os ventos de SE nos outros mezes, apparecendo no mar entre E e SE, e na terra mais como S. Na costa entre o cabo Frio e Rio Grande do Sul apparecem ventos de SE para SO semelhantes aos pampeiros do Prata, e as vezes tambem de NO, muitas vezes terriveis. Em geral na estação das chuvas, os ventos sopram mais de S. e O á medida que se vai para o Sul.

Quanto á distribuição das chuvas, Drænert divide o littoral em tres zonas. Na primeira, que comprehende as provincias do Pará a Parahyba, as chuvas cahem no verão (Dezembro, Janeiro e Fevereiro), e no outomno

(Março, Abril e Maio); na segunda, que comprehende as provincias de Pernambuco a Bahia, as chuvas cahem no outomno (Março, Abril e Maio) e no inverno (Junho, Julho e Agosto); na terceira, que comprehende as provincias entre Espirito Santo e S. Paulo, as chuvas apparecem no verão (Dezembro, Janeiro e Fevereiro) e no outomno (Março, Abril e Maio). A differença entre a primeira e a terceira zona consiste em que naquella as maximas quantidades cahem em Abril, isto é no outomno, e nesta cahem no verão.

Interior.— O interior do Brasil divide-se em duas partes bem distinctas, constituindo a primeira as terras do valle do Amazonas.

A temperatura média no valle do Amazonas é de 28º e 29º, segundo Agassis. Raras vezes, observa Wappaeus, o thermometro sobe de 32º a 33º e raro desce abaixo de 25º; entretanto tem-se observado a maxima de 40º, que pouco dura. As estações quasi não variam, pois quasi todo dia ha chuva e sol; e a differença consiste apenas na abundancia e força das chuvas. Em geral começam estas em Novembro, acompanhadas de fortes e duradouras trovoadas, e continuam fortes até Fevereiro ou Março. Os mezes em que menos chove são de Agosto a Outubro.

Entretanto na grande extensão do valle ha, nem podia deixar de haver, suas differenças. Em Santarém, o clima é magnifico: durante seis mezes, de Agosto a Fevereiro, raro chove, o céo durante semanas inteiras conserva-se sem nuvens; os alisios sopram por vezes com grande violencia. Em Obidos e Parentins os alisios sopram todo o anno, excepto algumas semanas de Novembro: a estação secca vai de Julho a Janeiro; em Novembro começam pequenas chuvas.

Em Teffé o anno se divide segundo a subida e a descida do rio, que se dá duas vezes por anno. A grande enchente começa em fins de Fevereiro e dura até Junho; é o primeiro inverno, chuvas violentas, que alternam com dias de sol, estendem-se as inundações, as tartarugas emigram para as aguas e lagos do interior e os passaros para o Norte ou para as aguas do Orenoco. Na primeira semana de Junho a enchente chega á maior altura. 14m acima do nivel mais baixo. O bom tempo começa com alguns dias de sol brilhante, as tartarugas e peixes preparam-se para voltar: em meiados de Julho a inundação vai-se retirando e o rio baixa até meiado de Outubro. Do meiado de Outubro a principio de Janeiro é a segunda estação humida · a segunda estação secca começa em Janeiro e dura todo o Fevereiro. Em Maio ha um periodo frio, causado por um vento do Sul persistente: a temperatura fica tão baixa que os peixes morrem no rio Teffé: o vento não é muito forte, porém traz máo tempo e dura cinco a seis dias.

No alto Amazonas (Solimões) a atmosphera é como estagnada; o vento de E. chega só até a barra do rio Negro.

Quanto á zona do interior, que fica ao Sul do Amazonas, a climatologia é pouco conhecida. Em geral, a temperatura vai decrescendo para o Sul, porém lentamente. Em partes de Minas Geraes, S. Paulo e Goyaz cahe geada. Segundo Drænert, as chuvas são de primavera (Setembro, Outubro e Novembro) e verão (Dezembro, Janeiro e Fevereiro). Em Matto Grosso, segundo H. Smith a estação chuvosa termina em Maio; Junho e Julho são em geral sem chuvas; Agosto e a primeira metade de Setembro são quasi eguaes; a estação chuvosa principia mais ou menos em 1º de Outubro; as maiores chuvas são de Janeiro em diante. Nos valles dos grandes rios ha um nevoeiro constante pelas manhãs, que humedece as plantas na estação secca e facilita uma vegetação abundante junto ás margens.

Embora quasi todo o Brasil fique na zona tropical, ha uma pequena porção na zona temperada, sobre a qual daremos breves indicações.

No littoral, segundo Lange, entre os 24º e 28º S dominam as chuvas de verão e inverno : Janeiro a Março, Setembro e Outubro são os mezes em que mais chove. De 28º por diante é a zona das chuvas da primavera e do outomno. A parte septentrional até Santa Catharina é semelhante á região humida e quente da zona tropical ; no Rio Grande do Sul domina um clima continental, secco, com fortes contrastes de calor e frio,sub-tropico.

No interior nota-se tambem uma região quente, que vai de S. Paulo ao Uruguay, e outra moderada, que lhe fica ao Sul. No interior do Rio Grande as chuvas augmentam no outomno e rareiam na primavera e principalmente no verão. Em Maio (outomno) começam as chuvas, muitas vezes prolongadas, sobem os rios, alagam os campos. Em Dezembro apparece o calor. Segundo Beschoren, a temperatura média do planalto septentrional do Rio Grande do Sul é 17º C.

Desde 30º S. encontram-se maiores extremos de temperatura no planalto. No verão (Dezembro, Janeiro e Fevereiro) domina um calor secco, o qual em Porto Alegre não passa de 31º, porém augmenta para o interior. O vento do S. refresca e leva humidade ao interior. O vento dominante, que é o NE, traz nuvens tempestuosas, que se descarregam em terriveis trovoadas e relampagos. Os ventos de O e S trazem tempo constante. No inverno o thermometro commummente nunca baixa de 6º,2 C. (Lange, *Sued Brasilien*, Leipsig, 1885, pag. 13/28).

VI

O REINO VEGETAL

Inquestionavelmente a flora do Brasil é uma das mais ricas do globo, não só por causa da multiplicidade como pela utilidade das especies, das quaes são conhecidas cerca de 20 mil. Como já se notou, distingue-se aqui terra de matta e terra de campo. Esta ultima forma apparece principalmente no interior do paiz, aquella na costa e nas baixadas dos rios, assim como nas encostas orientaes das montanhas e abraça uma superficie enorme.

Sob o ponto de vista de distribuição geographica das plantas, os botanicos dividem o Brasil em tres regiões que são : a equatorial, que Humbold chama a Hylaea, isto é, a matta, por causa de sua enorme extensão nas margens do possante Amazonas e seus tributarios ; a região da costa, e a do interior.

A Hylaea sub-divide-se por sua vez nos chamados *caa-igapó* e *caa-eté*. Já mencionamos o igapó ; é o territorio inundavel que se estende n'uma largura de vinte milhas inglezas por ambas as margens do Amazonas, e que durante a estação das chuvas fica por alguns mezes de tal sorte coberto que mesmo das mais altas arvores apenas emergem os cabeços. Quando afinal a agua vasa, os troncos cobertos de lama apresentam aspecto desolado que contrasta tristemente com o das mattas amazonicas que não inundam *(caa-eté* ou *guaçú*, matta verdadeira ou grande).

Estas, chamadas matta-virgem pelos Brasileiros, elevam-se na zona da Hylaea em formas pertencentes á familia das Laurineas até a altura de 60 a 70 metros, e, com o matto miudo que cresce por baixo, os espinhos e as trepadeiras que entrançam as arvores, é tão impenetravel que para dar-se um passo é preciso abrir o caminho a facão. Quanto mais variadas são as especies que se apinham n'um trecho

tanto mais renhida é geralmente a luta pela existencia, e o solo exuberantemente fertil não pode alimental-as egualmente.

As plantas da matta tropical têm um que de semelhante a uma terra demasiadamente povoada. Não só lutam entre si por luz e espaço, como apenas attingem a certa altura, estabelece-se uma colonia de parasitas nos galhos, e do solo trepam cipós pelos troncos, principalmente o mortifero *Ficus*, que abraça tão fortemente as arvores e sugalhes tanta seiva que têm de morrer afinal; então servem de apoio ao seu assassino, que sobe-lhes ao topo, até que sôe a hora fatal tambem para este, e o supplante outro rebento de sua especie.

As plantas uteis mais importantes do *Cae-êtê* são o castanheiro *(Bertholletia excelsa)*, pertencente á familia das Myrtaceas, arvore cujo tronco sem galhos, de 25 a 30 metros, não só fornece madeira aproveitavel como tambem as conhecidas castanhas do Pará; a sapucaia *(Lecythis ollaria)*, sua congenere, com fructos de tamanho de uma cabeça, cuja densa casca lignea os naturaes empregam como caneco; a seringueira *(Syphonia elastica, ou Hevea brasiliensis)*, da qual se extrae um dos mais importantes productos da Hylaea, a borracha; e a gigantesca massaranduba *(Galactodendron utile)*, cuja casca contém um leite vegetal, que escorre quando se fazem incisões, de gosto semelhante ao do leite de vacca, e aproveitado como este. Sua madeira é muito propria para as construcções hydraulicas e é muito empregada. Grande numero de arvores uteis são communs ás mattas do Amazonas e ás do resto do Brasil, por exemplo a figueira *(Ficus)*, arvore umbrosa que cresce muito depressa e se encontra em grande numero tanto na matta como no campo; o cedro *(Cedrella brasiliensis)*, de cuja leve madeira cheirosa fazem-se moveis e caixas de charutos; o ipé *(Tecoma speciosa)*, com sua rija madeira incorruptivel; o angico *(Acacia angico)*, não menos assignalado pela bondade de sua madeira. E quantidade de outras leguminosas, laurineas, cordiaceas e erytroxileas, tambem muitas palmeiras e arbustos, urticaceas, malvaceas, taquaras, etc.

Entre as palmeiras da Hylaea merecem menção: a linda miriti esbelta *(Mauritia flexuosa, L.)*, cuja corôa magestosa em forma de leque domina da altura de 35 metros a maior parte das arvores da matta, de que o tronco fornece excellente material para caibros, o succo bebida refrigerante, e a parenchyma de suas folhas excellente material para cabos e trançados; a palmeira piassava ou chique-chique *(Attalea funifera, M.)*, apenas de 6 metros de altura, cujos espathos são ligados ao tronco por meio de fibras grosseiras porém rijas, de que se fazem cabos de navios, vassouras, etc; a nobre inajá *(Maximiliana regia, M.)*, com sua coroa aprazivel e facilmente movel á viração; a espinhosa pupunha *(Guilelma speciosa, M.)* cujo fructo oval, cosido ou assado, offerece alimento saboroso e nutritivo, semelhante á castanha; a mimosa jussara *(Euterpe edulis, M.)* e a palmeira assahi *(Euterpe oleracea, M.)*, de cujas bagas em forma de ameixas prepara-se uma bebida muito usada pelos naturaes; a baixa buriti *(Mauritia vinifera, M.)*, que apparece até o extremo Sul, da qual os fructos servem para a confecção de um doce, e o succo dá uma bebida capaz de fermentação alcoolica.

Pertencem tambem ás plantas uteis da zona da Hylaea além do cacaoeiro *(Theobroma cacao L.)*, aqui indigena, que apparece em seis especies, uma arvore pequena de folhas escuras com grandes fructos amarellos, que os Indios comem com gosto e que no commercio apparece ás vezes de mistura com o cacáo cultivado; a *Persea caryophilata*, cuja casca produz o cravo da India; o cumarú *(Dipterix odorata)*, cujas vagens contêm os cheirosos grãos de Tonka, empregados no fabrico do rapé; a salsaparrilha *(Smilax syphilitica, Humb)*, donde se extrae conhecido producto medicinal, e que se estende por grandes superficies e forma cerrados impenetraveis; o urucu, *(Bixa orellanna)*, de cujos fructos se extraem bellas côres; o guaraná *(Paullinia sorbilis M.)*, cujos grãos preparados fornecem bebida muito apreciada pelos naturaes, e que se tem espalhado pela Europa como medicamento, por causa de suas propriedades estomachicas; a baunilha, muitas especies de chinchoneas, que contêm o febrifugo quinino etc. Deve-se tambem mencionar aqui a

Victoria regia, que dá nos lagos marginaes do rio Amazonas, e com suas folhas circulares de 5 a 6 pés de diametro, e suas brancas e cheirosas flores de 1 pé de tamanho constitue a mais bella planta aquatica da terra.

As mattas da costa não se prendem directamente a Hylaea amazonica, pois, como já dissemos alhures, toda a costa plana de NE é arenosa, e como unica forma de vegetação encontram-se ali mattas de mangues *(Rizophora mangle)*, representações exquisitas do mundo vegetal, formando tronco desegual de 10 a 18 metros que se eleva de um feixe de raizes de muitos braços, e dos galhos que pendem despede raizes aereas que apenas chegam até a lama tornam-se em novos troncos independentes. De resto este labyrintho de plantas não se encontra sómente nas costas intertropicaes do velho e antigo mundo; seu territorio estende-se além do tropico do Capricornio, por exemplo na provincia de Santa Catharina, aonde, como no Norte do Brasil, empregam-se as cascas e as folhas no cortume de couros.

A matta da costa começa do cabo de S. Roque e estende-se até aos contra-fortes de serra Geral na provincia do Rio Grande do Sul; as proprias mattas soltas que se encontram nas serras do Sul desta provincia devem incluir-se nella. Como já se notou, esta região corresponde na formas essenciaes de sua vegetação ao *caa-été* ou *guaçu* da Hylaea amazonica; por trechos até excede-a em exuberancia, pois sob a influencia do humido e brando alisio que domina na costa SE do Brasil, dão-se as condições essenciaes para o desenvolvimento de uma vegetação tropical.

Além das especies já nomeadas apparecem ahi grande numero de arvores preciosas e peculiares. Peculiar é, por exemplo, a barriguda *(Pourretia tuberculata* Mart*)*, que cresce na parte septentrional desta região, cujo tronco mede de 18 a 20 metros de altura, e que sem deitar galho engrossa no meio como tonnel até um diametro de 3 metros, e depois vae decrescendo para cima da mesma maneira; a sua madeira é tão leve que pode empregar-se como cortiça. Tambem nesta parte as sapucaias attingem a altura extraordinaria, e o numero de madeiras aproveitaveis quasi

que excede o da Hylaea. Chamaremos a attenção para o jacarandá, tambem chamado cabiuna *(Jacarandá ovalifolia* ou *brasiliensis)*, bignoniacea cuja madeira é importante artigo de exportação; o ipé, da mesma familia, cuja madeira é incorruptivel na agua; a sucupira *(Bowdichia major)*, não menos valiosa; o cedro *(Cedrella brasiliensis)*, semelhante ao mógno, que vae até ás partes mais meridionaes desta região; o louro *(Cordia frondosa)*, excellente para a construcção; a peroba *(Aspidosperma peroba)*, o tapinhoan *(Sylvia navalium)*, a aroeira *(Schinus)*, o piquiá amarello *(Aspidospermum sessilifolium)*, o páo ferro *(Caesalpinia ferrea)*, o grapiapunha *(Apuleia precox)*, itaúba *(Acrodiclidium itauba)*, baraúna *(Melanoxylon barauna)* paracaúba *(Andira)*, diversas especies de canella *(Nectandra)*, cabriuva *(Myrocarpus frondosus)*, canjerana *(Cabralia canjerana)*, sobragy *(Erytroxilon aureolatum)*, vinhatico *(Echyrospermum Balthasarii)*, tajuba *(Oreodaphe Hookeriana)*; timbaúva, mimosacea que cresce muito depressa e produz uma madeira leve e propria para canoas. Pelo menos 150 especies de madeiras da matta virgem do Brasil, empregam-se em trabalhos de construcção ou marcenaria; ha além disso grande numero de arvores que se empregam em outros misteres.

Deve-se ainda mencionar especialmente uma conifera, a *Araucaria brasiliensis*, a qual só dá em serras, do Rio Grande do Sul até Minas Geraes, e faz parte essencial das mattas do planato interior. Em geral apparece no sul do Brasil conjunctamente com o matte *(Ilex paraguayensis)*, e ás vezes attinge, sem despedir nem-um galho, á altura de 30 a 40 metros, com um tronco de 1 a 2 metros de grossura. Muitas arvores produzem 12 a 16 duzias de tabuas. Dá além disso fructos muitos saborosos e nutrientes, chamados pinhões, e os nós que se acham no topo offerecem excellente material para torneiros. Sobre o aproveitamento desta arvore e do matte fallaremos adiante.

As palmeiras vingam em todo o territorio de que tratamos; mas as especies vão gradualmente mudando, até que finalmente na provincia do Rio Grande do Sul não ha mais de 4 species, entre as quaes a burity. Os coqueiros que apparecem nas praias de todo littoral ao Norte do Rio de Ja-

neiro, não são indigenas; foram introduzidos. As especies mais importantes da parte septentrional da matta costeira e do interior são a palmeira piassaba *(Attalea funifera)*, cujas fibras vão importadas da Bahia para a Inglaterra, e a palmeira carnauba *(Copernicia cerifera)*. Do tronco desta fazem-se vigas e canos de bombas, de seu miolo um amido; seus fructos são esculentos e têm caroço oleoso. O que lhe dá, porém, o nome é o facto que de suas folhas em fórma de leque reçuma uma substancia cerosa, que como a cera das abelhas presta-se ao fabrico de velas, e se prepara e consome em grande quantidade; além disso as folhas são excellente material para esteiras, chapéos, etc., o que tambem é importante artigo de exportação.

Como já se notou, a matta da costa em geral tem o mesmo caracter que a da Hylaea: trepadeiras entrançam-se de arvore a arvore, e á sombra dos galhos recobertos de orchideas, cresce espesso um matto menor que, junto com urticaceas de folhas largas, espinhos, fetos e outras plantas formam cerrados espessos, que apenas se podem atravessar com facões.

Iriamos muito longe si tivessemos de nomear e descrever todas as plantas que se empregam na tinturaria ou no cortume, ou têm qualquer utilidade technica. Apenas nomearemos dentre as mais importantes o pao brasil *(Cæsalpinia echinata)*, que cresce no Brasil septentrional e deu o nome á terra; dá uma côr vermelha, mas já não existe em tão grande quantidade, que constitua parte essencial da exportação. A madeira do *Haematoxylon campecheanum*, que dá uma côr azul, e a do *Morus tinctoria*, que dá côr amarella, são exportadas pelos portos septentrionaes em escala muito limitada. Para as côres vermelhas servem ainda o barbatimão *(Stryphnodendron barbatimão)*, o sangue de drago *(Croton erythrina)*, o guarabú *(Peltogyne guarabu)*, o curajuru (*Bignonia chica*), e o catiguá *(Trichilia catigua)*, muito frequente nas mattas do Brasil meridional, além do urucu, de que já fallamos, que tambem dá muito na parte septentrional da matta da costa. Para as côres azues servem muitas plantas pertencentes á

familia indigofera que se entende por toda a zona da matta, e o fructo do genipapo ; de preto se tinge com a madeira da herva matte, que só dá no Brasil meridional, e com o tinhorão *(Lasiandra)* ; amarello com a preciosa madeira da tatajuba já mencionada e com o gravatá *(Bilbergia tinctoria)*.

Para o cortimento do couro servem optimamente além dos mangues, as cascas da aroeira preta *(Schinus)*, do araçá *(Psidium araça)*, muito commum no sul do Brasil e que, além da casca coriaria, fornece madeira muito boa e pesada para construcção e torno ; a santa-rita, que cresce em logares pantanosos do planalto meridional, o gambatá *(Cupania racemosa* Radek *)*, as fructas da *Cœsalpinia curiacea*, que apparecem no commercio com o nome de Divi-divi, etc.

Borracha, além da *Siphonia elastica*, (ou melhor *Hevea brasiliensis)*, que quasi exclusivamente se concentra na zona da Hylaea, dão outras plantas como a mangabeira em Pernambuco *(Hancornia speciosa)* , a maniçoba *(Manihot Glaziovii)* no Ceará. O jatobá (*Hymenaea Courbaril)* fornece gomma copal para o preparo do verniz ; o angico *(Acacia angico)* dá producto egual, semelhante á gomma arabica. E muitas outras arvores dão egualmente resinas aproveitaveis, que, porém, até agora quasi não são objecto de commercio.

Das plantas textis a primeira é o algodão, de que adiante fallaremos mais desenvolvidamente. Das plantas não cultivadas, unicas de que nos occuparemos aqui, a mais importante é a piassaba, de cujas fibras fazem-se cabos e vassouras ; apparece no commercio em pacotes de 1 metro de extensão. Tambem se exportam fibras de coco. Fazem-se redes da fibra de tucum *(Bactris setosa)*, de tucuman *(Astrocaryum tucuman)*, de mucajá *(Astrocomia sclerocarpa);* estopa para calafetar navios da casca de sapucaia e bacari *(Platonia insignis)*. As numerosas especies de aloes, agave e ananás, como a *Ananassa sativa*, a piteira *(Foucroya gigantea)*, o gravatá branco, dão bellos filamentos, eguaes em bondade aos da juta ; do mesmo modo diversas especies de lianas contêm filamentos muito uteis, e algumas têm na capsulas brilhante seda vegetal,

mas por muito quebradiça não póde preparar-se só. Esta seda tambem se colhe do fructo da barriguda e de uma especie de enchytes do sul do Brasil e da filaça de diversas outras plantas. Merecem tambem menção as fibras da luffa *(Luffa cylindrica)*, originaria da Asia, das quaes se fazem no Brasil meridional chapéos para meninos e mulheres.

Entre as plantas oleosas do Brasil deve notar-se o amendoim *(Arachis hypogaea)*, natural da terra, mas só propagado pela cultura, do qual fallaremos adiante. Entre as palmeiras distinguem-se por suas sementes oleosas: o coqueiro commum *(Cocos nucifera)*; o dendé *(Elaeis guineensis)*, originario da Africa; o indaiá *(Attalea compta)*, o jeribá *(Cocos coronata)*; o baba de boi *(Cocos gommosa)* o coco de quaresma *(Cocos flexuosa)*, e a carnaúba.

Dão tambem fructos oleosos o castanheiro, a andiroba e a mamona *(Ricinus communis)*, espalhada por todo o Brasil, além de outras de menor importancia.

Das drogas colhidas nas mattas brasileiras já foram mencionadas com carecteristicas da Hylaea o cravo, o cumarú, a salsaparrilha, o guaraná e a quina. O primeiro dá tambem na matta da costa; juntam-se-lhes outras como o balsamo de copahiba *(Copaifera officinalis)*, a raiz de ipecacuanha *(Cephaelis ipecacuanha Riel)*, arbusto da classe das chinchonaceas, que vinga principalmente nas mattas do interior; o sudorifico jaborandi, tirado das folhas e raizes do *Philocarpus officinalis*, etc.

As mattas das margens dos rios do interior têm essencialmente o mesmo caracter que os da costa; tambem igualam-nas mais ou menos quanto ás fórmas das plantas; ao contrario distinguem-se muito dellas as ilhas de matto que se elevam nos campos das chapadas do interior. Estas mattas, que no norte se chamam catingas e no sul capões, e que geralmente são mais altas no meio do que nas bordas, pelo que Spruce as considera como restos de *caa eté*, outr'ora continuo, constam geralmente de poucas especies de arvores, entre as quaes o Ficus occupa logar proeminente; tambem têm muito pouco matto baixo, e a vegetação de orchidéas e cipós fica muito á quem da da matta virgem. Nota-se isto

especialmente nas catingas do NE. do Brasil, cujas arvores desfolham durante os mezes quentes, e emquanto as chuvas não começam passam por um somno vernal, com o que emprestam a estas regiões um que de morto e arido, que deu origem ao nome de sertão. Nos capões do sul, que soffrem menos de falta de chuvas, domina a *Araucaria brasiliensis*, que lhes communica aspecto mais fresco e prazenteiro do que as catingas, assim como a verdura vivaz dos campos adjacentes.

Em geral os campos do Brasil têm côr pardacenta, e nelles dominam as relvas duras e emmoitadas dos lençóes ou savanas; apenas em logares especialmente humidos ou de solo excellente o capim é mais curto, mais substancial e mais fechado. Entre as flores que nelles crescem notam-se particularmente as verbennas; mas em geral não ha muitas flôres. As variações nas fórmas vegetaes são produzidas por myrtaceas, vellosias (arvores liliaceas) e cactos de muitas especies.

Quasi todas as provincias do Brasil têm campos, diz Herbert Smith, mas a porção principal delles cobre quasi toda a provincia de Matto Grosso, as provincias de Goyaz, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, grandes zonas das de Pernambuco, Bahia, e Minas Geraes, e pontos do Maranhão, Alagôas, Sergipe, S. Paulo e Paraná. Ha-os ainda, cercados de mattas, ao longo dos tributarios meridionaes do Amazonas, nas vizinhanças deste rio, e para lá delle occupam extensas regiões nas terras altas da Guyana. As campinas do Rio Grande do Sul pertencem antes á região dos pampas meridionaes.

A região dos campos não é inteiramente continua. Em situações favoraveis, nas margens dos rios, cresce matta virgem, e nos logares cuja elevação é consideravel e o solo argilloso, este crescimento é muito elevado, exuberante e luxurioso.

A distincção botanica entre a matta e o campo é limitada; ella inclue todas as especies, mas estende-se sómente a uma parte dos generos e raramente ás familias. Na floresta ha a mesma preponderancia de Myrtaceas, Leguminosas, e de certas outras familias como nos cerrados; alguns generos como o Mimosa, são egualmente bem representados nas duas regiões; e si as palmeiras e os fetos são mais conspicuos na floresta, ou as relvas nos campos, estas destincções firmam-se na propria natureza das plantas, que ou procuram logares humidos e sombrios ou situações abertas. Por outro lado, porém, certos grupos consideraveis são encontrados exclusiva ou preponderantemente em uma ou outra região, e estas distincções nem sempre podem ser explicadas por causas physicas. E' digno de nota que, sempre que a vegetação da floresta chega a crear raizes, a vegetação do campo fica excluida; as arvores da floresta vão crescendo de anno em anno, fazendo constantemente nascer outras e conservando o solo sempre humido e fresco; o humus vegetal vai se formando

gradualmente, embora nunca chegue a ser muito espesso sinão nos terrenos pantanosos, e tornando-se constantemente mais rico, vai de anno em anno ficando mais proprio para as plantas de matta virgem e menos para as do campo. E' egualmente difficil á matta virgem tomar pé no campo sinão estimulada por solo humido e situação favoravel. A semente da matta, plantada nessa areia ardente, ficaria dentro em pouco requeimada, perdendo toda sua vitalidade; precisa de ter humidade e frescura para desenvolver-se. Por isso se observa que estreitas fitas de matta encontram-se frequentemente ao longo das bases dos rochedos, onde o solo é em parte coberto de sombra, ou marginando pequenos lacrymaes, cuja infiltração d'agua conserva o solo sempre humido e fresco. A matta virgem, uma vez alli estabelecida, póde estender-se indefinidamente, porque os braços desdobrados das arvores mais extensas dão sombra ao chão e protegem as sementes e plantas novas. Este desdobramento deve ser necessariamente muito vagaroso, a não ser que o favoreça o solo e a situação.

A vegetação caracteristica dos campos parece ter o seu mais completo desenvolvimento nos chamados *cerrados*. Os cerrados são mais exuberantes nos logares em que o solo é composto de areia solta, mas estendem-se por terrenos pedregosos e até certo ponto por terrenos de argilla. As plantas são principalmente arvores baixas e arbustos formando uma especie de semi-floresta; as arvores acham-se separadas umas das outras, ou crescem em pequenos grupos, entrelaçando mui raramente os seus ramos e fornecendo sombra mui insignificante ainda nas épocas em que a folhagem se acha na maior força de exuberancia. As arvores em geral não têm mais de tres ou quatro metros de altura; são nodosas e tortuosas, com poucos ramos copados, que sahem do tronco a um ou dois metros do chão. A casca é quasi que invariavelmente muito negrosa, fendida e cheia de tuberculos, mas mui raramente espinhosa, de modo que a vegetação só por esta feição apresenta uma face especial. O terreno por baixo e em redor das arvores é em parte coberto de relvas e ervas; as ervas de poucas especies nascendo em tufos, mas nunca formando densos taboleiros; as relvas de muitas especies, mas muito espalhadas... Em geral, como na matta virgem, as differentes especies se acham confundidas; n'um kilometro quadrado de terreno póde-se encontrar cem ou mais especies de arvores. Por vezes, porém, uma particularidade do solo ou do logar favoreceu o desenvolvimento de uma especie unica, a qual então se encontra em consideraveis extensões, com exclusão quasi absoluta de outras. As trepadeiras e epiphytas faltam quasi que completamente, as arvores raramente têm ramos que se entrelaçam, e com pequeno incommodo a gente póde andar a cavallo por quasi todos os logares no campo aberto.

E' nos terrenos, seccos, arenosos e abrigados, nos valles pouco profundos, nos longos declives em direcção do sul, e frequentemente nas orlas das florestas que as arvores dos campos attingem ao seu maior desenvolvimento; são estes os *cerradões*, nos quaes a vegetação tem alguma cousa de verdadeira floresta, attingindo muitas vezes as arvores a consideravel altura de 10 ou mesmo 12 metros; seus troncos são longos e quasi direitos; os ramos tendem em geral para o alto, em vez de se alargarem e os das differentes arvores se entrelaçarem; a casca muito mais lisa. Occasionalmente trepadeiras e epiphytas agarradas ás arvores. Os cerradões, porém, só differem em grão das outras partes da região dos campos. E' verdade que algumas das especies são distinctas; e onde os *cerradões* estão adjacentes a trechos de matta, póde existir uma mescla de forma de floresta; mas estas feições são devidas unicamente ao facto de que certas especies crescem melhor em certas situações. A altura e a tendencia para o alto tornam-se mais notaveis, por que as arvores acham-se mais proximas e não se entrelaçam umas

com as outras; é regra em todas as arvores que o crescimento, interrompido em uma direcção, toma outra.

A variação de gráo ou direcção opposta póde-se observar nas vertentes expostas e nos terrenos aluminosos, que são menos favoraveis á vegetação typica dos campos.

Aqui as arvores tornam-se menores ou mais espalhadas, e as relvas e ervas formam um tapete mais espesso; por vezes as arvores acham-se tão afastadas que o terreno parece todo nú e semelha um parque; mas, mesmo essas arvores espalhadas são, com poucas excepções, das mesmas especies que as que se encontram nos *cerrados*.

Desses campos abertos vai apenas um passo para os *taboleiros descobertos* de Minas Geraes, nos quaes as arvores desappareceram completamente. Devido a alguma particularidade do solo ou do clima, esses campos abertos occupam quasi inteiramente uma larga zona ao oéste da serra do Espinhaço, em Minas Geraes, S. Paulo, Paraná, e outras provincias; mas elles se encontram com maior ou menor extensão em toda a região dos campos. (Herbert Smith, A região dos campos no Brasil. *Rev. Mens. da Secç. da Soc. de Geog. de Lisboa no Brasil, Janeiro e Fevereiro de 1885, pag. 48/55).*

VII

REINO ANIMAL

Quanto á variedade das especies a fauna quasi que não cede á flora. São caracteristicos do paiz os Edentados, de que ha 19 especies ; mas tambem os Passaros e Insectos apresentam muitas particularidades.

Entre os Mammiferos pertencentes á classe dos Quadrumanos, que se distinguem dos do antigo Continente por sua cauda apprehensora, notam-se as guaribas *(Stentor)*, que povoam as mattas do Norte e do Sul em bandos de 40 a 60, mas não se deixam domesticar e fogem do homem. Seu alto berro em fórma de coro interrompe frequentemente o silencio da matta e é caracteristico. Ha 10 especies de *Stentores* no Brasil, geralmente de cor vermelha ou bruna e que se distinguem pela barba, pelo que o povo tambem os chama barbados. Os *Ateles* existem sómente na zona tropical ; entre elles nota-se o Coatá, de quasi 1 metro de altura, muito astuto, que os Indios do Amazonas amansam frequentemente. Tambem o genero *Lagothrix* de que se conhecem tres especies, só é indigena no Norte ; o *Cebus*, de que se conhecem 7 a 8 especies pelo menos, existe em todas as partes do paiz. Este genero, a que os Brasileiros chamam macaco, mico ou tambem sahy, é o mais comico de todos os do Brasil, e por isso muito amansado e exportado para a Europa, onde se encontra em quasi todos os jardins zoologicos e menagèries. O *Cebus capucinus*, que se encontra no Brasil medio, e o *Cebus fatuellus* que habita as mattas do Sul, são tambem muito exportados. Classe particular formam os mimosos *Hapales*, que só existem no Norte, entre os quaes é o mais commum o sagui *(Jacchus vulgaris)*, animalsinho de 20 a 30 centimetros de tamanho. O mais bello, embora antes mimoso de que engraçado, representante desta especie é o *Hapale rosalia L*, de côr vermelho-amarellada, que habita as mattas do NE., e por

muito delicado raras vezes chega a Europa. Contam-se umas 14 especies de *Hapale* no Brasil ; mas a este respeito, como aliás a respeito da fauna do Brasil em geral, não se pódem considerar ainda como terminadas as investigações.

« Na grande ordem dos Simios são bem conhecidas quasi 50 especies, algumas das quaes se recommendam pela attitude graciosa de seu corpo, pela formosa agilidade de seus movimentos. A este respeito os pequedos simios do Brasil levam vantagem aos seus irmãos do antigo continente, que entretanto os excedem no avolumado do corpo. Pertencem todos á sub-ordem dos Platyrrhinios ; vivem sobre as arvores, para onde trepam e saltam com grande destreza, servindo-se de sua cauda flexivel como si fôra uma quinta pata. Têm o corpo longo e delgado ; dedos e artelhos munidos de unhas chatas ou convexas, de polleg r quasi sempre atrophiado ; não têm abajoues nem callosidades nas nadegas. Quasi todos têm 36 dentes, sendo 6 mollares em cada um dos maxillares... A maior parte dos Simios habitam as regiões do Norte do Brasil, e especialmente a bacia do Amazonas. O Sul do Imperio conta apenas 8 a 12 especies. » (Wappaes, *Geog. phys. do Brazil*, p 263/264.

A ordem dos Cheiropteros é numerosamente representada, principalmente o genero dos *Phylostoma*, na qual destaca-se pelo tamanho o vampyro *(Phylostoma Spectrum)*, de que se conhecem nada menos de 24 especies espalhadas por todo o paiz: seu comprimento é de cerca de 14 centimetros, e mede entre as pontes das azas 50 centimetros. E' muito perigoso para os animaes, porque morde-os em logares como a espadua, de que não pode facilmente ser afastado com a cauda nem com a cabeça ou os pés, e ahi bebe o sangue até se fartar.

E' gr ande praga especialmente nos districtos creadores onde enfraquece extraordinariamente o gado com as sucções repetidas. A gente elle ataca mais raramente, porque póde espantal-o com mais facilidade ; pelo menos ao autor, durante os largos annos que residiu no Brasil, não constou nem um caso destes. Excepto o vampyro, a existencia de tantos morcegos só póde ser util em uma terra tão rica de insectos nocivos, pois concorrem muito para exterminal-os.

Os maiores Carniceiros do Brasil pertencem á familia dos Felinos. Existe a onça ou jaguar *(Felix onça)*, de que ha duas variedades em todo o paiz, a pintada e a preta ; produz muitos estragos entre os animaes uteis, porém para o homem não é tão perigosa como o tigre real do velho mundo.

Tambem o leão indigena sem juba, o puma ou sussuarana, *(Felix concolor)* não se póde comparar com os leões do velho mundo ; é mofino e só faz mal a animaes pequenos. Entre os Indios ás vezes se encontra amansado. Além destas duas especies maiores, ha outras menores.

O genero *Canis* é representado por duas especies: o guará *(Canis jubatus)*, chamado tambem cachorro do matto, e mesmo lobo, embora só no aspecto lembre este ; aliás mofino e arisco, alimentando-se apenas de animaesinhos e fructos, e a rapoza *(Canis brasiliensis)*, chacal egualmente poltrão e arisco.

Das martas contam-se duas especies : o papamel ou irara *(Mustella*, ou melhor *Galictis barbara)*, e o cachorrinho do matto (*M. ou G. vittata*). Ha ainda outra especie que vive no campo, semelhante ao texugo *(Icticyon venaticus, Lund)*, e a jaguaritaca *(Mephitis suffocans)*, de muito bonita pelle que apparece no commercio. Este animal escapa facilmente á perseguição por meio de um liquido que secreta e despede contra os que lhe vão ao encalço, e cujo cheiro de nem-um modo póde tirar-se das roupas.

Muito numerosa nos grandes arroios e rios é a lontra *(Lutra brasiliensis)*, maior que a allemã, porém no mais com a mesma fórma. Animal especial é o guaxinim *(Procyon cancrivorus)*, do tamanho da raposa e pertencente ao grupo dos plantigrados e omnivoros, pois nutre-se não só de carangueijos e pequenos mamiferos como de fructos. Habita especialmente os mangues da costa septentrional, e tem a particularidade de lavar o sangue da carne dos animaes que péga antes de devoral-a. E' muito maior que seu congenere norte-americano, porém semelhante a elle. Alliado a este, porque tambem pertence aos omnivoros, é o coati que se encontra em bandos de 15 a 30, tanto nas mattas do Norte, como nas do Sul, e muitas vezes entra pelas roças onde causa grandes estragos, pelo que é muito perseguido. A carne é gostosa, a pelle apparece no commercio, mas não tem grande valor. Divide-se em duas especies : o coati mundéo *(Nasua solitaria)*, e o coati-mirim ou de bando *(Nasua socialis)*, que é menor. Hensel considerava aquelles como machos da segunda especie, que viviam isolados, porque tinha encontrado

só individuos masculinos ; modernamente, porém, von Ihering demonstrou a existencia de femeas da mesma especie, que se distinguem essencialmente das da *Nasua socialis* pela maneira de vida, e estructura do craneo e dos dentes.

Numerosamente representada é a ordem dos Roedores, na qual se encontra o maior roedor conhecido, a capivara *(Hydrochoerus capibara)*, que attinge ao comprimento de 1^m a 1,33, e vive ora só,ora em manadas nas aguas do Norte e do Sul, e ás vezes faz grandes estragos nas roças proximas aos rios, pelo que são muito perseguidas. Sua carne tem o gosto de azeite de peixe e é desagradavel, mas a pelle dá um couro muito procurado. Carne excellente fornece, porém, a paca *(Coelogenis)*, animal estupido, espalhado por todo o Brasil, que vive em cerrados humidos e de que se conhecem duas especies. Semelhante a ella em modo de vida é a cutia *(Dasyprocta aguti)*, que tambem existe em todas as partes do territorio. De porquinhos da India ha seis especies,sendo a mais espalhada a do lindo e esquivo preá *(Cavia aperea)*. Ha tambem uma especie de coelho *(Lepus brasiensis)*, o qual, porém, não é tão grande, nem tão gostoso nem tão frequente como a lebre da Europa. O esquilo brasileiro ou caxinguelê *(Sciurus aestuans, Lin)* não se compara em belleza nem em tamanho com os europeus. Os ratos e camondongos communs, si bem que differentes dos da Europa, foram na opinião de Burmeister importados do velho mundo e não são menos numerosos aqui do que ali ; ha tambem especies indigenas que se conhecem pela construcção dos dentes molares. Merecem menção os singulares ratos de espinho, que em logar de pello têm espinhos nas costas e edificam parte em arvores, parte em buracos no chão. Particulares são tambem os muriformes de cauda apprehensora chamados cuandú *(Hystrix insidiosus)*, animaes preguiçosos e lerdos, que tiram fructos nas arvores, em que a modo de macacos servem-se das caudas para mover-se.

O Brasil possue tambem muitas especies de Marsupios, chamados gambá, que são de forma semelhantes aos ratos e perseguem a creação de penna. Ha muito quem coma-lhe a carne.

Da ordem dos Ruminantes apenas os cervos são indigenas : o boi, o carneiro e a cabra foram introduzidos. Dis-

tinguem-se duas especies legitimas de veado e duas de capreolos. O veado galheiro *(Cervus paludosus)* tem o tamanho do cervo nobre da Allemanha e apparece no terreno inundavel de todos os grandes rios; o veado campeiro, muito menor *(Cervus campestris)*, ao contrario só apparece nos campos. As duas outras especies, *Cervus nemorivagus* e *C. rufus*, são cabritos, eguaes em tamanho aos da Europa, e de carne menos saborosa.

A ordem dos Pachidermes é representada pelo tapir e duas especies de porcos bravios. O tapir ou anta *(Tapirus americanus)* é o maior dos mammiferos indigenas, embora não exceda em comprimento nem em grossura a um porco de raça ingleza desenvolvido. No couro extraordinariamente duro traz um pelagio macio, que nos tapires novos é escuro, striado de branco e nos velhos uniformemente bruno, quasi preto; tambem tem um focinho extraordinariamente movel, pelo que ha quem o chame o elephante sul-americano; pernas reforçadas, com quatro dedos nos pés dianteiros e tres nos de traz, com os quaes se defende quando perseguido; vive nas mais densas mattas virgens, de fructos, tuberculos e plantas tenras, é manso, e, a menos que não o irritem, nunca ataca outros animaes ou o homem; entende-se com outros individuos de sua especie por meio de um som fraco, sibilante, e quando o perseguem mette-se pela agua onde procura a nado escapar aos que o atacam. O tapir novo tem carne succulenta e gostosa; a do tapir velho, exceptuada a proeminencia da nuca e o focinho, é coriacea e fibrosa, pelo que este animal só é perseguido por causa do couro, que fornece excellente material para a correia impulsora das machinas. Quando pegado novo, o tapir deixa-se facilmente amansar; mas não ha exemplo de se ter reproduzido em estado domestico.

Os dois porcos do matto, um menor chamado caitetu *(Dicotyles labiatus,)*, outro maior, chamado queixo branco *(Dicotyles torquatus)*, que como o tapir estende-se por toda a zona da matta e existe até além dos limites do Brasil, são eguaes aos javalis europeus em conformação e modo de vida, porém menores que estes, e trazem nas costas uma glandula gordurenta. Vivem nas matta, em varas de 50 a 60, e são o mais importante objecto das caçadas dos Brasileiros, que

apreciam-lhes muito a carne; os que foram pegados novos, amansam com facilidade e associam-se aos porcos domesticos. Fazem ás vezes grandes estragos nas plantações.

Já se alludiu acima á ordem dos Edentados, tão caracteristica para o Brasil. A ella pertencem a preguiça, o tatú e o tamanduá. A preguiça apparece em duas especies *(Bradypus torquatus* e *Bradypus tridactylus)*, embora não em grande quantidade, porque reproduzem-se muito de vagar. São animaes lerdos, estupidos e grosseiros, com os pés de diante compridos e os de traz curtos e ventas chatas, que habitam as mattas mais solitarias e ali vivem no arvoredo de fructos e folhas, principalmente dos rebentos da imbauva, e por vezes soltam um grito prolongado, que sôa como as vogaes A, I, pelo que os Indios chamam este animal *Aî*. Mais frequente que este é o tatú, animal inoffensivo, que vive em buracos, sustentando-se de formigas, termitos, e larvas de cascudos, o qual tem uma couraça cornea, e graças á fortes unhas esconde-se com rapidez admiravel nas covas que consegue abrir com ellas. A carne do tatù ordinario é muito saborosa, pelo que é muito caçado, principalmente nos logares em que aproveitam o excellente e indestructivel material de seu casco para cestas de costuras etc. Burmeister distinguiu 6 especies, entre as quaes o tatú canastra *(Dasypus gigas)*, que vive no Brasil médio e é quasi egual a um porco de tamanho regular. A especie mais espalhada é o *Dasypus longicaudus*, pouco mais ou menos do tamanho de um coelho. Extraordinariamente uteis para um paiz tão rico de formigas são o tamanduás de que ha tres especies: o tamanduá-bandeira *(Mymercophaga jubata)*, comprido, munido de garras agudas e assignalado por uma pelle debruada; o tamanduá-cavallo (*Mymercophaga tetradactyla*), e o tamanduá-mirim (*M. didactyla*), que é bastante raro. Emquanto a primeira especie apenas persegue as formigas no chão e rebenta-lhes as moradas duras muitas vezes como pedras com as garras agudas para lamber os bichinhos com sua redonda lingua movel, as outras duas especies, que são munidas de caudas apprehensoras, trepam para as arvores e ali dão caça áquelles terriveis inimigos da vegetação.

Finalmente devem ainda ser mencionados os Cetaceos que vivem nas costas do Brasil e nas aguas da bacia do Amazonas, de que, no sentir de Agassiz, constituem feição caracteristica. Isto é exacto principalmente do manati ou peixe boi (*Manatus americanus*), e de um golphinho d'agua doce chamado boto (*Delphinus amazonicus*). O primeiro que é muito tosco e informe, e tem a cabeça pequena terminando em belfas carnudas, semelhantes a focinho de vacca, mede 5 a 7 metros de extensão e pesa 400 kilos.

Sustenta-se da relva macia das margens, nada muito depressa auxiliado pela cauda e pelas barbatanas e, apezar de possuir pouco desenvolvidos os orgãos da vista e do ouvido, tem sentidos muito aperfeiçoados, de sorte que difficilmente e com grande astucia pode ser pegado. A femea em geral só pare um filho de cada vez, que accommoda nas barbatanas para amamentar. Este peixe é morto ou a arpoadas ou por meio de uma estaca de madeira que lhe introduzem na fossas nasaes. Wallace calcula que cada um dá na média 20 a 25 galões do azeite. A carne passa por muito saborosa. O boto vive no Amazonas até adiante de Tabatinga em grandes manadas, e representa papel importante na poesia popular daquella terra; é, porém, menos util que o peixe-boi; vive de peixinhos e fructos que cáem na agua. Além desta, segundo Agassiz, ha mais tres especies de golphinhos no rio das Amazonas. Outr'ora havia muitas baleias nas costas brasileiras, mas seu numero tem decrescido muito por causa das perseguições prolongadas; porém tanto mais atuns animam as aguas da costa, principalmente nas barras dos rios.

Em riqueza de fauna ornithologica parece o Brasil exceder a todos os paizes da terra. Só a ordem dos Rapaces apresenta 23 especies de falcões, 8 de corujas e 2 de abutres, entre os quaes o urubù *(Catharthes)*, que vive em grande quantidade por todo o paiz, e até apparece pelas ruas das cidades, para limpal-as dos restos de carniça, qualidade util, a que deve nunca ser perseguido. E' tambem muito util uma especie de coruja *(Strix cunicularia)*, que se esconde nos campos pelos buracos, dando caça aos bichinhos.

Muito numerosa é a ordem dos Passaros, aves munidas do apparelho muscular de canto, que Burmeister divide em 185 especies de *Tracheophonos*, 82 de *Strissores* e 133 de *Canores*. Apezar deste grande numero, poucos são relativamente os cantores entre os passaros brasileiros, e nem-um ha que se possa medir com o rouxinol da Europa. Os que mais harmoniosamente cantam são o sabiá, tordo brasileiro de que ha varias especies, a patatiba, o tico-tico, o papa-arroz, o cardeal, que pertence ao genero dos tentilhões, a carauna, *(Icterus)*, diversas especies de Cassicus, chamados japús, e o variegado gaturamo da familia das Euphonidas. Tambem cantam algumas especies de pinta-roxo e garrichas; mas, como já dissemos, fica muito aquem o canto das aves do Brasil do das aves da Europa.

Os Tangarás *(Tanagridas)* de bella plumagem, cujo despojo constitue importante artigo de commercio, quasi não cantam. Entre os gritadores é caracteristico o pavão bravo ou pavô *(Coracina scutatata)*, cuja voz rouca e secca ouve-se ao longe nas mattas quando o sol se põe; e a araponga, tambem chamada ferrador *(Ampelis nudicollis)*, passaro branco, do tamanho de um tordo, de barba azul, que é muito esquivo e em geral escolhe para pouso o topo das palmeiras, d'onde desprende sons penetrantes, que ora semelham as badaladas de um sino, ora o martelar e limar de uma fundição.

A ordem dos Columbinos é representada por muitas especies de pombos, cujos sons meigos sôam a cada hora do dia na matta. Os queruás azul-celeste, os gentis manaquins, o João de barro do campo, que construe ninhos de barro mui artisticos, assim como a maior parte dos Scansores podem egualmente incluir-se na subdivisão dos Tracheophonos. Quão grande é a falta de passaros cantadores proprios no Brasil resulta do facto que quasi todos os passaros engaiolados que se encontram são especies estrangeiras, como canarios, pintasilgos e fradinhos.

Entre os Scansores brasileiros formam os papagaios a familia principal, que se subdivide em não menos de 47 especies de cauda curta e 38 de cauda longa (Psittacinos), entre os quaes os maiores são as araras, que vivem nas partes

equatoriaes, a vermelha aracanga *(Macrocercus macao L)*, a azul araraúna *(Macrocercus arauna L)* e o *Macrocercus hyacintinus*: são todos muito exportados e formam o ornato dos jardins zoologicos da Europa. Existe egualmente uma especie de arara pequena, verde, de cabeça vermelha, costas amarellas e forte bico preto, a qual está espalhada por todo o Brasil até o Rio Grande do Sul, onde é conhecida pelo nome de serrano *(Macrocercus Illigeri)*. Os papagaios do Amazonas são os que se exportam e domesticam com maior frequencia, porque são os que melhor aprendem a fallar e se acostumam facilmente ao commercio com o homem. Ha entre elles muitissimas variedades, cujas causas são variamente explicadas pelos naturalistas. Si, como assegura Wallace, fôr exacto que os Indios mudam a côr das pennas de uma especie de papagaio, a *Chrysotis festiva*, alimentando-os com gordura de siluro, é possivel que a origem de muitas especies possa reduzir-se a este processo artificial. De resto, Wallace affirma que a mudança artificial de plumagem tambem se dá a respeito de outros passaros. Elle achou, por exemplo, entre os Indios do Uaupés, e servindo de ornato para a cabeça, pennas da cobertura da aracanga que não possuiam mais sua côr natural, porque os Indios haviam-n'a modificado artificialmente. Wallace descreve esta operação da seguinte maneira: « Arrancam as pennas que desejam mudar, e inserem nas feridas frescas a secreção lactea da pelle de uma rã ou de um sapinho. As pennas que nascem depois são magnificamente amarellas ou alaranjadas, sem mistura de azul ou verde, que é a côr natural do passaro. Sendo então novamente depennados, diz-se que nascem pennas da mesma côr, sem que se repita a operação. »

Do mesmo modo que se importam muitos passaros cantores no Brasil, importam-se egualmente muitas especies de papagaios. Nos portos da Bahia e Rio de Janeiro quasi que se vêm mais especies africanas do que nacionaes.

Pertencem ainda á ordem dos Scansores os tucanos, que se assignalam pelo bico longo e forte e pelas pennas dos encontros de bella côr vermelha misturada de amarello, muitas especies de picapáos, anuns e barbudos (*Bucconinas*), os quaes estão espalhados por todo o paiz. Estes vivem de insectos,

aninham-se em buracos e são muito estupidos e fleugmaticos, pelo que o povo os chama tambem *João doido*.

A' ordem numerosissima dos Insessores pertence o variegado beija-flôr, assim chamado porque no vôo introduz a lingua afilada no calix das flôres, para tirar os insectos ali escondidos e de que se alimenta. Burmeister distingue 20 especies, das quaes quatro ou cinco apenas estão espalhadas por todo o territorio, ao passo que as outras pertencem ás regiões intertropicaes. As duas especies mais bellas são o *Trochillus moschitus* e *Trochillus rubineus*. Cypselidos, Caprimulgidos, (mãe da lua, bacurão, criangú), Halcedinidas (martim pescador), Prionitides apparecem em todo o paiz.

A ordem dos Gallinaceos é ricamente representada pela familia dos jacús (Penelopidas), caça procurada e muito gostosa da matta, do tamanho e figura do faisão ; pela inhambú, ivó e zebelé, perdiz e codornis, ambas pertencentes ao genero Timanus, pela capueiro *(Odontophanus)* e pelo mutum *(Crax)*, que se póde domesticar e é notavel tanto pela carne saborosa como pelas bellas pennas pretas.

A ordem dos Corredores é representada pela ema ou nhandu, *(Rhea americana)*, que está distribuida por toda a zona dos campos, onde, do mesmo modo que a avestrús africana, vive em pequenos grupos e se alimenta de fructos, insectos e pequenos amphibios. As pennas da cauda são exportadas ; mas cedem em bondade ás de sua congenere africana.

Da ordem dos Pernaltos são especialmente notaveis o vermelho guará *(Ibis rubra)*, que habita o Norte, o roseo colhereiro ou ayaya *(Platalea ayaja)*, o tuyuyu *(Tantalus loculator)*, a curicaca *(Ibis albicollis)*, uma cegonha muito grande, que no Norte chama-se jabiru e no Sul joão grande *(Micteria americana)*, o quero-quero *(Vanellus cayannensis)*, assim chamado por causa do seu grito, uma narceja *(Scolopax frenata)*, a saracura *(Aramides)*, a jaçanan *(Parra jaçana Burmeister)*, o chaia *(Parra chavaria, Burm.)*, e numerosos patos, cysnes *(Cygnus nigricollis)*, gansos, principalmente o *Anser jubatus*, frequente no Amazonas, pellicanos commummente chamados grapirá *(Tachypetes aquilus)*, o mergulhão, conhecido com o nome de biguá *(Plotus anhinga)*, gaivotas *(Larus)* e *sterna*.

A classe dos amphibios é muita rica, tanto em especies uteis como nocivas. Util é, por exemplo, a tartaruga grande (*Emys amazonica* Spix), que não é rara no Amazonas e seus affluentes. Attinge ao comprimento de 1m,3 do focinho á ponta da cauda, dá 4 a 5 kilos de carne muito saborosa, e fornece nos ovos a preciosa manteiga, que outr'ora foi importante artigo de exportação e agora tem diminuido, porque vae minguando o numero de tartarugas, depois de começada a navegação a vapor. Na região amazonica ha outras especies menores, e uma chamada jaboty (*Testudo tabulata*), apparece em quasi todos os rios do Brasil. Fica, porém, atrás em utilidade á primeira especie, e cede tambem á tartaruga do mar (*Carreta esculenta*) que, nos mezes de verão arriba ás costas do Brasil tropical para depôr os ovos na areia das dunas, occasião em que geralmente a matam; fornece alem de boa carne excellente casco.

O jacaré apparece em todos os grandes rios. Distinguem-se 9 especies, das quaes é a maior o jacaré-guassú (*Caiman niger Spix*), que só apparece na zona tropical, especialmente no rio Amazonas, onde conserva-se na proximidade dos estabelecimentos em bandos de 50 a 60 individuos e muitas vezes torna-se perigoso para os homens e animaes demesticos. Mede 2 a 4 metros de comprimento, e até diz-se que têm sido mortos individuos de 7 metros. Sua pelle recentemente tem sido exportada; a gordura é aproveitada para diversos misteres, e certas tribus de Indios comem-lhe a carne.

Mui numerosos tambem são os lagartos trepadores, que vivem em arvores como os cameleões, assim chamados por causa de sua mudança de côr, os grosseiros mabuias, e os lagartos corredores, especialmente o teju-assú, que attinge um metro de comprimento, e o grande iguana verde, ambos grandes inimigos de gallinheiros, motivo por que e tambem por terem carne saborosa os perseguem muito.

A ordem das Serpentes é representada por grande quantidade de especies venenosas e innocuas. A estas pertence a giboia (*Boa constrictor*), que vive nos sertões intertropicaes, attinge ao comprimento de oito a dez metros, com a grossura de uma perna de homem, e alimenta-se de pequenos mammiferos: não é perigosa para o homem, que mata-a facilmente a

cacete. Outra especie ainda maior, que se alimenta como a giboia e não tem tambem veneno, é a sucuriù *(Boa aquatica)*, que vive quasi sempre na agua, e apparece no Brasil medio, até ao Paraguay. Bellas especies não venenosas são a caninana *(Coluber poecillostoma)*, a sipó, verde-claro *(Coluber bicarinatus)*, que ás vezes se vê pendente das arvores á maneira de lianas, a colorida cobra coral *(Coluber formosus)*. Entre as especies venenosas conta-se a cascavel *(Crotalus horridus)*, que vive entre pedras, a surucucú *(Crotalus mutus)*, que vive nas mattas humidas, semelhante de fórma e tamanho (cerca de oito pés, quando desenvolvida), mas sem chocalho ; a jararaca *(Cophias jararaca New-Wied)*, espalhada por todo o territorio, assim como algumas especies menores de Botrops. Em geral as especies peçonhentas são muito preguiçosas e não atacam ao homem sem serem excitadas, motivo por que as mordidas pouco mais frequentes são que na Europa.

As especies mais peculiares de Batraceos que existem no Brasil são as rãs que vivem sobre arvores, a *Hyla crepitans*, cuja voz se assemelha ao estalar da madeira, o juiponga *(Hypsiboas boans Burm.)*, cujo som se assemelha ao de timbale, a rã de carcassa *(Rana scutata Spix)*, os sapos cornudos *(Ceratophrys)*, o genero Pipa, que carrega os filhos nas costas e os cutagoàs, especie de Hyla, cujo grito se assemelha ao de um menino que chora. Deve-se tambem mencionar como muito notavel um ichtiodo conhecido sob a denominação de *Caramurù*, *(Lepidosiren paradoxa Natt)* que attinge ao comprimento de um pé e apparece nas aguas do Amazonas.

A classe dos Peixes é representada por milhares de especies, que só parcialmente têm sido descriptas por zoologos, como Martius, Castelnau, Wallace, Agassis e outros. São em grande parte Salmonides, Silurides e Labroides. Martius dá como o mais frequente nos rios e lagos do Norte do Brasil a piranha *(Serrasalmo piranha Spix)*, peixe de dente, de 10 a 12 pollegadas de comprimento, que, segundo diz-se, ataca e morde os homens e animaes que entram n'agua em tanta quantidade que em poucos minutos os reduzem a esqueletos.

O conde de Castelnau especialmente descreve de maneira muito drastica o quanto a piranha é perigosa; entretanto outros viajantes e investigadores opinam que elle exagerou muito, e Wallace na descripção de sua viagem quasi não menciona a piranha.

Na mesma obra chama, porém, a attenção para os muitos peixes uteis e saborosos da parte da bacia amazonica por elle percorrida. Falla, por exemplo, do bello pirahibi, que pesa 10 a 15 kilos, da deliciosa pirahyba ou lalau, de côr branca, do pirinambu, etc., e diz: « muitos dos peixes têm gosto muito delicado e excedem quantos provei na Inglaterra; algumas especies têm verdadeira gordura que transforma em molho agradavel a agua em que são cozidas. » Destes peixes saborosos apparecem algumas especies na mór parte dos rios brasileiros, até nas partes mais meridianaes, como a cabeçuda pirarara, o largo dourado de escamas aureas, que chega ao peso de 9 a 12 kilos e tem bella carne rija, e a trahyra etc. Levaria muito longe si quizessemos nomear as especies que com mais frequencia se encontram nos mercados brasileiros; apenas nomearemos duas especies caracteristicas da região amazonica: são o poraqué *(Gymnotus electricus)*, tambem descripto por Humboldt e Sachs, que com descargas electricas entorpece os homens e animaes que se lhe approximam, e o pirarucu *(Vastres Gigas Cast)*, peixe de escamas oureladas de vermelho, que attinge ao comprimento de 2 a 3 metros e ao peso de 70 a 100 kilos. A carne do poraqué é pouco comida, mas a do pirarucu constitue alimento fundamental para os habitantes do valle do Amazonas, e preparado como bacalhão nas feitorias (piratyba, na lingua geral), e secco é exportado para a costa, onde é procurado pela população pobre.

A pescaria no Amazonas é feita principalmente por Indios, que neste mister mostram muita pericia. Servem-se para isto ora do anzol e nassa, ora das raizes venenosas de uma trepadeira chamada timbó, que picam e atiram á agua, depois do que os peixes que nadam ao alcance vêm tontos á superficie e podem ser pegados á mão.

« Uma particularidade digna de nota em relação aos peixes deste paiz diz respeito á natureza de sua alimentação, no que vai um contraste

quasi absoluto em facto analogo no continente asiatico. A Asia, que é uma das regiões mais ricas em animaes ferozes, muitos dos quaes habitam as zonas ribeirinhas, tem na classe dos peixes fluviaes representantes em geral adontes, e que se nutrem exclusivamente de substancias vegetaes. A America tropical, e nella o Brasil, tão pobre em animaes ferozes, não tem sinão raros representantes herbivoros da classe dos peixes. E' cousa sabida que os habitos carnivoros de alguns dos seus peixes fluviaes são ás vezes tão exagerados, que se tem visto massas consideraveis de piranhas atacarem os animaes domesticos, como sejam cavallos e bois e mesmo o homem, quando, por qualquer circumstancias, se achem nos rios em que existem tão ferozes e sanguinarios Salmoniades. Neste sentido póde-se affirmar que os Mammaes representam no Brasil um grupo de fórmas completamente heterogeneas.

« Este facto lembra outro egualmente interessante: sendo o Brasil um dos paizes em que mais abunda o grupo dos animaes de facil locomoção, como sejam as aves, não existem propriamente aves chamadas de passagem, aves que emigram. Ao contrario, é para notar que a locomoção periodica e por bandos é facto caracteristico nos é peixes de agua doce. (Wappaeus, *Geogr. phys,. pags. 355 356).*

Caracteristica da fauna entomologica do Brasil é a circumstancia que aqui ha muito mais especies plantiforas do que carnivoras, ao contrario da Europa. Isto nota-se principalmente nos Coleopteros, entre os quaes se encontram os typos de cores mais bellas, apropriados para quaesquer objectos de ornatos. Assignalam-se tambem os brunos *Elateridas*, que durante os mezes mais quentes zumbem em quantidades enormes pelo ar, e com a phosphorescencia que espalham emprestam encanto peregrino ao negrume da noite. Tambem a jequiranaboia *(Fulgora laternaria* L.), o grande e esplendido *Cerambix longimanus* e o *Hercules*, que com a couraça attinge ao comprimento de 12 c., são naturaes do Brasil.

Entre os Orthopteros ha uma especie chamada barata *(Blatta orientalis)*, que attrahe a attenção dos estrangeiros, embora não de modo agradavel, pois quasi não ha casa em que não se encontre, e não só produz grande estrago nas victualhas, livros, etc., como róe tambem as pessoas que estão dormindo. Exquisitos são os Phasmodeos, que alcançam o comprimento de seis pollegadas; ha tambem Locustinos, geralmente chamados gafanhotos, que, procedentes dos pampas argentinos, por vezes devastam as provincias meridionaes. Caracteristicas dos campos são as cigarras numerosas, que nas tranquillas tardes mornas com o seu canto claro parecem querer afogar o concerto das rãs.

Da ordem dos Nevropteros é de assignalar a formiga branca ou termita, chamada cupim, que construe seus duros ninhos artisticos, ora em arvores, ora debaixo da terra e é essencialmente voraz. Nos campos encontram-se por vezes bolas de um a dous metros de altura, duras como pedra, que são levantadas por estes bichinhos. Excepto vidro e metal, devoram estas termitas quanto encontram; mesmo os troncos mais duros arrancados pelos ventos não ficam isentos.

Entre os Hymenopteros ha outras numerosas especies de formigas que estão espalhadas por todo o territorio, mas principalmente na matta, e que difficultam extraordinariamente o trabalho dos lavradores com suas devastações. Nomearemos apenas as grandes e escuras saúvas *(Formica cephalotes* L.*)*, que desfolham as plantas das fazendas, principalmente o cafeeiro e a laranjeira, com extraordinaria rapidez e levam as folhas para suas vastas moradas subterraneas. Tambem penetram nas casas e carregam os viveres que podem alcançar. A observação de suas longas columnas migratorias dá facilmente a conhecer a intelligencia de que estes animaes são dotados. Si alguem lhes embaraça o caminho, a noticia propaga-se com rapidez extraordinaria pelas fileiras, e o obstaculo ou é ladeado ou afastado pelas forças reunidas. O autor deste livro viu uma vez uma tropa destas formigas que atravessava um forte corrego por meio de um galho de arvore. Tirando o galho, as formigas passaram a correr inquietas á roda, á procura de outra passagem; não a encontrando, porém, construiram com o auxilio das folhas que traziam e de gravetos que procuraram, uma ponte que, depois de muitos esforços vãos, afinal ficou completa e durou bastante para que todo o exercito pudesse passar para o outro lado.

De resto as formigas são escravistas e é interessantissimo observar com que severidade e geito sabem conservar os escravos no trabalho. O naturalista inglez Bates observou que ellas têm tres especies de trabalhadores, uma maior, outra menor e outra que só trabalha nas galerias subterraneas. Os grossos abdomens das femeas das saúvas são comidos pelos Indios como regalo. Antes julgava-se

inteiramente baldada a luta contra as formigas e succedia frequentemente que o lavrador, quando suas roças eram atacadas, deixava-as em abandono para se estabelecer em outro logar da matta. Isto nunca faziam os colonos allemães, antes aceitavam o combate contra estes encarniçados inimigos de suas lavouras, procurando os ninhos subterraneos e despejando em cima agua fervendo. Actualmente empregam o sulfureto de carbono, ou formicida, que se introduz nas galerias subterraneas e em geral aniquila todos os habitantes. Muito notaveis pela fórma são as 10 especies de *Eciton*, descriptas por Bates, que sahem todas a prear e não só procuram e apanham aranhas, lagartas e larvas de Coleopteros, como tambem atacam os ninhos de outras formigas do genero *Formica*. Muito incommodas são as numerosas especies de vespas, principalmente os maribondos pretos, que em grandes bandos atacam no matto o caçador desprevenido e podem dar-lhe a morte com suas ferroadas. Numerosas são as abelhas indigenas, que produzem mel muito saboroso, o qual, porém, póde ser nocivo á saude. A cêra tem muitas vezes odôr balsamico. Depois da introducção das abelhas européas, tem se experimentado que as indigenas cada vez se retrahem mais das raias da apicultura e abandonam o campo aos invasores.

Tão rica em côres como em especies é a classe dos Leptidopteros, que aqui não é possivel aprofundar. Os exemplares mais caracteristicos são entretanto os Troyanos, o Morpho grande, azul-espelhante, que em bandos erradios esvoaça á luz do sol em roda da corôa das arvores, e o Atlas, a maior de todas as borboletas conhecidas. Ha tambem diversas especies de Bombyx, que ainda não são aproveitadas ; ultimamente tem se introduzido o legitimo bicho de seda *(Bombyx-mori)* em alguns pontos do paiz.

Verdadeira praga são os mosquitos (Dipteros), principalmente o carapaná *(Culex amazonicus Spix)*, que atormenta o homem menos ainda com as ferroadas do que com o zumbido insupportavel á noite. Apparece principalmente nos rios da região intertropical e logares ribeirinhos. Nas partes situadas mais alto do sul do Brasil, onde existem bastantes colonias allemãs, os mosquitos pouco mais incommodam que

as moscas na Allemanha durante o verão. Ahi, pelo menos, a gente não se vê obrigada a proteger-se contra as dentadas deste importuno nocturno por meio de mosquiteiros e fricções. Além dos mosquitos, são ainda muito incommodos a mutuca e uma especie de Cuterebra. Esta dá uma picada muito aguda e depõe um ovo na ferida, do qual se desenvolve uma larva branca, dura, que cresce muito depressa debaixo da pelle e só póde extrahir-se com grande dôr. Muitos animaes procedem destas larvas, que crescem mais de uma pollegada, si a pessoa não se precavê antes contra elles.

Mão presente da natureza é o bicho do pé *(Pulex penetrans)*, que se mette pelas garras dos animaes e por baixo das unhas dos pés do homem, e ahi deposita ovos de que se desenvolvem larvas, d'onde resulta ligeira inflammação, que facilita a entrada a outros bichos. E' preciso abrir com agulha o abcesso que d'ahi resulta para tirar o animal vesiculoso, do que se segue rapida cura da ferida. De resto, parece que todos os homens não estão egualmente expostos ao ataque dos bichos do pé. O autor deste livro, por exemplo, durante a residencia de doze annos no Brasil, nem uma só vez foi perseguido por esta praga, e poucas vezes observou-a em outros. Os animaes victimas della difficilmente se livram. Em geral são mais perseguidos por insectos do que o homem, o que não se entende só do bicho de pé, mas tambem dos mosquitos, das moscas, das vespas, do bicho da perna *(Cuterebra)*, e da pulga commum *(Pulex irritans)*, a qual, embora introduzida pelos colonos na America do Sul, apparece aqui em quantidade espantosa e é outra praga. De passagem póde mencionar-se ainda o piolho *(Pendiculus capitis)*, outr'ora mui raro entre os Indios, porém agora muito commum depois da introducção dos escravos negros. Affirmam os Brasileiros que estes animaes mudam de côr, conforme a raça do homem; mas esta affirmação carece de fundamento scientifico.

Muito incommodos são egualmente os carrapatos *(Acarus)*, que vivem nas folhas do matto e d'ahi se passam para os homens ou animaes que transitam, apegam-se á pelle, causando coceira violenta, muito duradoura, que só cede com fricções de petroleo, sal amoniaco e outros liquidos.

Incommodos e perigosos são os myriapodos e escorpiões que apparecem debaixo da casca de troncos cahidos e pedras, e por vezes até nas casas; sua dentada produz inflammações muito dolorosas, embora não mortaes. O mesmo succede com a repugnante aranha caranguejeira *(Mygale)*, que apparece em todas as partes do paiz. Aninha-se principalmente em logares pedregosos e é muito frequente nos pontos altos do territorio intertropico, onde se encontram exemplares com pernas de 16 a 18 c. de comprimento.

De aranhas o Brasil é geralmente rico, e entre ellas existem as especies mais raras, como, por exemplo, a *Acrosoma acruatum*, que possue na parte posterior do corpo dois compridos ferrões curvos e bronzeados.

De crustaceos, a costa do Brasil é muito rica, especialmente de caranguejos. São tambem frequentes grandes lagostas de côres variadas e camarões extraordinariamente grandes. O caranguejo indigena de agua doce é raro e pequeno. Entre os molluscos assignalam-se muitas *Helices* pelo tamanho e belleza. Apanham-se ostras no mar, principalmente nas costas de Santa Catharina, entretanto são menores e não são tão gostosas como as do mar do Norte.

VIII

OS GRUPOS ETHNOGRAPHICOS

Nomeado successor de Vasco da Gama, o navegante portuguez Pedro Alvares Cabral embarcou a 9 de Março de 1500 para a India a occupar o seu posto, e navegando muito a O. para evitar as calmarias que dominam na costa africana, descobriu casualmente o Brasil. Avistou a terra a 22 de Abril, e procurando ancoradouro commodo, entrou dois dias mais tarde na enseada que fórma o Porto Seguro, na provincia da Bahia. A 1 de Maio mandou erigir uma cruz na costa e em nome de El-Rei de Portugal tomou posse do paiz, a que deu o nome de Vera Cruz. Mais tarde foi este nome transformado no de Santa Cruz, ainda hoje empregado pelos poetas, e afinal no de terra do Brasil ou simplesmente Brasil, da madeira vermelha *(Caesalpinea echinata);* que com o nome de páo-brasil e páo de Pernambuco começou a ser levado para a Europa em grande na primeira metade do seculo XVI.

No reinado de D. Manoel o Venturoso, a terra novamente descoberta ficou inteiramente abandonada; apenas navegantes para as Indias Orientaes visitaram-na como escala, e abriram trafego com os naturaes, auxiliados por degradados, que lhes aprenderam a lingua. Apezar do monopolio commercial que os Portuguezes se tinham reservado, vieram tambem Francezes, Hespanhóes, Inglezes fazer permutas com os Indigenas. Trouxe isto conflicto com os Portuguezes, que se tornaram tanto mais sanguinolentos quanto estes tratavam deshumanamente os Indios, escravisaram muitos artificiosamente e levaram-n'os para a Europa.

Os Indios, que ao tempo do descobrimento habitavam o littoral desde o Prata até o Amazonas, e o planalto meridional, pertenciam na maxima parte á familia dos Tupis ou

Tupinambás; a mór parte do interior era povoada ralamente por Tapuyas (inimigos, escravos), subdivididos em numerosas tribus. Apenas os Aymorés, dentre os Tapuyas, chamados tambem Botocudos por causa do disco de madeira semelhando batoque que usavam no labio inferior, habitavam a cordilheira maritima do Brasil médio, ainda hoje conhecida pelo nome de serra dos Aymorés.

Sobre a historia primitiva dos Indios do Brasil vigoram ainda as maiores duvidas. Em diversos pontos do imperio, como proximo a Tijuco em Minas Geraes, no rio de S. Francisco, no certão das provincias do Ceará e Piauhy, assim como no Japurá e em Monte-Alegre no Amazonas, têm-se encontrado em rochedos esculpturas bem feitas, principalmente de fórmas humanas e outras; mas da circumstancia que ao tempo do descobrimento os Indigenas ali encontrados não conheciam a origem nem a significação dos signaes e tambem não possuiam a pericia necessaria para fazel-os, póde-se concluir que elles não emanavam dos seus antecessores immediatos, mas de populações que apenas transitoriamente habitaram o paiz. A presença demorada de povo mais altamente desenvolvido é tanto menos aceitavel, quanto não ha restos architectonicos ou outros que levem a concluir por ella. Nas ostreiras da costa, conhecidas pelo nome de sambaquis, encontram-se sem duvida utensilios de pedra de toda ordem; mas não se póde determinar-lhes a edade, porque são exactamente eguaes aos de que os Indios ainda agora se servem. Tambem os esqueletos humanos descobertos pelo naturalista Lund junto á lagôa Santa (provincia de Minas Geraes) não dissipam as trevas que envolvem a prehistoria dos Indigenas; si não são jogo do acaso, provam apenas que o homem já apparecera no Brasil em época muito longinqua, porque seus restos apparecem conjunctamente com os do megatherio e do urso das cavernas. Quanto ás linguas indigenas, tambem não nos dão a chave para a sua derivação.

Abstraiamos, pois, de todas as hypotheses relativas á prehistoria dos Indios brasileiros, e limitemo-nos a descrever brevemente a condição em que os descobridores da terra vieram encontral-os.

As differentes tribus e grupos dos Tupis, entre os quaes os Tupis do Sul ou Guaranys mostraram ser os mais civilisaveis e pacificos, viviam em communidades, que ás vezes chegavam a contar 5.000 almas. Fortificavam as aldeias com estacadas, para defender-se contra os ataques dos seus inimigos, mas só permaneciam nellas emquanto havia caça sufficiente. Os homens occupavam-se na caça e pesca ; ás mulheres competia cultivar o milho e a mandioca, assim como preparar a louça e os ornatos para si e para os guerreiros. Achavam-se quasi no mesmo estagio que os Indios da America do Norte, com os quaes emparelhavam corporalmente, sendo apenas menores e mais claros. Andavam quasi nús, não possuiam religião, nem vida de familia ordenada, nem idéa de propriedade, pelo que estavam em constantes lutas com outras tribus, luctas nas quaes tinham por armas arcos, flechas e massas (tacape).

Em estagio inferior achavam-se os Tapuyas, que apenas conviviam em pequenas hordas, não tinham aldeias nem lavouras e sustentavam-se da pesca e caça, de fructos selvaticos, insectos, bichos, e em geral tudo quanto a natureza produz, até comiam terra, quando não havia cousa melhor para matar-lhes a fome. Serviam-se na guerra de flechas envenenadas e devoravam os corpos dos inimigos mortos. Tambem os Tupis não estavam livres do vicio da anthropophagia, mas não se entregavam a ella por appetite e sim por espirito de vingança. Os Tupis distinguiam-se ainda vantajosamente dos Tapuyas em haverem tido suas linguas raizes communs, que mais tarde permittiram aos missionarios generalisal-a por todas as aldeias. As linguas dos Tapuyas não se mostraram capazes desta generalisação, e foram sempre falladas e comprehendidas por individuos relativamente muito poucos (dellas apenas se publicaram grammatica e catecismo cariry e kiriri).

Os Tupis receberam os Europeus amigavelmente, e até os acompanharam nas differentes guerras contra os Tapuyas ; mas as crueldades com que os Portuguezes lhes recompensaram este serviço, escravisando muitos, e até pondo-lhes no caminho roupas de bexiguentos, que, vestidas sem suspeita pelos Indios, communicarám-lhes a morte e aniquila-

ram-lhes as fileiras: estas crueldades motivaram no coração dos Indios um desejo selvagem de vingança. Em parte aceitaram a civilisação dos invasores e abdicaram da sua independencia; mas isto foi devido exclusivamente aos Padres e em particular aos Jesuitas, que com rara dedicação e habilidade souberam reuni-los em aldeiamentos, convertel-os e acostumal-os ao trabalho. Ainda hoje as ruinas das reducções no sul do Brasil, na Republica Argentina e no Paraguay patenteiam quanto os Guaranys aprenderam de seus mestres, pois excedem em belleza a todos os edificios que mais tarde foram levantados naquellas regiões, offerecendo ao mesmo tempo a prova mais clara da civilisabilidade do dito povo.

Si os Jesuitas não tivessem aproveitado a influencia e o poder angariado por sua obra civilisadora para fundar um imperio theocratico segregado, e mesmo defender sua integridade pela força das armas; si em geral não se houvessem preoccupado com cousas politicas, a sua acção no territorio sul americano teria sido extraordinariamente importante, e Pombal pelo decreto de sua expulsão em 1759 não a houvera interrompido e cassado totalmente. Muitos dos Indios convertidos foram escravisados pelos Mamelucos de S. Paulo, outros fugiram para os mattos, onde novamente se barbarisaram, e apenas pequena porção permaneceu nas reducções em estado de meia civilisação.

De passagem notaremos que os Mamelucos ou Paulistas não penetraram só para o Sul, mas vararam todo o imperio até o rio das Amazonas, uns á cata do ouro e pedras preciosas, outros a combater contra os selvagens e a reduzil-os á escravidão, accelerando assim o exterminio da população primitiva, mas contribuindo extraordinariamente para o conhecimento e devassamento da terra. Ainda hoje os Paulistas, procedentes originariamente do cruzamento entre Portuguezes e a raça indigena, excedem em força e intelligencia aos habitantes de muitas outras provincias.

Antes de expôr o desenvolvimento historico do paiz, trataremos dos restos não mestiçados dos Indigenas que ainda se encontram no Brasil. As avaliações quanto ao seu numero divergem muito. Emquanto que Handelmann em sua

historia do Brasil, publicada em 1860, falla em 500 mil almas, o censo de 1872 dá o duplo, um milhão. E' visivel o arbitrio, e taes numeros propriamente são destituidos de valor. O facto é que os selvagens, comparados com a superficie em que se movem, são extremamente poucos, e que, devido á influencia da cultura que avança, ás lutas que chocam entre si as differentes hordas, não fallando na pequena reproducção, annualmente vão diminuindo. Estão fadados ao aniquilamento ou á mestiçagem com os outros elementos do povo.

Desappareceram os Tupis do sul, ou Guaranis, excepto alguns restos não conhecidos que habitam as solidões do Paraguay Oriental, e os Tupis da costa ha muito que se misturaram com os Europeus, ou pelo menos perderam seu idioma e caracter de povo.

Ao contrario duas tribus dos Tupis do Norte conservam-se ainda selvagens, que são os Canoeiros e Tapirapés, erradamente contados entre os Tapuyas. Vivem nas mattas proximas ao Tocantins e Araguaya, onde principalmente os Canoeiros são o terror dos viandantes e moradores, a quem assaltam, roubando-lhes o gado. Como todos os Tupis cultivam limitadamente milho e mandioca, sabem fazer das raizes desta uma farinha duradoura *(Uĩ catù)*, mas nunca permanecem muito tempo na mesma localidade. Na caça e na guerra servem-se de grandes arcos e cordas de fibras de tucum, com que despedem flexas longas, não envenenadas, mas farpeadas, assim como de tacapes feitos de madeira pesada. Dormem em rêdes, que fabricam habilmente de algodão e de outras plantas textis, e enterram os mortos sentados, encolhidos, com os braços cruzados ao peito, soltos, ou em grandes potes de barro. Têm resistido aturadamente ás tentativas de civilisação dos Brasileiros, que odeiam ferozmente, e só no anno de 1870 conseguiram alguns Capuchinhos engajados pelo governo introduzir-se entre elles, trocando por ferragens alguns dos seus filhos, de que tomaram conta, fundando com elles a escola de Santa Izabel, no Araguaya. Esta escola foi porteriormente augmentada com os filhos dos Guajajaras mansos pertencentes á tribu tupi, assim como dos Chavantes, Cherentes e Carajas mansos,

e dos Javarés, Caiapós, Gradahûs e Apinagés bravios, que habitam a região. Esta escola é duplamente importante, em primeiro logar porque prova brilhantemente a civilisabilidade dos Indios, pois os rapazes que a frequentam aprendem muito depressa a ler e a escrever, e as moças com a mesma facilidade adquirem grande presteza nos trabalhos femininos; em segundo logar, e principalmente, por que mediante ella entra indirectamente em contacto com a civilisação uma população de Indios de cerca de 80 mil almas.

A tribu mais numerosa de Tupis que habitam na margem meridional do Amazonas são os Guajajaras, que são de natureza pacifica e em grande parte já estão catechisados. Prestam serviços como praticos e marinheiros no Amazonas e seus affluentes, occupam-se em construcção naval ou pescaria, ou na colheita de productos naturaes, e não são avessos á agricultura. Na provincia do Amazonas ha algumas aldeias fundadas com Missionarios, das quaes são exportados viveres e algodão. Nellas procuraram os Missionarios, na maioria Capuchinhos, reunir os Indios, affeiçoa-los ao trabalho e tornal-os sedentarios, o que geralmente se consegue depois de longos esforços. Mais tarde, passam as aldeias para a administração do Estado. Assim, por exemplo, existe grande numero no Maranhão sob a inspecção do director dos Indios, e calcula-se o numero dos habitantes em 12.000. As hordas que habitam a margem septentrional do baixo Amazonas podem pela linguagem e modo de vida ser contadas entre os Tupis do Norte, e é verosimil que pertençam a elles muitas tribus das Guyanas. Alguns ethnologos, entre os quaes Martius, contam no numero dos Tupis os Omaguas, os quaes ao tempo da descoberta habitavam em grandes porções o alto Amazonas, e se avantajavam aos Tapuyos pela pelle mais clara e maior intelligencia; mas agora estão ha muito mestiçados com a população indigena, ou pelo menos só excepcionalmente existem com as qualidades ethnicas originarias. Como elles, segundo informações de viajantes antigos, alteravam artificialmente os craneos dos meninos e sua lingua possue muitas palavras da lingua quichua, deve-se, porém, considerar sua derivação dos Tupis como muito duvidosa.

Ao contrario devem contar-se entre os Tupis muitas tribus, cujas malocas demoram no territorio situado entre o Tapajós e o Xingú, nomeadamente os Apiacás e Mundurucús. Vivem em situação de meia cultura, colhem productos naturaes, lavram e commerciam. Os Mundurucús assignalam-se entre os Indios do Brasil por sua figura athletica, côr clara e arte de tatuagem. Eram tão entendidos na guerra, que, no seculo passado, quando primeiro appareceram no terreno que agora habitam, foi-lhes facil adquirir a hegemonia sobre as tribus indigenas. Usam como armas, além do arco, da flecha e tacape, da zarabatana, com que atiram, soprando, com muita segurança. Outr'ora costumavam decapitar os inimigos que matavam, tirar os ossos da cabeça e seccal-a tanto ao sol, que ficava parecendo com a cabeça de um macaquinho; neste estado prendiam-na ás lanças e levavam como trophéo a novos feitos de guerra.

Em geral os Tupis não têm nem-um signal physico especifico, antes possuem o typo geral dos Indios sul-americanos, isto é, côr mais ou menos escura, membros proporcionados, nos quaes, quando muito, podem estranhar-se os pés, por sua fórma relativamente curta e larga, cara larga, maçãs salientes, olhos pequenos, mongolicos, um tanto obliquos, e longo cabello duro, preto-azulado. Apenas no modo de viver distinguiam-se originariamente das hordas tapuyas, pois não eram, como estas, puramente nomades e caçadores, mas habitavam ás vezes por muito tempo n'um logar, cultivavam milho, mandioca e outras plantas tuberculosas, nunca se serviam de flechas envenenadas, só dormiam em rêdes e eram pescadores e navegantes intelligentes, que com suas canôas de guerra, feitas de páos excavados, aventuravam-se ao mar, ao ponto de atacar as embarcações miudas dos Europeus.

Entre os Tapuyas distinguem-se 5 familias: os Gês, os Carajás, os Crens, os Guck e os Parecís, os quaes por sua vez decompoem-se em hordas infinitas de difficil classificação. Alguns vivem ainda na condição de inteira selvageria, outros, em consequencia de seu contacto com os Brancos e da sua mistura com os Tupis, já têm adquirido habitos que os elevam ao mesmo estagio que as tribus já descriptas.

Aos Gês filiam-se os Chavantes mansos e os Cherentes, que percorrem a margem direita do alto Tocantins, territorio pertencente ás provincias de Goyaz, Piauhy e Maranhão, e os selvagens Cayapós na parte sul-occidental da provincia de Goyaz. Como fica dito, Chavantes e Cherentes entregaram os filhos aos Missionarios para serem educados em Santa Isabel, mostrando-se cada vez mais inclinados á civilisação, o que é tanto mais satisfactorio quanto antes eram tão bravios como os Canoeiros e inimigos declarados dos povoadores. Em geral os Gês são de estatura esbelta, e pertencem aos mais bellos Indios do Brasil; são tambem muito intelligentes e habilidosos em trabalhos manuaes. Principaes occupações delles são a caça e a pesca, que não fazem com anzol e nassa, mas com flechas e arco; tambem procuram fructos selvaticos e da palmeira assahi preparam sua bebida predilecta.

Mais adiantados que os Gês são os Carajás, que vivem nos valle do Araguaya, e até certo ponto entregam-se a lavoura e tambem fazem louça, ornatos de pennas e redes, e estão em relações commerciaes com os Brancos. São menores e mais fracos do que os Gês, e Martius considera-os restos de tribu emigrada das Guyanas.

Sob o nome de Crens comprehendem-se hordas que vivem nas mattas da cordilheira oriental; entretanto alguns ethnologos incluem nelles os Guatós. A tribu principal são os Botocudos, descendentes dos ferozes Aymorés. Com suas horriveis deformações physicas, especialmente com o botoque ou *beto* que traziam no labio inferior furado, sua coragem e crueldade para com os prisioneiros, que matavam e devoravam, é facil comprehender porque eram extraordinariamente temidos não só pela tribu mais fraca dos Tupis, mas tambem pelos Europeus. Passavam como os inimigos mais irreconciliaveis dos colonos; por isso até o imperio constitucional foram legalmente declarados fóra da lei, o que naturalmente diminuiu-lhes muito o numero. Os restos que agora existem percorrem em hordas isoladas e independentes as mattas entre o rio Parahyba e o das Contas e até apparecem no planalto das provincias meridionaes. Ainda usam botoque

nos labios e nos lobulos das orelhas, cortam os cabellos á roda da cabeça como seus avós, vivem na mesma barbarie que elles, em geral oppoem-se emperradamente ás tentativas de civilisação, são absolutamente hostis aos colonos, cujas lavouras depredam, e que procuram matar traiçoeiramente. Como animaes selvagens percorrem as mattas e sustentam-se de caça e fructos da terra, e não lhes repugna, quando não têm cousa melhor, devorar cobras, caracóes, larvas de coleopteros, formigas e em geral quaesquer insectos que colhem. Suas armas constam de grandes arcos, que disparam com flechas envenenadas e serve-lhes de massa o primeiro cacete que encontram. Seu principal instrumento ainda agora é o machado de pedra. Vivem na polygamia, ou mudam, segundo a inclinação e o arbitrio, de mulheres, que são tratadas mui duramente, e não apresentam vestigios de idéas religiosas. Nas marchas através das florestas costumam ir uns após outros e pisam nas pégadas do que vai adiante.

O principe Maximiano de New-Wied, que passou algum tempo entre os Botocudos, considera-os como physicamente melhor constituidos que a melhor parte dos Indios do Brasil, abstrahindo de suas deformações artificiaes; e Martius elogia-lhes certa candura bondosa; entretanto é innegavel que quasi a todos os respeitos acham-se em estagio inferior ao dos Tupis e Gês. Recentemente conseguiu-se mover alguns Botucudos a uma viagem á Europa; estiveram expostos apenas em Londres, porque oppuzeram-se difficuldades diversas á sua viagem pelo continente. Segundo informações fidedignas, estes homens, rebaixados e hediondamente deformados de rosto, produziram no publico da metropole da Inglaterra sentimento de horror ou de compaixão.

Aos Crens pertencem egualmente, segundo Martius, os Corôados, que se disseminam em tribus isoladas por uma superficie immensa do Brasil médio e meridional, em parte tão barbaros como os Botocudos, em parte já sedentarios, sob as ordens de directores ou missionarios contractados. Aldeias de Corôados assim administrados existem nas provincias do Paraná, Matto Grosso e Rio Grande do Sul. A's vezes consegue-se, por meio de presentes e honras, inclinar os caciques a aceitarem modo de viver ordenado

e sedentario. Costuma-se, por exemplo, nomear o chefe capitão, dando-lhe a competente farda, e não ha caso de cacique ter rejeitado taes favores. Ao contrario, não ficam pouco orgulhosos de sua grandeza e com risivel dignidade envolvem os membros, nada menos que herculeos, no vestuario da civilisação, apparecendo á sua gente e até aos estrangeiros com dragonas, mas sem calças. Um destes capitães é o cacique Fongui, que se domicilou com sua tribu no alto Uruguay, ou antes ahi leva a vida em doce ociosidade. Este velho bondoso, porém muito feio, impressiona pela força, energia e intelligencia. Notaveis nestas tribus de Indios são as tonsuras, pelas quaes os Brasileiros chamam-nos Coroados. As suas hordas, ainda selvagens, vão gradualmente aggregando-se ás tribus aldeiadas, e cada vez se torna mais raro que ataquem as moradas dos colonos allemães (que vão sempre avançando pelas solidões do Brasil a machado e fogo) e matem os habitantes a flexadas, roubando-lhes o gado e os utensilios. Embora a maior parte destas pequenas hordas guerreiras pertençam á tribu dos Coroados, é costume chamal-os Bugres, nome que tambem é empregado em outras partes do paiz e se póde considerar como designação collectiva para todos os Indios nomades e selvagens.

Entre os Crens contam-se ainda os Puris, originarios da provincia de Minas Geraes, os quaes desde dezenas de annos apenas existem em restos pouco misturados, e tambem os Guatós, que habitam os pantanaes de Matto Grosso, mas são muito superiores aos primeiros em intelligencia e civilisação e apenas têm certa semelhança com elles na tonsura e em certas exterioridades. São ichthyophagos estes, e habitam espalhados pelas margens das aguas, que navegam em pequenas canôas. Pertencem aos mais bellos Indios da America do Sul; pela barba e nariz aquilino, distinguem-se muito vantajosamente dos outros Indios, e tambem as mulheres são muito bonitas e além disso meigas. Os homens trazem, além de tangas, apenas chapéos de palha e ornam o labio inferior furado com botoques subuliformes chamados *xerimbita*, os lobulos das orelhas com tufos de pennas variegadas e o pescoço com collares de dentes de tigres e jacarés. Durante a maior parte do anno, isto é, emquanto o Para-

guay e seus affluentes transbordam e enchem-lhes as casas, passam em canôas, facto que explica a frequencia de pernas tortas entre elles. Têm lingua bella, sonora, acreditam em Deus e na sobrevivencia dos bons depois da morte, assegurando que os máos são aniquilados. De seus parentes orientaes distinguem-se ainda vantajosamente por possuirem um systema de numeração, pelo qual podem representar grandes numeros, ao passo que os Puris só podem contar até 5, e chamam *muito* tudo quanto passa dahi.

O quarto dos grandes grupos ethnographicos, chamado Guck por Martius, divide-se em differentes tribus mais ou menos salteadas, que vivem no grande territorio comprehendido entre 4° de lat. N. e 17° S, e encontram-se desde o interior do continente até as montanhas da costa oriental; devem considerar-se quanto ás linguas e costumes como mestiços de tribus indigenas e de tribus emigradas do Sul ou do Oeste. Pertencem a elles os Carirys, meio civilisados, da bacia do rio S. Francisco, os Caripunas, da região encachoeirada do Madeira, os Muras, Ticunas, Jubirís, Purús, Jamamaris, Cocomas e outros que habitam desde O. do rio Madeira até além dos limites do Brasil, assim como os Miranhas e Huitotos, os Passés, Macús e Uaraycús ao norte do rio das Amazonas até Venezuela e Guyanas. Apenas as tres ultimas tribus nomades têm costumes brandos; todas as outras, excepto os Ticunas, acham-se em estagio inferior. Os Caripunas, que, como os Canoeiros em Goyaz, tornam pouco seguras as vias fluviaes, e em suas ligeiras canôas de cascas atacam as montarias de commercio e os viajantes, são tanto mais temiveis por usar flexas ervadas de urari, veneno feito de uma especie de strichnos. Com grande pericia servem-se tambem da zarabatana, com que despedem tambem flexas envenenadas. Mas manifestamente exageravam muito as noticias antigas, segundo as quaes elles não só tragam a carne dos inimigos mortos, como tambem a guardam moqueada. Os engenheiros Franz e Joseph Keller e outros viajantes, que modernamente navegaram o Madeira, encontraram-se com hordas de Caripunas, sem que estes os hostilisassem.

No septo nasal usam pennas vermelhas de tucanos e nos lobulos das orelhas dentes tortos de porcos d'agua.

Semelhantes a elles em selvageria são os Araras, os Parintintins, os Muras, os Miranhas e Huitotos. Os Muras existem apenas em pequenas hordas predadoras proximo á cidade de Parintins; os Miranhas, ao contrario, parecem espalhados por territorio muito vasto, e ainda agora se acham em estagio extraordinariamente baixo, como ha 60 annos, quando o naturalista allemão von Martius passou entre elles algumas semanas. Então eram anthropophagos, não sómente por necessidade, mas por vicio, pois viveres não lhes faltavam; suas mulheres, laboriosas e, além disso, bondosas e bonitas, mas tratadas com grande dureza, curavam zelosamente da lavoura, e revelavam grande habilidade no preparo de viveres e roupas. Mas erem tambem escravistas e atacavam frequentemente e em especial os Caripunas para os matar e devorar, ou aprisional-os e occasionalmente vendel-os aos Brasileiros. Então percorriam principalmente o largo territorio entre o rio Içá e o Japurá. Segundo um documento official da prefeitura de Mocca (Colombia), datado de 22 de Fevereiro de 1880, ahi encontram-se ainda agora da mesma maneira, habitando com os Huitotos o alto Caquetá, atacando as tribus mais fracas, aprisionando os homens mais fortes, mulheres e meninos, e permutando-os com Brasileiros que negociam em escravos por machados, espingardas, fumo e aguardente. Depois de chamar a attenção do governo brasileiro contra semelhante abuso, delles diz o citado documento: Vivem como feras pelo matto, e alimentam-se de toda especie de bichos immundos, como aranhas, caracóes, sapinhos e cobras, e até de carne humana.

Como os Omaguas, os Ticunas vivem no alto Amazonas, estendendo-se até o Ecuador, e occupam-se como aquelles em colher productos naturaes, e em pesca. Encontram-se muitos delles alugados nos estabelecimentos do Amazonas, onde se occupam na pesca e salga de pirarucú.

Os Passés, Macús, Uaraycús, Manaos e outras tribus, que em numerosos bandos e grupos habitam a margem septentrional do Amazonas, os rios Negro e Branco até Venezuela e Guyana, são pacificos, inoffensivos e relativa-

mente industriosos, tendo todos mais ou menos o mesmo modo de vida. Segundo Wallace, as suas malocas são bem edificadas, attingem muitas vezes ao comprimento de 30m, á largura de 13m e á altura de 10m, feitas de troncos aplainados e cobertas de palmeira. No meio ha sempre um corredor largo; de ambos os lados acham-se divisões para as differentes familias e para os fornos, tipitis para apertar a massa da mandioca, frigideiras e outras vasilhas para o preparo do cachiri, bebida predilecta dos Indios. Para preparal-a as velhas da tribu mastigam grandes quantidades de bejús, põem de molho o producto e bebem-no quando começa a fermentação. Estes Indios cultivam o sólo e lavram principalmente a mandioca e o inhame, e isto não só para o consumo, mas tambem para vendel-o aos Brancos que navegam os ditos rios. Para o mesmo fim colhem tambem productos naturaes, que permutam por avelorios, espelhos, anzóes, e cousas semelhantes. Ambos os sexos andam nús, e apenas, quando acaso algum branco penetra na maloca, escondem-se as mulheres em suas roupinhas reduzidas; nos encontros do matto, occultam-se envergonhadas por trás das moitas. São extraordinariamente sociaveis, gostam de dansar e brincar e fazem nas aldeias festas frequentes, que duram até esgotarem as quantidades extraordinarias de cachiri que preparam. Em taes occasiões apparecem pintados phantasticamente de varias côres, especialmente de vermelho de urucú, e os homens ornados de corôas de palha trançada, em que inserem-se as pennas mais raras e mais coloridas. Nos lobulos furados das orelhas trazem commummente tufos de capim, que nas festas mudam por tufos de pennas brancas. Os homens adornam-se de corôas de pennas, collares, pulseiras, até pentes e caudas; mas as mulheres, além da pintura, não têm ornato algum. Esta pintura, porém, é feita com tal pericia, que, segundo Wallace, dá á India nua aspecto muito mais decente do que o tricot côr de carne da bailarina européa. Em cada maloca existe um chefe ou tuchaua, que mora em aposento separado e rege seu povinho com dignidade patriarchal, concilia as differenças, dirige os trabalhos no matto e nos campos, o commercio com os regatões e as festas em que hospitaleira-

mente tomam parte, por convite reciproco, os habitantes das diversas malocas. Um dos povos que pertencem aos Macùs tem grande numeada entre os outros Indios, porque sabem preparar as flechas envenenadas de urari por processo singular.

A ultima grande familia ethnographica do interior do Brasil constituem os Parecis, que habitam as cabeceiras dos rios Paraguay, Guaporé, Tapajós e Xingu, e subdividem-se em tribus mui differentes. Embora mansos e doceis, foram, antes da chegada dos Jesuitas que os tomaram sob seu patrocinio, muito perseguidos pelos Paulistas, que escravisaram os mais fortes, empregaram-nos na labuta da mina, em que muitos perderam a vida. Os restos que agora sobrevivem, levam existencia inoffensiva e indolente, entregam-se alguma cousa á lavoura e á industria, principalmente ao fabrico de urupembas, ou colhem tambem ipecacuanha e outros productos naturaes, que permutam com os negociantes brasileiros por artigos de industria européa. Sua lingua tem semelhança com a dos Moxos e Chiquitos, que habitam em territorio boliviano, assim como com as dos Indios do Chaco, dos quaes alguns tribus, como os cavalheiros Guaycurus e os mansos Guanás, de ha muito emigraram do Paraguay para o Brasil.

Os Guanás, que vivem nas proximidades de Miranda e Alburquerque, na provincia de Matto-Grosso, são agricultores e sabem aproveitar seus productos. Fazem, por exemplo, engenhos para moer a canna e alambiques de barro, em que preparam cachaça. Tambem como embarcadiços e constructores de embarcações são muito aproveitaveis, e ha muito que servem-se na caça de armas de fogo; suas mulheres tecem pannos de algodão muito aproveitaveis, que sabem tingir muito bem.

As tribus Guaycurùs, que vivem em territorio brasileiro não são imperitas nestes trabalhos. E' muito duvidoso si descendem dos poderosos Guaycurús, povo que no seculo XVI habitava nas visinhanças de Assuncion na margem direita do Paraguay, e que os Hespanhóes descrevem como muito valoroso e guerreiro; pois segundo Azara, que viajou pela

America do Sul nos annos de 1781 a 1801, esta nação estinguiu-se, principalmente pelo vicio de aborticidio, e no seu tempo existia apenas um só homem, que era mui bem conformado e media dois metros de altura.

A classificação acima é no fundo a de Martius. Partindo de documentos linguisticos, o Dr. Carlos von den Steinen, explorador do Xingú apresentou outra em que os grupos ethnographicos são :

Carahybas, cuja patria original era ao Sul do Amazonas, talvez nas cabeceiras do Madeira e Tapajoz ; os Nu-Aruak, talvez originarios do Norte do Amazonas, localisados principalmente entre os rios Iça e Negro; os Tapuyas, originarios do E., divididos em dois sub-grupos, dos quaes um o sub-grupo Chavante e outro o sub-grupo Suyá ; os Tupis, provavelmente originarios do Sul.

Si fôr possivel, trataremos deste assumpto mais detidamente em appenso

---

IX

NOTICIA HISTORICA

Tornemos agora ao desenvolvimento historico do paiz. No reinado de D. João III, depois de Martim Affonso de Sousa ter fundado as duas primeiras colonias, S. Vicente e Piratininga, na actual provincia de S. Paulo, deu-se em 1534 a divisão do immenso territorio em 12 capitanias, que foram doadas aos principaes subditos da corôa portugueza, sob a clausula de povoal-as e defendel-as. Estes donatarios tinham o direito de escravisar os Gentios e não só empregal-os em seu serviço, como remetter annualmente certo numero delles, livres de direito, a vender no mercado de Lisboa. Daqui emanaram aquellas abominaveis caçadas de Indios, a que já nos referimos. Mas os donatarios mancharam-se tambem com a introducção de escravos negros. Applicaram-nos á cultura das plantas indigenas, como a mandioca, o milho, a banana, o fumo e o algodão, e antes de tudo á cultura da canna de assucar, que introduzida da ilha da Madeira em anno ignorado (talvez antes de 1512), occupou durante seculos o primeiro logar entre os artigos de exportação. Além disso estabeleceram em suas capitanias vagabundos europeus de toda ordem: degradados, criminosos, aventureiros.

E' claro que a joven colonia não podia progredir em taes condições; por isso decidiu-se D. João III a fundar uma capitania regia, e confiar a administração da terra a um Governador-geral. Para este fim fundou-se em 1549 a cidade da Bahia, e foi nomeado governador geral Thomé de Sousa, soldado e politico já experimentado na Asia. Trouxe este, além de um exercito de 600 soldados e grande numero de colonos e degradados, alguns Padres da Companhia de Jesus, que começaram seu activo apostolado entre os Indios, constituindo-se seus protectores contra as perseguições dos Brancos. Ao Governador-geral foram adjunctos um Ouvidor

geral, um Provedor-mór da fazenda e um Capitão-mór da costa. Estes possuiam nas diversas capitanias empregados subalternos, que tinham de executar suas ordens e organisar as municipalidades pelo padrão da metropole. Como era de prever, a inspecção do governo não podia agradar aos Donatarios, e mais de uma vez houve conflictos, até que com o correr do tempo as Capitanias em parte fundiram-se violentamente com o governo geral, em parte administraram-se independente. Levaria muito longe tratar destas lutas intestinas; basta dizer que terminaram depois de 1763, sob o governo dos Vice-Reis residentes no Rio de Janeiro.

Entrementes foi preciso combater os inimigos externos que, attrahidos pela riqueza da terra, vieram primeiro como traficantes, mas não tardaram a mostrar do modo menos duvidoso suas cobiças de annexação. Na bahia do Rio de Janeiro, já nos primeiros annos depois da descoberta do paiz, haviam-se estabelecido Francezes da Bretanha e Normandia, que se portaram absolutamente como donos da terra. Thomé de Sousa recebeu ordem de fundar ali um forte para affirmar os direitos da corôa de Portugal, mas não pôde executal-a com as poucas forças de que dispunha. Não admira, pois, que começassem a sonhar na França com um imperio colonial franco-brasileiro e que um homem como o almirante Gaspard de Coligny, em parte na firme convicção de proteger o direito da França, em parte para proporcionar refugio seguro a seus compatriotas Huguenotes, perseguidos por suas crenças calvinistas, conseguisse do rei Henrique II que, ás ordens de um fidalgo emprehendedor, Nicolas Durand de Villegaignon, fossem postos navios para carregal-os de emigrantes e fundar sob a bandeira franceza uma colonia na bahia do Rio de Janeiro. Esta colonia foi effectivamente fundada no anno de 1555, mas não pôde se desenvolver normalmente, porque o Estado abandonou-a e rebentaram dissenções religiosas entre Villegaignon e os ministros protestantes; de sorte que não puderam resistir a Men de Sá, quando atacou-a no anno de 1560. Os Francezes foram então expulsos, os Portuguezes fundaram a segunda capitania regia no Rio de Janeiro, e nella a cidade de S. Sebastião.

Em 1580 extinguiu-se com o cardeal-rei D. Henrique a dynastia de Borgonha e a colonia, como a metropole, passou até 1640 para o dominio dos reis hespanhóes da casa de Habsburg. Durante estes 60 annos, occuparam os Portuguezes a costa do NE.: em 1585 a Parahyba, 1590 Sergipe, 1599 Rio Grande do Norte, 1610 Ceará, 1615 Maranhão, d'onde tiveram de expulsar os Francezes ahi estabelecidos desde 1612, e em 1616 o Pará. As duas ultimas capitanias com a do Ceará foram em 1621 reunidas em um Estado sob o nome de Maranhão e postas sob a autoridade de um Governador geral e de um Ouvidor geral. Durante o dominio da casa de Habsburg foi tambem que acenderam-se as lutas entre Jesuitas e Colonos, por causa da questão dos Indios, de sorte que mal pôde dominal-as a explosão da guerra dos Hollandezes.

Já sob o governo de Felippe II tinham apparecido flibusteiros hollandezes e inglezes para aprisionar os navios hespanhóes que navegavam para o Brasil; mas gradualmente foram avultando por tal maneira os ataques destes corsarios, que o governo hespanhol julgou dever desforçar-se e expulsar do territorio brasileiro estrangeiros ali estabelecidos, alguns de longa data, que não fossem de nacionalidade hespanhola ou portugueza. Esta circumstancia, assim como a dureza com que os Paizes Baixos foram tratados pelo Rei da Hespanha, deram aso á formação de uma companhia neerlandeza das Indias Occidentaes, a quem o governo dos Estados Geraes outhorgou por 24 annos o direito de conquistar e colonisar a America. Em principio do anno de 1624 enviou a Companhia uma poderosa esquadra de 23 navios com 500 peças, 1.600 marinheiros e 1.700 soldados de desembarque, a qual, depois de longa e difficil travessia, chegou a 9 de Maio á cidade do Salvador, e occupou-a sem resistencia séria. Expulsos dahi no anno seguinte, tornaram a Pernambuco em 1630, onde se estabeleceram, alargando depois as suas conquistas a Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e até, por pouco tempo, ao Maranhão.

Com a nomeação do conde Mauricio de Nassau para Governador do Brasil em 1636, começou uma época de desenvolvimento florescente, a qual depõe tanto mais a favor da

capacidade do Governador, quanto este não só teve de defender-se continuamente contra os ataques dos Portuguezes, mas ainda não foi auxiliado pela Companhia da maneira que fôra para desejar. Elle pediu-lhe immigrantes allemães, que seria facil contratar depois da guerra dos trinta annos, mas não se deu passo para envial-os, e não foi siquer attendido o pedido do Conde para mandarem criminosos hollandezes como colonos. Teve pois, de conquistar com sua frota alguns pontos da costa africana e dahi importar escravos para a terra, com cujo auxilio conseguiu restaurar os engenhos de assucar decadentes. Fez ainda mais: permittiu que os Portuguezes que haviam fugido voltassem sem condições, com a restituição da propriedade, a pratica livre do seu culto; soube intervir entre elles e os Hollandezes com grande habilidade e elevar de tal modo tanto a producção como a condição social da terra, que todos sentiam-se felizes sob tal governança.

Os Portuguezes e Hespanhóes não podiam ver sem inveja esta obra e não perdiam o ensejo de intrigar contra o nobre Conde que tão grandes cousas realisara, o que lhe trouxe muitos dissabores. Accresce que os Directores da Companhia, no seu mercantilismo tacanho, não comprehendiam os grandes planos que elle proseguia e faziam-o vigiar de maneira offensiva. Cansado deste tratamento indigno, retirou-se de seu posto em 1644, e como seus successores nem de longe o egualavam em capacidade e os Hollandezes não trataram sempre os Portuguezes pelo modo que o exigia sua situação legalmente egual, rebentou uma revolução sob o commando do bravo João Fernandes Vieira, natural da ilha da Madeira, que já de muito conspirava em silencio contra o dominio hollandez. Esta revolução com o decurso dos annos transformou-se em verdadeira guerra, e em 1654 trouxe como consequencia a expulsão dos Hollandezes do territorio brasileiro. Porém a paz entre Portugal e a Hollanda só foi concluida na Haya em 1661 e o respectivo tratado ratificado a 14 de Dezembro de 1662. De conformidade com este, a Companhia das Indias Occidentaes reconhecia solemnemente a posse de todas as suas conquistas a Portugal, mas este reino tinha de dar-lhe uma in-

demnisação de 8 milhões de florins. Assim terminou a luta pela posse do Brasil e desde então até a separação da colonia da metropole nunca mais o dominio dos Portuguezes no Brasil foi seriamente ameaçado.

Entretanto Portugal sacudira o pesado jugo do dominio hespanhol; a el-rei Felippe IV desthronado succedera o duque de Bragança com o nome de D. João IV (1640), e sob o governo de Affonso VI, Pedro II e João V desenvolveu-se relativamente rapido o Estado colonial. Os esforçados Paulistas vararam o amplo interior, e foram os descobridores de ricas minas, que attrahiram Europeus. Entre estes vieram grande numero de aventureiros e homens imprestaveis; mas, graças aos seus trabalhos, a mineração foi tomando proporções cada vez maiores; graças a elles, surgiram novos estabelecimentos e cidades nos pontos mais remotos do paiz. Fundaram-se as capitanias de S. Paulo, Minas Geraes, Goyaz e Cuyabá, e bispados no Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro; a Bahia foi elevada a arcebispado, e a organisação interior foi adiantada em muitos sentidos. Entretanto esta éra de vicejamento material não ficou livre inteiramente de perturbações politicas. No Estado do Maranhão rebentaram lutas violentas contra os Jesuitas, os quaes foram por duas vezes expulsos e outras tantas reconduzidos. No ultimo tumulto, Manoel Beckmann, que se puzera à frente, foi preso, e depois decapitado. No Rio de Janeiro houve uma revolta em 1660, por causa do lançamento de um imposto da Companhia geral de commercio; em Pernambuco, por occasião da separação das villas do Recife e Olinda (1710), deu-se profunda ruptura entre Brasileiros e negociantes portuguezes immigrados, conhecidos pelo nome de Mascates, da qual resultou sangrenta guerra civil.

Neste tempo, em consequencia de participação de Portugal na guerra da successão da Hespanha, occorreram os ataques do capitão Duclerc e do almirante Duguay-Trouin ao Rio de Janeiro. O primeiro, depois de se haver apoderado da cidade, foi atacado pelos habitantes e pela tropa, e teve de pagar o atrevimento com a vida da maior parte dos soldados e depois com a propria. Para vingal-o foi mandado

em 1711 Duguay-Trouin, com uma esquadra, e esta conseguio tomar a cidade e saqueal-a, só evacuando-a depois de pago um resgate de 600.000 cruzados.

No Sul os Portuguezes procuraram, por meio da colonia do Sacramento, fundada em 1680 na actual Republica Oriental, levar os seus limites com as possessões hespanholas até ás margens do Prata, mas no mesmo anno foram expulsos pelos Hespanhóes. Depois de no anno de 1683 novamente se tornarem senhores da colonia, occuparam-na até o anno de 1705, em que o Governador de Buenos Ayres, Valdez, della se apoderou ; pelo tratado de Utrecht (1713), ainda outra vez foram reconhecidos senhores da mesma. Apezar disto, os Hespanhóes procuraram sustentar seu direito de possessão, fundando a cidade de Montevidéo na margem esquerda do Prata e procurando expulsar a guarnição portugueza em 1735, no que, porém, não foram bem succedidos. Só em 1750 a colonia foi cedida á corôa de Hespanha, pelo tratado de paz de Madrid; Portugal foi, porém, indemnisado com uma parte das missões do rio Uruguay.

Estas missões, que abarcavam todo o Paraguay, assim como grandes extensões da Bolivia, da Argentina e do presente Brasil meridional, formavam um Estado peculiar, theocratico, fechado aos estrangeiros, no qual os Jesuitas procuravam com grande habilidade civilisar os Indios, alargando assim o poder de sua ordem. Que elles não se occupavam só da propagação do christianismo e da cultura européa entre os Indigenas resulta de facto que adestravam com especial cuidado os seus neophytos no manejo das armas e educavam-nos militarmente, de sorte que puderam oppôr nos annos de 1752 a 1757 pertinaz resistencia á execução do tratado de Madrid, que regulava os limites entre as possessões portuguezas e hespanholas. Isto forneceu a Pombal, ministro omnipotente do sensual e fraco rei José I, ensejo favoravel para desabafar sua antipathia contra a ordem, tirando-lhe inteiramente a autoridade (1755), e, depois de um pretenso attentado contra a vida de El-Rei, publicando a 3 de Setembro de 1759 um decreto pelo qual foram expulsos tanto de Portugal como de todas as colonias portuguezas

Sobre a decadencia das missões dirigidas por chefes seculares já se fallou em lugar competente.

Embora já não houvesse mais obstaculos nas Missões á demarcação das fronteiras, entretanto os commissarios demarcadores não puderam concordar entre si, e no anno de 1761 o tratado de Madrid foi annullado por ambas as potencias. A luta pela colonia do Sacramento começou de novo, e lavrou com sorte varia até o anno de 1776, em que Portugal reconquistou o terreno perdido, sendo, porém, castigado logo pela perda da ilha de Santa Catharina e occupação das margens do Prata pelos Hespanhóes. A 4 de Junho de 1777 a guarnição portugueza da colonia do Sacramento teve de entregar-se á descrição, e as tropas hespanholas sob commando do general Cevallos já tinham atacado a capitania do Rio Grande do Sul, erigida em 1760, para se medir com o general Boehm, Allemão de origem, que ali commandava e já uma vez, em 1775, expulsara os Hespanhóes da capital do Rio Grande, quando as noticias de paz vindas da Europa puzeram termo ás hostilidades. D. José I fallecera a 24 de Fevereiro de 1777; sua fraca e supersticiosa filha e successora D. Maria I (com o rei consorte Pedro III), subira ao throno, soltara os ecclesiasticos presos que, clamando por vingança, provocaram a queda do todo-poderoso Pombal, e dera-se pressa em concluir pazes com a Hespanha. Assim assignou-se o tratado de limites de S. Ildefonso, pelo qual a ilha de Santa Catharina, bem como o terreno litigioso da capitania do Rio Grande do Sul, tocava definitivamente a Portugal e a colonia do Sacramento ficava pertencendo á Hespanha. Tambem por este tratado foram assentados os limites com o Paraguay, Bolivia, Perú, Ecuador, Nova Granada e Venezuela; no correr do tempo pouco se tem mudado ao que então se estabeleceu.

O fim do seculo XVIII passou para o Brasil sem guerras com inimigos externos, e economicamente a terra vicejou; mas a guerra da independencia dos Estados Unidos, não menos que a Revolução Franceza, concorreu para atiçar nos Brasileiros a aspiração de independencia politica da metropole. Na provincia de Minas Geraes deu-se mesmo

uma conspiração, que o governo portuguez suffocou em germen. Os conspiradores, em grande parte moços de espirito poetico, foram desterrados, e um, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, condemnado á morte e executado (1792). Todo o successo mostrara, porém, pelo menos, que entre Brasileiros indigenas e Portuguezes alienigenas já existia profunda repulsão, e que o espirito nacional dos Brasileiros aguardava apenas ensejo favoravel para declarar por acto decisivo seu sentimento de independencia para com os ultimos. Este ensejo em breve lhes devia ser concedido.

Fugindo diante dos exercitos de Napoleão, D. João VI, que desde 1799 exercia a regencia em nome de D. Maria I, sua mãe demente, aportou na bahia do Rio de Janeiro em 7 de Março de 1808, sendo recebido ao desembarcar com vivas ao Imperador do Brasil. A colonia, da qual a estreita politica portugueza soubera afastar todos os estrangeiros, deixou de sel-o com a presença da familia real. As cousas na Europa não se podiam prever, e o Principe Regente foi levado a crear uma situação que correspondesse á dignidade de uma terra por elle directamente regida. Por isso na Bahia, primeiro ponto do Brasil a que chegou, declarou os portos do paiz abertos ao commercio estrangeiro; e mais tarde por decreto de 15 de Dezembro de 1815, constituiu o Brasil parte integrante da monarchia portugueza, com o titulo de reino, reconhecendo assim até certo ponto a precedencia da antiga colonia sobre a metropole.

Sendo preferidos para os empregos publicos os fidalgos portuguezes que haviam acompanhado a familia real, despertou isto a inveja e a colera dos Brasileiros. Em 1817 rebentou uma revolução em Pernambuco, proclamando-se um governo provisorio e tentando-se separar a Capitania do resto do Brasil, proclamando-a republica independente; mas a revolta foi promptamente jugulada pelas tropas regias. Os moradores da Bahia e Rio de Janeiro auxiliaram El-Rei com voluntarios e dinheiro, assim mostrando quanto amavam o principio monarchico.

A revolução portugueza de 1820 despertou na antiga colonia ardente enthusiasmo, e as aspirações constitucionaes

affirmaram-se com grande força, fraternisando em alguns pontos a tropa com o povo.

Ante o desejo de constituição não se mostrou El-Rei muito bem disposto, mas a 24 de Fevereiro de 1821, de alguma sorte com a intervenção do principe D. Pedro, herdeiro da corôa, conseguiu-se obter a desejada promessa.

Mas nisto não terminou o conflicto, o qual tornou cada vez mais patente o desejo dos Brasileiros de terem constituição separada, ao molde da hespanhola, para não ficarem dependentes das Côrtes Portuguezas. Esta exigencia foi communicada a El-Rei pelos eleitores reunidos (20 de Abril), e no primeiro momento elle accedeu; mas, ainda na mesma noite, o local em que os eleitores funccionavam foi cercado por tropas portuguezas que deram uma descarga, matando tres pessoas, e ferindo umas vinte. Embora ficasse demonstrado que El-Rei era innocente deste attentado, isto concorreu para achrysolar a má vontade dos Brasileiros contra elle e contra os Portuguezes e evidenciar que todo desenvolvimento politico commum das duas nações tornara-se impossivel.

Já a 26 de Abril deixava El-Rei o Brasil e voltava para Portugal, depois de passar a regencia ao filho herdeiro D. Pedro.

Antes de tratar mais detidamente das perturbações que agora surgem, lancemos um olhar para lutas que occorreram nas fronteiras durante a regencia e reinado de D. João VI. No anno de 1801, os Portuguezes, favorecidos pelos abalos politicos da Europa, trataram de annullar as estipulações do tratado de Santo Ildefonso, para elles tão lesivo, apoderando-se das Missões e do Serro-Largo, e no anno de 1812 procuraram reconquistar todo o territorio até o rio da Prata. Foram repellidos desta feita; mas em 1816 um exercito de oito a dez mil homens conseguiu occupar toda a banda oriental, que no anno de 1821 foi incorporada ao Brasil com o nome de provincia Cisplatina.

O tempo da regencia do herdeiro da corôa foi extraordinariamente tempestuoso. As Côrtes Portuguezas tentaram restabelecer o *statu quo*, isto é, descentralisar as provincias particulares ou capitanias geraes que, totalmente es-

tranhas umas as outras na época colonial, se haviam centralisado com o governo de um rei sobre a base de um modo commum de administração. Si estas medidas encontraram certa adhesão ao Norte do Brasil,o mesmo não succedeu quanto ás partes do Sul, especialmente no Rio de Janeiro e S. Paulo. Nesta provincia o intelligente politico José Bonifacio de Andrada e Silva manifestou-se energicamente contra ellas, reforçando não pouco o Principe Regente em sua resistencia ás ordens das Côrtes. D. Pedro no principio do seu governo mostrara-se muito leal a ellas, mas o desrespeito da Assembléa, que dispensou-o de suas funcções officiaes e mandou-o tornar para Portugal dentro de certo prazo, indignou-o por tal modo, que elle decidiu pôr-se á frente do movimento nacional de independencia. Affrontou, pois, abertamente as ordens recebidas, e atirou um FICO categorico aos seus promotores, convocou uma assembléa (3 de Junho) e declarou a 1 de Agosto de 1822 que todas as tropas enviadas para o Brasil, sem sua licença, de Portugal ou qualquer outro Estado seriam tratadas como inimigas. Elle não visava então a separação absoluta de Portugal; queria que se concedesse ao Brasil situação egual á da metropole sobre a base de constituição separada. Em uma viagem a S. Paulo convenceu-se, porém, que ninguem queria mais tal união e sob a impressão desta idéa foi que a 7 de Setembro de 1822, nas margens do Ipiranga, onde lhe chegara uma nota ameaçadora de Lisboa, ergueu, em meio de grande multidão que o acclamava, o brado a INDEPENDENCIA OU MORTE, atirou de si o laço portuguez, substituindo-o por uma fita verde e amarella, que mais tarde tornou-se o distinctivo de todos os Brasileiros.

Assim foi effectivamente declarada a independencia do Brasil, e já a 1 de Dezembro D. Pedro era corôado no Rio de Janeiro Imperador do novo imperio. Em breve se livrou das tropas portuguezas e pôde occupar-se exclusivamente com a ordem interna, mui perturbada, no que nem sempre andou com a necessaria habilidade. Com a dissolução da democratica Assembléa Constituinte, a 12 de Novembro de 1823, a sua posição ficou por tal modo embaraçada, que nem a outhorga de uma constituição liberal, jurada por elle

em 25 de Março de 1824, pôde consolidal-a. Primeiramente rebentou em Pernambuco uma revolução, no intuito de fundar uma republica no Norte do Imperio com o nome de Confederação do Equador. Em pouco tempo subjugou-a uma expedição mandada sob as ordens de lord Cockrane, mas não concorreu pouco para alimentar o descontentamento do numeroso partido ultra-liberal por todo o paiz. Além disso o governo de Buenos-Ayres atiçava uma revolução na provincia Cisplatina e procurava encorporal-a ás provincias unidas do Prata (1825), de sorte que o Brasil não pôde se eximir de declarar-lhe guerra. Prolongou-se esta até 1828, e depois de exhaustas ambas as partes belligerantes, terminou com a intervenção do governo inglez por um tratado pelo qual a banda oriental foi declarada Estado livre, independente e sobre si, que se constituiu com o nome de republica do Uruguay. A perda de territorio tão extraordinariamente importante foi em si dolorosa para o Brasil; tanto mais o foi, porém, attendendo á enorme divida de que teve de sobrecarregar-se, divida que não tardou a trazer grandes perturbações politicas.

Entrementes morrera el-rei D. João VI (10 de Março de 1826) e D. Pedro fôra proclamado seu successor em Lisboa. Neste caracter renunciou a corôa em favor de sua filha menor D. Maria da Gloria, deu aos Portuguezes uma constituição liberal, e confiou a regencia até a maioridade da Rainha a seu irmão D. Miguel, que morava em Vienna. Este, porém, abusou de seu poder e procurou restaurar o governo absoluto, pelo que D. Pedro viu-se obrigado a agir contra elle por todos os meios a seu dispôr. Naturalmente soffreram com isso as finanças do Brasil, aliás já muito estragadas, e não é de estranhar que os Brasileiros protestassem contra isso vivamente e accusassem o Imperador de ser de coração mais portuguez que brasileiro. Nas Camaras erguiam-se vozes muito energicas contra os excessos do orçamento em consequencia do augmento crescente do exercito, e na sessão de 1829, ultima da primeira legislatura quatriennal, deu-se importante reducção de despezas, principalmente devida á diminuição das forças militares. Isto aborreceu o Imperador, o qual, de mais a mais,

já perdera os batalhões estrangeiros de Allemães engajados, por causa de um levante provocado por máos tratos, e aborreceu-o por tal modo que elle encerrou bruscamente as Camaras. Porém com a nova legislatura recrudesceu cada vez mais o conflicto, que foi atiçado quanto possivel por uma imprensa anarchica, a qual tomava para objecto de seus raciocinios a vida particular do Imperador, nem sempre livre de reproche. Em uma viagem a Minas Geraes (1831) teve D. Pedro de convencer-se que ali perdera a sua popularidade; sua volta para o Rio deu logar a arruaças e conspirações, e quando o povo soberano, a 6 de Abril, exigiu a demissão do ministerio nomeado no mesmo dia, o conflicto attingiu ao auge, e o Imperador viu-se em frente da alternativa de ceder ou abdicar, pois terceira sahida — a tyrannia, — era impossivel. Abdicou, pois, em favor de seu filho, o actual Imperador, D. Pedro II, então de seis annos de idade, depois de ter-lhe nomeado tutor José Bonifacio de Andrada e Silva, ha muito separado delle; e com o nome de Duque de Bragança tornou para Lisboa, onde falleceu em 1834.

Depois de sua partida, o povo acclamou o joven Imperador e levou-o em triumpho pelas ruas, com o que ficou provado aos coripheus da revolução que a monarchia já fizera raizes mui profundas, para poder ser posta de lado tão facilmente como talvez esperavam. Passara a revolução contra a corôa; em compensação tanto mais flammejava o odio popular contra os Portuguezes e entregava-os ao tratamento mais brutal por parte do povilêo indigena. E a perseguição não se praticou só no Rio de Janeiro, mas em muitas outras cidades do Imperio.

A 7 de Abril, logo após a abdicação do Imperador, formou-se uma regencia, composta de tres cidadãos eminentes. Estava esta impregnada das melhores vistas; mas, apezar disso, teve de soffrer de numerosos ataques, de tumultos parlamentares, e tambem das intrigas do Ministro da Justiça, padre Diogo Antonio Feijó, contra o tutor imperial, José Bonifacio, que afinal derribou. No anno de 1834 modificou-se a disposição constitucional a respeito da regencia, substituindo á regencia trina a de um individuo, que devia ser escolhido

pelos eleitores por um periodo de quatro annos. Feita a eleição de accôrdo com esta reforma, obteve maioria o dito Padre, que pela sua severidade não tardou a attrahir o desfavor dos Brasileiros e demittio-se a 19 de Setembro de 1837. Seu successor, Pedro de Araujo Lima, não foi mais feliz, e especialmente dois irmãos de José Bonifacio, fallecido em 1838, atacaram-lhe a regencia da maneira a mais violenta e conseguiram anticipar a época da maioridade do Imperador. Constitucionalmente, este só deveria attingir a ella em 2 de Dezembro de 1843; mas na realidade as Camaras dos Deputados e Senadores declararam-o maior a 23 de Julho de 1840.

Durante a regencia de Feijó e Araujo Lima o paiz foi abalado por lutas violentas. Em Ouro Preto, capital da provincia de Minas Geraes, no Pará e na Bahia (neste logar movida pelo populacho de côr), deram-se revoltas, que as tropas do governo dominaram sem difficuldade. Não succedeu o mesmo com a revolução que rebentou no Rio Grande do Sul no intuito de separar do imperio este territorio. A 16 de Dezembro de 1837 proclamou-se ali a republica, e perante ella ficou a regencia em posição tanto mais difficil quanto não podia dirigir suas tropas exclusivamente para aquella provincia meridional, pois tinha de reprimir ao mesmo tempo revoltas no Pará e Maranhão. Assim lavrava ainda a guerra civil no Rio Grande do Sul quando D. Pedro II subiu ao throno, e só a 20 de Março de 1843 conseguiu o general Caxias, que restabelecera a ordem no Maranhão, dar uma derrota decisiva nos chamados Farrapos. Em breve Piratinim, capital republicana, cahiu em seu poder, e depois de sujeitos os caudilhos da revolução, restabeleceu-se a paz mediante amnistia plena, incondicional. Esta guerra de guerrilhas, que durante quasi um decennio sustou o desenvolvimento da provincia, offerece algum interesse no facto que os Allemães, ali estabelecidos desde 1825, tomaram parte nella, sendo singular que os Catholicos combateram ao lado dos Farrapos sob as ordens do condottiere Garibaldi, e os Protestantes ao lado dos legalistas sob as ordens de Chico Pedro, porteriormente barão de Jacuhy.

Em 1842 rebentaram levantes em Minas Geraes e S. Paulo, e em 1848 em Pernambuco, devidos ás diabruras politicas de ambos os partidos, mas as tropas do governo reprimiram-nas com facilidade. Não menos victoriosas foram suas armas no anno de 1851, quando tratou-se de reprimir o dictador argentino Rosas, que cobiçava apossar-se da banda oriental. Neste intuito o Brasil se aliara ao general Urquiza, governador das provincias de Entre-rios e Corrientes, e engajara mercenarios restantes do antigo exercito de Schleswig-Holstein, os quaes, reunidos ás tropas brasileiras e ás de Urquiza, alcançaram em Monte-Caseros victoria decisiva, que trouxe em resultado a dissolução das tropas de Rosas, a fuga do Dictador para a Inglaterra e a manutenção da independencia do Uruguay.

Muito mais séria que esta guerra, embora egualmente victoriosa, mostrou-se para o Brasil a campanha que foi obrigado a emprehender de 1865 a 1870 contra o Paraguay. Primeiro motivo para ella deram as violencias que Aguirre, Presidente do Estado Oriental, praticava contra cidadãos brasileiros. Levaram o Brasil a uma demonstração guerreira, e com esta Franciso Solano Lopez, Presidente do Paraguay, sentiu-se obrigado a quebrar lanças pelo partido conservador do Uruguay, chamado blanco, e a atacar bruscamente o Brasil. Sem formal declaração de guerra, apoderou-se do vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegava para Matto-Grosso, e mandou que suas tropas não só invadissem aquella previncia, como a do Rio Grande do Sul, o que claramente apresentava ao Brasil *casus belli*. Mas tambem os governos de Buenos Ayres e Montevidéo viram seus territorios ameaçados pelos exercitos do dictador Lopez e aliaram-se por isso com o Brasil para debellar o inimigo commum. Este offereceu resistencia extraordinariamente pertinaz, e foi necessario o emprego de todas as forças dos alliados para vencel-o. So quando Lopez, a 1 de Março de 1870, cahiu nas margens do Aquidaban, pôde considerar-se finda a guerra e medir-se as suas consequencias. O paiz, outr'ora tão florescente, estava devastado, e a população, que sem distincção de sexo nem de edade, até meninos de 10 annos, estivera sob as armas, des-

cera de 1 milhão a cerca de 300 mil almas; mas tambem os vencedores, especialmente os Brasileiros, tinham soffrido perdas enormes, que não foram compensadas com augmentos de territorios, concluida a paz. Sem duvida o Imperio soubera defender sua honra contra os ataques do inimigo ambicioso e cobiçoso; mas conseguira-o á custa de suas finanças, já mal paradas, e com o sacrificio de numero extraordinariamente grande de homens validos.

Desde então a paz não foi mais interrompida; mas as feridas que a guerra contra o Paraguay inflingira ao paiz, ainda não sararam, e a situação precaria das finanças estorva-lhe a sadio desenvolvimento material. Mas si neste sentido não se nota progresso correspondente aos recursos naturaes, entretanto no dominio da politica interna tem-se obtido muito, que não póde ficar sem menção. A 28 de Setembro de 1871 foi sanccionada a lei da emancipação dos escravos, votada pelas Camaras, segundo a qual daquella data em diante os filhos de mulher escrava eram considerados livres, e além disso estabelecia-se um fundo para libertar certa classe de escravos. Assim protestou o Brasil ao mundo que era vontade sua libertar-se por iniciativa propria de uma instituição que não corresponde mais a nosso seculo. E este esforço é tanto mais notavel, quanto a exploração agricola até então assentava sobre o trabalho escravo, e para substituil-o pelo trabalho de immigrantes não ha approximadamente as mesmas probabilidades que outr'ora nos Estados do Sul da União Americana, para onde antes da libertação violenta dos escravos já se encaminhava grande parte da corrente emigratoria européa.

Sobre o estado presente da escravidão no Brasil fallar-se-a mais adiante. Basta mencionar aqui que os legisladores brasileiros não souberam compensar adequadamente a falta de trabalhadores proveniente de emancipação mediante o fomento da immigração e colonisação. Embora em 1881, introduzindo a eleição directa em lugar da indirecta, que até então vigorava, hajam reconhecido o direito passivo do voto a cidadãos acatholicos que pela Constituição estavam privados delle, assim dando passo importan-

te no caminho do progresso; entretanto isto só não basta para animar a immigração, como adiante veremos, quando se tratar de colonisação.

No todo a vida politica do Brasil é muito embaraçada pelo influxo de dissensões partidarias, que muitas vezes se alimentam de pequeninos motivos pessoaes, e só á eminente capacidade politica do Imperador, D. Pedro II, conseguindo conciliar os contrastes violentos entre os conselheiros de sua corôa e os representantes do povo, se deve o facto do paiz haver escapado ás perturbações que com guerras civis permanentes têm flagellado quasi todos os outros Estados sul-americanos. E' claro que neste bordejar constante entre os diversos partidos, as conquistas positivas do progresso politico hão de ser lesadas; mas pelo menos este processo nas mãos do Imperante tem-se affirmado como meio efficaz para a conservação de sua dynastia e da fórma monarchica em geral, e isto evidentemente deve considerar-se um bem para o paiz, que de outro modo já teria se despedaçado. Com sua enorme extensão, com as differenças climaticas e economicas das diversas provincias, e com a varia mistura, o vario desenvolvimento dos diversos elementos populares, quem quer que conheça o Brasil não terá duvida que a cohesão das diversas provincias só será possivel conservando-se a fórma monarchica.

Mas será tambem necessario que se conceda posição autonomica ás provincias, que se abandone o systema centralisador, que ainda vigora; reforma que o proprio Imperador parece ter reconhecido necessaria, pois tem dado a conhecer abertamente suas sympathias por projectos que neste sentido modernamente appareceram nas Camaras.

X

A POPULAÇÃO

Considerando-se mais de perto o povo brasileiro, vê-se logo que não se trata aqui de typo uno ; ao contrario, defrontamos um mosaico dos mais diversos povos e raças e de seus productos misturados. No fundo o povo brasileiro consta de mestiços de Portuguezes, Indios e Negros ; mas dentro dessa amalgama de raças existem muitas gradações, e aggregam-se ainda os descendentes de Hollandezes, Francezes, Allemães, Italianos, Inglezes, Hespanhóes e outros estrangeiros que se misturaram menos que os Portuguezes com a gente americana e africana, e por isso representam ainda pela maior parte o typo caucasico, que desappareceu quasi inteiramente na progenie lusitania. A causa desta mistura geral dos Portuguezes immigrados com as raças coloradas provém de que no Brasil nem a legislação nem a conveniencia social procuraram impedil-a, como succedeu nos Estados Unidos, onde o mestiço occupou sempre posição subordinada.

Segundo a estatistica de 1872, a população do Brasil era de 9.930.478 almas, isto é, 1,01 por kil. □. Dellas eram 5.123.869 homens, e 4.806.609 mulheres.

Segundo as raças : os brancos eram 38,13 °/₀ ; os pardos 38,28 °/₀, os pretos 19,68 °/₀ ; os caboclos 3,89 °/₀.

A população branca, depois de descer ao minimo no Amazonas, 19,4 °/₀, sobe no Pará a 33,6 °/₀, desce no Maranhão o 28,8 °/₀, no Piauhy a 21,4 °/₀, elevando-se em seguida no Ceará a 37,2 °/₀, e attingindo no Rio Grande do Norte a 43,7 °/₀, a maior porcentagem ao Norte do Rio de Janeiro. Entre Rio Grande do Norte e o Municipio Neutro a porcentagem vai diminuindo com maior ou menor regularidade ; na Parahyba 38,4 °/₀, em Pernambuco 34,59 °/₀, nas Alagôas 25,5 °/₀, em Sergipe 28,2 °/₀, na Bahia 24,02 °/₀, no Espirito Santo, 32,3 °/₀, no Rio de Janeiro, 38,74 °/₀. No Municipio-Neutro e nas provincias do Sul a porcentagem augmenta, chegando ao maximo em Santa Catharina : Municipio-Neutro 55,20 °/₀, S. Paulo 51,76 °/₀ Paraná 55 °/₀, Santa Catharina 78,81 °/₀. Rio Grande do Sul 59,42 °/₀. Nas provincias centraes diminue de novo : Minas Geraes 40,73 °/₀, Goyaz 26,14 °/₀, Matto-Grosso 28,53 °/₀.

Os mestiços de 13,2 °/₀ no Amazonas, passam a 38,2 °/₀ no Pará, 46,7 °/₀ no Maranhão e 57,6 °/₀ no Piauhy, a maior porcentagem ao N. de Alagôas ;

no Ceará descem a 49,5 %, no Rio Grande do Norte a 38,6 %, passando a 50 % na Parahyba, 49,13 % em Pernambuco, attingindo o maximo em Alagôas, 60,05 %. Em Sergipe, a porcentagem passa a 51,6 %, na Bahia a 45,73 %, no Espirito Santo a 33,3 %, no Rio de Janeiro a 25,69 %, no Municipio-Neutro a 20,33 %, em S. Paulo a 23,46 %, no Paraná 27,41 %, descendo ao minimo, 10,38 %, em Santa Catharina. No Rio Grande do Sul a porcentagem eleva-se a 16,38 %, em Minas a 34,53 % em Goyaz a 56,42 % e em Matto Grosso a 39,36 %.

A população preta, descendo ao minimo, 3,3 % no Amazonas, passa no Pará a 11,8 %, attingindo no Maranhão a 21,4 %, a maior porcentagem ao Norte da Bahia. Desde então, oscilla com maior ou menor regularidade: 14,2 % no Piauhy, 5,9 % no Ceará, 12,8 % no Rio Grande do Norte, 8,9 % na Parahyba, 14,86 % em Pernambuco, 12 % em Alagôas, 18,3 % em Sergipe. Da Bahia ao Rio de Janeiro vai sempre crescendo: 26,61 % na Bahia, 27,5 % no Espirito Santo, 34.56 % no Rio. No Municipio-Neutro a porcentagem diminue: 24,12 %, e as outras provincias, quer maritimas quer centraes, ficam abaixo do Municipio-Neutro: 20,06 % S. Paulo, 10,41 % Paraná, 8,99 % Santa Catharina, 18,27 % Rio Grande do Sul, 23,13 % Minas Geraes, 14,78 % Goyaz, 17,99 % Matto Grosso.

A população cabocla attinge ao maximo no Amazonas, de que forma 63,9 %; desce no Pará a 16,2 %, no Maranhão 3 %, sobe no Piauhy a 6,6 %, no Ceará a 7,3 %: desde ahi vai descendo até Sergipe: Rio Grande do Norte 4.7 %, Parahyba 2,5 %, Pernambuco 1,40 %, Alagôas 1,8 %, Sergipe 1,7 %. Na Bahia sobe a 3,61 %, no Espirito Santo a 6,8 %, para descer a 1 % no Rio de Janeiro, e attingir ao minimo, 0,33 % no Municipio-Neutro. As outras provincias maritimas e centraes têm todas porcentagem superior ao Municipio-Neutro e Rio de Janeiro: S. Paulo, 4,71 %, Paraná 7,17 %, Santa Catharina, 1,80 %, Rio Grande do Sul 5,91 %, Minas Geraes 1,58 %, Goyaz 2,64 %, Matto Grosso 14,10 %

A introducção de escravos negros foi especialmente fatal para o Brasil e os Brasileiros, pois estes degeneraram muito mais por suas relações com aquelles do que com os Indios, e, o que ainda é peior, como senhores de escravos desaprenderam o trabalho, pelo menos consideram-no indigno do homem livre, e portanto hão de tratar com grande dureza os immigrantes livres, quando forem introduzidos em grupos cada vez maiores, o que succederá depois de abolida a escravidão. As bandeiras contra os Indios para escravisal-os começaram logo após o descobrimento do paiz, e só a 6 de Junho de 1755 foi promulgada uma lei que garantia a egualdade de direitos entre os Indigenas e os Portuguezes immigrados e os eximia da escravidão; apenas algumas tribus foram mais tarde declaradas fóra da lei, como, por exemplo, os Botocudos de Minas Geraes pelas Cartas Règias de 2 de Dezembro de 1806 e 1 de Abril de 1807, que só em 1831 foram revogadas; mas isto tanto mais despeiou o trafico dos Negros. Estes não acharam

advogados como os Indios depararam nos Jesuitas; foram uns vendidos por seus proprios principes aos traficantes, outros simplesmente roubados por estes á força e astucia, e vendidos publicamente, conculcados os direitos mais sagrados dos homens, separados os filhos dos paes e estes um do outro. Já antes da lei emancipadora de 1755 viera para o Brasil quantidade consideravel de escravos negros; desde então este vergonhoso commercio de homens assumiu proporções enormes, e só foi prohibido em 1851, por pressão da Inglaterra. O numero preciso de escravos até então introduzidos é impossivel averiguar; podemos quando muito com o numero de escravos que ainda ha pouco existiam formar uma idéa a respeito da extensão da escravidão no Brasil. Mesmo isto, segundo o relatorio do Ministro da Agricultura em 1882, só se baseia em estimativa; pois, apezar de todas as ordens superiores que neste sentido se expediram e apezar de todas as circulares que se mandaram, não se conseguiram os dados de muitos districtos. Nos fins de 1881 a população escrava do Brasil orçava por 1.400.000 almas.

Como já fica dito, a 28 de Setembro de 1871 foi promulgada uma lei pela qual a partir daquella data consideravam-se livres todos os filhos de mulher escrava, e ao mesmo tempo dispunha-se a formação de um fundo de emancipação para certas classes de captivos com o rendimento de uma taxa de escravos, um imposto sobre venda de escravos e loterias do Estado. Este fundo attingira até 1 de Julho de 1882 a somma de 12.981:062$, e com o auxilio do mesmo foram libertados 10001 escravos pela importancia de 5.335:322$598.

Noticias mais modernas orçam o numero de libertos pelo fundo de emancipação em 15.000, algarismo provavelmente exagerado. Por ahi vê-se quão insignificante tem sido até agora o auxilio do Estado para a extirpação da escravidão. Tanto mais consolador é, porém, o facto que o povo brasileiro, por iniciativa propria, e com sacrificio de grandes valores pecuniarios, procura libertar-se desta instituição que envergonha sua terra, pois o numero dos escravos libertos espontaneamente pelos senhores de 1871 a 1882 importa

em cerca de 60 mil, o sextuplo dos emancipados pelo fundo respectivo, e modernamente o partido dos Abolicionistas tem crescido de modo tão extraordinario, que é para receiar que pela pressão que já exerce sobre o povo e sobre as Camaras apresse mais o prazo da cessação completa da escravidão, do que seria acertado sob o ponto de vista economico.

O tratamento dos escravos no Brasil pode em geral considerar-se humano, embora se deem casos particulares de abusos inauditos contra esta classe infeliz. A sorte de escravo depende muito da individualidade do seu senhor e do trabalho em que é empregado. Assim, por exemplo, o escravo do pequeno lavrador tem-na melhor muitas vezes que um trabalhador livre em outras terras, pois seu senhor reparte com elle a casa, a comida e a bebida, considera-o como membro da familia e mesmo por causa do valor que elle representa cura muito do seu bem estar. Esta situação é muitas vezes correspondida, pois o escravo, em parte por affeição real, em parte para impedir que o vendam, tudo faz para se tornar indispensavel. Quando o senhor não pode mais trabalhar, elle ainda trabalha mais; e si acaso invalída, ainda vae esmolar para ainda assim sustentar o senhor. Tambem os escravos domesticos da gente rica muitas vezes são tão bem tratados como criados livres; mas outras vezes têm de soffrer muito do humor dos senhores. Isto se dá ainda mais com os escravos que trabalham nas grandes fazendas e fabricas sob as vistas dos feitores. Ainda hoje lêm-se com frequencia nas folhas brasileiras noticias dos castigos cruentos que são inflingidos nestes infelizes; não admira, pois, que os escravos achando ensejo vinguem-se de seus carrascos e os trucidem. Têm-se dado batalhas formaes entre a policia e os escravos levantados, em que este são geralmente vencidos, mas por vezes conseguem escapar à perseguição, fugindo para as brenhas, onde fundam aldeas toscamente fortificadas chamadas quilombos. Para pegar os fugitivos e reconduzil-os á escravidão o governo portuguez creou no seculo passado a instituição dos capitães de mato, que ainda agora existem. Para taes postos são escolhidos sempre pessoas que unem a astucia com a coragem e força physica, pois, si qui-

zerem ser bem succedidos e ganhar os premios offerecidos para a conducção de escravos fugidos, não devem recuar ante o ataque de muitos, e devem prever a hypothese de cahirem nas mãos dos perseguidos e de terem de pagar a sua traição com os mais horriveis tormentos.

E' caracteristico da raça negra que ella trata os parceiros peior que qualquer outra. Como o principe africano vende desapiedado os subditos ao negreiro, assim tambem quasi exclusivamente são Negros os que se entregam á perigosa profissão de capitão do mato e em geral a desempenham melhor que os Brancos. Si por acaso um negro alforriado por dinheiro ou liberto pelo dono consegue pela diligencia e economia tornar-se senhor de escravos, em regra trata-os com maior dureza e crueldade que qualquer outro. So quando se trata do bem estar de parentes, mostra o Negro feições de alta abnegação, e si acaso se liberta, seu maior esforço visa antes de tudo a libertar dos grilhões do captiveiro os membros de sua familia com os resultados do seu labor.

Podemos recordar aqui um bonito costume que existe em todo o Brasil e faz honra aos senhores de escravos. Si algum delles incorre em castigo, pode qualquer homem livre a quem este implore apresentar-se como seu padrinho para que a pena lhe seja remittida, e seria contra o costume da terra que o senhor não attendesse ao pedido e não perdoasse o castigo, que consiste geralmente em chicotadas. E' tambem para louvar que se conceda ao escravo enchanças para formar pequeno peculio, pois o senhor não lhe pode tomar o que elle ganha fora do serviço prescripto. Nas grandes fazendas vigóra, por exemplo, o costume dos escravos durante um dia na semana, geralmente o domingo, ficarem livres de qualquer serviço, lavrando o campo que o senhor põe a seu dispor, cujos productos mais tarde vendem por conta propria.

Entre typos caracteristicos de escravos brasileiros notaremos o velho invalido que vestido de roupas europeas abandonadas mendiga pelas ruas; o negro reforçado, nervoso, de thorax nu, e face tatuada que se encontra não só nas fazendas como nas cidades maritimas, feito carregador; a negra mina pertencente á mesma familia, com a roupa clara destacando

graciosa da pelle preta e um panno de côr vistosa enrolada em turbante a volta da cabelleira lanzuda, e a preta de taboleiro, tão caracteristica dos mercados, que sabe balançar com grande habilidade as cousas que leva na cabeça.

De resto em lingua e habitos os Negros se assimilaram muito facilmente á vida do povo brasileiro; e si os Africanos importados ainda fallam idiomas gutturaes e ás escondidas entregam-se ás superstições fetichistas da patria, seus descendentes nascidos no Brasil, os chamados crioulos, sabem libertar-se dellas. Procuram aprender a lingua da terra, vestem-se á européa, em geral são catholicos zelosos, mas olham antes para a exterioridade do que para a essencia da religião, e reclamam o direito de orar a santos pretos, de leval-os em procissão pelas ruas.

A profunda mestiçagem dos Brancos com os Negros concorreu para que no Brasil a differença e odio de raças não domine tanto como nos Estados Unidos; mas trouxe comsigo casos notaveis. Encontram-se, por exemplo, escravos filhas de branco e mulata, cuja tez é mais branca que a dos seus senhores e que os excedem muito em intelligencia. Até 1871 vigorou mesmo a lei que os filhos de escravos seguiriam a condição materna, e só depois deste tempo se tem notado a diminuição dos escravos de côr clara.

Os colorados livres formam a maior porcentagem da população, e o cruzamento entre Caucaseos e Ethiopes é mais representado entre elles que o cruzamento entre Caucaseos e Indios, e entre Indios e Negros. Os Mulatos, principalmente os de segundo e terceiro gráo, não cedem em intelligencia aos Brancos e têm dado estadistas, sabios, poetas e industriaes eminentes; tambem os officios manuaes, o pequeno commercio, em grande parte estão em suas mãos, de que só a aristocracia rural e o commercio de grosso trato na maior parte estão livres. Este elemento excede em libertinagem as duas raças de que procede, e as mulatas avultam no *demi-monde*, ao qual se dá muito mais liberdade do que nas terras européas. Tambem em geral a respeito de bons costumes as idéas divergem das da Europa.

E' claro que os excessos, principalmente provocados e favorecidos pela instituição da escravidão, não podem deixar de acarretar más consequencias sobre o desenvolvimento physico e espiritual dos Brasileiros, que a tal respeito na média ficam abaixo dos Portuguezes. Figuras franzinas e pequenas, de tez amarellenta e movimentos flacidos constituem a maior parte da população e apenas em certas partes do planalto médio e no sul do Brasil encontram-se relativamente muitas pessoas vigorosas, especialmente mulheres de côres florentes e figuras magestosas, que com os vivos olhos negros e a graça natural dos movimentos seriam notadas como bellezas mesmo na Europa.

A população brasileira mostra por toda a parte nas differentes provincias muitas differenças, cujas causas devem em parte procurar-se na acção do clima, e em parte derivam do desenvolvimento historico. Em todo caso, onde menos se póde conhecer o Brasileiro é na capital do Imperio, pois ahi o contacto aturado com a vida civilisada da Europa tem sido muito forte para que as particularidades nacionaes não lhe tenham sido sacrificadas. Na moradia, na vestimenta, no modo de viver, nas fórmas da sociedade, o Fluminense procura copiar o Europeu e em particular ao Parisiense, pelo que deve se procurar as pequenas cidades, villas, antes de tudo as fazendas, para poder observar o povo na sua maneira particular.

A peior feição de caracter brasileiro é a negação ao trabalho regular; pois isto é que concorre para a terra se desenvolver tão demoradamente e para o nacional a todo esforço de adiantar que lhe perturba o *dolce far niente* responder com o esteriotypado: Paciencia. Nem-uma palavra se emprega talvez mais no Brasil do que essa. Naturalmente tambem isso é fructo da escravidão, que alimentou no povo o falso sentimento que o trabalho envergonha o homem livre e que preguiçar é privilegio inviolavel seu. A nação brasileira só attingirá a vida mais elevada com a extincção da escravidão, e deve conseguil-o, si não quizer ser batida pelos estrangeiros invasores. Tambem os Brasileiros parecem sentir isto instinctivamente, e é assim que se explica o odio aos estrangeiros, que por vezes apparece tão assanhado,

e que modernamente exacerbou-se contra os Portuguezes, embora apenas em artigos de jornaes. Dotes naturaes absolutamente não lhes faltam. Comprehendem facilmente, mas são superficiaes e só a contragosto descem ao fundo das cousas. Grandes philosophos difficilmente produzirão jamais: em compensação procuram alardear saber variado de compendio, que ostentam a todo proposito com a rhetorica que lhes é particular; de sorte que quem não examina com cuidado, facilmente os toma por mais instruidos do que são effectivamente.

A vida de familia, quando não perturbada pelo mulatismo, póde considerar-se muito boa. O estrangeiro impressiona-se muito favoravelmente pelo respeito que os filhos mostram aos paes, e o tratamento das mulheres pelos maridos é muito mais attencioso que entre nações que lhes são superiores em civilisação. Outr'ora as mulheres, particularmente as filhas solteiras, eram muito vigiadas. Só sahiam ás ruas escoltadas por parentes, eram retiradas mui cuidadosamente das vistas do estrangeiro, tinham de consentir que nas janellas de seus quartos de dormir fossem postas grades para garantil-as de raptos. Mas esta precaução para pouco servia, pois exactamente naquelle bom tempo antigo em que se empregava lia-se quasi em cada numero de gazeta uma interessante historia de rapto, que geralmente concluia atirando-se os fugitivos arrependidos aos pés dos paes irritados, que logo os mandavam casar. Esta romantica do rapto vae se perdendo cada vez mais no Brasil, pois a maneira livre das Europeas tornou as Brasileiras rebeldes ás antigas usanças. Não querem mais se deixar levar e cada vez mais vão rompendo as peas impostas a sua emancipação. O que especialmente se deve louvar é o anhélo do mundo feminino brasileiro por maior desenvolvimento espiritual. Os estabelecimentos de ensino mais elevado para senhoras, fundados no Brasil durante o ultimo decennio, têm frequencia animada e muitas Brasileiras já se têm doutorado em universidades estrangeiras.

O modo de vida dos Brasileiros é muito simples e sem commodidades. As casas, tanto por dentro como por fóra, e até as da gente rica, não têm ornatos. Quando muito, os

quartos de dormir com suas camas de cortinados e os travesseiros de renda, podem conciliar-nos com a falta de mobilia bonita e agradavel. Com o grande encanto da natureza e a amenidade do clima, que permitte aos moradores passarem muito tempo ao ar livre, é facil comprehender o pouco pendor para a commodidade caseira. Mas tambem na comida e na bebida o Brasileiro é muito simples, e não tem disposições para abusar; a embriaguez, tão espalhada entre as nações européas, para elles é uma abominação. Tambem deve ser louvada aqui uma virtude nacional dos Brasileiros, a hospitalidade, exercida egualmente por pobres e ricos: quem quer que viajou pelo interior, jámais esquecerá com que desinteresse recebem-no por toda parte. Sem duvida do direito de hospitalidade abusam vergonhosamente muitos estrangeiros sem consciencia, e por isso nos logares mais frequentados ella vai aos poucos esmorecendo; mas ha ainda grandes districtos em que uma pessoa sem vintem no bolso póde viajar de estancia a estancia, encontrando sempre o melhor acolhimento. Em contraste inexplicavel com esta hespitalidade desinteressada, ha notavel falta de consciencia de direito, que se manifesta principalmente na tendencia, não de todo combatida pela opinião publica, a colher proveitos illicitos por astucia e violencia. Os cofres municipaes e do Estado são os que mais desafiam a cobiça, e diante da corrupção geral do funcionalismo, os empregados honestos são a excepção. A corruptibilidade domina em todas as classes sociaes: como nem a magistratura está livre desta pecha, muitas vezes ficam impunes os crimes mais graves, e até os delinquentes são protegidos. Isto dá-se principalmente com os chamados Capangas, gente que por dinheiro perjura e até assassina.

Delles diz Tschudi: « São uma chaga da sociedade humana e só podem subsistir em um Estado onde a depravação moral não se limita a algumas classes baixas da nação, mas tambem lavra pelas altas camadas, que não só approvam o delicto, mas tambem patrocinam o criminoso e com elle fraternisam. » Os capangas são principalmente postos em jogo contra adversarios politicos, e d'ahi póde-se concluir com que paixão faz-se politica no Brasil, a qual muitas vezes não passa de luta entre os partidos existentes pelo direito de dispôr dos cofres do

Estado e de encher os logares publicos de amigos e parentes, pois em simples luta por bens ideaes não é costume empregarem-se meios tão violentos.

Estas faltas, que mancham a nação brasileira, são dolorosamente sentidas por patriotas, e condemnadas publicamente e com louvavel coragem ; symptomas de melhoramentos, até agora poucos se notam.

CULTURA ESPIRITUAL

XI

O CULTO

Segundo a Constituição, a religião catholica, apostolica romana é a religião do Estado; mas todos os outros cultos são permittidos, embora sob certas condições, e gozam da protecção do governo. Divide-se o paiz em um arcebispado e onze bispados, 19 vigararias geraes e cerca de 1.600 parochias. O Arcebispo reside na Bahia, e os Bispos no Rio de Janeiro, Pernambuco, Fortaleza, Maranhão, Pará, S. Paulo, Porto Alegre, Goyaz, Cuyabá, Marianna e Diamantina: as duas ultimas ficam ambas na provincia de Minas Geraes. Nas diversas dioceses ha seminarios subvencionados pelo Estado para a educação do clero, e na Bahia uma relação metropolitana, que decide em ultima instancia sobre os negocios tratados nas vigararias geraes e comarcas ecclesiasticas.

A Egreja do Brasil é pobre e extraordinariamente dependente do Estado, que a provê muito parcamente, como se patenteia do facto de no anno financeiro de 1882-1883 apenas se destinarem 1.003:000$ para as necessidades do culto, comprehendendo os seminarios episcopaes e as missões entre os Indios. Os ordenados do clero são portanto muito pequenos, e por isso procuram os ecclesiasticos outros achegos, que muitas vezes não são os mais proprios para angariar-lhes consideração: occupam-se, por exemplo, na direcção de hospedarias e do commercio a retalho; em outro tempo o commercio de escravos foi por elles feito com habilidade e proveito. Na maioria de seus representantes, o clero brasileiro não se salienta pela moralidade ou pelo saber, de sorte que não exerce a influencia moralisadora que poderia exercer sobre a população; não é, pois, de admirar que os Brasileiros, já de si indifferentes, conservem-se em quasi apathia perante a Egreja, e apenas dêm a conhecer sua adhesão pela parte que tomam em festas pomposas. Nestas

festas ecclesiasticas, as procissões, a queima de foguetes e fogos de vista, os leilões de objectos cedidos á Egreja são o principal do programma. E isto é facil de comprehender: na falta de festas populares, como festas de cantores, torneios, feiras, mercados annuaes e tiros, que existem em outros paizes, as festas da Egreja tornaram-se as verdadeiras festas do povo; não exercem, porém, a menor influencia benefica sobre o augmento da religiosidade.

Como por outro lado as escolas não dependem da direcção da Egreja, difficilmente poder-se-a fallar da influencia desta sobre a sociedade em geral. Exclusivamente pela capacidade intellectual de alguns Padres explica-se o facto de em um ou outro ponto terem conseguido curvar pequenas communidades sob o jugo hierarchico. Especialmente os Jesuitas allemães que no Sul do Brasil assistem nas colonias, têm sabido com sua superioridade conhecida dominar a consciencia de seus freguezes. Já se esforçam de chamar a si a disciplina das escolas, e alargar sua influencia por meio do proselitismo entre os Protestantes. Ao contrario da decadencia da Egreja que se nota em outros pontos do paiz, vê-se nos logares em que dominam os Jesuitas allemães apparecerem os mais bellos templos e as mais bellas escolas, e isto sem appellarem para a fazenda publica, mas exclusivamente com os auxilios voluntarios prestados por seus parochianos. De anno a anno vai augmentando o seu poder, e apenas alguma voz se eleva contra esta actividade perigosa a mais de um respeito para a paz politica, embora o decreto da expulsão da Ordem pelo Marquez de Pombal ainda seja lei no Brasil, pois que nunca foi revogado formalmente. Só ao indifferentismo dos Brasileiros e da maior parte dos Protestantes se deve esta invasão dos Jesuitas. A maçonaria, espalhada em numerosas lojas por todo o territorio, tem protestado occasionalmente contra as pretenções deste clero immigrado, mas pouco proveito d'ahi tem advindo, porque as lojas maçonicas do Brasil não estão escoimadas dos defeitos do povo e attendem mais ás exterioridades do que ao fundo da instituição.

Sobre a actividade dos Capuchinhos estrangeiros como missionarios já fallámos alhures; notaremos, porém, que a

catechese gyra em limites muito acanhados, por falta de recursos. No anno financeiro de 1882-83, o orçamento apenas destinou 100:000$ para este fim, e o numero de Missionarios, que eram 57, é demasiado restricto para se poderem colher grandes resultados. O Ministro da Agricultura, por cuja repartição corre esta parte do culto, queixa-se em um dos ultimos relatorios que os Padres brasileiros são destituidos da habilidade e dedicação necessarias para o trabalho das missões, e que para favorecel-as mediante grande numero de Padres estrangeiros não ha sufficientes recursos pecuniarios.

Segundo o relatorio do Ministro da Agricultura para o anno de 1886 é este o estado da catechese:

Amazonas.—São mantidos os seguintes aldeamentos: *Jarapecuma*, na freguezia de S. Gonçalo, municipio de Barcellos, com area de 3 kilometros, conta 85 individuos, dos quaes 45 mulheres, tem uma capella; *S. Francisco de Taraquá*, situado na freguezia de S. Gabriel, do mesmo municipio de Barcellos, com a area de 3 kilometros, com 318 Indios, dos quaes 182 mulheres, uma capella e uma escola; *S. Jeronymo de Ipanoré*, na mesma freguezia e municipio, area de 3 kilometros, população de 336 almas, das quaes 186 mulheres, capella; *Santo Antonio de Javarité*, na mesma freguezia e municipio, area de 4 kilometros, população de 402 almas, das quaes 218 mulheres, capella; *Santa Isabel do rio Piquié*, na mesma freguezia, area de pouco mais de 1 kilometro, população de 266 almas, das quaes 139 mulheres, capella; *S. José de Maracajú do rio Piquié*, na mesma freguezia e municipio, area de 4 kilometros, população de 300 almas, das quaes 166 mulheres, capella.

Além destes contam-se mais os seguintes de menor importancia: *Ivitúra-pecuma*, com 40 almas, *Jacaré-capuama*, com 48, filiaes ambos a Jarapecuma; *S. Bernardino* e *Naná-rapecuma*, filiaes do Taraquá, com 140 almas: *Juquirá-rapecuma*, filial de S. Jeronymo, com 170 individuos; *Nossa Senhora de Nazareth*, filial de Santa Isabel, com grande numero de selvicolas que habitam o rio Castanha; *S. Pedro de Alcantara do Parry*, filial de S. José de Maracajú, com 250 individuos, proprio por sua posição para a catechese dos Indios das margens do Omaré e Japurá.

Pará.—São os seguintes os aldeamentos existentes: *Santa Cruz*, *Cury*, *Maxituba* e *Bacabil*, situados ás margens dos rios Cademury, Tamancheiro, Tropas e S. Manoel, affluentes do Tapajoz, povoados por indios Manducurús; *Gurupy*, composto de 16 aldeas, contem cerca de 2,000 Indios das tribus Tembés, Amanagés, Timbira, Guajá, Urubu, e Guajará, que se dedicam á cultura de mandioca, milho, arroz, feijão, que já exportam; *Acará-miry*, com 400 almas, composto de tres grupos situados um em Mariquita-grande, um á margem direita e outro á margem esquerda do Aracú; *Xingú*, situado no valle deste rio, com cerca de 700 Indios das tribus Axipaias, Curuaias, Araras e Pennas, que quasi exclusivamente vivem de caça; *Maracanan*, com quasi 100 Indios, que se entregam á lavoura, divididos em dois grupos a margem do rio do mesmo nome, com escola frequentada por crianças; *Pacajá*, situado no municipio de Sousel, quasi deserto, constituido pela tribu Anambé.

Maranhão. — Conta seis missões e 24 directorias parciaes, tendo na capital um agente encarregado da venda dos productos remettidos dos aldeamentos e da acquisição dos generos de que carecem.

São as seguintes as missões: *Januaria*, situada a margem do Pindaré, na confluencia do Carú, composta de 97 Guajarás, dos quaes 45 mulheres, lavradores; *Leopoldina*, situada em Bacabal no alto Marim, composto de Crens e Pobzes, em numero de 201, dos quaes 91 mulheres, lavradores; *Arantamby-grande*, situada á margem direita do Grajahú, desde a sua foz até o logar denominado Palmeira Torta, com 149 individuos, dos quaes 82 mulheres de indios Guajarás, lavradores, extractores de rezina e oleos, cortadores de madeira; *Dois Braços*, situada na margem do Mearim, em terras da comarca da barra de Corda, com 517 individuos, dos quaes 283 mulheres, da tribu Guajará, lavradores; *Palmeira Torta*, situada á margem do Grajahú, entre as villas do Mearim e Chapada, povoado por 150 Guajajaras, dos quaes 82 mulheres, lavradores; e *Nova Olinda*, na comarca da barra de Corda, creada por portaria de 25 de Junho de 1884.

As directorias parciaes são: *rio Corda*, á margem do rio deste nome e seus affluentes, criada em 1873, composta de indios Canellas; *Jussaral*, no logar do mesmo nome, cerca de 2 leguas do Mearim, creada em 1853, composta de indios Caractegés; *Alpercatas*, nas cabeceiras dos rios Corda, Estiva e Serra-Branca, creada em 1847, com 821 Canellas; *Presidio*, na comarca da Chapada, com 900 almas, composta de 6 aldeias de Guajajaras que ali existiam, creada em 1873; *Cabeça branca*, situado á margens do Tury, cerca de 10 leguas de Santa Helena, com 300 indios Guajajaras, creada em 1871; *Tapera da Leopoldina*, que se estende da Leopoldina a villa da Chapada, conta 9 mil individuos das tribus Gavião e Caracteges, fundada em 1851; *Camacaoca*, á margem do Pindaré, composta de Guajajaras, fundada em 1854; *Boa Vista*, á margem do Pindaré, composta de Guajajaras, fundada em 1854; *Sapucaia*, á margem do Pindaré, com 1.582 indios Guajajaras, fundada em 1854; *alto-Pindaré*, no rio deste nome, desde o igarapé de Burity-pucú até o Pontal, com 3.220 indios Guajajaras, creada em 1854; *Carú*, entre os rios Carú e Joaquim Gomes, com 1.200 indios Guajajaras, fundada em 1854; *alto-Mearim*, no rio deste nome, entre os morros Cocal e Bezerra, reduzida á 70 indios que habitam o logar denominado Intans na margem direita do Mearim, fundada em 1854; *Cajary*, a pouca distancia de Vianna, com cerca de 100 indios Gamellas; *Capivary*, no municipio de Vianna, composta de Tymbiras e Caractegés, fundada em 1855; *Santa Thereza*, situada á margem direita do Tocantins, com 700 individuos das tribus Piacobigé ou Gavião, Carausé ou Caragé, e Caracati, fundada em 1859; *Chapada*, situada no districto deste nome, compõe das aldeias Cocal, Jatubá, Tucum e Cocal Grande, com 644 indios Guajajaras, fundada em 1864; *Imperatriz*, no municipio deste nome, com 924 indios Caracati, fundada em 1866; *Gurupy*, no certão deste rio, com 1.287 indios Tymbiras e Amanagés, fundada em 1866; *Amarante*, nas cabeceiras do Pindaré e Grajahú, com 600 Tymbiras, creada em 1871; *Ilhinha*, na margem do Pindaré, desde o Barro Vermelho até a confluencia do Carú, com 660 indios Guajajaras, fundada em 1873; *Bananal*, composta de Guajajaras que habitavam a margem esquerda do riacho Engeitado, creada em 1873; *Burity-Pucú*, entre os riachos Serozal e Burity Pucú, composto de 9 aldeias de indios Guajajaras, fundada em 1876; *Porto de Belém*, á margem direita do Itapicurú, composta de Guajajaras que habitam a barra do rio Corrente, á margem direita do Itapicurú, fundada em 1876; *Franco de Sá*, em S. Benedicto, termo de S. Luis Gonzaga, composta de indios Guajajaras, fundada em 1884.

Espirito-Santo.— Conta apenas o aldeamento do *Mutum* situado a esquerda do rio Doce, fundado em 1851, com 66 indios Botocudos.

Paraná.— A provincia do Paraná conta tres aldeamentos regulares que são: *S. Jeronymo*, na freguezia do mesmo nome, municipio de Tibagy, medindo 46 kilometros quadrados, com 78 fogos, seis edificios publicos, população de cerca de 500 indios Coroados, fundado em 1859; *S. Pedro de Alcantara*, á margem esquerda do Tibagy, no mesmo municipio, com 39 kilometros quadrados, 31 fogos, á população de 870 individuos das tribus Guarany, Cooroados Gayguá, fundado em 1855; *Marrecas*, no municipio de Guarapuava, com uma escola e uma capella em construcção e cerca de 140 indios Canes.

Ha ainda Indios mansos em Palmas, em Thereza no valle do Ivahy e em Pequiry.

Rio Grande do Sul.— Conta 4 aldeamentos: *Nonohay*, ao norte do Passo Fundo, ao sul do Uruguay-mirim com 309 almas dos quaes são mulheres 149, com director e professor, lavradores, ha 56 baptisados e 35 que sabem ler; *Lagoa Vermelha*, no municipio deste nome, com 321 individuos, dos quaes são baptisados 88, e são mulheres 109, lavradores: *Pinheiro Ralo*, na freguezia de Nossa Senhora da Luz, municipio do Passo Fundo, com 254 individuos, dos quaes sãbem ler dois, são baptisados 90, são mulheres 101, lavradores, e cultores de herva-matte, com director; *Inhacorá* e *Guarita*, com 461 Indios dos quaes 240 mulheres, com um director, lavradores, e cultores de herva-matte.

Minas Geraes.— Conta dois aldeamentos e 18 circumscripções. Os aldeamentos são: *Immaculada Conceição do Porto D. Manoel*, á margem do Doce, a 132 kilometros da cidade de Suassuhy, area de 12 hilometros quadrados, 92 individuos dos quaes 43 mulheres, 16 fogos, uma capella; *N. S. dos Anjos do Itambacury*, no rio déste nome, affluente do Doce, a 36 kilometros da cidade de Theophilo Ottoni a cujo municipio pertence, nas mattas entre os rios Doce e S. Matheus, com a população de indios Botocudos denominados Poruntun, Pogichas, Geporotis, Pontão, Catolé, e Crenhe-ece, 264 fogos, egreja solida, duas casas para escola e habitação dos orphãos, casa de engenho, moinho, etc. Nos arredores ha cerca de 2000 indios das tribus Pogichás, Gyporock, Crenhés, Urucus e Pampans, ainda não aldeados.

As circumscripções são: da barra do Arassuahy á do Robim, fundada em 1871; da barra do Robim até o Salto Grande, fundada em 1864; o territorio do ribeirão Quarta-feira até a cachoeira de Santa Cruz, fundada em 1870; da barra do ribeirão Quarta-feira até as ultimas cachoeiras do Mucury, fundada em 1871; a barra do Urupuca e toda a margem esquerda de Suassuhy, fundada em 1871; do municipio do Serro, fundada em 1870; do municipio de Ubá, fundada em 1854; do muncipio de S. Paulo do Muriahé, fundada em 1870; do municipio de Uberaba, fundada em 1850; do valle do Manhuassú, fundada em 1869; do Norte do rio Doce, fundada em 1870; á margem direita do mesmo rio, fundada em 1863; da freguezia de Cuethé, fundada em 1871; de Uberaba e Prata, fundada em 1868; do municipio do Pomba, fundada em 1873; do municipio de Manhuassú, fundada em 1881; da freguezia de Setubina e Malacacheta, fundada em 1881. Ha ainda uma circumscripção creada a 18 de Dezembro de 1882, e cuja jurisdicção não vem declarada.

Goyaz.— Existem os aldeamentos de *S. Vicente*, na freguezia e municipio da Boa-Vista com 600 indios Chambioà, com missionario e professor; *S. José de Araguaya*, na freguezia de Santa Rita, municipio do Pilar, com 136 indios Charentes, dos quaes 75 mulheres, todos baptisados, tem missionario e professor; *Pedro Affonso*, na freguezia e municipio de Porto imperial, com 200 indios da tribu Carahos, dirigidos por um missionario;

Piabanhas, no mesmo municipio de Porto-Imperial com 100 fogos, escola, missionario, população de 1.500 almas; *Collegio-Isabel*, fundado em 1870, com um capellão, um professor, uma professora, um carpinteiro, um ferreiro, um zelador de fazenda Dumbasinho,

MATTO-GROSSO.—Não existem aldeamentos com o pessoal administrativo e formalidades exigidas pelo regulamento em vigor. Ha, porem, maiores ou menores grupos de indios Guanás, Layanas, Terenas, e Chamacocos, que abandonando a vida nomade, vivem de cultura dos generos do paiz e de extracção de poaia, sujeitos a um ou outro individuo que gosa de influencia entre elles.

Em Miranda contam-se seis aldeias que são: *Aldeia Grande*, com 103 individuos, dos quaes 45 mulheres; *Nanadam*,, com 153, dos quaes 74 mulheres; *Cachoeira*, com 140, dos quaes 76 mulheres; *Agachi*, dos quaes 49 mulheres; *Capão* com 98, dos quaes 49 mulheres, e *Ipegué*, com 192, dos quaes 92 mulheres.

Ha ainda aldeias de Bororosa-Cabaçaes, nas cercanias de S. Luis de Caceres, que se empregam em tripolar canoas, de Bacahyris, nas cabeceiras de Paranatinga, de Parecis, nas cercanias da villa de Diamantino que fazem tecidos de palha e começam a extrahir borracha, e de Cayapós junto a Sant'Anna da Paranahyba, divididos em duas tribus, das quaes uma domestica occupa-se em differentes trabalhos por ajuste, e outra vaga pelas mattas, estendendo suas correrias até ás raias de Goyaz.

Como a Egreja, tambem os conventos do Brasil são pobres e não têm importancia. Contam-se 23 conventos de Franciscanos com 1 hospicio, 13 conventos de Carmelitas com 2 hospicios, 11 mosteiros de Benedictinos, 2 conventos de Freiras e uma commissão geral do Santo Sepulchro, a qual tem por fim recolher esmolas para a conservação deste sagrado monumento. Desde 1855 está prohibida a aceitação de noviços nas ordens religiosas; desde 1870 existe lei que manda converter em apolices publicas todas as fazendas e predios pertencentes ás ordens. A imprensa liberal bastantes vezes tem reclamado a secularisação dos cemiterios e a separação da Egreja e do Estado, e, embora a realisação de taes idéas não seja para agora, tal aspiração mostra por si só as poucas raizes da Curia no Brasil. Nos conflictos com ella, o Governo brasileiro já tem mostrado que não a respeita em demasia, e que nas cousas religiosas é mais tolerante que muitos outros Estados europêos em que a confissão catholica é a religião do Estado.

Embora, segundo a Constituição, todas as religiões, excepto a catholica, sejam apenas toleradas, entretanto o governo já tem mandado construir templos protestantes nas colonias allemãs, e ás vezes pago ecclesiasticos protestantes. Tem tambem mostrado vontade de por leis especiaes

modificar as difficuldades em que a Constituição collocou o casamento dos Protestantes. Primitivamente o casamento protestante era considerado simples concubinato; mas pela lei de 17 de Abril de 1863, o governo egualou-o civilmente ao casamento catholico, com a condição de ser inscripto em registro especialmente creado para este fim nas Camaras Municipaes. Estes registros servem egualmente para a inscripção dos nascimentos e obitos que se dão entre os Protestantes, garantindo-lhes assim seus direitos civis. Entretanto é uma oppressão que os casamentos mixtos só possam ser consagrados por Padres catholicos, e com promessa da parte protestante de educar seus filhos no catholicismo, e que os templos protestantes não possam ter torres nem sinos. Esta ultima determinação tem, porém, sido infringida pelos Protestantes, que têm ornado seus templos de torres, sem que as autoridades lho hajam impedido. Tambem á ordem da consagração catholica dos casamentos mixtos é frequente escapar-se, declarando a parte catholica que se converteu á religião evangelica e fazendo celebrar o casamento por um Padre evangelico. Entretanto poder-se-a accusar as instituições de estreitas e intolerantes, emquanto os Protestantes não forem egualados *de jure* aos Catholicos, como politica mente já o foram pela lei eleitoral de 9 de Janeiro de 1881.

Quanto á situação intima da Egreja Evangelica, esta nada tem de lisongeira no Brasil. Ha muitas communidades com Pastores ordenados na Allemanha, porém outras, por motivos de economia, contractam ecclesiasticos desmoralisados e rebaixados, envergonhando a si e á sua Egreja. O Governo não se importa absolutamente com os negocios internos das communidades evangelicas, a quem deixa a escolha de seus Pastores; são ellas, pois, as unicas responsaveis de todos os abusos de que padecem. D'ahi procede que, em vez de elemento vivificador na vida brasileira, como seria possivel em concurrencia com o clero corrompido do paiz, pelo contrario, graças á immoralidade e incapacidade de seus representantes officiaes, serve de motivo de risota para o clero catholico romano e a parte da nação que a elle adhere.

XII

INSTRUCÇÃO PUBLICA: ASSOCIAÇÕES

A muitos respeitos a situação do ensino é mais lisonjeira, o que em não pequena parte se deve ao zelo patriotico do Imperador, o qual dedica ao seu progresso não só muito tempo e força, como ainda grande parte de sua aliás parca lista civil. Não é que as escolas brasileiras possam comparar-se com os institutos congeneres da Allemanha; mas, em todo caso são superiores ás de outros Estados sul-americanos.

Divide-se a instrucção em escolas primarias, secundarias e superiores. As primeiras correspondem ás escolas elementares da Allemanha; as segundas ás escolas communaes superiores; apenas o collegio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, não fica muito atrás dos lyceus allemães. O ensino primario é gratuito; ha tambem lei de ensino obrigatorio em algumas provincias, mas por causa das grandes distancias entre os diversos pontos do interior e pelas faltas de boas vias de communicação não é facil pol-a em execução. Infelizmente a estatistica no Brasil anda tão atrasada que não se conhece o numero nem a frequencia das escolas. Segundo dados officiaes, em 1876 havia 5.890 escolas primarias e secundarias, sustentadas umas pelo Estado, outras por particulares, e frequentadas por 187.915 alumnos de ambos os sexos; dados mais modernos não existem, e até a exactidão destes é contestada por pessoas competentes. As escolas primarias e secundarias das provincias (lyceus, gymnasios e atheneus, como são chamados) são custeadas pelos governos proviciaes; no Municipio-Neutro ha tambem, diversas escolas municipaes. Na média gastam as provincias 5.000 a 6.000:000$, e o governo geral 12.000:000$ para as escolas primarias e secundarias da Côrte. As escolas de meninos e meninas são inteiramente separadas. Ha, porém, em algumas provincias escolas mixtas.

A superintendencia do ensino é exercitada pelo Ministro do Imperio, auxiliado por um inspector geral, por um conselho superior e delegados nas provincias. A instrucção preparatoria e o tirocinio para o ensino elementar são dados em escolas normaes para ambos os sexos nas provincias; escolas normaes superiores não existem. Os professores estrangeiros, que quizerem funccionar no Brasil, têm de apresentar diplomas legalisados de universidades estrangeiras, ou de sujeitar-se a provas de capacidade profissional, que, porém, podem ser dispensadas.

No collegio D. Pedro II, no Rio, que goza da protecção especial do Imperador, os alumnos são preparados para as faculdades superiores n'um curso de sete annos. Esta instituição, muito bem organisada, é frequentada por cerca de 380 alumnos; divide-se em internato e externato, e tem uma congregação de 22 professores.

E' animador o facto, que nas cidades as aulas nocturnas têm ido em augmento, e que, principalmente devido á iniciativa privada, vai-se tratando mais da educação popular, o que constitue uma feição mais vivida no desenvolvimento mental brasileiro. Tanto mais desgraçada é a situação do ensino para o interior do paiz, e mesmo as colonias allemãs não estão livres desta pecha, pois são muito raras ali as escolas verdadeiramente capazes, e o desenvolvimento mental não se compara com o movimento material.

Universidades com faculdades mixtas como na Allemanha não existem no Brasil; as faculdades estão todas separadas; assim, por exemplo, ha faculdades de medicina no Rio de Janeiro e Bahia, faculdades de direito em S. Paulo e Recife. Para o estudo de philosophia e disciplinas annexas não existêm faculdades, e os que desejam entregar-se a taes estudos têm de recorrer a universidades estrangeiras. Sem duvida apprende-se philosophia no collegio de Pedro II; mas é claro que não se póde aprofundar este estudo, porque é simples preparatorio, e os alumnos na média não têm attingido áquelle grão de madureza espiritual necessaria para penetrar nos dominios do saber abstracto. Por isso mais de uma vez a imprensa nacional tem defendido a creação de uma faculdade de philosophia.

As duas faculdades de medicina são modeladas pelo mesmo plano de estudo. O curriculo abraça seis annos,—mais precisamente oito series,—e comprehende além do que é propriamente medicina, physica, chimica, mineralogia, botanica e zoologia; a ambas está annexo um curso de pharmacia e outro de partos. O numero dos matriculados em ambas as faculdades oscilla entre 1.000 e 1.500; pela ultima lei de orçamento (votada em 1888) foram decretados para ordenados dos professores e conservação dos laboratorios e bibliothecas 757:320$, quantia que, á vista da situação precaria das finanças, deve considerar-se muito alta. A faculdade do Rio principalmente está munida de todos os recursos e possue os maiores meios para o adiantamento nas clinicas, providas dos mais modernos aperfeiçoamentos technicos, da Santa Casa da Misericordia, hospital em que podem tratar-se ao mesmo tempo 2.000 doentes. As duas faculdades de direito de S. Paulo e Pernambuco são frequentadas na média por 500 estudantes, que têm de fazer um curso de cinco annos; podem, porém, reduzil-o a menos depois do decreto de 19 de Abril de 1879, que estabeleceu a liberdade do ensino. O mesmo podem fazer, aliás, os alumnos das outras faculdades. Para o anno financeiro de 1889, a verba do pessoal docente, secretarias e bibliothecas das faculdades juridicas é de 250:759$000.

De outras escolas especiaes mencionaremos: as escolas militares do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, a escola de tiro do Campo Grande, a escola de artilheria no Rio e as differentes escolas regimentaes e de applicação. Com todas as escolas *militares* gastou-se no anno financeiro de 1882 a 1883 a quantia de 358:000$; com o collegio Naval e escola de Marinha no Rio a quantia de 170:000$000.

No orçamento de 1889, a somma votada para a instrucção militar é de 390:699$, dos quaes 11:370$ para a creação de uma verba militar com o curso de infantaria e cavallaria na provincia do Ceará. A verba votada para a escola naval é de 184:733$000.

A escola Polytechnica, que parece ter entrado n'uma época de prosperidade, além de um curso geral, que dura dois annos, possue cursos especiaes de tres annos para as

sciencias naturaes, sciencias physicas e mathematicas, engenheiros geographos, engenheiros civis, de minas e artes e manufacturas. E' frequentada por 400 a 500 alumnos, os quaes, depois de feitos os exames, são promovidos a engenheiros ou bachareis. Com ella dispendem-se annualmente 240 a 280:000$000, (294:712$ no exercicio de 1889.)

De menor importancia que os mencionados são o instituto Commercial, já supprimido e cujos professores passaram para a escola Normal da Corte, a academia das Bellas Artes unida com um conservatorio de Musica, a escola de Minas em Ouro Preto, e os institutos agricolas do Rio, Bahia, Pernambuco e Sergipe; devemos, porèm, mencionar com louvor dois estabelecimentos que gozam da protecção imperial e têm desenvolvido actividade abençoada: os institutos dos Cegos e dos Surdos-Mudos. Tambem faz muita honra á capital do Imperio o lyceo de Artes e Officios, fundado em 1857, e que tanto tem concorrido para vulgarisar a instrucção entre as classes pobres. A seu exemplo têm-se fundado estabelecimentos semelhantes nas provincias.

Entre as instituições scientificas sustentadas pelo Governo, merecem ainda menção o Observatorio Astronomico, apparelhado de muito importantes instrumentos de precisão, e o Musêo Nacional, fundado em 1817 e confiado á habil direcção do Dr. Ladislão Netto. Si os funccionarios do primeiro estabelecimento já têm prestado serviços meritorios á sciencia, por suas observações astronomicas e determinações de longitude, não menos tem o Dr. Ladislão Netto merecido a gratidão dos homens de sciencia com as collecções que a grande diligencia tem recolhido. A secção ethnologica e a secção paleontologica (em que tanto trabalharam Hartt e seu discipulo Derby) são especialmente valiosas e offerecem objectos muito importantes para a historia primitiva da terra; as outras actualmente apresentam muitas lacunas.

Ha ainda musêos provinciaes em Manáos (sob a direcção do illustre botanico Barbosa Rodrigues), Pará, Fortaleza, Maceió, Coritiba, Ouro Preto, os quaes não possuem grandes riquezas, porém mostram que os Brasileiros ao menos têm vontade de adiantar a sciencia. Outra prova disto é que modernamente ha nas provincias zoologos pagos pelo gover-

no, como, por exemplo, o conhecido zoologo allemão Fritz Mueller em Santa Catharina e o não menos celebre naturalista, o meritissimo Dr. Hermann von Ihering, no Rio Grande do Sul.

Instituição muito notavel é a Bibliotheca Nacional, no Rio de Janeiro, sustentada opulentamente pelo Estado (a verba para 1889 é de 75 contos). Contém cerca de 170 mil volumes, entre os quaes muitos antigos e rarissimos dos seculos XV, XVI, XVII, assim como antigos manuscriptos, cartas e estampas, que D. João VI trouxe para o Brasil quando fugiu dos Francezes. Tambem os grandes estabelecimentos de ensino e as sociedades da Côrte possuem bibliothecas, e existem algumas em varios logares do interior; nas capitaes das provincias geralmente ha bibliothecas publicas, sustentadas pelos governos provinciaes.

Entre as sociedades scientificas occupa o primeiro logar o Instituto Historico, Geographico, Ethnographico Brasileiro, fundado em 1838, que faz collecção de todos os documentos relativos á historia e geographia patria, com os quaes publica annualmente um volume de cerca de 800 paginas, corresponde-se tambem com muitas sociedades scientificas e litterarias estrangeiras, e dá duas sessões mensaes no Paço, sob a presidencia pessoal do Imperador.

No Rio de Janeiro ha mais uma Academia Imperial de Medicina, que sob o titulo de *Annaes Brasilienses de Medicina* publica uma revista, uma Sociedade de Cirurgia, um Instituto Polytechnico, um Club de Engenharia, duas sociedades de Geographia, um Instituto de Advogados, Instituto Pharmaceutico, que todos publicam revistas, e grande numero de outras sociedades que applicam-se a diversos fins technicos e scientificos. Tambem nas provincias têm-se desenvolvido diversas associações (Institutos do Ceará, Pernambuco e Alagôas, que publicam revistas, Sociedade dos Homens de Lettras de S. Paulo, etc.)

Embora não se possa negar que entre os Brasileiros revelam-se muitos progressos, e a sciencia medica especialmente conta entre seus representantes pessoas que mesmo na Europa chamariam a attenção, é força considerar a vida espiritual dos Brasileiros como no todo atrasada. Sem duvida no Rio de

Janeiro, como nas cidades mais importantes das provincias, existem theatros bem construidos, porém mui raramente são de origem brasileira os dramas e operas representados, bem como os que as representam, mas da França, de Portugal e da Italia. Sem duvida o Brasil possue em Carlos Gomes um compositor de talento, cujas operas *Guarany* e *Salvator Rosa* têm sido louvadas na Europa de pessoas competentes ; sem duvida os Brasileiros, em geral, são musicos ; porém sua força de producção e progresso technico estão muito áquem de sua disposição natural. Na architectura, na estatuaria e na pintura ainda não revelaram aptidão especial; ao contrario na lyrica têm talento manifesto, reconhecido por especialistas allemães, como Fr. Wolf e outros, mas que se apresenta unilateralmente, deixa-se levar pela tendencia á imitação que domina o povo, o qual especialmente procura a salvação de todo progresso intellectual na cópia de modelos francezes, em vez de crear por si e gerar uma litteratura de cunho nacional.

Modernamente, ao menos, alguns sabios brasileiros, como o conhecido professor da Faculdade do Recife Dr. Tobias Barreto de Menezes e o professor do Collegio D. Pedro II, Dr. Sylvio Romero, animaram-se a patentear á nação que folgava na sua presumpção toda a pobreza de sua vida espiritual e indicar-lhe a necessidade de critica mais severa, o que naturalmente produzirá effeito salutifero sobre a producção litteraria; mas agora, tanto a belletristica como a litteratura scientifica são ainda muito escassas e superficiaes. Apenas a jornalistica, devido á liberdade illimitada da imprensa, tem-se desenvolvido absolutamente depressa, pois agora contam-se 464 jornaes e periodicos, ao passo que em 1846 havia apenas 80 ; são, porém, quasi sem excepção, orgãos de partido, em que excedem-se o phrasaismo por que a nação tanto se paga e o rancor pessoal; mesmo a nobre pessoa do Monarcha não está livre dos ataques mais repugnantes.

Tambem ha diversos jornaes em linguas estrangeiras, ingleza, franceza, italiana e allemã. Nesta nada menos de 12.

Devemos aqui mencionar com louvor algumas associações de providencia, que podem comparar-se com as da Europa.

Entre ellas occupa o primeiro logar a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, fundada desde o seculo XVI, hospital em que annualmente são tratados com o maior desvelo cerca de 15,000 doentes, sem differença de nacionalidade e de crença. A esta pertencem o hospicio de D. Pedro II, excellentemente constituido e com capacidade para 400 alienados, muitas enfermarias e consultorios em diversas partes da cidade, uma casa de expostos, um orphelinato, o estabelecimento de educação de Santa Theresa e o Instituto Pasteur. A Santa Casa, que já em 1605 gozava de diversos privilegios reaes, possue importante patrimonio, no valor de 17.000:000$000. Além deste estabelecimento modelo, existem no Rio de Janeiro hospitaes militares e um hospital para morpheticos, no qual vivem actualmente 60 a 80 destes infelizes. Estabelecimentos congeneres se encontram no Pará, Maranhão, Cuyabá, Campinas, Itú, Piracicaba, Bahia, etc. Hospicios de alienados além do Rio ha tambem na Bahia e S. Paulo; e casas de caridade no genero da Santa Casa da Misericordia, commummente ligados a casas de expostos e orphãos, existem em quasi todas as capitaes de provincias, e em outras cidades do interior e da costa. Estas geralmente são independentes do governo.

Além dellas ha grande numero de estabelecimentos de beneficencia, formados por sociedades independentes, entre as quaes são de mencionar as irmandades religiosas e as beneficencias estabelecidas por estrangeiros. Os Allemães no Brasil não têm desenvolvido, infelizmente, sociedades destas tanto quanto poderiam, do que resulta que seus compatriotas ou têm de tratar-se em casas particulares, ou de recorrer aos hospitaes publicos.

XIII

A CONSTITUIÇÃO

Como vimos no retrospecto historico, a constituição brasileira foi jurada pelo Imperador D. Pedro a 25 de Março de 1824, e no correr deste tempo tem passado por poucas modificações. E' a terceira constituição do mundo em antiguidade e muito democratica, pois considera os quatro poderes por ella formulados, o legislativo, o moderador, o executivo e o judiciario, como delegações da soberania do povo.

A corôa é hereditaria na familia de D. Pedro II, independente de sexo, segundo o direito de primogenitura, e o monarcha tem o titulo de Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. O actual Imperador, D. Pedro II, nascido a 2 de Dezembro de 1825, coroado a 18 de Julho de 1841, casou a 30 de Maio de 1843 com D. Theresa Maria Christina, filha de Francisco I, rei das Duas Sicilias, nascida a 14 de Março de 1822. Deste casamento nasceram dois Principes, que morreram na infancia, e duas Princezas, que são D. Isabel, nascida a 29 de Julho de 1846, e D. Leopoldina, nascida a 13 de Julho de 1847. A primeira, herdeira presumptiva da corôa, casou a 15 de Outubro de 1864 com o principe Luis Felippe Fernando Gastão de Orléans, Conde d'Eu, marechal do exercito do Brasil e conselheiro de Estado; deste casamento nasceram tres filhos: D. Pedro, principe do Grão-Pará, a 15 de Outubro de 1875, o e os principes D. Luiz e D. Antonio. A princeza D. Leopoldina casou a 15 de Dezembro de 1864 com o principe Luis Augusto Maria Eudes de Coburgo-Gotha, Duque de Saxe, almirante da armada brasileira, e desta união procedem D. Pedro Augusto, nascido a 19 de Março de 1866, D. Augusto, D. José, recentemente fallecido, e D. Luis, este principe estrangeiro. A princeza D. Leopoldina falleceu a 7 de Fevereiro de 1871 em Vienna.

A assembléa geral, escolhida por voto directo desde 1881, devide-se em um Senado e em uma Camara de Deputados, e exerce o poder legislativo sob a sancção imperial. Os Deputados são eleitos por quatro annos; os Senadores, cujo numero nunca poderá exceder a metade da Camara dos Deputados, são vitalicios. Os Principes da Familia Imperial fazem parte do Senado desde os 25 annos.

São de exclusiva competencia da Camara dos Deputados leis sobre os impostos e recrutamento, assim como a escolha de nova dynastia no caso de extincção da imperante. Tambem principiam nella o exame e reformas dos abusos introduzidos nas administrações, decretos de accusação dos Ministros e a discussão das propostas feitas pelo Poder Executivo. E' de attribuição exclusiva do Senado conhecer dos delictos individuaes commettidos pelos membros da Familia Imperial, Ministros de estado, Senadores e Deputados durante o periodo da legislatura; conhecer da responsabilidade dos Ministros e Conselheiros de Estado; Expedir cartas de convocação da Assembléa, caso o Imperador o não tenha feito dois mezes depois do tempo que a Constituição determina.

Senadores e Deputados recebem subsidios (75$ e 50$ diarios, durante os quatro mezes de sessão ordinaria). Os ultimos têm tambem ajuda de custo.

Está nas mãos do Imperador o Poder Moderador, que tem por fim a manutenção da independencia do Imperio e o equilibrio e harmonia entre os outros poderes do Estado. O Imperador exercita-o pela nomeação dos Senadores entre os eleitos pelo povo em lista triplice, pela convocação, prorogação e adiamento da Assembléa Geral, dissolução da Camara dos Deputados quando o bem publico o exigir, sancção ou não sancção dos decretos e resoluções da Assembléa Geral, nomeação ou demissão de Ministros de Estado, suspensão de magistrados, perdão ou commutação de penas e concessão de amnistia.

A pessoa do Imperador é inviolavel, irresponsavel e sagrada. E' tambem o chefe do Poder Executivo, a quem compete convocar a Assembléa Geral ordinaria, nomear bispos,

juizes e empregados civis e militares, prover os beneficios ecclesiasticos, o direito de declarar guerra, concluir tratados de paz, alliança e commercio, distribuir titulos, honras, ordens militares e condecorações, dar ou negar o beneplacito aos decretos, concilios e lettras apostolicas, conceder cartas de naturalisação e velar, por meio de decretos, instrucções e regulamentos pela execução das leis, para a manutenção da segurança interna e externa do Estado.

Ha no Brasil sete ministerios, que são : o do Imperio, em cuja alçada cabem o culto e o ensino, o da Justiça, o da Fazenda, o dos Estrangeiros, o da Guerra, o da Marinha e o da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Todos os actos do Poder Executivo são dependentes da referenda dos respectivos ministros, sem o que não podem ter execução. Estes são responsaveis pelos seus actos officiaes, e não os salva da responsabilidade a ordem do Imperador, vocal ou por escripto.

O Poder Judiciario é independente, e em parte exercitado por juizes, em parte por jurados. Os juizes só podem perder seu cargo por sentença, e são responsaveis pelos abusos de suas funcções. Os processos civis não podem ser instaurados, sem que antes se faça constar que se tem tentado o meio de reconciliação diante dos juizes de paz.

E' simples corporação deliberativa o Conselho de Estado, que se compõe de doze membros ordinarios e doze extraordinarios vitalicios, e conjunctamente com o Ministerio funcciona sob a presidencia do Imperador, quando lhe parece ouvil-o. Faz parte delle o herdeiro ou herdeira presumptiva da corôa, depois de completados os dezoito annos ; os outros Principes da Casa Imperial só por nomeação.

A administração das provincias está nas mãos dos Presidentes, que podem ser nomeados ou demittidos pelo Poder Executivo e são os representantes immediatos do governo geral. Como taes têm que approvar ou rejeitar as decisões das Assembléas Provinciaes, suspender as execuções das leis provinciaes em dados casos, nomear ou demittir os empregados provinciaes, etc.

Os deputados provinciaes, tambem eleitos directamente, reunem-se annualmente em sessões ordinarias para fixar as

receitas e despezas municipaes e da provincia, decretar obras publicas, crear ou supprimir empregos provinciaes e municipaes, legislar sobre a instrucção publica, sobre a divisão civil, judiciaria e ecclesiastica e mesmo sobre a mudança da capital para o logar que mais convier, regular a força policial, etc. E' claro, porém, que suas decisões podem entrar em conflicto com a Constituição e leis geraes, com os direitos de outras provincias, e tratados internacionaes. E' dever dos Presidentes de provincias prevenir que isto succeda, negando sancção a todas as decisões illegaes. Os deputados provinciaes recebem subsidio e ajuda de custo.

As cidades e villas são administradas por Camaras Municipaes, eleitas pelo systema directo por 4 annos, as quaes exercitam suas funcções municipaes sob as vistas do Presidente da provincia e da Assembléa Provincial. Segundo a lei de 1º de Outubro de 1828, as camaras das cidades se compunham de 9 membros, e as das villas de 7 e um secretario. A lei de 9 de Janeiro de 1881 ampliou o numero dos vereadores para 21 membros na Côrte, 17 nas capitaes da provincias da Bahia e Pernambuco, 12 nas capitaes do Pará, Maranhão, Ceará, Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo e Rio Grande do Sul, e 11 nas das demais provincias.

Segundo a Constituição, nem-um cidadão póde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa sinão em virtude de lei. Nem-uma lei será estabelecida sem utilidade publica, nem terá effeito retroactivo. Todos podem communicar seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura ; mas hão de responder pelos abusos que commetterem no exercicio deste direito. Ninguem póde ser perseguido por motivo de religião. Qualquer póde conservar-se ou sahir do Imperio, como lhe convenha ; nem-um genero de trabalho, de cultura, industria ou commercio póde ser prohibido. Todo cidadão tem em sua casa um asylo inviolavel, onde de noite não se poderá entrar sinão por seu consentimento, ou para o defender de incendio ou inundação ; e de dia só será franqueada a sua entrada nos casos e pela maneira que a lei determinar. Ninguem poderá ser preso sem culpa formada, excepto nos

casos declarados na lei, nos quaes o juiz faz uma nota por elle assignada para constar ao réo o motivo da prisão, os nomes do seu accusador e os das testemunhas, havendo-as. Ainda com culpa formada, ninguem será conduzido á prisão, ou nella conservado, estando já preso, si prestar fiança idonea nos casos que a lei admitte. A excepção do flagrante delicto, a prisão não póde ser executada sinão por ordem escripta da autoridade legitima. Nem-uma pena passará da pessoa do delinquente, não havendo em caso algum confiscação de bens, nem a infamia do réo se transmittirá aos seus parentes. A lei será egual para todos, quer proteja, quer castigue, e são abolidos todos os privilegios. E' garantido o direito de propriedade em toda sua plenitude; os inventores terão a propriedade das suas descobertas ou das suas producções. O segredo das cartas é inviolavel; a administração do correio fica rigorosamente responsavel por qualquer infracção. Todo cidadão poderá apresentar por escripto ao poder legislativo e ao executivo reclamações, queixas ou petições, e até expôr qualquer infracção da Constituição, requerendo perante a competente autoridade a effectiva responsabilidade dos infractores.

O systema eleitoral primitivamente era indirecto; mas a 9 de Janeiro de 1881 foi introduzido o systema directo. Elegivel é todo cidadão brasileiro, sem distincção de religião, que tenha renda não inferior a 200$, procedente quer de propriedade, industria e commercio, quer de ordenado. Exceptuam-se os menores de 21 annos; os criados de servir; os soldados (praças de pret) do exercito, da armada e da policia; os serventes das repartições publicas e os religiosos que vivam em communidade claustral.

Os cidadãos naturalisados a respeito do direito eleitoral activo e passivo são inteiramente equiparados aos nacionaes.

Embora constituição tão liberal pareça garantir o progresso politico e social do povo, já mostrámos que tal progresso só mui condicionalmente se póde affirmar, o que depende menos das instituições do que da arte e maneira

por que são executadas. A gente é quasi tentada a declarar que os Brasileiros estão muito verdes para o gozo de constituição tão liberal, e não se póde sinão lastimar que o bello paiz, antes de explorados seus recursos naturaes pelos habitantes, sirva de joguete nas mãos de partidos politicos, que infelizmente em suas lutas deixam-se guiar menos por principios civilisadores e progressistas do que pelas vistas de alargamento de seu poder e influencia. Debalde procura-se por programma claramente definido entre os dois grandes partidos, liberal e conservador: todo o seu empenho reduz-se a galgar o poder por meio de eleições, para poder dispôr dos dinheiros do Estado e dos empregos publicos. Sem duvida o Imperante com a sua força moderadora tem sabido evitar conflictos serios entre os partidos, e livrar o paiz de guerras intestinas, que tão frequentes e tão damnosas têm sido entre os outros Estados sul-americanos; tem-se sempre mostrado senhor da situação e nunca sujeitou sua vontade á de um só partido ou de politicos particulares; mas é talvez duvidoso si a terra não lucraria mais si, em vez de despender toda a sua attenção na manutenção do equilibrio politico, elle tivesse applicado seu talento politico, incontestavelmente superior, na iniciativa ousada de estabelecer condições economicas sadias.

Que com as lutas vigentes dos partidos as condições economicas não podem melhorar é fóra de duvida. A mudança de funccionarios nas provincias, que se dá regularmente com a alternação de cada partido no poder, impede a formação de uma classe de funccionarios praticos e zelosos, e escancara as portas á corrupção, assim como a outros meios baixos conducentes ao enriquecimento rapido. Não ha pois a notar desenvolvimento tranquillo e sadio das instituições administrativas, e a mudança desta triste situação é tanto menos possivel quanto o povo brasileiro na sua dormencia ingenita e corrompido pela imprensa, não parece ter bastante coragem moral para arrostrar este funccionalismo e os que o nomeiam. Si algum dia sob a pressão sempre crescente dos impostos generalisar-se o sentimento que toda a situação politica é insustentavel, então não haverá duvida quanto á direcção das reformas do Estado

para sahir della. Consistem, como já indicou o retrospecto historico, na descentralisação e autonomia e federação das differentes provincias sob a forma monarchica. Mas isto não basta para salvar a nação brasileira: si quizer attingir á civilisação moral e intellectualmente mais alta, terá de fazer muitas modificações constitucionaes: supprimir a religião do Estado, secularisar os cemiterios, introduzir o casamento civil, limitar a liberdade da imprensa, etc. Mas do que sobre tudo precisa-se é da coragem de critica pessoal, e esta na actual geração palavrosa não existe de modo que se possa contar com ella sem abalo violento do que existe.

Os estrangeiros possuem os mesmos direitos que os naturaes, excepto o eleitoral, que só por naturalisação podem obter. Seus filhos nascidos no Brasil são considerados Brasileiros e têm os mesmos direitos e deveres que estes. As Brasileiras que casam com estrangeiro seguem a nacionalidade de seus maridos, e reciprocamente as estrangeiras que casam com Brasileiros. Os estrangeiros só podem naturalisar-se depois de completados 21 annos de edade e 2 de residencia no paiz. Para obter a naturalisação, além de requerimento dirigido ao governo, têm de mostrar com documentos fidedignos seu estado civil, e antes que a carta de naturalisação tenha força, deve-se prometter perante a autoridade competente aceitar d'ora em diante o Brasil como patria e ser fiel á sua constituição. Os lavradores e artistas estabelecidos em algumas colonias são naturalisados gratuitamente.

Os documentos officiaes não declaram, infelizmente, os naturalisados por esta maneira: os outros estrangeiros naturalisados, segundo o *Diario Official*, de 1825 a 1883, foram 5.309, dos quaes 4.040 Portuguezes, 282 Italianos, 211 Allemães, 192 Francezes, 110 Hespanhóes, 99 Inglezes, 77 Norte-Americanos, numeros que se devem considerar muito pequenos relativamente á somma total de immigrantes.

Segundo uma informação publicada no *Diario Official* de 13 de Novembro de 1888, do anno de 1822 ao de 1882 expediram-se 6.009 cartas de naturalisação, dividindo-se os naturalisados, quanto á nacionalidade, do modo seguinte:

Allemães 1.199, Austro-hungaros 51, Belgas 18, Chileno 1, Dinamarquezes 19, Egypcios 5, Americanos do Norte 71, Francezes 186, Gregos

6, Hespanhoes 105, Hollandezes 15, Inglezes 89, Italianos 297, Marroquinos 84, Mexicano 1, Noruego 1, Paraguayos 15, Polacos 10, Portuguezes 3.708, Prussianos 61, Argentinos 9, Orientaes 14, Russos 6, Suecos 4, Suissos 26, Turco 1, nacionalidade ignorada 7.

Na época da expedição das cartas os naturalisados residiam:

A bordo 13, na Allemanha 1, no Egypto 4, na Inglaterra 3, em Paris 1, em Portugal 3, na Sardenha 1, no Brasil 1.212, na Côrte 921, na provincia do Amazonas 22, nas Alagôas 25, na Bahia 203, no Ceará 16, no Espirito-Santo 52, em Goyaz 3, no Maranhão 62, Matto Grosso 20, em Minas Geraes 224, no Pará 148, na Parahyba 8, no Paraná 38, em Pernambuco 77, no Piauhy 24, no Rio Grande do Norte 6, no Rio de Janeiro 342, em Santa Catharina 44, em S. Paulo 225, no Rio Grande do Sul 1.530, em Sergipe 13, residencia ignorada 768.

De 1883 a 9 de Maio de 1888, foram pedidas e concedidas 4.396 cartas de naturalisação, dividindo-se os naturalisados, quanto á nacionalidade, do seguinte modo:

Africanos 6, Allemães 923, Austro-hungaros 216, Belgas 9, Chilenos 2, Dinamarquezes 13, Americanos do Norte 10, Francezes 86, Grego 1, Hespanhoes 109, Hollandezes 6, Inglezes 33, Italianos 429, Marroquinos 29, Noruego 1, Paraguayos 26, Polacos 5, Portuguezes 2.059, Prussianos 174, Argentinos 3, Equatoreanos, 1, Orientaes 16, Russos 13, Suecos 9, Suissos 43, Turcos 8, nacionalidades ignoradas 166.

Quando se concederam as cartas de naturalisação, residiam os naturalisados:

A bordo 19, no Brasil 1, na Côrte 661, nas Alagôas 20, no Amazonas 22, na Bahia 224, no Ceará 56, no Espirito-Santo 165, em Goyaz 4, no Maranhão 53, em Matto Grosso 56, em Minas Geraes 116, no Pará 15, na Parahyba 5, no Paraná 312, em Pernambuco 151, no Piauhy 9, no Rio de Janeiro 431, em Santa Catharina 418, em S. Paulo 502, no Rio Grande do Sul 1.158, em Sergipe 18.

O espolio dos estrangeiros que morrem no Brasil é administrado por juizes brasileiros, a menos que não haja tratados particulares com o Estado a que pertencem. Dahi resultavam mui frequentemente os maiores desvios, que desacreditaram muito o paiz, especialmente na Allemanha. Mas, depois que a 10 de Janeiro de 1882 concluiu-se uma convenção consular entre o Brasil e a Allemanha, alimpou-se este ponto negro, pois a disposição do espolio dos Allemães que nascem no Brasil está quasi exclusivamente entregue ás mãos dos consules allemães.

XIV

A ADMINISTRAÇÃO

Quasi escusa dizer-se que a administração da justiça, no Brasil, abstrahindo dos casos já mencionados, ainda muito deixa a desejar. Não só as leis no seu empenho pela liberdade civil facilitam a qualquer tratante assegurar-se contra a perseguição da justiça, como domina entre alguns juizes brasileiros uma falta quasi incomprehensivel de sentimento de rectidão e discernimento, e principalmente a instituição de juizes supplentes, gratuitos e leigos, de primeira instancia, muitas vezes analphabetos, assim como a dos jurados, tem sido muito fatal para a joven terra. Deixa-se muitas vezes escaparem os peiores criminosos, pelos simples receio de vingança dos seus cumplices, ou porque algum personagem influente com quem não se quer ficar mal empenha-se pelo réo; mesmo pela corrupção directa dos juizes não raro influem sobre a sentença. Por outro lado, não raro abusa-se do poder judiciario para fins politicos e de rancor pessoal, e a legislação brasileira, modelada pelo *Code Napolèon*, apezar de sua excellencia, commummente descamba em lettra morta, precisamente porque não existe no povo o necessario sentimento de rectidão para exigir o desempenho consciencioso de suas disposições.

Judicialmente divide-se o paiz em grandes districtos, nos quaes existem relações que actualmente são em numero de 11: Belém, S. Luis, Fortaleza, Recife, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Porto Alegre, Ouro Preto, Goyaz e Cuyabá. O Presidente e o Procurador da Corôa são nomeados pelo governo d'entre os desembargadores, que por sua vez são escolhidos entre os quinze juizes do direito mais antigos. Os tribunaes de relação têm que decidir sobre questões civis e criminaes que excedem a alçada dos juizes de primeira instancia; tambem lhes compete conhecer das faltas dos juizes de direito, commandantes, etc.

Das decisões das Relações póde se recorrer para o Supremo Tribunal de Justiça, escolhido d'entre os desembargadores mais antigos, e estabelecido na capital do Imperio. A este tribunal compete egualmente conhecer dos delictos e erros de officio de seus ministros e dos membros das relações, dos empregados do corpo diplomatico e dos presidentes de provincia, e proceder contra os bispos e arcebispos em delictos que não sejam de natureza puramente espiritual.

Os districtos das relações subdividem-se em comarcas, sujeitas a um juiz de direito, a quem compete a sentença nos processos de primeira instancia e nos de segunda, que não excedem da alçada. Tem tambem de convocar o conselho de jurados de sua comarca e de presidir ao mesmo. Existem no Brasil 434 comarcas (Relatorio de 1888), que se subdividem em mais de 700 termos, regidos por juizes municipaes, nomeados por 4 annos d'entre bachareis em direito recentemente formados, que podem ser reconduzidos. Compete-lhes a instrucção de processos por crime de contrabando, o preparo dos processos criminaes que os juizes de direito têm de decidir, e finalmente a sentença definitiva em questões de pouca importancia; tambem nos logares em que não ha juizes de orphãos especiaes, têm de exercer as funcções destes.

O numero de comarcas e termos varia muito, porque as Assembléas Provinciaes ora os augmentam, ora os diminuem e isto não pelas necessidades da justiça, mas para promover pequenos interesses de partido. Muitas vezes, por exemplo, as assembléas cream novos municipios para chamar os moradores a um ou outro partido e assegurar-se de seus votos na eleição proxima: esta circumstancia não concorre pouco para peiorar as condições da administração publica, que de si já não são boas. Além dos juizes acima nomeados, existem ainda no Brasil 30 a 40 juizes especiaes, em parte auditorias de guerra e marinha, em parte juizes de commercio e dos feitos da Fazenda e dos orphãos. Ha mais em cada comarca pelo menos um promotor publico, nomeado pelo governo provincial.

Os termos municipaes subdividem-se por sua vez em districtos de paz, nos quaes juizes eleitos directamente pelo povo por quatro annos funccionam em insignificantes pro-

cessos civis ou criminaes, por infracção de posturas municipaes, assim como presidem as eleições, em seus districtos.

A policia está sujeita ao Ministro da Justiça, e é dirigida na provincia por chefes de policia, nomeados pelo governo geral d'entre os juizes de direito e desembargadores, ou bachareis formados com 4 annos de pratica. A seu lado estão os delegados de policia dos municipios, e nos diversos districtos subdelegados e inspectores de quarteirão: delegados e subdelegados são nomeados pelos presidentes das provincias, sob proposta dos chefes de policia. Os chefes, delegados e subdelegados de policia têm que formar os processos criminaes, os quaes posteriormente são julgados pelos juizes de direito e jury; devem funccionar, *ex-officio*, nos crimes policiaes; podem tambem aceitar fiança provisoria dos processados e soltal-os. Estes delegados e subdelegados de policia são muitas vezes homens sem educação, pelo que não ha por que admirar-se de seus erros de direito e arbitrariedades, de que tantas vezes se tornam culpados.

A força da policia, militarmente organisada, é regulada pelas assembléas provinciaes, e para todo o Imperio anda por 10.000 homens. Além disso ha no Municipio-Neutro uma policia urbana e uma policia secreta sustentadas pelo governo geral; mas, apezar de não ser insignificante este apparelho policial, as ordens superiores são mui pouco respeitadas, e não raro assiste-se ao deploravel espectaculo de soldados de policia fraternisarem com os infractores da lei, em vez de procederem contra elles. Isto sem duvida resulta das condições geraes do paiz, mas é devido principalmente ao facto que o corpo de policia geralmente recruta-se entre vagabundos.

Não menos deploravel é quanto diz respeito á questão penitenciaria. Sem duvida existem cadeias nas cidades e villas; mas geralmente são tão mal construidas, que não offerecem garantias para a segurança dos presos, pelo que os casos de evasão occorrem commummente. Na cidade do Rio de Janeiro e nas capitaes de provincias ha sem duvida casas de detenção melhor construidas, mas que não se podem comparar com

estabelecimentos congeneres da America do Norte e da Allemanha.

O mais importante estabelecimento penitenciario do Brasil é certamente o presidio situado na solitaria ilha de Fernando de Noronha, destinado a criminosos que ali se entregam á agricultura ou á industria ; mas, a julgar pelas noticias que ás vezes chegam á publicidade, parecem passar ali vida muito folgada, pois diz-se que sustentam um theatro de amadores e vivem muito cordialmente com a guarnição. Toda a população da ilha regula por 2.400 almas, entre as quaes cerca de 1.300 condemnados militares e civis. A estes é permittido levar as familias para o degredo.

O exercito brasileiro em tempo de paz conta 14.000 homens, em tempo de guerra 36.000: a infantaria é armada com carabinas Comblain, a artilheria com canhões Krupp e a cavallaria com carabinas Winchester e revolvers Gerard. A marinha consta de 59 vasos, entre os quaes 16 encouraçados e conta no todo 210 peças e 2.500 homens de guarnição. Para o exercito foram, no orçamento de 1882 a 1883, votados 14.076:396$ e para a marinha 10.695:290$. Com esta somma são tambem sustentados arsenaes muito importantes, laboratorios pyrotechnicos, escolas militares, uma fabrica de polvora e a fundição do Ipanema, assim como as colonias militares destinadas a proteger a população civilisada contra ataques de Indios, e os presidios fundados para egual fim. Além do exercito regular pago, ha tambem uma guarda nacional para a defesa da ordem e das liberdades publicas, á qual pertence todo cidadão capaz de pegar em armas, mas que só é effectivamente chamada a serviço em caso de guerra.

Segundo o relatorio de 1888, a esquadra compõe-se na actualidade de 10 encouraçados, dos quaes 2 de Oceano : o *Riachuelo* e o *Aquidaban*, os outros do rio ; 5 cruzadores, 1 corveta mixta de instrucção, 1 vapor de rodas que serve de estabelecimento á escola pratica de artilharia e torpedos, 2 vapores de rodas que antes tinham a denominação de transportes, 3 pequenos patachos para a instrucção dos aprendizes marinheiros, 5 torpedeiras outr'ora de primeira classe, 3 de terceira ; 15 canhoneiras de rio, das quaes 7 de rodas, 4 a helice de casco de madeira, e 4 de casco de aço

movidas a helice; 9 pequenas lanchas a vapor para o serviço das flotilhas, 1 rebocador e 1 catraia para o serviço da barra do Rio Grande do Sul.

O armamento da esquadra é 4 canhões lisos de calibre 12, 90 canhões raiados modelo antigo, 36 canhões raiados novo modelo, 94 metralhadoras e 11 canhões de tiro rapido.

O exercito no mesmo tempo constava de 3 regimentos e 4 batalhões de artilharia e um batalhão de engenheiros com 2515 praças; 5 regimentos, 2 corpos, 1 esquadrão e 4 corpos de cavallaria com 2108 praças; 21 batalhões e 8 companhias de infantaria com 7125 praças; 292 aprendizes artilheiros e 73 aprendizes militares.

As forças de guerra para o anno de 1889 constam dos officiaes das differentes classes do exercito; de 13500 praças do pret em circumstancias ordinarias e 30000 em circumstancias extraordinarias; das companhias de aprendizes artilheiros não excedendo de 400 praças; das duas companhias de aprendizes militares creadas nas provincias de Minas Geraes e Goyaz, com o pessoal que lhes for marcado; e do corpo de alumnos da Escola Militar da Côrte e das companhias de alumnos da Escola Militar da provincia do Rio Grande do Sul até 400 alumnos.

A força naval activa para o mesmo anno constará dos officiaes da armada e classes annexas que for preciso embarcar nos navios de guerra e nos transportes, conforme suas lotações, e dos estados maiores das esquadras e divisões navaes; em circumstancias ordinarias, de 3300 praças de pret do corpo de imperiaes marinheiros, comprehendidas as companhias de foguistas, de 404 praças da companhia de imperiaes marinheiros de Mato Grosso e 600 praças do batalhão naval, das quaes poderão ser embarcadas 2800; e em circumstancias extraordinarias de 6000 praças destes corpos e de marinhagem. As escolas de aprendizes marinheiros terão 1500 praças.

A' frente da administração financeira está o Thesouro Nacional do Rio de Janeiro, presidido pelo Ministro da Fazenda, e que é representado em cada provincia por uma thesouraria da fazenda, á qual se subordinam collectores nos diversos municipios. Para a administração das finanças das provincias ha thesourarias provinciaes e collectorias provinciaes, que funccionam pelo modelo do Thesouro Nacional. O anno financeiro começava em 1 de Julho e terminava em 30 de Junho, mas desde 1888 coincide com o anno civil. O Ministro da Fazenda é obrigado em cada sessão da Assembléa Geral, logo depois da reunião dos Deputados, a apresentar um orçamento da receita e da despeza, assim como um balanço do anno anterior. A liquidação da divida do Estado pertence á Caixa da Amortisação, presidida egualmente pelo Ministro da Fazenda, e da qual além de um inspector geral, são membros cinco capitalistas nacionaes possuidores de apolices. Em-

fim, existe em Londres uma delegacia do Thesouro, a quem compete a escripturação e o arreglo de todas as receitas e despezas no estrangeiro.

Desde 1831, primeiro anno do reinado do actual Imperante, até o anno financeiro de 1879 a 1880, as verbas do estado subiram de 11.187:759$ a 119.246:917$500; mas, apezar disto, as finanças têm ido sempre peiorando, e principalmente depois da desastrada guerra contra o Paraguay, o paiz está gravado de dividas, de maneira que, em consequencia dos enormes juros, os balanços annuaes fecham commummente com *deficits* muito consideraveis. Assim, no alludido anno financeiro de 1879 a 1880 contra a receita de 119.246:715$500, havia a despeza de 150.240:160$ e para o anno financeiro de 1882 a 1883, foi a receita orçada em 123.283:000$, e a despeza em 150.240:160$; entretanto realmente o resultado deve ter sido peior. Qual desproporção existe entre as diversas verbas do orçamento resulta do facto que só para o Ministerio da Fazenda foram votados 61.944:913$, sendo cobertas as despezas dos outros seis Ministerios com os restantes 88.295:247$000.

Na receita occupam o primeiro logar os impostos de importação, orçados naquelle anno em 66.850:000$: os impostos de exportação orçados em 18.041:200$, a estrada de ferro D. Pedro II 13.000:000$, os outros 25.391:800$ procedem do despacho maritimo, renda dos correios e telegraphos, imposto de sello, de transmissão de propriedade, predios urbanos e industrias, imposto sobre loterias e ordenados, imposto de transportes, concessão de pennas d'agua, imposto de matriculas nos estabelecimentos de ensino superior, arrecadação da divida activa, etc.

A relação das rendas provinciaes e municipaes para as rendas geraes é de 1:4.

Desde annos fecham os balanços do Thesouro com *deficits* consideraveis e as dividas do Estado augmentam de maneira pouco correspondente á productividade da terra. Isto é tanto peior quanto os emprestimos primitivos que levaram o paiz a esta situação não foram empregados em obras de paz, mas em objectos de guerra, e não se póde portanto esperar nem-uma compensação gradativa do emprego dos

mesmos. Não ha mais que pensar no resgate das apolices emittidas, e o papel-moeda que circula não representa mais de 70 % de seu valor nominal.

A divida exterior fundada importava a 30 de Setembro de 1881 em 144.057:777$; a divida interna fundada em 408.731:600$ e a fluctuante em 269.133:721$; de sorte que a somma total da divida do Imperio regulava então por 821.923:098$ ou, — calculada a população do Brasil em 12 milhões de almas, — 68$500 por cada habitante. Para este debito, muito importante em Estado novo e relativamente não desenvolvido, havia o activo de 39.894:616$ no principio do anno de 1882.

Segundo o ultimo relatorio da Fazenda a 31 de Dezembro de 1887, a divida externa fundada era de £ 22.951.700. No correr deste anno, esta somma cresceu de mais 6 milhões de libras, importancia do ultimo emprestimo. A 31 de Março do corrente anno, a divida interna fundada era de 437.306:700$. A somma de papel-moeda existente a 30 de Abril era de 188.861:263$.

No orçamento votado para 1889, a receita é avaliada em 147.200:000$, dividida em ordinaria e extraordinaria. A receita ordinaria comprehende: 1º *importação* (direitos de importação por consumo, expediente de generos livres de direito de consumo, expediente de capatazias, armazenagem) : 2º *despacho marítimo* (imposto de pharóes e docas) ; 3º *exportação* (direitos de exportação dos generos nacionaes, ficando isento o pinho, dita de 2 ½ % da polvora fabricada por conta do governo, e dos metaes preciosos em pó, pinha, barra ou obras, de 1 ½ % de ouro em barra fundido na Casa da Moeda e de 1 % de diamantes ; 4º *interior* (juro das acções das estradas de ferro da Bahia e Pernambuco, renda das estradas de ferro do Estado, do correio, telegrapho, casa da moeda, imprensa nacional, *Diario Official*, fabrica de polvora, do Ipanema, dos arsenaes, casa da correcção, collegio de Pedro II, Surdos-mudos, matriculas dos cursos superiores, proprios nacionaes, terrenos diamantinos, fóros de terrenos, laudemios, premios de depositos publicos, pennas d'agua, sello de papel, imposto de transmissão de propriedade, de industrias e profissões, de transporte, imposto predial, sobre subsidio e vencimentos, imposto de gado e cobrança da divida activa).

A receita extraordinaria comprehende: contribuição para o monte-pio da marinha, indemnisações, juros de capitaes nacionaes, venda de generos e proprios nacionaes, receita eventual, impostos e beneficio de loterias, imposto addicional de 5 %.

Para o mesmo exercicio a despeza é fixada em 153.148:442$297, sendo: ministerio do Imperio 9.228:321$097 ; ministerio da Justiça 7.680:612$823 ; ministerio dos Estrangeiros 771:706$666 ; ministerio da Marinha 11.313:619$125 ; ministerio da Guerra 15.031:706$173 ; ministerio da Agricultura 46.929:076$686 ; ministerio da Fazenda 62.193.399$727.

Administrativamente divide-se o Brasil no Municipio-Neutro, em que está a capital, e em vinte provincias, que são :

Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Goyaz e Matto-Grosso, provincias cujo estudo exige outro volume. Aqui basta dizer que as dimensões dellas, pela falta de medições precisas, só approximadamente se podem estimar, e que tambem os dados officiaes do anno de 1872 relativos á população são muito problematicos. Entretanto é certo que, quanto á densidade da população das differentes provincias, reina a maior desproporção. Das provincias do interior, por exemplo, no Amazonas e em Matto-Grosso, que abarcam juntas uma superficie de 3.276.671 kil. □, ha 1 habitante para 25 kil. □; em Goyaz, porém, 5, no Pará 4, no Maranhão e Piauhy 2, e no Paraná 1 em 1 1/4 kil. □. As outras provincias contêm todas mais de 1 habitante por kil. □; no Ceará, Pernambuco e Alagôas ha 7; no Rio Grande do Norte 4,4; na Parahyba 5; em Sergipe, Bahia e Minas Geraes 4; no Espirito-Santo 2; no Rio de Janeiro 12,5; em S. Paulo 3,7; em Santa Catharina 2, 4; e no Rio Grande do Sul 2,1 por kil. □.

Segundo dados officiaes do anno de 1876, dividiam-se estas provincias em 685 municipios e contavam-se naquelle anno 225 cidades, 460 villas e 1.572 freguezias. Mas, com o costume, já mencionado, dos representantes do povo aproveitarem a fundação de novos municipios como meio de consolidar seus interesses de partido, desde então têm augmentado muito os municipios. Em um relatorio official de anno de 1882 são nomeados 720 municipios; porém mesmo este numero mal corresponde á realidade.

As armas do Brasil constam de uma esphera de ouro em campo verde, dividida por uma cruz de Cristo em quatro partes eguaes, e cercada de 19 estrellas que symbolisam as antigas provincias, que hoje são 20. Sobre a esphera paira uma corôa e o todo é cercado por um galho de café e outro de fumo. A bandeira nacional consta de um parallelogrammo verde com um losango de ouro que contém o escudo das armas.

O escudo de armas do Brasil foi dado por decreto de 18 de Setembro de 1822, cujo theor é o seguinte:

« Havendo o reino do Brasil, de quem sou Regente e Perpetuo Defensor, declarado a sua emancipação politica, entrando a occupar na grande familia das Nações o logar que justamente lhe compete como Nação Grande, Livre e Independente; sendo por isso indispensavel que elle tenha um Escudo Real de Armas que não só se distingam das de Portugal e Algarves, até agora reunidos, mas que sejam caracteristicas deste rico e vasto Continente: E Desejando Eu que se conservem as Armas que a este Reino foram dadas pelo Senhor Rei D. João VI, Meu Augusto Pae, na Carta de Lei de 13 de Maio de 1816, e ao mesmo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fôra imposto no seu feliz descobrimento e honrar as 19 provincias comprehendidas entre os grandes rios que são seus limites naturaes e que formam a sua integridade que Eu jurei sustentar, Hei por bem, e com o parecer do Meu Conselho de Estado, Determinar o seguinte:

Será d ora em diante o Escudo de Armas deste Reino do Brasil, em campo verde uma esphera armillar de ouro atravessada por uma Cruz da Ordem de Christo, sendo circulada a mesma esphera de 19 Estrellas de prata em uma orla azul; firmada a Corôa Real diamantina sobre o Escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos das plantas de Café e Tabaco, como emblemas da sua riqueza commercial, representados na sua propria côr, e ligados na parte inferior pelo laço da Nação. A bandeira nacional será composta de um parallelogrammo verde e nelle inscripto um quadrilatero rhomboidal côr de ouro, ficando no centro deste o Escudo das Armas do Brasil. José Bonifacio de Andrada e Silva, do Meu Conselho de Estado e do Conselho de Sua Magestade Fidelissima o Senhor Rei D. João VI, e Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino e Estrangeiro, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 18 de Setembro de 1822. Com a rubrica de S. A. R. o Principe Regente. José Bonifacio de Andrada e Silva.

Na mesma data determinou-se que o laço ou tope nacional brasileiro seria composto das côres emblematicas, verde de primavera e amarello de ouro.

CULTURA MATERIAL

XV

A ROÇA E OS PRODUCTOS AGRICOLAS

O ramo mais importante da actividade material no Brasil é a lavoura, pois, insufficiente como é, nella exclusivamente assenta a riqueza nacional. Já fica dito que apenas parte relativamente pequena da extensa area, o chamado certão no planalto norte-oriental, é esteril; ao passo que os campos do interior prestam-se excellentemente para a criação de gado e até em grande parte para o cultivo de cereaes. Quanto a fertil matta, que occupa superficie muito importante, póde produzir não só estes como os mais preciosos productos coloniaes.

E claro que as condições climaticas differentes determinam methodos de culturas diversos para as differentes zonas; mas em geral a lavoura de todo o imperio é tão irracional quanto possivel, e antes merece o nome de devastação, pois o esforço do lavrador não fita a conservar a fertilidade de seu terreno, mas a expolial-o tão depressa quanto póde, e com o menor trabalho possivel. E este processo infelizmente imitam os colonos europeus, e só poderá sustar-se com a subida gradual do preço do sólo. Nos campos em que ha lavoura, os instrumentos são os mais primitivos, não se afolha, não se estruma, não se irriga, não se draina, não se empregam os outros meios da technica moderna. Nos logares de matta ainda mais sensivel é a falta de cultura racional.

A maneira por que se transforma a matta virgem em terra lavradia é a mesma em todas as provincias do imperio. No principio da primavera, portanto nos mezes de Setembro e Outubro, poem-se abaixo os cipós, taquaras e paos finos com facões ou fouces, de sorte que o ar penetra francamente no interior da matta, e as plantas brocadas não tardam a seccar. Depois derribam-se a machado os

troncos mais grossos, trabalho acompanhado de muito perigo, porque muitas vezes as côroas das arvores estão amarradas com cipós, de sorte que a queda toma outra direcção que a esperada por quem as corta e que expõe-se a ser esmagado pelo baque. Os troncos em geral não se cortam rentes, mais 2 a 3 pés acima do chão, por conveniencia de trabalho; as madeiras mais preciosas costuma-se resguardar do fogo, esgalhando os paos, encostando-os ao solo e cobrindo com terra. Depois da matta assim derribada, (é o que se chama roça ou roçado) ficar seccando por umas 4 semanas, em um dia sem nuvens toca-se fogo em differente logares, e dentro de poucas horas tem a chamma completado sua tarefa. Uma cinza ardente cobre então a superficie que ainda pouco suberbava em toda exuberancia tropical e apenas alguns tocos carbonisados indicam os logares em que out'ora os gigantes da floresta elevavam as cabeças magestosas. Vacua, tristonha visão! A queimada da roça é acontecimento muito importante na vida do lavrador brasileiro; pois do correr desta operação depende ser ou não difficil o trabalho de plantação e depois o tratamento do solo. O ultimo caso occorre sempre que a queimada da roça é interrompida por chuvas constantes; pois, devido á enorme força vegetativa do solo, acontece que dentro de poucas semanas por baixo da derrubada crescem novas plantas que impedem o proseguimento do processo da sécca e estorvam o bom exito da queimada. Neste caso o fumo que sobe é escuro e não ha chamma; quando, porém, a roça está bem secca, a labareda sobe crepitando alto e despede ao azul do firmamento nuvens brancas de fumaça. Quem nas colonias allemãs do Sul do Brasil em dias de queima de roças olhar de um morro para as extensas mattas que lhe ficam aos pés, avista espectaculo raro, com as columnas de fogo e fumo que se elevam n'um circuito de muitas milhas. O azul costumado do firmamento desmaia gradativamente, uma nevoa amarellada, que mal podem traspassar os raios do sol, estende-se sobre os cabeços verdejantes da matta virgem e á noite ainda se lobrigam ao longe os troncos ardentes que fagulham. Da-se tambem ás vezes o caso que a matta

adjacente á roça se inflamma; mas é raro, porque, humida e succulenta como é, para pegar fogo necessita de secca prolongada.

O trabalho de preparar a roça não é facil, mas, quando bem dirigido, magnificamente recompensado. Quem nunca viu com que rapidez as sementes de milho e abobora plantadas na superficie carbonisada desenvolvem-se multiplas, cercando de fresca verdura em poucos mezes não só os tocos mas ainda os ranchos da colono, não póde fazer idéa da fertilidade do terreno da matta virgem do Brasil. O autor deste livro viu roças que quasi sem interrupção e sem estrume foram plantadas durante 20 a 30 annos, sem mostrar signaes de esgotamento. Em geral planta-se uma roça de 3 a 12 annos, conforme a bondade do solo, e neste tempo limpa-se quanto possivel dos restos da matta anterior, deixando-a depois em alqueive. Então, em tempo admiravelmente rapido, forma-se uma socca, chamada capoeira, a qual, cousa singular, consta de formas de plantas inteiramente outras que as que cobriam originariamente o solo, e dentro de poucos annos attingem a tal altura que se póde novamente derribal-as e queimal-as, para com suas cinzas estrumar o chão cansado e podel-o de novo plantar com proveito durante alguns annos. Este processo é ainda continuado até o solo perder a propriedade de criar capoeira viçosa, produzindo apenas arbustos rasteiros, ervas e relva. Neste caso converte-se o terreno em pasto ou deixa-se em abandono para continuar pela matta da mesma maneira destruidora. Apenas na visinhança das cidades mais populosas e onde o solo é mais caro, notam-se principios de transicção do systema de devastação para o da cultura intensiva; mas não ha negar que taes começos ainda são insignificantes.

Como fica dito, nas roças queimadas de fresco plantam-se primeiro milho e abobora, porque estas plantas vingam ahi melhor e com a sombra espessa qne fazem deixam depois da colheita o solo limpo e facil de preparar para outras plantações. O milho é das mais importantes plantas alimenticias não só do Brasil como geralmente da America, e era cultivado pelos Indigenas antes do descobrimento do conti-

nente em duas especies, uma branca e outra amarella, que na fertil matta dão 100 a 200 por 1. Planta-se o milho em Novembro e colhe-se nos mezes de Abril a Junho, depois de virados os talos maduros para resgardal-os da humidade e tambem dos papagaios. O debulhamento fazia-se antes a mão, e em logares remotos ainda deve se fazer do mesmo modo, mas nos pontos mais civilisados servem-se agora de machinas apropriadas que importam da America do Norte. Os grãos de milho empregam-se não só como alimento substancial para os cavallos e gado vacum, mas ainda são reduzidos a farinha e empregados no preparo do pão. A farinha em pó que se faz delle, vendida com o nome de maizena no commercio, offerece tambem excellente material para artigos de padaria. São saborosas as espigas assadas verdes, e assim comidas não só no campo, como nas cidades, onde as negras preparam-nas em fogareiros e vendem-nas. O talo do milho verde emprega-se tambem como forragem.

Producto extraordinariamente importante é o feijão preto, pequena e graciosa especie de Phaseolus, originariamente importado da Africa, pois fornece o prato predilecto do Brasileiro e como o milho é cultivado por todo o paiz. E' produzido em maior quantidade nas colonias allemãs do Brasil meridional, pois é ali o mais importante artigo de exportação, com que o mercado das provincias do Norte por vezes fica verdadeiramente inundado. Costuma-se cosinhalo juntamente com carne secca, toucinho ou salcicha e misturalo com farinha de mandioca antes de comelo; preparado deste modo, fornece comida muito gostosa e nutriente, a que o immigrante facilmente se habitúa. Seu cultivo exige maior cuidado que o do milho, porque deve ser abacellado. O debulhamento faz-se geralmente pisando-o em areas improvisadas; mas modernamente se têm empregado machinas batedoras. A producção elevada deste genero (na media 80 por 1) e os preços altissimos por que elle se costuma pagar em tempo de secca nas provincias do Norte, infelizmente têm concorrido para que se lhe preste demasiada attenção, abandonando assim culturas mais importantes.

Uma destas é, por exemplo, a dos cereaes. Embora esteja provado que em muitas partes do paiz, especialmente no

Rio Grande do Sul, dão perfeitamente, não chegam para o consummo e o Brasil paga annualmente uns 5 a 6 mil contos ao estrangeiro, só de farinha de trigo. Quanto a cultura do trigo, até o principio deste seculo era bastante desenvolvida na dita provincia ; pelo menos não só bastava para o consummo, como tambem exportava-se em farinha para as provincias do Norte e Indias Occidentaes. Colheitas de 120 por 1 nada tinham de extraordinario, e si houvessem cultivado o campo de maneira mais rasoavel e com melhores instrumentos, sobretudo si houvessem variado mais vezes a semente, a lavoura não teria desanimado do intento diante da degeneração da planta, da vulgarisação da ferrugem e da diminuição da colheita. Modernamente nota-se até certo ponto reanimação, pois os Italianos estabelecidos em colonias do Estado applicam algumas attenção ao trigo e pelo menos cobrem com seus productos o consummo de seus districtos ; mas em quanto os campos marguiferos do Sul não forem conquistados para este ramo de cultura, não se poderá fallar da producção do trigo em grande escala.

O mesmo não succede com o centeio. E' cultivado nas colonias mais elevadas, e mesmo em alguns campos com proveito, e constituira incontestavelmente importante ramo da lavoura sul-brasileira, si o consummo não fosse muito limitado por causa do costume dos Brasileiros de só comerem pão de trigo. Exportação para a Europa não compensaria por causa dos fretes muito altos ; limita-se, pois, a producção do centeio ao consummo da população originaria do Norte da Europa. Colheitas de 60 por 1 não são raras, mas deve-se notar que as sementes são plantadas muito mais espaçadamente do que nos paizes do Norte, onde a influencia do inverno as dizima ; assim a comparação com as colheitas destes só é possivel levando em conta as superficies semeadas, circumstancia infelizmente esquecida por muitos colonos, e que os leva a exagerarem a capacidade de cultura do seu solo.

Tambem a cevada vinga bem a trechos nas provincias do Sul, e vai sendo cultivada em progressão crescente ; mas amadurece desegualmente, e é este o motivo principal porque a cevada grelada que ahi preparam fica muito aquem em qualidade da que se importa da Europa.

Ao passo que estes cereaes que deixamos nomeados e cultivam quasi exclusivamente nas provincias do Sul, cultiva-se o arroz em quasi todos as partes do paiz, embora não nas porporções que fora para desejar, pois o valor da exportação pode subir quando muito a uns 25 a 50 contos. O consummo no paiz é sem duvida muito importante, pois em algumas partes o arroz é alimento fundamental não só para a população livre como para os escravos.

Ervilha, ervilhaca, fava e congeneres são cultivados quasi exclusivamente nas colonias allemãs, mas não de modo a possibilitar a exportação.

De importancia inconstestavel é o cultivo da mandioca, planta alimenticia já cultivada pelos Indios antes da descoberta da terra, e que florece egualmente bem nos territorios quentes e temperados. Distinguem-se duas especies: a mandioca mansa, ou aipim (*Manihot aipi* Pohl), cuja raiz mui saborosa e nutritiva, ás vezes de peso de 5 a 15 kilos, pode ser cosida ou assada como a batata, e a mandioca brava (*Manihot utilissima*), cuja raiz tem de passar por um processo complicado, antes de aproveitar-se como alimento, pois por baixo da casca escura tem um succo leitoso que contem acido prussico. Para livral-a deste veneno, tem-se de raspal-a, laval-a e reduzil-a a massa ralando-a, e depois prensal-a. A massa espremida é mexida em grandes panellas rasas ou fornos, e apparece no commercio com o nome de farinha de mandioca, chamada pelos Indios *Uî*. Este producto nunca falta nas mesas dos Brasileiros, e os estrangeiros acostumam-se facilmente a elle. Come-se com feijão preto, carne secca e toucinho e tambem na forma de uma papa chamada pirão, que é muito nutritivo.

Apezar desta qualidade e do preço geralmente barato, —em 1881 pagava-se nas cidades maritimas do Sul do Brasil 750 a 1000 réis por 80 litros,—a exportação para terras estrangeiras é bem insignificante. No anno de 1871/1872 montava a 504.536$, mas depois tem decrescido, pois, segundos dados officiaes, no anno 1879/1880 apenas se exportaram 335.000$, o que se explica pelo facto das provincias do Norte, em consequencia de seccas duradouras, não produzirem bastante mandioca, e em vez de poderem exportal-a

têm de cobrir suas necessidades com farinha das provincias do Sul. O preparo da farinha de mandioca apprenderam os Europeus com os Indios, que faziam a purificação pondo a a massa em cestos de cipó, e deixando-os pendurados até que o succo (manipuera) se esgotasse. Desta maneira procedem os Indios bravos ainda agora, mas os engenhos de mandioca, chamados *atafonas* (no Sul, no Norte são differentes as denominações) são munidos de prensas e fornos para este fim. Dos Indios apprenderam egualmente os Europeos o preparo da tapioca, artigo muito importante de commercio. Esta gomma deposita-se na manipuera em pequenas quantidades; pode obter-se em quantidade maiores fazendo depositar-se o amylo branco, por meio da lavagem da massa moida da raiz. Sujeita a tapioca ao calor moderado do forno, granúla e nesta condição apparece no commercio com o nome de farinha de sagú americana. A exportação deste producto no anno de 1871/1872 elevou-se a 149.936$.

O beijú mastigado e misturado com agua, produz a bebida predilecta dos Indios, o caxiri, e modernamente distilladores allemães do Sul do Brasil têm feito tentativas muito felizes para extrahir espirito da raiz da mandioca; pelo menos a bondade deste producto, apresentado na exposição brasileira de Berlim, foi francamente reconhecida pelos jurados especiaes. De todas estas informações resulta sem contestação que a mandioca, da qual Liebig affirmava que uma roça produzia seis vezes mais materia nutritiva do que um campo de centeio do mesmo tamanho, é producto extraordinariamente importante, tanto mais quanto raramente influe o tempo sobre a colheita e estas geralmente são mais elevadas que as da maior parte das outras plantas alimenticias. Na média calcula-se a colheita em 1800 kilos, cada are.

E' para reparar que nada se sabe ainda sobre a planta originaria da mandioca, pois as especies reunidas por Linneu sob o nome collectivo de *Jatropha manihot* não apparecem na America do Sul em condição selvagem. As duas especies principaes, a mandioca mansa ou aipim (no Norte, tambem chamada macaxeira) e a mandioca brava são difficeis de distinguir-se pelo aspecto. Ambas apresentam arbustos

de 6 a 8 pés de altura, tem folhas palmados com 5 a 7 segmentos, com capsulas aladas rugosas, mas distinguem-se quanto á maturidade de suas raizes pelo facto que o fructo daquella amadurece no primeiro anno, e o desta do segundo ao quarto, o que se conhece pelo murchar e cahir das folhas. Ambas as especies vingam melhor em terrenos mais leves e nas ladeiras expostas ao sol; plantam-se por meio de estacas de tres a seis pés de comprimento, inclinadas obliquamente ao solo, á distancia de tres a quatro pés uma da outra. Plantam-na frequentemente com o milho e feijão, e como estes devem ser conservadas limpos de mato; mais tarde, porém, desenvolvem sombra bastante densa, que impede o apparecimento de novo mato.

« A exportação das farinhas para fóra do Imperio nos ultimos annos é assim computada:

1883/1884 —	1.181.985	kilos, valendo.....	97:139$000
1884/1885 —	1.402.751	» »	135:398$000
1885/1886 —	1.458.995	» »	124:179$000

Além da mandioca tambem são cultivadas grande numero de outras raizes e tuberculos como o inhame (*Dioscorea alata* L), a batata doce (*Ipomea batatas L*), a tayoba (*Arum esculentum L*) e o mangurito (*Caladium sagittæfolium*), todos mui saborosos e nutritivos.

Todas estas plantas são cultivadas apenas para o consumo interior; da araruta (*Maranta arundinacea L*), tambem indigena da America do Sul, já se exporta em pequenas quantidades para a Europa a farinha gostosa e digestiva. Tambem se planta a batata ingleza (*Solanum tuberosum*), que pode dar duas colheitas annuaes. Em alguns logares, especialmente na serra dos Tapes no Rio Grande do Sul, dá excellentes tuberculos; entretanto é cultivada em grau tão pequeno que a capital do Imperio ainda se supre com a importação do estrangeiro.

Producto muito importante é o mundubi ou amenduim (*Arachis hypogaea*), que outrora considerava-se originario da Africa, mas que as investigações modernas provam ser indigena do Brasil, onde se conhecem seis especies. Os frutos vermelhos que demoram no solo em cascas retinervas têm

gosto de amendoa, e não só comem-se torrados como servem para se fazer azeite. A exportação tem sido até agora insignificante, mas ultimamente tende a crescer, por que na França estão empregando o mundubi para preparar azeite de tempero. Si effectivamente prestar-se a este fim, a sua cultura tornar-se-á muito importante para a lavoura brasileira, pois o resultado é de 80 a 100 por 1.

Economicamente mais importante que a dos cereaes e tuberculos referidos é a cultura dos productos coloniaes. Entre estes é o café o que occupa o primeiro logar, pois constitue 60 % do valor da exportação annual. Foi introduzido o cafeeiro em começos do seculo passado no Pará ; mas sua cultura propriamente dita só principiou no fim do mesmo seculo no Rio de Janeiro, donde foi se estendendo pelas provincias visinhas de S. Paulo, Minas Geraes e Espirito-Santo, penetrando até as provincias do Norte, embora em escala pouco consideravel. Nas provincias ao Sul de S. Paulo o cafeeiro é tambem cultivado aqui e ali ; mas por causa das geadas as colheitas são incertas.

Costuma-se plantar o cafeeiro em mudas de dois a trez annos, á distancia de 7 a 8 pés, em roças queimadas de novo e encher os intervallos, em quanto as arvores ainda estão pequenas, de mandioca e feijão, para conservar o solo livre de mato: este processo mais cedo ou mais tarde, porem, ha de ser abandonado, porque rouba muito alimento ao cafeeiro. Quando as mudas começam a rebentar, cortam-se todos os rebentos menos o mais reforçado e este desenvolve-se então dentro de 2 a 3 annos em arbusto de 6 a 7 pés, ao qual, podando-se os galhos superfluos, procura-se dar uma coroa larga e arejada. Já aos dois annos é capaz de fructificar ; mas só no sexto anno attinge a plenitude de sua força, que conserva de 12 a 18 annos. Na media pode calcular-se a producção de um cafeeiro em 2 a 3 libras, embora alguns produzam muito mais. Os cafesaes com suas arvores sempre verdes e floridas, que alcançam a altura de 15 a 30 pés e ostentam bellos fructos vermelhos biloculares, dentro dos quaes o grão propriamente dito forma o endosperme corneo, apresentam aspecto magnifico, especialmente na epocha da

safra, quando muitas mãos activas movem-se para apanhar os fructos e carrega-los em grandes cestos para os carros que os levam para terreiros, nos quaes são logo extrahidas por machinas as partes polposas ; o fructo depois de secco, lavado, posto novamente a seccar, sujeito a pillação que o liberta do involucro pergaminaceo, é finalmente limpo em peneiras, sorteado e tornado apto para o mercado. Este processo só se observa nas fazendas maiores, nas quaes existem numerosos escravos e os machinismos mais aperfeiçoados; nos estabelecimentos menores, o preparo ainda se faz da maneira mais primitiva. Nelles amontoam os fructos e deixam-nos assim ficar até a casca vermelha ir fermentando; então expoem-nos ao sol para secar e descascam-nos em pilões.

E' claro que o café preparado desta maneira não póde concorrer com o das fazendas; cede mesmo em bondade aos typos de outras terras onde se trata com maior cuidado do preparo e escolha, e emquanto para estes pequenos lavradores não houver meios apropriados, como por exemplo os engenhos centraes subvencionados que já existem para a industria saccharina, a reputação do café brasileiro ha de padecer nos mercados consumidores, embora os typos bem preparados soffram perfeitamente a comparação com a maior parte dos typos central-americanos e asiaticos. Outras causas ainda se oppõem ao desenvolvimento da cultura de café no Brasil, como sejam as tarifas elevadas das vias ferreas, a ausencia de escoadouros apropriados em muitos centros productores, os elevados direitos de exportação (13 1/2 %, dos quaes 4 % para as provincias), e finalmente a falta de braços que cada vez se vae tornando mais sensivel. Tambem o alargamento cada vez maior desta cultura em todas as terras tropicaes já acarretou a depreciação muito sensivel do genero, depreciamento que por sua vez estorva o maior progresso deste ramo de cultura. Com colheitas normaes, a lavoura de café, mesmo a pequena lavoura é lucrativa, relactivamente ás outras culturas. Calcule-se que em 1 hectare de terra ha 918 cafeeiros que produzem de 700 a 2000 kilos. Um só homem pode dar conta de 2 hectares ; calculando a safra de 2430 kilos a 300 reis, recebe 729$000 ; nesta avaliação

não se leva em conta o trabalho da familia do colono, que tambem toma parte na colheita e ocupa-se com outras culturas. Nas grandes fazendas a cultura de café dá uma renda de 2 a 12 %, excepcionalmente de 20% sobre o capital.

De que maneira a producção de café tem augmentado no Brasil durante meio seculo resulta do facto que a exportação deste genero na decada de 1830 a 1840 foi na media de 52.920 mil kilos; na decada de 1840 a 1850 foi de 100.430 mil kilos; na decada de 1850 a 1860 foi de 159.410 mil kilos. No decennio seguinte e até o principio da éra de 70 a producção subiu pouco; no anno financeiro de 1871 a 1872 a exportação para o estrangeiro foi orçada em 147.336.166 kilos, e a cabotagem interprovincial em 25.940.508 kilos. No fim do dito decennio, porem, cresceu espantosamente, e a exportação de 1880 a 1881 chegou á altura de 374.143.080 kilos. Sendo a producção de toda a terra cerca de 650 milhões de kilos, segue-se que a metade do café produzido em nosso planeta provém do Brasil. Accresce que, embora o café brasileiro passe no commercio como inferior, isto só é exacto a respeito dos typos peiores; as especies melhores são vendidas com marcas estrangeiras, geralmente hollandezas, facto lastimavel, que mesmo a exposição brasileira realisada em Berlim, na qual o publico pôde convencer-se longamente da excellencia do producto brasileiro, não parece ainda ter remediado, pois mesmo agora raramente apparece no commercio com as marcas originaes.

No anno de 1881, o valor do café importado em Hamburgo subiu a 89.977.160 marcos (44.988.580$), dos quaes 60.801 mil marcos couberam exclusivamente aos 54.595.100 kilos importados do Brasil. O mais importante consumidor do café brasileiro são os Estados Unidos, pois no anno de 1880/1881 importaram no valor de 74.800 contos.

Os portos por onde o café é exportado em maior quantidade são os do Rio de Janeiro e Santos; o da Bahia e os de outras provincias participam muito pouco na exportação.

No anno de 1878/1879 foram exportados:

pelo Rio de Janeiro.....	100.917:767$000
por Santos.....	31.084:522$000
pela Bahia, e outros portos..	2.006:511$000

Não se realisou a esperança de, pela construcção da via-ferrea de S. Paulo ao Rio de Janeiro, attrahir para este porto o café de S. Paulo; ao contrario o porto de Santos vae annualmente crescendo de importancia como emporio deste producto.

« Tomando por exemplo a exportação de café dos exercicios de 1870/1871, 1871/1872 e 1872/1873, vemos que nella comparecem onze provincias, na seguinte ordem: 1ª, Rio de Janeiro, Minas e Espirito Santo; 2ª, S. Paulo; 3ª, Bahia; 4ª, Ceará; 5ª, Pernambuco; 6ª, Santa Catharina; 7ª, Maranhão; 8ª, Rio Grande do Sul; 9ª, Alagôas; as cinco ultimas provincias exportando em escala limitada.

« A exportação em globo do Brasil nos tres ultimos exercicios foi:

1883/1884 —	318.978.026 kilos,	valendo....	130.082:650$000
1884/1885 —	374.292.520 »	» ...	152.433:541$000
1385/1886 —	326.186.225 »	»	124.792:479$000

« Por ora só devemos considerar como cafeeiras as provincias do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e Espirito Santo. (Getulio das Neves. *Noticia sobre o estado da agricultura e da zootechnia do Brasil*, pag. 27.) »

O producto agricola immediato em importancia é a canna de assucar (*Saccharum officinarum L.*), originaria das Indias Orientaes, que desde o principio do seculo XVI começou a ser cultivada e antigamente constituia o mais importante artigo de commercio do paiz. Cultiva-se em todas as provincias, em maior escala, porem, na zona costeira, entre 6.° e 22.° S. Planta-se especialmente a canna de Tahiti, vulgarmente chamada de Cayenna, d'onde foi importada; mas esta lavoura deixa muito a desejar, por que se prepara o terreno apenas queimando o matto e cavando imperfeitamente o solo e deixando de parte qualquer estrumamento racional, que seria tão util no solo pobre de calcareo d'aquella região. A molestia crescente da canna resultou naturalmente deste deleixo e só ocupando terrenos novos tem sido possivel fazer face ao decrescimento das colheitas resultante das molestias, e mesmo augmentar a producção. E' o que resulta dos seguintes dados. No anno de 1850/1851 a exportação subira a 126.420 mil kilos de assucar; em 1860/1861 descera a 65.388 mil kilos; gradualmente, porem, foi subindo, e apezar da concurrencia do assucar de beterraba europeu, alcançou em 1879/1880 a somma de 216.461.155 kilos. Esta transformação favoravel deve-se em primeiro

logar ao governo brasileiro o qual, justamente conscio de que a qualidade do assucar devia ser melhorada, subvencionou engenhos de grande estylo, munidos de apparelhos modernos. Estes são quanto possivel situados no meio das plantações e seu trafego assenta no principio da divisão do trabalho, pois o lavrador fornece a canna e o engenho entrega o assucar prompto. Destes estabelecimentos, chamados engenhos centraes, existem agora 51, representando o capital de 29.850 contos, dos quaes 23.000 contos tem a garantia de 6 o/o e o resto a de 7 o/o. Ha ainda grande quantidade de engenhos menores de outro tempo que constam de moendas de construcção muito simples para esmagar a canna, uma fabrica que existe em edificio separado, a modesta casa vivenda do dono e a senzala de escravos junto aos curraes. Em capacidade productora, os engenhos antigos differem muito dos modernos. Segundo uma informação da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, 3.024.500 kilos de canna davam 153.416 kilos de assucar nos primeiros; a mesma quantidade dá nos segundos 246.172 kilos de assucar; nestes porem, se obtem 80 o/o menos de cachaça de que nos engenhos antigos. Pernambuco é o porto mais importante de exportação. Delle sahiram em 1882 para o estrangeiro, especialmente para os portos argentinos e inglezes, 91.514.537 kilos; para portos brasileiros embarcaram 33,404.379 kilos.

« Tomando os exercicios de 1870 a 1873, doze provincias exportaram assucar na seguinte ordem: Pernambuco, Bahia, Alagôas, Sergipe, Parahyba, Maranhão, Rio Grande do Norte, Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, S. Paulo, Santa Catharina, sendo o peso total em kilos 116.983.303, 172.256.740 e 183.984.224, correspondendo respectivamente aos seguintes valores: 18.857:135$, 27.923:148$ e 27.725:672$. A exportação de aguardente nos mesmos exercicios, foi mantida quasi sempre pelas seguintes provincias: Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Rio Grande do Sul, Maranhão, Santa Catharina, S. Paulo e Alagôas, cuja somma de litros foi successivamente 7.689.304 litros, 6.671.295 e 3.664.807, perfazendo os valores officiaes de 1.082:381$, 931:920$ e 526:487$000.

« Algumas destas provincias exportaram quantidades insignificantes destes dous productos, porém todas mais ou menos produziram para seu consumo.

« A exportação de assucar nos tres ultimos exercicios foi:

1883/1884 —	329.374.965 kilos,	valendo.....	39.131:599$000
1884/1885 —	274.311.419 »	»	22.699:554$007
1885/1886 —	112.399.007 »	»	14.085:183$000

« A de aguardente no mesmo periodo foi :

1883/1884 —	1.337.124 litros,	valendo.....	187:988$000
1884/1885 —	2.586.305 »	»	250:837$000
1885/1886 —	570.372 »	»	65:361$000

« Abstrahindo das emprezas que se fundaram a expensas de garantia dos cofres provinciaes ou em consequencia de cooperação unicamente, é este, até esta data (1887), o movimento de capitaes garantidos pelo Estado:

Garantia do typo de 7 %.....	2.400:000$007
» » » » 6 %.....	15.150:000$000

« Este capital é repartido por 26 engenhos centraes, e assim distribuido a partir do Norte :

Rio Grande do Norte.....	Para	2	engenhos	1.500:000$000
Parahyba.....	»	1	»	700:000$000
Pernambuco.....	»	8	»	4.550:000$000
Sergipe.....	»	1	»	500:000$000
Bahia.....	»	6	»	5.600:000$000
Espirito Santo.....	»	1	»	500:000$000
Rio de Janeiro.....	»	4	»	3.000:000$000
S. Paulo.....	»	1	»	500:000$000
Minas Geraes.....	»	1	»	300:000$000
Municipio Neutro.....	»	1	»	400:000$000

« Getulio das Neves. *Noticia*, pags. 32/34. »

O cacaoeiro é, como ja vimos, indigena na zona da Hylaea e tambem ali se cultiva ; modernamente, porem, tem-se plantado nas provincias costeiras do Norte com proveito, embora não na escala que, á vista do preço elevado do fructo, estaria no interesse economico daquelles logares: ao contrario, a exportação que em 1871/1872 era de 5.547,475 kilos, desceu em 1879/1880 a 1.539.954 kilos. Esta arvore que attinge a altura de 20 a 40 pés, onde melhor se dá é nas mattas claras das varzeas, onde recebe a sombra do arvoredo mais alto. Os cacaolistas no Amazonas e no Tocantins são Indios que levam existencia indolente e a seu ver agradavel, guardando alguns milhares de cacoeiros. Todo o seu trabalho consiste em andar duas ou tres vezes por anno entre as arvores, colher os fructos e seccal-os ao sol. Nos fructos de 15 a 25 centimentros de comprimento, que a principio são de cor verde, porem quando maduros ficam amarellos, encontram-se sementes ovaes de polpa acidulada, e são

estas sementes que apparecem no commercio com o nome de cacao. A maior parte do cacao é exportado do Pará para a França. Em 1880 a Allemanha importou do Brasil apenas 11:500$000.

« O cacáo exige temperatura elevada, terras frescas porém não encharcadas, e o seu melhor systema de plantações é por mudas, á semelhança do que se pratica para o café.

« Nos ultimos exercicios a exportação do cacáo em nosso paiz foi a seguinte :

1883/1884 —	4.206.557 kilos,	rendendo.....	2.287:690$000
1884/1885 —	4.515.223 »	»	2.374:855$000
1885/1886 —	4.187.587 »	»	2 169:440$000

Em outro tempo tambem se cultivou o chá da China, especialmente nas provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo, onde foi introduzido em 1810 com algumas centenas de Chinezes; porem logo que aquelles se retiraram ou dispersaram pelo paiz, desappareceu a cultura do chá ; pelo menos nunca teve importancia economica. A causa do malogro em parte proveio tambem da importante producção e consumo ds chá indigena ou mate, em parte da cultura mais lucrativao do café.

Sem comparação mais importante é a cultura do fumo, que dá em todo o Imperio, e se cultiva especialmente na Bahia e em Minas-Geraes e nas colonias allemães do Rio Grande do Sul: estas produzem annualmente cerca de 700 contos, porem é de qualidade inferior ao das ditas provincias, que tambem não se conta entre os typos mais finos e muito deixa a desejar por parte dos lavradores quanto ao preparo. A maior parte do fumo brasileiro exportado embarca em folhas no porto da Bahia, e vae principalmente para as cidade hanseaticas. Estas importaram no anno de 1880 fumo do Brasil no valor de 11.800 contos, em quanto que a França apenas importou 500 contos e a Inglaterra 5 contos. Alem disso apparecem no commercio diversos preparados de fumo, mas que se destinam antes ao consummo do paiz. Na Bahia, em Cachoeira e S. Felix floresce o fabrico de charuto e de rapé; na provincia de Minas-Geraes, especialmente em Baependy, prepara-se o fumo picado, de que se fazem cigarros de palha e papel, muito apreciados pelo povo.

« Pelo quadro de exportação de fumo no exercicio de 1872/1873, vê-se que como centro productor occupa o primeiro logar a Bahia com 14.583.408 kilos no valor de 5 588:531$; o segundo o Rio de Janeiro com 1.724 236 kilos, valendo 1.013:981$; terceiro o Rio Grande do Sul com 570.507 kilos, valendo 223:033$; quarto S. Paulo, com 21.403 kilos, valendo 8:058$; quinto Paraná, com 749 kilos, valendo 408$; sexto Santa Catharina, com 350 kilos, valendo 250$; setimo Pernambuco, com 111 kilos, valendo 291$040; oitavo, Ceará, com 110 kilos, valendo 272$000.

« Como se ve, sómente deve julgar-se como exportação consideravel a das tres primeiras provincias; porém é preciso ponderar que a totalidade quasi da exportação do Rio de Janeiro deve ser attribuida a Minas e em parte tambem a Goyaz, que commerciam neste ramo de negocio com a Côrte, sendo então o producto exportado, com si a procedencia fosse o Rio de Janeiro.

« Mais modernamente a exportação de fumo e seus preparados do Brasil, foi a seguinte :

1883/1884 —	17.091.852 kilos,	valendo.....	4.767:896$000
1884/1885 —	19.632.186 »	»	6.759:289$000
1885/1886 —	25.903.507 »	»	7.274:245$000

« Getulio das Neves, *Noticia*, pags. 38/39. »

O algodoeiro, que tambem é indigena do Brasil, já se cultivava aqui antes da chegada dos Europeus, principalmente uma especie que, segundo Martius, é o *Gossypium vitifolium*, ainda hoje muito commum nas provincias do Norte. O algodão herbaceo, posteriormente introduzido dos Estados Unidos, cultiva-se mais nas provincias medias e meridionaes, e dá duas a tres colheitas annuas, das quaes a primeira dez mezes depois de plantado. O terreno mais apropriado para a cultura são os baixos fracos; entretanto nas mattas das serras tem-se obtido excellentes colheitas. O cultivo e o preparo do algodão para o commercio deixam ainda muito a desejar; os apparelhos aperfeiçoados que se empregam em outros paizes productores são poucos conhecidos; ainda ha quem se sirva de pequenos cylindros de madeira movidos a mão para descaroçal-o, e o ensaque em vez de imprensal-os; entretanto já existem bastantes machinas importadas da America e até são empregadas prensas hydraulicas. Para aproveitar o oleo que se contem nos caroços ha apenas uma ou duas fabricas.

Embora o Brasil continue a occupar o quarto logar entre os paizes algodoeiros da terra, é certo que, devido em parte ao maior emprego dentro do paiz, devido em parte ao regresso

na producção, que se explica pelo consideravel crescimento na producção do café e a falta de braços dahi resultante para este ramo de lavoura, a exportação tem decaido muito, pois de 78.516.819 kilos em 1871/1872 baixou a 11.356.264 kilos no anno de 1879/1880. Modernamente parece ter sobrevindo novo impulso, pois no anno de 1882 só por Pernambuco foram exportados 11.837.716 kilos de lã; nãs será facil, porém, emquanto não mudar a situação, voltar de novo á antiga quantidade. A maior parte do algodão brasileiro vae para a Inglaterra.

Das outras plantas textis apenas o linho é cultivado nas colonias allemans do Sul do Brasil, onde dá perfeitamente; mas sua cultura não tem tomado porporções taes que possa concorrer essencialmente para o augmento da exportação. Na lista de exportação dos respectivos portos apenas se menciona linhaça, emquanto que o linho propriamente dito é empregado pelos colonos em sacos, não sendo, porém, sufficiente para o consumo das colonias.

Como planta forageira cultivam no Sul do Brasil principalmente luzerna, que ahi cresce com rapidez extraordinaria e pode ser cortada pelo menos durante tres annos a curtos intervallos. Modernamente tem-se plantado tambem o sanfeno e o theosinte; mas não é de crer que uma nem outra destas plantas venha a supplantar a luzerna. No Brasil medio e septentrional parece que não vingam bem, aliás não se continuaria a importar feno da Europa. No Rio de Janeiro, por exemplo, no anno de 1881 importaram-se 29.453 fardos.

Mui pouco desenvolvida é a cultura de legumes e nos generos cultivados que pertencem a zona fria não se nota o sabor e delicadeza que possuem na patria; ao contrario os legumes e especies das terras do Sul como tomates, melões, melancias, alcachofras, gengibres, pimentas etc, dão perfeitamente em todas as partes do paiz.

O mesmo sucede com os fructos do Sul, como cocos, bananas, laranjas, figos, goyabas e ananaz, que são limitadamente exportados. Os cocos vingam principalmente nas costas do Norte, até Bahia; mas os outros fructos dão em todo o imperio. Entre estes nas provincias mais quentes cul-

tiva-se a fructa de Conde *(Anona cherimolia)*, e a sua congenere *Anona squamosa*, que dá um fructo doce conhecido pelo nome de pinha ; o abacate *(Persea gratissima)* que entre a casca e o caroço contém uma papa gostosa que se come com sal e pimenta ; o doce abiu *(Lucuma caimito)* e sobretudo a mangueira *(Mangifera indica)*, cujo fructo de tamanho de um punho é muito apreciado pelos naturaes, mas ao qual os immigrantes não se acostumam muito facilmente por causa do gosto de therebentina. Tambem a arvore da fructa-pão *(Artocarpus integrifolia e A. incisa)* encontra-se no Brasil medio e septentional, maximé na visinhança das cidades maiores, por causa antes de sua belleza de que pelos fructos ; tambem alli se cultivam nos jardins diversas arvores fructiferas da matta brasilica. Incomparavelmente soborosos e aromaticos são os abacaxis do Norte, principalmente de Pernambuco e da Bahia; a especulação ainda não se apoderou deste producto magnifico e barato na medida que seria facil si ali vigorasse espirito industrial vívido ; dá tambem no Sul, mas não é tão bom como o das provincias do Norte.

Em compensação ali se cultiva com proveito a vinha e tambem as fructas da zona temperada do Norte, como peras, maçans, porém não cerejas e ameixas. A uva mais cultivada no Sul do Brasil é a norte-americana, que se tem mostrado mais refractaria a ferrugem e outras molestias, a que estavam expostas outras especies como a moscatel e a rhenana. Modernamente, porém, tem se tentado o cultivo da uva tyroleza nas colonias do Estado no Rio Grande do Sul, que, segundo consta, tem provado muito bem ; falecem, entretanto, dados sobre a producção crescente do vinho.

Quão defeituosa é no fertil Brasil a utilisação destes recursos naturaes vê-se do facto que, segundo a minuciosa estatistica commercial de 1871/1872, a exportação de fructos, preparados ou não, para o estrangeiro importou em 64:000$ e por cabotagem interprovincial em 51:200$, ao passo que a importação de productos similares calculou-se em 779:460$. Maçans no Rio de Janeiro importam-se em grandes quantidades dos Estados Unidos e peras de Montevidéu.

Para a floricultura e horticultura não possuem os Bra-

sileiros grande pendor ; ao menos na maior parte da população não se nota absolutamente, e apenas os donos das chacaras nos arrabaldes das cidades constituem excepção e procuram na disposição e trato dos jardins competir com os estrangeiros estabelecidos na visinhança.

XVI

A CRIAÇÃO DE GADO

Do mesmo modo que a agricultura, a criação de gado no todo não offerece quadro animador, pois é feita nos campos do interior de maneira totalmente irracional. Deixam os animaes entregues a si mesmo, e limitam-se a leval-os duas vezes por semana ao rodeio, attrahindo-os, por meio do sal espalhado que os animaes vão lambendo, a um alto, onde, com o emprego de um laço, separam os que em consequencia de dentadas de insectos estão com bicheiras para derribal-os e tratal-os com preparações de mercurio. Da mesma maneira se pegam e separam dos outros os que são destinados ao consumo e á venda. Além disso os touros não destinados á propagação levam-se para o curral e mutilam-se. Tambem os beserros e potros são marcados com ferro em brasa, de sorte que, quando passam para as terras do visinho ou em geral se affastam, é facil conhecer sua procedencia e podem ser devolvidos a seus donos.

Em regra com isto esgota-se o trabalho do criador brasileiro. Do cultivo de forragens mais nutritivas do que as que pullulam espontaneamente pelos campos, do fornecimento de fortificantes e da construcção dos estabulos ou pelo menos de refugios abrigados, tão opportunos no planalto do Sul do Brasil, onde por vezes cae geada e neve, ninguem se preoccupa; tão pouco de inocular sangue novo nos rebanhos. Assim apparecem estes altamente degenerados por falta de cruzamento, o que ainda menos se nota nos bois do que nos cavallos, descendentes de bellas raças andaluzas importadas no seculo XVI. Os animaes brasileiros certamente cedem em belleza de fórma e aptidões aos da visinha Argentina, o que em parte póde explicar-se pela melhor constituição salina dos pampas, em parte tambem pela maior actividade dos Argentinos em introduzirem novas raças da Europa.

Apezar de todas as provincias do Brasil tratarem mais ou menos do gado, observa Getulio das Neves, sómente algumas merecem propriamente a denominação de provincias criadoras, e estas vem a ser o Piauhy e o Ceará no norte, no centro Goyaz, Mato Grosso e Minas Geraes, e no sul o Rio Grande.

A provincia do Piauhy tem excellentes condições para a criação do gado e poderia rivalisar com as melhores zonas criadoras do mundo si por ventura houvesse algum systema no seu modo de tratar os animaes. Começa por não haver propriamente o que se póde chamar industria pastoril; o gado vive completamente ás soltas e sem subordinação de providencia alguma quanto aos preceitos que devem dirigir as funcções de nutrição e de reproducção.

Ao Ceará, que é tambem provincia creadora, applicam-se as mesmas considerações que ao Piauhy, accrescendo que o seu certão e zona criadora são sujeitos á secca, que ás vezes attingem a proporções assustadoras como succedeu em 1792 e especialmente em 1878.

A principal actividade da provincia de Goyaz é tambem a criação do gado, exportando a especie vaccum para as provincias limitrophes, como sejam Maranhão, Bahia e Minas (de passagem para o Rio de Janeiro). Além do gado vaccum em pé, Goyaz exporta couros e em pequena escala outras especies, criando para seu consumo o gado suino e ovino, e tirando partido deste ultimo para a preparação de tecidos de lã fabricados no interior da provincia.

A provincia de Matto Grosso tem egualmente como uma das suas principaes industrias a criação do gado, o qual é em parte consumido na provincia, e parte tocado para a provincia do Rio de Janeiro até Santa Cruz, não se utilisando Mato Grosso da via fluvial por ser muito dispendioso o transporte.

Das provincias do centro é Minas Geraes a mais importante na criação do gado, por ser a que fornece em maior quantidade para o Rio de Janeiro. Segundo Nicolau Moreira, o gado mineiro de boa qualidade, chamado legitimo, foi introduzido vindo da colonia do Sacramento. O gado de má qualidade é chamado bruxo, em alguns pontos da provincia. A especie ovina tambem se cria em Minas, mas não em escala tão vasta como seria para desejar. Cria-se, porém, em maior escala o suino, base da renda de uma boa zona da provincia, que não sómente o exporta em pé como tambem debaixo da fórma de toucinho e de lombo salgado. Egualmente se cuida da especie equina.

O Rio Grande do Sul, segundo Jaubert, divide-se em tres zonas, a do sul, a central e a do norte, sendo a primeira e a ultima as que têm melhores pastagens. Nas zonas do Sul e do Norte abundam quanto ao gado vaccum as raças hollando-flamenga (tourina), caracú, calombo, a raça da provincia, e alguns especimens, porém muito mais raros, da raça Durham. Na zona do centro existem em maior quantidade o gado caracú e da provincia. A raça cavallar, que com todo fundamento se admitte ser de origem andaluza, isto é proveniente dos cavallos que os Sarracenos trouxeram para a Europa quando invadiram a Hespanha, é excellente; falta, porém, relativamente a ella a observancia de regras e preceitos zootechnicos. A especie ovina é representada pelos carneiros da provincia e pelos da raça merina, havendo em certos pontos alguns typos provenientes de cruzamentos em que interveiu a raça negrette. Os animaes da especie suina são em geral representados por typos da raça chineza ou cruzada. (*Noticia* pag. 42/46.)

Tambem a utilisação dos productos bovinos é ainda muito defficiente. Ha fazendas de 30 a 40 mil cabeças de gado nas quaes entretanto não se póde obter leite, pois que por mera indolencia não se domesticam vaccas para este fim: quasi que só nos campos de Pernambuco, Minas Geraes, Goyaz e em Cima da Serra no Rio Grande do Sul produz-se queijo, que é muito saboroso. Reflectindo que no anno de 1881 só no Rio de Janeiro foram importadas 38.493 caixas e 9.032 barris de manteiga, veremos nisto quão atrazada se acha esta industria. Sem duvida os colonos allemães, cujo gado tratado racionalmente é muito melhor que o dos Brasileiros, já começam a preparar manteiga de modo que promette; mas a producção é ainda muito pequena para patentear-se pelo decrescimento geral da importação estrangeira.

O aproveitamento quasi exclusivo do gado vaccum no Brasil consiste na exportação da carne secca ou xarque, sebo, extracto de carne, sabão, couros, cabellos, cascos, ossos e colla; productos que não são levados directamente ao mercado pelos creadores, mas fabricados nas xarqueadas a que levam a vender seus rebanhos. Ha estabelecimentos destes não só junto ao rio Uruguay como em Pelotas, cidade florescente do Rio Grande do Sul, aonde annualmente se matam 500 mil cabeças de gado. Mata-se o gado da seguinte maneira: leva-se primeiro a manada para um curral, depois laça-se uma rez que é trazida para uma plataforma movel que descança sebre trilhos e puchada por uma porta para o interior da casa de matança. Na travessa da porta estão magarefes, um dos quaes no momento dado embebe comprida faca na nuca do animal, que é depois levado para a casa, onde com rapidez pasmosa mãos adestradas esfolam-no e separam as carnes dos ossos. Em seguida aparta-se a carne do sebo, salga-se de rijo, e depois de ficar empilhada por alguns dias é posta a seccar ao sol, ou em galpões especiaes. Tambem se salgam os couros que são vendidos neste estado ou seccos. Os ossos que ha poucas dezenas de annos não se aproveitavam, e atiravam-se nos rios ou nas passagens dos banhados, vendem-se agora aos torneiros ou são calcinados; o sangue e outros restos transformados em guano artificial se exportam para

a Europa. Entre os productos bovinos do Brasil o maior valor é representado pelos couros e pelo xarque. Aquelles são na maior parte exportados para a França, Inglaterra, Estados-Unidos e Allemanha; este, porém, fica todo como artigo do consumo do paiz. No anno de 1871/1872, ultimo de que temos estatistica commercial precisa, a exportação de productos bovinos para portos estrangeiros orçou em 13.634:253$500 e a cabotagem interprovincial em.... 18.007:640$.

Estes algarismos de algum modo tornam conhecida a extensão da criação do gado brasileiro e tanto mais temos de referir-nos a elles quanto nunca houve estatistica do gado ou siquer uma avaliação que possa pretender a certeza approximada. Accrescentaremos ainda que nos districtos criadores do Sul, o valor de um boi feito é de 20$ a 25$, o de um cavallo ou burro de 30$ a 40$: naturalmente os bonitos animaes escolhidos são proporcionalmente mais caros: as eguas são mais baratas, 10$ a 15$000, porque os Brasileiros não as cavalgam commumente e quando velhas são abatidas nas xarqueadas.

A criação de carneiros faz-se em proporções modestas nos campos. O valor da lã exportada e que pertence aos typos mais grosseiros, em 1879/1880 montou a 138.000$, ao passo que em 1871/1872 era 545.060$. A causa deste decrescimento, porém, procede menos de retrocesso da producção do que do accrescimo de consumo no paiz, pois neste intervallo fundou-se uma grande fabrica de tecidos de lã na cidade do Rio Grande.

Cabras criam-se em todas as partes do paiz, principalmente nas catingas de NE; mas este ramo de criação até agora não adquiriu grande importancia economica.

Modernamente tem-se desenvolvido a criação do gado caprino, graças ao commercio das pelles de cabritos ou de courinhos, como dizem no Norte, genero que até certo tempo passava despercebido.

« Foi durante a secca de 1877 a 1880, diz Silva Coutinho, que desenvolveu-se em grande escala o commercio deste genero nas provincias do Ceará e Pernambuco, o qual se acha actualmente bem firmado e constitue grande recurso para a população do certão.

Antes dessa época as pelles de cabritos, ou courinhos como se denominam no commercio, eram exportadas em pequenas parcellas e accidental-

mente, quasi todos para a Inglaterra, onde se confundiam com o genero de outras procedencias da America do Sul.

Em 1878 achando-se o gado vaccum e lanigero extremamente reduzido ou quasi extincto no certão, o povo lançou mão do cabrito como recurso extremo, reconhecendo então o erro de haver menosprezado a criação do animal que mais se harmonisa com as circumstancias do sólo e clima do certão, resistindo bem aos rigores da secca e até progredindo mais, emquanto as outras especies definham e desapparecem.

« Dahi proveio a abundancia de courinhos nos mercados do littoral, e o augmento da exportação para a Inglaterra, onde o genero brasileiro tornou-se então conhecido e foi devidamente apreciado.

As duas maiores casas que nos Estados-Unidos negociam em courinho,s — Keem Coats de Philadelphia e Stain e Cª de New-York—, tendo noticia pelo seu correspondente em Londres do apparecimento e boas qualidades de genero brasileiro, mandaram um representante ao Brasil em 1882, o qual estabeleceu casas no Ceará e Mossoró, comprando em vasta escala, pagando melhor o genero, e assim desenvolvendo as transacções e firmando o mercado em bem do paiz.

« O preço do courinho, que antes não passava de 400 a 500 réis, triplicou pouco tempo depois, regulando em 1885 a 1$350, termo médio, elevando-se o valor da exportação, de algumas dezenas de contos que era antes da secca, ao respeitavel algarismo de quatro mil contos em 1885, segundo a estimativa do Sr. C. Salvine, representante das casas americanas, perfeito conhecedor do negocio, e a quem devo estas informações (*Estradas de ferro do Norte*, p. 84/85).

Mais importante e lucrativa é a creação dos porcos, principalmente nas colonias allemãs do Sul, pois offerece ao colono da matta que reside longe dos logares de consumo o meio mais apropriado de aproveitar suas colheitas de milho. De facto o transporte de toucinho e banha é mais facil de realisar-se que o de grãos, e taes productos são sempre procurados nos portos, maxime no Rio de Janeiro, e os preços são relativamente altos. Na linguagem popular brasileira chama-se *gado allemão* ao porco, porque são Allemães os que o criam. Os naturaes, occupados exclusivamente em criar bois e cavallos, olham para aquelles com certo desdem, que tanto menos se justifica quanto a criação de porcos relativamente rende mais que a de bois.

Galinhas, patos, perús e até certo ponto gansos criam-se em todo paiz e constituem factor muito essencial na economia domestica dos habitantes. Tambem a apicultura, de que desde 1839 se occupam no sul do Brasil, vai fazendo grandes progressos, e o mel que se offerece nos mercados europeus encontra facil venda, por causa da sua excellencia.

Para a sericultura existem egualmente as condições mais favoraveis no Brasil, especialmente ao Sul, aonde a amoreira dá

muito bem e não existe tão grande numero de insectos nocivos como entre os tropicos, para perseguirem os bichos de seda. Que a qualidade de seda produzida é excellente está fóra de duvida depois dos specimens apresentados na exposição de Berlim de 1881 e ali coroados com o maior premio. Entretanto, a producção é muito pequena para permittir conclusões quanto ao desenvolvimento ulterior deste ramo de industria. De resto não é o bicho de seda indigena que se cria, porém o *Bombyx mori*, importado da Europa.

XVII

OS PRODUCTOS FLORESTAES

Economicamente importante para o Brasil, é o aproveitamento das riquezas naturaes da matta, já descriptas em outro lugar.

Entre estas occupam o primeiro a colheita e exportação da gomma elastica ou borracha, que se extrahe da seringueira (*Siphonia elastica* Pers), planta indigena da zona da Hylaea, e cujos extractores, na mór parte Indios, chamam-se seringueiros.

Para a extracção de leite, diz Labre, faz-se uma estrada pelo bosque, de pé em pé de seringueira, até completar-se de 80 a 120 arvores, limpando-se com cuidado em roda de cada arvore.

« Feito este serviço, o trabalhador espalha pelas arvores o vasilhame de colher o leite (tigellinhas), destribuidas ordenadamente de tres a oito por cada arvore até a ultima (conforme a grandeza da arvore) de 500 a 700 tigellinhas. Por essa occasião dão-se seis ou mais talhos na arvore com um machadinho, de modo que só corte a casca para correr o leite, na altura que possa alcançar o braço, deixando cahir o leite no chão, e chama a isto preparar a seringueira... Feito este preparo, no dia seguinte muito cedo deverá dar-se começo ao trabalho da extracção ou colheita do leite. Entre 5 e 6 horas da manhã segue o trabalhador pela estrada com um machadinho e um bolo de barro de antemão preparado, e o balde de depositar e conduzir o leite para o defumador; em cada seringueira, dá o operario, na altura do braço, em roda da seringueira, tantos golpes obliquos quantas são as tigellinas que devem ser pregadas na arvore; alguns dão dois golpes perpendiculares, para cada tigellinha; é, porém, bastante um.

« Feitos estes golpes ou cortes, abaixo de cada um delles prega-se á arvore uma tigellinha com um pouco de barro amassado e assim se faz em todas as arvores da estrada até

a ultima, e volta-se immediatamente ao principio da estrada, onde deve estar o balde, que é alceado em um braço, e com a mão que fica desembaraçada, tiram-se da arvore as tigellinhas que estão com leite, que vai sendo colhido no balde e deixam-se as tigellinhas emborcadas no pé da arvore ou penduradas em outra arvore proxima, e assim se colhe o leite de todas as arvores, o que concluido, volta-se com presteza para o defumador, afim de fabricar a seringa.

« Em chegando ao defumador, derrama-se o leite em uma bacia grande de zinco ou de barro, accendendo-se o fogo com coco, por baixo de uma chaminé de barro queimado a que dão o nome de *boião*, e quando o fumo começa a evaporar-se pela valvula superior em quantidade, pega-se em uma prancha de madeira, da feição de um remo, e molha-se no leite por meio de uma pequena cuia, passa-se no fumo que evapora-se pelo boião, e rapidamente coagula-se o leite na grossura de uma folha de papel; molha-se de novo a fôrma no leite e faz-se o mesmo serviço alternado e successivamente até esgotar o leite, cujo processo em duas horas, pouco mais ou menos, está acabado, segundo a maior ou menor quantidade de leite. Fica a seringa até o dia seguinte na fôrma, e talhada em em uma das extremidades é tirada da fôrma para secoar e curtir ao sol.

« Quando vae bem defumada, toma uma côr amarella escura; e quando vae mal defumada, toma a côr esbranquiçada: com a acção, porém, do tempo toda ella toma a côr negra.

« Demorada ou prolongada a defumação, por falta de presteza e actividade no trabalhador, o leite começa a saturar-se e coagula-se antes de findar a defumação.

« Disto provém as differentes qualidades de seringas: fina, entre fina e sernamby.

« A fina é defumada até o fim sem que o leite seja saturado; a entrefina é defumada quando o leite já está saturado e em começo de coagulação; a sernamby é do leite coagulado naturalmente ou por precipitação de qualquer corpo ou materia estranha, lançados no leite, como agua, caxaça, pedaços de seringa, falta de asseio nos vasos do serventuario, etc. Todoo leite que se derrama dos vasos ou do córte das arvores, coagulado é sernamby, e tem dois terços

do valor da fina. E' um trabalho valioso, porque o que se julga perdido ainda dá dois terços do seu valor real ».

Um trabalhador diligente póde assim fabricar seis a oito kilos de borracha por dia ; mas os Indios, cuja preguiça é notoria, não vão além de dois a tres. Modernamente o leite apparece tambem liquido no mercado, o que se obtem juntando-lhe um pouco de sal ammoniaco.

E' para lastimar, que a extração da borracha seja ainda feita por maneira tão irracional, que muitas vezes as arvores morrem das sangrias. Nas florestas do Amazonas, existem ainda grandes seringaes, que nunca foram trilhados por pé de seringueiro ; ultimamente descobriram-se grandes seringaes na provincia do Maranhão ; entretanto si não fôr promulgada alguma lei protectora, ou a gente daquellas regiões não se convencer do pernicioso do seu systema de extracção, não tardará muito a estancar aquella fonte de riqueza publica.

Não ha negar que até agora nota-se progresso constante de exportação, que de 394 mil kilos, que era em 1839/1840, passou a 6.880.482 kil. em 1878/1880, no valor de 12.242:500$; valor que nos paizes importadores, dos quaes occupam o primeiro logar os Estados Unidos e a Inglaterra, corresponde ao duplo ; si não se tomarem porém providencias, póde-se considerar o commercio da borracha como tendo attingido ao auge.

A producção da borracha nos ultimos exercicios foi :

1883/1884	9.152.122 kils.	no valor de	9.459:491$
1884/1885	7.904.472 »	» » »	10.622:982$
1885/1886	8.185.385 »	» » »	11.432.114$

O producto florestal que segue-se a este em importancia é a erva mate que se extrahe nas mattas do planalto meridional das folhas e galhos menores do *Ilex paraguayensis*, e em parte se consomme no paiz, em parte é exportado para as republicas Argentina, Uruguay e Chili. O modo de producção é muito simples. No verão, os erveiros partem para os ervaes onde trepam para o olho das arvores, quebram os rebentos que amarram em molhos, e levam para telheiros

onde os seccam a um fogo que quasi não faça fumo; depois quebram-nos com páos ou esmigalham em engenhos. Neste estado são postos em surrões de couro ou em cestas de taquaras, e levados ao mercado. Infelizmente o mate, aliás mui saboroso e sadio, cuja base, segundo Mantegazza, é analoga á theina e cafeina, mas não possue suas propriedades excitantes, é mais tonico, muito diuretico e sudorifico; infelizmente o mate pela exposição ao fogo adquire gosto de fumaça; a isto, talvez, deve-se attribuir o pouco resultado das diversas tentativas até agora feitas para introduzil-o na Europa.

Os algarismos mostram que a producção tem augmentado. No anno de 1840/1841 a exportação era apenas de 2.497.300 kilos; no anno de 1879/1880 foi de 14.063.731, no valor de 2.743:650$. Nas terras productoras, toma-se mate enchendo com elle uma cuia até ao meio, despejando-se por cima agua fervendo, e sugando a decocção por meio de uma bombilha de prata. A infusão repete-se até a erva perder as partes aromaticas. Em geral junta-se assucar á bebida, mas os verdadeiros apreciadores tomam-no amargo, tambem chamado mate chimarrão.

A producção do mate nos ultimos exercicios foi:

1883/1884	5.606.151	kils.	no	valor	de 884:296$
1884/1885	4.342.241	»	»	»	» 633.521$
1885/1886	14.638.496	»	»	»	» 2.290.621$

A exportação da castanha do Pará, fructo da *Bertholletia excelsa*, tem crescido extraordinariamente. Em 1863/1864 representava o valor 197:000$, em 1879 o de 1.473:500$. Os principaes mercados importadores são os Estados Unidos, a Inglaterra e a Allemanha.

A exportação dos tres ultimos exercicios foi:

1883/1884	5.783.118	kils.	no	valor	de 1.365.404$
1884/1885	5.565.068	»	»	»	» 1.300.292$
1885/1886	5.564.417	»	»	»	» 1.284.220$

Muito menor é a exportação de fibras de piassava, de que já fallamos algures, pois em 1879/1880 não passava 360.000$. Outras drogas florestaes, como ipecacuanha, salsaparrilha, guaraná, urucú, canella, balsamo de copahiba, andiroba, mamona, cumaru, apparecem nas listas de exportação sob designação collectiva, de sorte que é impossivel individuar o valor dos respectivos artigos. O mais importante parece que é a ipecacuanha: só no Rio de Janeiro a exportação deste producto montou em 1881 a 221 surrões, no valor de 49.118$.

Já nos temos referido por mais de uma vez á devastação das mattas; não admira, pois, que a exportação de madeira, em outro tempo tão lucrativa, vá minguando cada vez mais. E' certo que para o interior ainda existem florestas extensas e virgens do machado; mas para utilisal-as faltam os necessarios escoadouros. Não se notam ainda principios de silvicultura, embora, com a falta muito sensivel de boas madeiras de construcção nas proximidades da costa e rios navegaveis, salte aos olhos quanto seria util e rendosa; isto sem levar em conta a importancia que poderia adquirir a cultura da seringueira, do mate e das madeiras de tinturaria. Estas, embora em quantidades insignificantes, ainda são exportadas das provincias septentrionaes; pelo Rio de Janeiro exporta-se principalmente o bello jacarandá, e das provincias do Sul toboados e troncos da *Araucaria brasiliensis* e da *Cedrella brasiliensis*. Mas esta exportação corresponde tão pouco á riqueza da terra, que em muitos annos é imferior á exportação, principalmente de taboas dos de pinho procedentes da America do Norte e da Suecia. Assim, por exemplo, em 1871/1872 a importação de madeira foi no valor de 1.503.958$500 e a exportação 1.426.948$: desta somma 943.822$ representam a madeira de construcção, 458.780$ o jacarandá, e apenas 24.346$ madeira de tinturaria.

XVIII

TERRAS E COLONISAÇÃO

A agricultura, a criação de gado, os diversrs ramos de industria rural e o aproveitamento das mattas soffrem extraordinariamente da falta de um credito real bem ordenado. Apenas nas provincias cafeeiras do Brasil médio tem-se iniciado este systema de credito, graças ao banco do Brasil, que desde 1866 applica cerca de 3000 contos de seu fundo para emprestar aos fazendeiros com 10 % para juros e amortisação. Entretanto estes começos não correspondem ainda ás necessidades, pois muitos pedidos não podem ser satisfeitos, e, peior que isto, o producto liquido do café não comporta juros tão altos. Nas outras provincias ainda menos ha feito para as necessidades agricolas e os agricultores que não possuem meios proprios para augmentar suas lavouras ou introduzir novas culturas, têm de abandonal-as ou de entregar-se a usurarios, que, sem peias nas leis, consumam sua ruina em pouco tempo. No parlamento brasileiro mais de uma vez se tem debatido este assumpto importante; no anno de 1881 o governo garantiu 5 % a um banco rural planejado por capitalistas brasileiros e francezes, com o fundo de 20.000 contos; mas tal empreza não chegou a realisar-se.

Em grande parte a má situação do credito rural e a pouca tendencia do capital estrangeiro a concorrer para elevar a producção agricola do Brasil, que aliás possue as condicções physicas mais favoraveis que se póde imaginar, provem da triste situação das instituições agrarias e falta de segurança de tantos titulos de posse, cuja legalidade é só apparente. Como em todas as terras novas, o sólo do Brasil foi dividido em grandes lotes, chamados sesmarias, distribuidos a validos da Corôa que não pretendiam lavral-os ou si quer demarcal-os, nem a isto eram obrigados. Era natural que nestes sitios, em geral assignalados pela posição e qualidade do sólo, mais tarde se estabelecesse gente pobre que tratou de fundar casa e lavrar o sólo, e que de nem um modo foi impedido de fa-

zel-o pelas proprietarios. Quando afinal estes estabeleceram lavouras em suas terras, ou quizeram parcelal-as para vendel-as, entregando taes medições a pilotos incapazes, surgiram e nem podiam deixar de surgir questões interminaveis e contradictorias de divisas não só com outros sesmeiros, como contra os chamados intrusos, que julgavam ter com o seu trabalho adquirido direito á terra. Effectivamente quando, para atalhar esta situação lamentavel, o governo imperial promulgou a lei de terras em 1850, reconheceu-lhes tal direito, pois no cadastramento do paiz a que se ia proceder, e no qual se trataria de assentar os limites entre as terras particulares e as terras publicas, e de parcellar estas para a colonisação, ordenou que tambem se fixassem os limites entre as terras dos sesmeiros e as dos intrusos, tambem chamados posseiros.

Si esta lei houvesse sido executada com a necessaria energia, em breve as lutas seriam dominadas ; infelizmente só vigorou a partir de 1854, e como os delegados das provincias sujeitos a Repartição geral das terras publicas da Côrte não procederam com unidade de vistas quanto ao modo de demarcar e levantar as plantas entregues a agrimensores incapazes ; como, por outro lado, a lei foi sujeita a muitas modificações ; não foram satisfeitos os intuitos que ella alvejava. Accresce que faltavam ao Estado os necessarios meios financeiros para a execução rapida e energica.

Disto resulta que apenas em alguns logares as questões de divisas estão apuradas e que na maior parte do paiz vigora ainda a mesma confusão agraria que ao tempo da promulgação da lei de terras. Nem os limites entre sesmarias e posses estão geralmente firmados, nem as terras publicas foram discriminadas em districtos e parcellas coloniaes como se pretendia, de sorte que não se póde conhecer o terreno disponivel para a colonisação. Calcula-se que não é menos de 1/5 de toda a superficie do imperio ; como, porém, na média a sua situação é mais desfavoravel que a das terras particulares tão irracionalmente malbaratadas em outro tempo, pouco se póde contar com ellas por agora para fins colonisadores, e o governo, si quizer colonisar, ha de ver-se obrigado a comprar as terras de particulares, para o que

não lhe sobejam meios. A' iniciativa individual compete curar deste ramo de vida publica ; mas esta iniciativa só póde provocar-se lançando imposto territorial sobre os terrenos incultos que obriguem os proprietarios desfalcados de braços em consequencia da abolição a vender suas fazendas, parcelladas ou não. Em nosso entender o arreglo da situação agraria e o começo da colonisação systematica dependem do lançamento de um imposto desta ordem. Naturalmente as Camaras em que os fazendeiros dominam hão de oppor-lhe a resistencia possivel, mas afinal hão de curvar-se ante a ferrea necessidade ; pois effectivamente outro meio não resta para escapar ao dilemma diante do qual a falta de intelligencia do governo collocou o paiz.

Com a falta de instituições agrarias muito tem soffrido a colonisação, como veremos em outro volume, na descripção das diversas colonias ; por agora trataremos apenas da generalidade do assumpto.

E' sabido que durante os tempos coloniaes o sólo brasileiro era vedado a estrangeiros, e todo o desenvolvimento material do paiz assentava no trabalho de Portuguezes immigrados, de seus mestiços e escravos. Só depois da trasladação da côrte portugueza para o Rio de Janeiro fizeram-se tentativas de colonisação com outros povos. Em 1812 foram estabelecidos na provincia do Espirito Santo, no logar da actual villa do Vianna, emigrantes do Açores, dos quaes uns succumbiram ás febres palustres, outros abandonaram a terra, com receio dos ataques dos Botocudos. Foi depois disto que em 1818 fundou-se na provincia da Bahia a colonia allemã Leopoldina, que ainda agora existe, e cujos habitantes depois compraram escravos, e em 1819 Nova-Friburgo, agora villa e municipio da provincia do Rio de Janeiro, constituida primitivamente por Suissos-Francezes, que pouco a pouco foram cedendo ao elemento allemão.

No reinado de D. Pedro I abandonou-se a lei que ordenava só fossem dadas terras a immigrantes catholicos, e a colonisação tomou grande impulso. Na provincia do Rio Grande do Sul fundou-se a colonia allemã de S. Leopoldo, que no anno de 1829 contava 3.613 almas. A principio soffreu muito por causa de elementos impuros que continha, e mais tarde de

ataques de Indios e da comparticipação na guerra civil; agora é municipio prospero de cerca de 30.000 habitantes, tem por cabeça uma cidade magnifica, e está ligado a Porto Alegre por uma estrada de ferro e navegação a vapor. Menos favoravelmente desenvolveram-se outras colonias, tambem fundadas sob D. Pedro I: Tres Forquilhas, na provincia do Rio Grande do Sul, S. Pedro de Alcantara e Pedreiros em Santa Catharina, e o estabelecimento do rio Negro no Paraná. Em parte a culpa veio dos colonos; mas o principal culpado do malogro foi o governo, que não tratou de estabelecer os escoadouros necessarios e não prestou àquelles estabelecimentos a attenção e os cuidados de que tanto precisavam. Limitava-se a conceder a cada familia de immigrantes 72,6 hectares de mattas, e soccorrel-os com dinheiro e viveres na primeira temporada.

Depois da abdicação do primeiro Imperador, foram suspensos estes favores e desappareceram do orçamento as verbas para colonisação, de sorte que os colonos ficaram reduzidos a si e não vieram levas de novos immigrantes. Só na era de 40 começou a immigração a reviver, principalmente oriunda da Allemanha, onde o governo mandara contractar operarios para a construcção de uma estrada de rodagem na provincia do Rio de Janeiro. Em vez das 300 pessoas esperadas, vieram 2300 Allemães, e para lhes dar trabalho o actual Imperador fundou a colonia Petropolis em suas terras da serra dos Orgãos, onde mandou construir um palacio de verão, exemplo que mais tarde seguiram muitos Brasileiros ricos, e os representantes diplomaticos acreditados junto á corte do Rio. D'ahi resultou uma fonte abundante de lucros para a colonia, tanto mais necessarios quanto a lavoura naquelles terrenos inclinados e além d'isso demasiado subdivididos não lhes proporcionava meios sufficientes de existencia.

Terminada a guerra civil do Rio Grande do Sul (1835 a 1844), cresceu de novo a emigração espontanea da Allemanha para aquella provincia. Em 1847 fundou-se a colonia allemã S. Isabel na provincia do Espirito-Santo, a qual não poude prosperar por falta de vias de communicação.

Só no seguinte decennio a colonisação tomou maior im-

pulso. Em 1850 o doutor Hermann Blumenau, de Braunschweig, fundou na margem direita do rio Itajahy, na provincia de S. Catharina, a colonia de seu nome, que mais tarde passou para a administração do Estado e conta presentemente cerca de 16 mil habitantes. A Sociedade de Colonisação de Hamburgo fundou em 1851 nas terras do principe de Joinville a colonia D.Francisca, que, com a colonia de S. Bento que della depende, conta 17 mil habitantes de origem allemã e não é menos auspiciosa que a de Blumenau.

Tambem na era de 50 surgiram no Rio Grande do Sul algumas colonias particulares de Allemães, como Mundo Novo, Padre Eterno, S. Maria da Soledade, que posteriormente passou para o poder do Estado, a florescente S. Lourenço, fundada na serra dos Taipes, a Teutonia, fundada por negociantes allemães; muito mais que estas, porém, concorreram para a animar a immigração as colonias provinciaes de Santa Cruz, Nova Petropolis, Monte-Alverne e São Angelo, principalmente a primeira, que é hoje municipio muito rico, sob a administração quasi puramente allemã.

Nestas colonias a cada immigrante de mais de 18 annos de edade vendia-se um lote de matta, de 48, 4 hectares de superficie, por 300$, a prazo de cinco annos, preço que foi adoptado por muitos particulares e até certo ponto ainda hoje subsiste. Alem disso, o governo, dava-lhes subsidios e desvelava-se por elles a muitos respeitos. Depois de ter reconhecido o grande proveito que a provincia auferia desta colonisação, decidiu-se a favorecer a immigração allemã por todos os meios a seu dispor, e no anno de 1872 fez com Carlos Pinto e Holzweissig de Porto Alegre um contracto para a introducção de 40 mil Allemães, contracto que, firmado sobre base solida, houvera sido de enorme beneficio para a provincia si o governo allemão não lhe tivesse opposto os maiores embaraços. Foi a circular prussiana de 3 de Novembro de 1859, que estorvou a emigração para o Brasil e em seus effeitos equivaleu a verdadeira prohibição de emigrar. Deram origem a ella diversas circunstancias que não convem deixar sem menção, e infelizmente ainda hoje está em vigor, ainda depois de afastadas as causas, apezar

de todas as reclamações e petições dos colonos allemães do Sul do Brasil.

Foi o caso que na era de 50 estabeleceram-se na provincia de S. Paulo contractos de parceria entre fazendeiros e trabalhadores allemães, que consistiam em o fazendeiro adiantar a somma necessaria para a passagem, installação e sustento do colono durante o primeiro anno da chegada a fazenda. A taxa da somma adiantada era bastante alta, o colono obrigava-se a tratar dos cafeeiros que lhe eram entregues, a dar ao proprietario metade da colheita e com o producto da outra ir amortisando gradualmente sua divida. Destes contractos, com que se deram perfeitamente bem muitos trabalhadores, abusaram tão indignamente fazendeiros sem consciencia que os pobres trabalhadores allemães, apezar de toda a sua deligencia, nunca poderam sahir de sua situação dependente, e quando se queixavam não só os ameaçavam com cadeia como effectivamente os prendiam com toda injustiça. A este mao estado de cousas, de que o governo allemão dentro em pouco foi informado, e que o enviado Suisso Von Tschudi reconheceu por inspecção propria, não tardou a juntar-se a triste situação em que se achavam os immigrantes allemães estabelecidos pela mesma era no rio Mucury, em Minas Geraes, muitos dos quaes tinham succumbido ás febres palustres, sendo os sobreviventes quasi abandonados pela direcção da colonia. A vista disto o governo prussiano, e com elle outros governos allemães, foram levados a tomar a medida mencionada, a qual applicada á colonisação das zonas insalubres do Brasil ou ao systema de parceria de S. Paulo, teria muito cabimento, mas em seu teor geral envolveu as colonias do Sul do Brasil e estorvou-lhes o desenvolvimento rapido.

O principal culpado dos inconvenientes e aggravos de que até agora tem padecido a colonisação é, todavia, o governo brasileiro. Com incomprehencivel versatilidade tem até agora operado neste importante dominio da vida politica, ora pondo em jogo todas as alavancas para alcançar emigrantes do ultramar, ora sustando todos os favores que prometera, sugeitando todos os regulamentos de colonisação a variações constantes, e, o que é peior, servindo-se de gente notoriamente incapaz e avida para realisar seus

planos de colonisação. Falhou inteiramente a emigração da America do Norte, tentada em 1867 com grandes recursos, em parte por que inundou o paiz de vagabundos, que so queriam aproveitar-se do subsidio que lhes offereciam, em parte tambem por que para os poucos colonos realmente uteis que se achavam entre os immigrantes, não se fizeram as necessarias acommodações. Não menos desfavoravel surtiu a tentativa feita em 1877/1878 de introduzir Russo-Allemães no planalto da provincia do Paraná. As terras particulares que o governo comprou para estabelecel-os custaram 1.106.000$; deviam caber a cada familia 60, 5 hectares ; mas os colonos, tão indolentes quão presumpçosos, não se agradaram dellas, e, depois de gastos com elles cerca 5.000 contos, voltaram para a Europa, incitando a opinião publica contra o Brasil, principalmonte na Allemanha.

Mais feliz tem sido o governo com os colonos italianos do Norte, que desde alguns annos procuram o paiz, em parte com passagem paga pelo Estado, em parte espontaneamente, estabelecendo-se em colonias publicas nas provincias do Sul e na do Espirito Santo. Estas colonias, cujo estabelecimento custou sommas enormes ao Estado, vão muito bem, segundo o testemunho de viajantes e colonisadores mui competentes ; por isso o governo deu-se pressa em emancipal-as, isto é, acabar com as directorias, suspender os subsidios e incorporal-as ao mecanismo geral da administração, medida que, com a imperfeição do systema de viação, deve considerar-se como tristemente prematura. Em 1880, quando ainda não estavam emancipadas, contavam 62447 almas.

Dos muitos contractos que o governo brasileiro ultimou nos ultimos dez annos com emprehendedores de colonisação e especuladores para a introducção de colonos, bem poucos foram compridos. Oxala se convençam afinal as classes directoras que este modo de trazer colonos não traz resultados, e que a solução do problema de colonisação só virá com a promulgação de leis racionaes, não sugeitas a oscillações, especialmente de leis agrarias!

Actualmente limita-se o governo a sustentar os emigrantes que vão para o Rio de Janeiro durante oito dias na

hospedaria da ilha das Flores, dar-lhes passagem gratis nas vias ferreas do Estado e vapores subvencionados para as colonias que escolhem. Ahi vende-lhes um lote de terra de 60,5 ou 30,25 ou 15,13 hectares, de 1$030 a 4$125 o hectare, a praso. A emprezas de colonisação vendem-se maiores lotes de terras publicas a 1$030 cada hectare, e tem-se falado em conceder ás companhias de estradas de ferro terras em vez de garantias de juro, manejando assim nova alavanca para favorecer a colonisação.

Quanto ao numero dos Allemães emancipados não ha algarismos precisos; entretanto os que falam allemão não são menos de 200 mil, 130 mil dos quaes cabem ás provincias do Sul. A immigração total nos vinte e cinco annos que medeiam de 1855 a 1880 andou por cerca de 400.000 pessoas, entre as quaes são os mais numerosos Portuguezes e Italianos; os Allemães foram representados por cerca de 58000 almas.

XIX

VIAS DE COMMUNICAÇÃO

Em outro tempo a emigração para o Brasil foi tambem estorvada pela grande falta de vias de communicação, e ainda agora em muitos pontos do interior, precisamente onde seriam mais necessarias, nas colonias da matta, a situação não é boa quanto ás estradas e pontes. Ha dez para quinze annos, porém, nota-se progresso muito importante neste sentido.

No anno financeiro de 1882/1883 figuravam no orçamento 3.299:600$ de subvenção a linhas de navegação a vapor e 1.492;187$ de garantias de juros a estradas de ferro, sem levar em conta as sommas avultadas despendidas na construcção e conservação de ferro-vias do Estado, telegraphos e estradas de rodagem.

Com a Allemanha o Brasil está em communicação tres vezes por mez, pelos vapores da *Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft* que tocam nos portos da Bahia, Rio de Janeiro, Santos e tambem Pernambuco, Maceió, S. Luis e Pará; e duas vezes mensaes pelos vapores da *Bremer Lloyd*, que navegam entre Bremen, Antuerpia, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e o rio da Prata. Quatro linhas inglezas, tres fracezas, uma italiana e uma norte-americana servem ao commercio entre os seus respectivos paizes e os portos brasileiros mais importantes. Dezoito companhias de navegação a vapor subvencionadas e numero quasi egual de outras sem subvenção, algumas das quaes distribuem dividendos consideraveis, ligam diversos pontos da costa ou servem a lagos do littoral e a rios do interior. Infelizmente a construcção de portos e as correcções de rios, tão necessarios em geral, ficam muito aquem do progresso dos apparelhos circulantes de communicação; tambem os 28 pharóes maiores e os 24 menores que existem na costa brasileira nem de longe satisfazem ás necessidades.

A construcção de vias ferreas só muito tarde começou no Brasil com a estrada de Mauá, de 16.k190 kilometros de extensão, a qual do porto de Mauá, na costa septentrional da bahia do Rio de Janeiro, leva á raiz da serra da Estrella e de que foi entregue ao transito publico no anno de 1854 o primeiro trecho, e no de 1856 o segundo. Nas seguintes decadas a construcção de vias ferreas assumiu maiores dimensões, que os dados seguintes dão conhecer. A 1 de Janeiro de 1868 havia em todo imperio apenas 651,4 kil.; 15 annos mais tarde, em 1883, havia já 4.045 kil. em trafego, e 3.000 kil. em construcção. Dos trechos promptos 1.121 kil. foram construidos pelo Estado e eram conservados a sua custa, 1.025 kil. tinham garantia geral ou provincial (commummente de 7 %); o resto constava de estrada particulares não subvencionadas. A mesma relação subsistia quanto aos trechos em construcção de estradas do Estado, subvencionadas e particulares.

Reservando para outro volume tratar das vias ferreas em especial, diremos aqui apenas que as estradas em trafego ou em construcção distribuem-se pelas provincias do Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas-Geraes e Municipio-Neutro; que o governo brasileiro pretende abrir as provincias do interior por meio de vias ferreas e ligar as ricas bacias do Tocantins, do alto S. Francisco e do Paraná entre si e com o littoral.

[Segundo o livro de Ribeiro Pessôa Junior, publicado em 1886, havia as seguintes estradas de ferro, a 31 de Dezembro de 1885,

Para'. *E. F. de Belem a Bragança*, começada a construir a 24 de Junho de 1883, com 61 kil. em trafego (de Belem a Apehú) e 202 a construir (de Apehú até o porto de Bragança).

Ceara'. *E. F. do Sobral*, começada a 30 de Julho de 1878, com 128k 820m (de Camocin a Sobral);

E. F. de Baturité, começada a 20 de Janeiro de 1872, com 91^{k}065 na linha principal (de Fortaleza á Canôa) e 18^{k}782 de ramaes.

Ambas estas estradas estão sendo prolongadas; a primeira de Sobral ao Ipu, 87^{k}648; a segunda de Baturité a Quixada 84^{k}200.

Rio Grande do Norte. *E. F. do Natal a Nova Cruz*, começada a 27 de Fevereiro de 1880, terminada a 31 de Dezembro de 1882, com 121^{k} de extensão. Em 1884 foi-lhe concedido o ramal do *Ceara-mirim*, com 43^{k} de extensão.

Parahyba. *E. F. Conde d'Eu*, começada a 9 de Agosto de 1880, com 75^{k}500 na linha principal (Parahyba a Mulungú) e 46^{k}039 nos ramaes (21.826, ramal de *Molungú a Independencia*, 24^{k}213 ramal do *Entroncamento ao Pilar*). Tem mais o ramal da *Capital ao Cabedello*, na extensão de 18^{k}500.

Pernambuco. *E. F. do Recife a S. Francisco*, começada a de 7 Setembro de 1855, com 124^{k}738 (Recife a Palmares);

Prolongamento da E. F. do Recife a S. Francisco começada a 2 de Dezembro de 1876, com 145^{k}495 (de Palmares a Garanhuns);

E. F. do Recife ao Limoeiro, começada a 25 de Março de 1879, com 82^{k}976 (do Recife ao Limoeiro;) e mais 13^{k}200 no *ramal de Nazareth*, que deve ser prolongada até Timbaúba na extensão de 45^{k}160^{m};

E. F. do Recife a Caruarú, começada a 26 de Outubro de 1881 com 139^{k}371, dos quaes estavam em trafego 28^{k};

E. F. do Recife a Caxangá, começada em 1866, com 27^{k}200, dos quaes 13^{k}600 em ramaes (ramal dos *Afflictos* 4^{k}, ramal de *Varzea* 9^{k}600, em construcção);

E. F. do Recife a Olinda, começada a 8 de Novembro de 1869, com 8^{k}082 na linha principal e 4^{k}450 no ramal de *Beberibe*.

Alagoas. *E. F. de Paulo Affonso*, começada a 15 de Outubro de 1878, com 116^{k} (de Piranhas a Jatobá);

E. F. Central de Alagôas, começada a 25 de Março de 1882, com 88^{k} (Maceió a Imperatriz);

Bahia. *E. F. da Bahia a S. Francisco*, começada a 24 de Maio de 1856, com 123k340 (Bahia a Alagoinhas), mais o ramal do *Timbó* com 82k588;

Prolongamento da E. F. da Bahia ao S. Francisco, começada a 25 de Outubro de 1876, com 453k181, dos quaes em trafego 180k568 (de Alagoinhas até S. Luzia), em construcção 140k521 (de S. Luzia a Villa-Nova da Rainha, e 132,092 estudados (de Villa-Nova a Joazeiro);

E. F. Central da Bahia, começada a 6 de Outubro de 1867, com 302k, dos quaes 45k do ramal da *Cachoeira a Feira de Sant'Anna*, e 257k na linha principal, que vai da cidade de S. Felix á chapada Diamantina;

E. F. do Nazareth, começada em 1871, com 34k (de Nazareth a S. Antonio de Jesus);

E. F. de S. Amaro, começada em Setembro de 1878, com 36k 102, (de S. Amaro a Jacú);

E. F. Bahia e Minas, começada a 25 de Janeiro de 1881, com 379 k. 400 (de Caravellas a Theophilo Ottoni), dos quaes 142 k. 400 em trafego.

Municipio Neutro.—*E. F. D. Pedro II*, começada a 11 de Junho de 1855, com 724 k, 908 em trafego (linha principal da Corte a Lafayette 462 k., 280; ramal da *Gambôa* 1k. 123m., ramal do *Campinho* 1k. 524m; ramal de *Santa-Cruz* 34k., 090; ramal de *Macacos* 4k. 929; ramal de *S. Paulo* 157k. 198m; ramal do *Porto novo do Cunha* 63k.764); 106k. 727k. em construcção (Lafayette a Itabira, 61k. 400m; ramal de *Ouro-Preto* 45k 320); 58k. 340m. com estudos approvados (de Itabira do Campo a Sabará); 202k já explorados (Sabará a Paraúna): ao todo 1091kil. 968m;

E. F. do rio do Ouro, começada a 6 de Agosto de 1876, com 68k 662 de extensão, dos quaes 53k. 284 da linha principal, (da quinta do Cajú ás represas do rio do Ouro); 15k, 378 de ramaes (ramal de *Inhauma*, 2k. 171; ramal de *Iguassú* 12k; ramal de *Engenho de Dentro* 0,933; desvio da *Olaria* 0,274);

E. F. do Corcovado, começada a 1 de Março de 1882, com 3k. 700m;

E. F. do Norte, começada a 28 de Fevereiro de 1884, com a extensão de 70kil. 80 em construcção (da Corte a Magé).

Rio de Janeiro.— *E. F. Principe do Grão-Pará*, começada em 1852, com 92 ^{kil}. (Mauá a S. José do Rio-Preto);

E. F. de Cantagallo, começada em Dezembro de 1857, com 309^{k}., dos quaes 209, 423 em trafego (de Maruhy a Macuco 179^{k}. 821; ramal do *Rio-Bonito* 29^{k}. 582) e 100 em construcção (de Rio-Bonito a Macahé);

E. F. de Carangola, começada em Maio de 1876, com 235^{k}. 419 de extensão, dos quaes 176^{k}. 419 na linha principal (Campos a Carangola) e 59^{k}. de ramaes (ramal de *Itabapoana*, 21^{k}; ramal do *Patrocinio*, 38^{k});

Ramal de Cantagallo, começado em Março de 1874, com 85^{k} 679, dos quaes 66,079 em trafego (de Cordeiro a S. José de Leonissa) e 19^{k}.600 em contrucção;

E. F. União Valenciana, começada a 4 de Janeiro de 1869, com 63^{k}. 350 (Desengano á cidade do Rio-Preto);

E. F. Macahé e Campos, começada em Março de 1872, com 96^{k}. 500 da linha principal (Imbetiba a Campos), e 7^{k}. do ramal do *Cupim;*

F. F. S. Antonio de Padua, começada em Setembro de 1876, com 92^{k}. 858 (de S. Fidelis a Miracema);

E. F. S. Isabel do Rio-Preto, começada a 23 de Agosto ne 1878, com 74^{k}. 500, dos quaes 52^{k} 500 em trafego (da barra do Pirahy até S. Cruz) e 22^{k}. em construcção (de S. Cruz a S. Isabel do Rio-Preto);

E. F. Pirahyense, começada a 24 de Novembro de 1879, com 142^{k}. 900, dos quaes 38^{k}. 700 em trafego (S. Anna a S. Sebastião), 17^{k} 560 em construcção; 86^{k} 640 estudados;

E. F. Barão de Araruama, começada a 5 de Dezembro de 1877, com 40^{k}.500, (do Entroncamento (Macabú) ao Triumpho);

E. F. Campos a S. Sebastião, começada a 2 de Outubro de 1871, com 18^{k}.200;

E. F. do rio das Flores, começada em 1876, com 36^{k}098, dos quaes 24^{k},098 em trafego (Commercio a S. Theresa), 3^{k},200 em construcção, 8^{k}800 em exploração;

E. F. de Rezende a Areias, começada a 2 de Maio de 1875, com 59^{k}336, dos quaes 28^{k}·336 em trafego (de Suruby a Formoso);

E. F. Ramal Bananalense, começada a 31 de Agosto de 1882 com 29k. dos quaes 12 em trafego (da Saudade a Rialto) ;

E. F. do Sumidouro, começada em 18 de Agosto de 1882, com 34k.517 (do Porto-Novo do Cunha a Paquequer), em construcção :

E. F. Vassourense, inaugurada a 5 de Abril de 1884, com 6 kilometros de extensão.

MINAS GERAES.— *E. F. Leopoldina*, começada em Março de 1873, com 995 k. 242 metros de extensão, dos quaes 532 k. 008 em trafego (linha do *Centro* 266 k. 635 ; ramaes : do *Pirapetinga* 31, k. 250, *Muriahè* 77,696 ; *Leopoldina*, 12 k 260 ; *Serraria* 109,800 ; *Rio Novo* 6, 680 ; *Sumidouro* 27 k. 687) ; 229k.234 m. em construcção (linha do centro 105,930 ; ramaes : *Muriahè* 44k. 304 ; *S. Paulo de Muriahè*, 18k; *Serraria* 31k; *Pomba* 27k.) e 233k. em estudos ;

E. F. Minas e Rio começada a 21 de Abril de 1881, com 170 k. (de Cruzeiro a Tres Corações) ;

E. F. Piau começada em Dezembro de 1882 com 44 k 080, dos quaes 37 em trafego (de Juiz Fora a Lima Duarte) ;

E. F. de Oeste, começada em Julho de 1879, com 99k.196m (do Sitio a S. João de El-Rei) ;

S. PAULO— *E. F. de Santos a Jundiahy* começada a 24 de Novembro de 1860, com 139 k. (de Santos a Jundiahy) ;

E. F. de S. Paulo e Rio de Janeïro, começada a 31 de Março de 1873, com 231 k. 020 (de Cachoeira a S. Paulo) ;

E. F. Paulista, começada a 15 de Março de 1870, com 242 k.5 (134,k5 da linha principal de *Jundiahy* a *Rio Claro*, 108k. do ramal de *Cordeiro a Belem do Descalvado*) ;

E. F. Sorocabana, começada a 13 de Junho de 1872, com 186 k, 040 em trafego (de S. Paulo a Tieté) ; com 70 k. 600 em construcção (ramal do *Tijuco Preto* 10k, 600 ; de *Botucatú* 30k ; do *Tatuhy* 30k); 150k.146 estudados nos mesmos ramaes ; e 166 por estudar no ramal de Tijuco Preto ;

E. F. Ituana, começada a 26 de Novembro de 1870, com 162k. em trafego (70k. da linha principal, 92k. do ramal de *Piracicaba*); 35k. em construcção ; 40k em estudos no ramal de *Capivary* ;

E. F. Bragantina, começada a 22 de Dezembro de 1878, com 52k. (de Campo Limpo a Bragança) ;

E. F. Mogyana, começada a 28 de Agosto de 1873, com 367k. 610 em trafego (174k da linha principal, de *Campinas a Casa Branca ;* 30k. do ramal do *Amparo;* 20k. 080 do ramal da *Penha* ; 143k. 540 do ramal do *Ribeirão Preto*) ; 270k.584 em construcção (193k. 504 do Ribeirão Preto á margem do rio Grande, 77k, 080 do ramal de *Caldas*); e 240k. em estudos (de Jaguara ao Paranahyba) ; ao todo 878k. 204 ;

E. F. de S. Carlos do Pinhal, começada a 15 de Outubro de 1881, com 261k. 225 de extensão, dos quaes 124k, em trafego (77k.124 de S. João do Rio Claro a S. Carlos do Pinhal, 47k. do ramal de *Jahu*) ; 137k. 101 em construcção (linha principal até Araraquara 50k, 101 ; ramal do Jahu 87k).

PARANA. *E. F. Paranaguà a Curitiba*, começada a 5 de Junho de 1880, com 110k, 386 metros de extensão.

S. CATHARINA, *E. F. D. Thereza Cristina,* começada a 18 de Dezembro de 1880, com 116k. 340 de extensão, dos quaes 111k. 110 na linha principal do porto do Imbituba a Bom Retiro, e 5k. 240 do ramal da *Laguna*.

RIO GRANDE DO SUL.— *E. F. do Rio Grande a Bagé*, começada a 27 de Novembro de 1881, com 283 k. 500, dos quaes 280 k. 500, da linha principal (do Rio Grande a Bagé);

E. F. de Bagé a Cacequy com 209 k. 974, ainda então não começado ;

E. F. de Cacequy a Uruguayana com 261 k. 898m300, ainda não começada ;

E. F. de Taquary a Cacequy, começada a 23 de Dezembro de 1877, com 380 k. 725m, dos quaes 179 k. 597 em trafego ;

E. F. de Porto Alegre a Nova Hamburgo, começada a 26 de Novembro de 1871, com 42 k. 851m;

E. F. de Quarahim a Itaquy, começado a 1 de Dezembro de 1883, com 183 k. 500 em construcção ;

E. F. S. Jeronymo, começada em Agosto de 1885, com 14 kil. de extensão.

Em resumo a de 31 de Dezembro de 1885, a extensão das vias ferreas brasileiras era segundo o mesmo autor:

em trafego.....	6.738k.080
em construcção.....	2.024k.243
por construir.....	2.584. 696

O ultimo algarismo tem soffrido grandes alterações, porque caducaram algumas das concessões.

Quanto a dados mais modernos eis o que se lê em um dos primeiros numeros do *Jornal do Commercio* do corrente anno de 1889.

« Os dados geraes da ultima estatistica official patenteiáram achar-se construida do modo seguinte a nossa rêde da viação ferrea a 31 de Dezembro de 1887 :

	kilometros
Em trafego.....	8.486
Em construcção.....	1.397
Com estudos approvados.....	3.597
Total.....	13.480

ou mais 817 kilometros em trafego além daquelles que havia registrado a estatistica referente a 1886.

Os 13,480 kilometros, ácima indicados, subdividiam do modo seguinte :

	Em trafego — Kilometro	*Em construcção — Kilometros*	*Com estudos approvados — Kilometros*	*Total — Kilometros*
Rede do Estado.....	2.013	250	2.331	4.624
» com garantia de juro do governo geral.	2.585	191	21	2.797
» provincial.....	95	....	150	245
» com garantia de juro ou subvenção kilometrica dos governos provinciaes.....	1.552	486	767	2.805
Rede sem garantia de juro ou subvenção kilometrica.....	2.157	462	298	2.917
Rede urbana e suburbana.....	84	8	...	92
	8.485	1.397	3.597	13.480

« E' impossivel determinar com segurança qual foi, em 1888, o desenvolvimento da rêde da viação ferrea ; mas não andaremos muito afastados da verdade, estimando que a

totalidade da rêde em trafego orçará agora por 9,200 kilometros.]

Linhas de bonds ha em todas as cidades maiores.

No interior domina falta natavel de estradas convenientes e apenas nas provincias costeiras, especialmente na do Rio de Janeiro, ha estradas calçadas de que se tratará alhures, e nas quaes funcciona um serviço organisado de diligencias. As communicações entre os diversos logares e as cidades se fazem por meio de carros de bois, ou, quando as estradas existentes não se prestam a tanto, por meio de mulas ; as communicações por meio de carro de bois dão-se nos campos planos, as communicações por meio de mulas nas serras. Os carros de bois são de duas rodas com eixo de madeira não azeitado, que canta com a rotação das rodas pesadas, propriedade que se transforma em verdadeira tortura para os passageiros nervosos destes vehiculos, mas que os carreadores consideram como meio proprio para incitar os bois á marcha constante. Estes carros de madeira (no Sul chamados carretas) são, conforme a distancia que têm de andar e a carga que tem de transportar, arrastados por 2 a 5 juntas de bois que pucham cangas muito toscas e reunidas por tiradeiras de couro cru e seguem o chamado do guia que cavalga junto. Este com seu poncho largo, esporas de rosetas de 1 a 2 pollegadas nos pés, empunhando longa vara de ferrão com que aguilhoa os bois preguiçosos que não se movem com seus gritos ou com o canto dos eixos, é figura altamente caracteristica das terras sul-americanas, e com seu vehiculo ante-diluviano merece tanto mais attenção quanto é verosimil que não tardará muito a desapparecer, pois o emprego muito mais pratico de carros puxados por cavallos vai cada vez mais predominando nas colonias allemãs e circumvisinhanças, e dia a dia conquista maior terreno nos districtos puramente brasileiros.

Mas seculos hão de transcorrer antes que as serras possuam caminhos apropriados, pelo que os transportes por mulas hão de permanecer ali muito mais que os carros e carretas no campo. As mulas não precisam de estradas largas para se mover: basta uma picada aberta a foice e machado na matta para com uma tropa de animaes transportarem-se as cargas mais

pesadas e até pianos aos pontos mais longicuos. A' frente desta tropa geralmente pisa a madrinha, egua pratica do caminho, levando chocalho ao pescoço, que os outros animaes costumam acompanhar, pondo os pés exactamente nas pisadas do que precede: devido a isto, nas estradas novas não tardam a apparecer buracos que com as chuvas duradoras enchem-se d agua e constituem serio perigo para os passageiros. Quando uma picada se torna intransitavel, alargam-na da mesma maneira primitiva por que abriram ou estabelecem nova. Como em geral não existem pontes no interior, as tropas ficam muitas vezes dias e semanas paradas diante dos rios assoberbados pelas chuvas, até que a agua escorra. Aos animaes assim detidos fornecem excellente forragem o capim e as folhas de palmeira da matta. Em muitas passagens de rios existem passageiros, subvencionados pelo Estado, que transportam cavalleiros e tropas completas, levando as pessoas e cargas nas canoas leves, em quanto os animaes seguem-nas a nado. Nestas occasiões, como é natural, dão-se por vezes grandes desastres, por que os animaes fazem virar as canôas sobrecarregadas. Em muitas passagens já vai havendo barcos a vela muito bem construidos.

Os chefes das tropas, que as acompanham a cavallo, chamam-se tropeiros. São pessoas não só reforçadas, animosas, perfeitamente á altura dos accidentes das viagens, como profundamente honradas e praticas no negocio, a quem os patrões confiam as mercadorias mais preciosas e sommas muito consideraveis de dinheiro. Os estancieiros e viajantes do interior têm tropas suas; entretanto ha grande quantidade de tropeiros independentes, que contratam o transporte dos productos indigenas para a costa e a remessa de mercadorias desta para o interior.

O correio está organisado de maneira pouco satisfactoria, embora o paiz pertença á união postal e assim possua muitas instituições identicas ás das terras européas. Para o transporte do correio de ultramar o governo paga subvenções consideraveis ás grandes companhias europeas que tocam nos portos brasileiros, a cujos vapores concede o favor de poderem largar logo depois de chegados e sahir a qualquer hora do dia e da noite. A posta nunca foi introduzida, e

portanto os empregados do correio não se encarregam do transporte de pessoas. As remessas de pacotes e cartas para os agentes do interior são quasi exclusivamente confiadas aos meios de transportes particulares que existem, e em consequencia disto nem sempre chegam direito e em bom estado e nunca com a desejada pressa ao logar de seu destino. Nas localidades do interior nota-se além disso extraordinaria falta de agencias postaes e de empregados praticos; carteiros só existem nas cidades maiores.

Depois da chegada de um paquete, organisam-se e affixam-se listas das remessas, que ficam um anno inteiro á disposição dos destinatarios, aos quaes, porem, si não apparecem no correio, difficilmente chega a noticia. Quanto a entrega das cartas domina tambem o maior arbitrio, porque costuma-se dal-as a quem as reclama, sem exigir a apresentação de provas, o que naturalmente dá aso a substrações perversas e á violação de segredos. Para se garantir contra esses abusos, costumam as firmas commerciaes possuir caixas proprias nas agencias, nas quaes os empregados guardam as cartas respectivas até que as venham procurar, e para maior segurança costuma-se escrever no subscripto alem do nome do correspondente, *caixa n.°...*, accrescentando o algarismo respectivo. As cartas não reclamadas no praso estabelecido são destruidas.

Modernamente parece que no Brasil chegou-se á convicção que as presentes instituições postaes não podem continuar, pois foram mandados a Europa empregados do correio para se informarem do systema dos paizes mais adiantados. E' lisongeiro para a Allemanha o facto destes empregados terem considerado as suas instituições como as melhores e as mais dignas de imitação.

Que, apezar de todos os inconvenientes, o movimento postal tem augmentado, provam-nos os seguintes algarismos.

No anno de	1871/1872	foi a	Receita.....	786:668$638
» »	1871/1872	»	Despeza.....	936:718$290
» »	1879/1880	»	Receita.....	1.206:503$592
» »	1879/1880	»	Despeza.....	1.591:377$670
» »	1885/1886	»	Receita.....	1.862:347$299
» »	1885/1886	»	Despeza.....	2.262:357$804

No anno de 1882/1883 existiam no imperio 1461 agencias postaes e o numero das cartas recebidas elevou-se a 12.046.256, o das expedidas a 17.752:346, e os vales postaes a 4499 no valor de 235.882$: pelo ultimo algarismo vê-se quão pouco é ainda empregado este meio de remeter dinheiro no Brasil. Cartas registradas e objectos de valor, segunda o relatorio respectivo da directoria geral foram expedidos 17778, do valor de 1.373:223$.

Em 31 de Dezembro de 1887 existiam em todo o Imperio 1963 agencias postaes, assim distribuidas: Alagoas 46, Amazonas 14, Bahia 128, Ceará 65, Espirito Santo 30, Goyaz 40, Maranhão 53, Matto Grosso 11, Minas Geraes 559, Pará 44, Parahyba 34, Paraná 43, Pernambuco 124, Piauhy 28, Rio Grande do Norte 39, Rio Grande do Sul 85, Rio de Janeiro 300, Santa Catharina 39, S. Paulo 251, Sergipe 30.

A importancia dos vales postaes emittidos pelos correios do Imperio no exercicio de 1886/1887 attingiu a 1.712:304$426.

O movimento total da correspondencia no exercicio de 1886/1887 (dois semestres) foi de 37.046.124 objectos, da qual recebida 15.557.613 e expedida 21.489.124.

A somma dos valores recebidos em todo o Imperio no exercicio de 1885/1886 foi de 4.406.197$935, dos quaes 2.621.678$053 particulares.

Relativamente tem-se feito muito para augmentar a a rede telegraphica, desde que em 1853 introduziu-se este importante meio de civilisação no Brasil. Actualmente estão ligados entre si 17 provincias com 170 com estações na extenção de 10.633^{k}.411^{m} kilometros e com o desenvolvimento de 18.363^{k}.902^{m} Ha annos que o Pará está diractamente ligado com o extremo Sul. Trata-se agora de ligar Matto Grosso e Goyaz a S. Paulo ou Paraná, e então apenas a provincia do Amazonas ficará sem telegrapho.

Alem do telegrapho terrestre, possue o Brasil um cabo submarino entre o Rio de Janeiro e Pernambuco, outro entre Pernambuco e Pará e está ligado a Europa por meio do cabo transatlantico. A 18 de Março de 1882 o governo contratou com a *American Telegraph and Cable Company* a immersão de um cabo submarino entre os Estados Unidos e Fortaleza, capital do provincia do Ceará: este ultimo ponto foi posteriormente substituido por Viseu, na provincia do Pará.

Quanto tem augmentado o trafego telegraphico resulta de facto que no anno de 1871/1872 passaram-se 53173 tele-

grammas, 147.117 no anno de 1880/1881, de 1º de Junho de 1886 a 30 de Setembro de 1887 foram sujeitos a taxação 528.161 particulares, contendo 6.972.962 palavras. Entretanto o balanço da administração telegraphica nunca fecha sem deficit, porque estão sempre augmentando as linhas existentes. Nos quinze mezes de Julho de 1886 a Setembro de 1887 o total da receita foi de 1.482:102$095 ; a despeza só com o pessoal foi de 1.229:093$536. Na taxa dos telegrammas adopta-se a tarifa estipulada na convenção de S. Petersburgo.

XX

MOEDAS, PESOS E MEDIDAS

Antes de lançarmos as vistas para o desenvolvimento da industria, mineração e commercio do Brasil, convém tratar brevemente da moeda, pesos e medidas adoptados.

A unidade monetaria é o real (plural réis), particula de valor imaginario de que mil formam um mil réis, que se escreve 1$000 ou simplesmente 1$. O mil-réis que, serve de base a todos os calculos maiores, circula em moedas de prata de 12,750 grammas de peso, e em sedulas. Das moedas divisionarias nacionaes circula ainda em prata o meio mil réis, escripto 500 rs., de peso de 6,375 grammas. As outras são de bronze ou nickel, constando as deste ultimo metal (Dec. n. 1817 de 3 de setembro de 1870) de 25 partes de nickel e 75 de cobre, e as de bronze de 95 partes de cobre, 4 de estanho e 1 de zinco (Dec. n. 4019 de 20 de novembro de 1867). As moedas divisionarias mais baixas são de 10 rs., ou meio vintem, de 20 rs. ou vintem e 40 rs., todas de bronze. Em nickel existem cunhadas moedas de 50, 100 e 200 réis: 100 rs. chama-se um tostão. Além destas moedas divisionarias nacionaes correm as vezes moedas estrangeiras com valor variavel, como os bolivianos, cerca de 720 rs., e a balastraca de cerca de cruzado ou 400 rs. De moedas de prata maiores circula apenas a de 2$, de peso de 25,500 grammas. De moedas de ouro nacional tem curso as de 10$ e 20$, a primeira de 8,9648438 grammas de peso, a segunda de 17,9296875, além de moedas coloniaes, velhas onças hespanholas, peças francezas de 20 francos e soberanos inglezes. Do Thesouro e do banco do Brasil circulam notas de $500, 1$, 2$, 5$, 10$, 20$, 30$, 50$, 100$, 200$ e 500$000.

A lei n. 401 de 1 de Setembro de 1846 manda vigorar no Brasil o padrão do ouro, servindo como base do systema monetario a oitava deste metal de 0,917 de titulo e 0,083 de liga de cobre e prata, no valor de 4$. Na cunhagem da

prata aceita-se como norma o titulo de 0,917 de metal puro. Neste caso, 1$ em ouro valem 27 pence inglezes, 2 fr. 83, 2,25 marcos allemães e $500 portuguezes. Como, na situação pouco lisongeira das finanças, o papel-moeda vai dia a dia repelindo o ouro, o valor de 1$ tem ido baixando, e, o que é peior, está sujeito a oscillações constantes. O curso do dinheiro brasileiro computa-se quasi sempre em pence inglezes, tomando 1$, como unidade do valor. Quando no Brasil diz-se o cambio está a 27, 24 ou 20, deve-se entender do seguinte modo:

Cambio	a	27	£	8$889	marco	$444	franco	$353
»	a	24	»	10$	»	$400	»	$397
»	a	20	»	12$	»	$600	»	$477

O cambio varia muito irregularmente. Em 1882 oscillou entre 20 1/2 e 21 7/8. Desde 1886 tem subido, e no anno corrente tem estado ao par (27), e até acima do par. Houve ha poucos annos a ideia de fixal-o a 24.

As moedas, estampilhas e sellos são fabricados na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, que está munida dos mais perfeitos apparelhos modernos. As cedulas são gravadas no Estados-Unidos.

Em pesos e medidas desde 1862 foi legalmente adoptado o systema metrico decimal, mas só em 1874 foi posto em execução por todo o Imperio.

XXI

MINERAÇÃO

Já fica dito que o Brasil é rico em metaes preciosos; apezar disso não se póde considerar o paiz como mineiro, porque acha-se a mineração racional muito isolada, e o valor dos mineraes exportados está em proporção muito baixa para a producção e exportação da terra. Tanto mais de estranhar é isto quanto o governo brasileiro barateia as concessões para a exploração de minas, de que existem actualmente alguns milhares, ás quaes annualmente se accrescentam 30 a 40, sem que effectivamente se desenvolva mais actividade. No relatorio do Ministerio da Agricultura para o anno de 1882 ha queixa que neste terreno não se notam melhoramentos, o que se attribue á falta de vias de communicação apropriadas e á carencia de mineiros entendidos. E' tambem fóra de duvida que o espirito de especulação opera aqui muito alem das raias do honesto, attribuindo ás minas que existem ou ás que estão por descobrir valor muito maior do que realmente possuem. Succede isso especialmente com as minas de ouro, cuja exploração, apezar da introdução parcial do systema de extracção empregado na Australia, ainda não attingiu si quer de longe á altura a que chegou durante a epocha colonial, embora então se empregasse o systema mais rudimentar de lavagem, que aliás era o mais proprio, porque este metal precioso quasi que só se encontra no Brasil em terrenos diluviaes.

Segundo Eschwege, nos 220 annos que medearam de 1600 1820, embarcaram do Brasil para a Europa 931.472 kilos de ouro, no valor approximado de 110 mil contos, portanto 5 mil contos annualmente. De então para cá, a exportação tem baixado consideravelmente. Segundo o *Relatorio* do Ministerio da Fazenda, no anno de 1879/1880 sahiram 1.602:228 grammas, no valor approximado de 2.222:283$. Para o anno de 1880 orçou-se a exportação em 1.967:000$, e para o de 1881 em 1.632:000$. Ha ouro em todas as provin-

cias; mas o logar em que mais se encontra é a provincia de Minas Geraes.

Prata descobriu-se ha cerca de 300 annos no districto de Sorocaba, na provincia de S. Paulo, ligada ao cobre; diz-se que o mesmo se dá em Lages, na provincia de Santa Catharina; o minerio de cobre descoberto em Caçapava, na provincia do Rio Grande do Sul, tem effectivamente 2,5 % de prata; entretanto este metal não é minerado.

Mercurio, cobre, manganez, chumbo, antimonio, bismutho e arsenico existem em diversos pontos do paiz; entretanto seu trafego e exportação de tal modo são insignificantes, que não figuram nominativamente na lista dos objectos exportados, e só fazem parte dos productos reunidos sob a rubrica: diversos.

Mais importante que os metaes até aqui nomeados é o ferro, que se encontra em todas as partes do imperio, por vezes das qualidades mais apreciadas, como nas montanhas de Minas Geraes, onde apparece como ferro magnetico com 72,5 %, e como oligisto e ferro micaceo com 70 % de metal puro: entretanto a exploração é insignificante. Estabelecimento rigorosamente metallurgico apenas se encontra na fundição de Ipanema, na provincia de S. Paulo, fundado em 1810 e pertencente ao Estado; todavia embora o minereo contenha até 72,5 % de puro ferro e o governo dispenda sommas consideraveis na conservação daquellas minas, a producção é extraordinariamente pequena, comparada com a importação de aço e ferro em barra que regula annualmente 5 mil contos. Sua consignação no orçamento de 1886/1887 foi de 232:240$, e a despeza de 210:417$478.

Na provincia de Minas Geraes ha pequenas fabricas de ferro, em numero de 110, segundo o computo de Gorceix. Fixando-se a sua producção diaria em 6 arrobas e calculando por anno 300 dias de trabalho, a producção total de ferro na provincia é de 198 mil arrobas, ou 3 mil tonelladas.

« Os grupos principaes destas fabricas estão situados a O. e NO. da serra da Caraça, nas bacias dos rios da Conceição e do Soccorro, onde se contam mais de 20, na do Gualaxo, em torno de Antonio Pereira e de Camargos, na de Piracicaba, perto de S. Miguel, entre Conceição e o Serro, perto de Itabira, em torno do arraial da Penha, etc. A. O. con-

tam-se muito poucas. Tenho noticias de algumas que demoram perto de Patrocinio, do Araxá etc.

Quanto a qualidade do ferro, é bastante variavel de uma fabrica a outra. As differenças provêm menos da diversidade dos minereos do que dos cuidados que se observam na sua fabricação... Os preços, refiro-me sómente aos da fabrica, variam segundo as qualidades de 2$200 a 3$200, a arroba, termo medio. Tomarei para preço medio 2$800, o que dá á tonellada um valor de 184$800. A este preço na fabrica cumpre juntar, quando se tenha em vista o transporte, ao menos 80 réis por arroba e por legua, desde que se trata de distancias superiores a 3 leguas, o que lhe duplicará o preço logo que tiver de percorrer 30 leguas.

« Quanto ao valor dos objectos manufacturados: enxadas, ferraduras, fouces, machados, cravos, pregos caibraes, é muito variavel, para que eu possa fixar um preço medio... Em cada uma das fabricas ha certamente uma media de 10 pessoas empregadas, ou no total 1100 operarios. Os que se occupam com a transformação do ferro em ferramentas são pelo menos tão numerosos, e como é necessario contar 4 pessoas, termo medio, que vivem dos salarios delles, vê-se que a industria do ferro em Minas dá subsistencia a 8 ou 9 mil pessoas. Segundo os dados acima fixados, o valor do ferro bruto produzido elevar-se-ia á mais de 500 contos de réis e, si admittir-mos que este valor é duplicado pelo trabalho attingiria 1.000:000$. (Gorceix, o ferro e os mestres de forja na provincia de Minas Geraes, ap. *Rev. Brazileira*, V, p. 162/163).

Assim como a mineração de metaes é absolutamente insignificante e por ora não se póde esperar que tome maior impulso, tambem diminuiu de modo consideravel a exportação de diamantes, out'rora tão importante. Não existe estatistica certa da exportação antiga: o conde de Castelneau orçou-a até 1849 em 395.588.858 francos (139.642:866$874), mas estes algarismos ficam muito aquem da realidade, pois, como os diamantes eram monopolio regio, desenvolveu-se extraordinariamente o contrabando e não ha meios para calcular os valores que passaram por esta via. Actualmente os diamantes pagam apenas 1 % de exportação e são raros os desvios das alfandegas, pelo que os dados da estatistica official devem ser approximadamente exactos.

Segundo taes fontes foram exportados:

no anno de 1864/1865	45.026	grammas	no valor	de	5.357:000$000
no anno de 1871/1872	21.215	»	»	»	2.376:772$000
no anno de 1878/1879	12.599	»	»	»	944:508$000

A diminuição consideravel que se evidencia destes dados deve-se em grande parte á depreciação do diamante, resul-

tante do aproveitamento dos campos diamantinos do sul da Africa; pois no Brasil as jazidas não estão esgotadas. Ao contrario, têm-se descoberto novas, como em 1882 a de Canavieira, na Bahia, onde reuniram-se logo cerca de 7.000 faiscadores de todas as partes do Brasil para lavral-as. A qualidade das pedras é ali excellente; encontram-se no leito do riacho Salobra, que desagua no braço meridional do rio Una e exportam-se parte pela Bahia, parte pelo Rio de Janeiro. As lavras mais importantes estão situadas na provincia de Minas Geraes ao longo da serra do Espinhaço e no valle do alto S. Francisco. Em Goyaz, em Matto Grosso e nas provincias do Sul encontram-se diamantes de menor valor em fragmentos de itacolomito. Nos districtos propriamente diamantinos, entre as cidades de Diamantina e S. João d'El-Rey, lavra-se o diamante desviando os ribeirões em que se suppõe que existe, tirando o cascalho bravo de cima, trazendo o cascalho virgem, que contèm o diamante, para a superficie, e lavando-o no tempo de chuva. Como este cascalho diamantifero não existe só no leito dos rios e ribeirões, mas tambem em logares totalmente seccos, costuma-se extrahil-o por meio de fossos em fórma de trincheiras.

Conjunctamente com o diamante, mas tambem ás vezes inteiramente isoladas, encontram-se muitas outras pedras mais ou menos preciosas, como saphyra, rubi, topasio, beryllo e turmalina; desta ultima existe uma de côr verde que apparece no commercio com o nome de esmeralda brasileira. Tambem ha muitas granadas, embora em menor quantidade, e o quartzo com suas diversas variedades encontra-se por todas as partes do imperio; chrystal da rocha e bellissimas amethystas ha especialmente nas provincias de Minas Geraes, Goyaz, S. Paulo e Paraná; existem calcedonia, agatha e jaspe na provincia do Rio Grande do Sul, onde a exportação de agatha e principalmente de onix, em geral feita por Allemães para Birkenfeld na Allemanha, anda por 40 a 50 contos annuaes.

Rica de bellas pedras de construcção, especialmente granito, porphyrio, diorito e syenito, é a costa brasileira entre 12° e 30° S; excellente grés existe no Rio Grande do Sul, que se exporta para o rio da Prata; jazidas de marmore ha nas

provincias de Alagoas, Bahia e Minas Geraes, na Encruzilhada no Rio Grande do Sul e em S. Roque, na provincia, de S. Paulo; neste ultimo ponto tambem é serrado e polido, mas tal industria não tem medrado consideravelmente. Fabrica-se cal com os sambaquis da costa e tambem existe em importantes jazidas em diversas provincias. Ha greda nas costas do Norte; bom barro para telha, caolin e tabatinga, de que os Indios fabricavam suas urnas e outras vasilhas, encontram-se em todas as provincias; entretanto quão pouco se utilisam estes barros resulta do facto que no anno de 1871/1872 o valor da cal, cimento, gesso, etc., importados do estrangeiro andou por 629:740$, sem fallar dos objectos de barro, marmore e alabastro.

Jazidas de carvão de pedra mineraveis existem junto ao rio Tubarão na provincia de Santa Catharina, assim como em Candiota e no arroio dos Ratos, na provincia do Rio Grande do Sul; mas actualmente só é trafegada a ultima mina, que passou do poder da firma Holzweissig & C., de Porto Alegre, para o de grande sociedade anonyma. O carvão cede em bondade ao da Inglaterra, mas presta-se bastante ao emprego em vapores e locomotivas. Já se extrahem de 4.000 a 5.000 tonelladas annualmente, que se vendem á rasão de cerca de 20$ por tonellada; no mesmo tempo despende o Brasil pelo menos 6.000 contos em carvão procedente do estrangeiro, especialmente da Inglaterra; em todo caso já se começa a substituir o carvão nacional ao estrangeiro, tentativa que assumirá maiores proporções quando começar a lavra das minas do Tubarão, que já estão ligadas ao littoral por via-ferrea.

Lignito, schisto bituminoso, graphito, salitre e enxofre existem nas provincias do Brasil médio, mas não são aproveitados. Sal de cosinha colhe-se em diversos logares da costa, junto ao mar; no interior consegue-se pela lixiviação de certas camadas salinas, chamadas barreiros ou salitre, mas a preparação é tão pequena que não basta ao consummo das localidades productoras e menos ao das que são pobres de sal. O Brasil importa pelo menos 2.500 contos annualmente deste genero e diante deste algarismo desapparece a producção indigena.

XXII

A INDUSTRIA

Favorecida por altos direitos protectores, a industria tem tomado de certos annos para cá impulso não inconsideravel, embora limite-se á elaboração de materias primas e mesmo nesta esphera circumscripta apenas possa cobrir pequena parte do consumo.

Todas as industrias gozam no Brasil do liberdade plena, comtanto que não lesem os interesses da moral, da segurança e saude publicas. Sua profissão não é estorvada por lei ou privilegio, além daquelle que é garantido ao inventor de novos generos para explorar sua patente. O governo procura tambem fomentar o desenvolvimento industrial isentando de direito as machinas importadas, dando sahida livre aos productos industriaes e até garantindo juros a muitas emprezas novas por certo numero de annos, como por exemplo, aos engenhos centraes.

Depois de haver tratado nos capitulos relativos á agricultura e á criação de gado de alguns ramos importantes da industria rural, resta-nos considerar os outros ramos de industria.

A todos sobreleva em importancia a de tecidos de algodão que se faz em mais de 40 fabricas, estabelecidas nas provincias do Maranhão, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, Municipio-Neutro, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Geraes, que annualmente produzem cerca de 30 milhões de metros de algodão grosso para sacos, roupa de trabalhadores, etc., no valor approximado de 7.500.000$, o que não é pouco attendendo-se aos poucos annos que tem este ramo de actividade e comparado com a importação annual dos productos de algodão, que anda por 45 mil contos. Fabricas de tecer lã e linho já têm começado no Rio Grande do Sul e é de esperar que se desenvolvam consideravelmente.

Fundições e officinas de machinas existem em todas as cidades maiores, estaleiros e cordoarias em muitos portos.

Grandiosas dimensões têm os estaleiros e officinas do governo, o arsenal da Corte e o dique situado na ilha das Cobras, nos quaes se occupam diariamente mais de 1.000 pessoas, e que têm todos os apparelhos modernos de modo que se podem construir e armar inteiramente navios de guerra. O governo possue ainda ao pé da serra da Estrella uma grande fabrica de polvora, que annualmente produz de 200 a 300 mil kilos. No custeio destes estabelecimentos gasta annualmente o Estado de 3500 a 4000 contos.

Serrarias, desde a construcção mais rudimentar até a mais aperfeiçoada e frequentemente combinadas com machinas de preparar madeira e moinhos de farinha e azeite, encontram-se quasi em todas as provincias ; saboarias e fabricas de velas nas grandes cidades e tambem nas dependencias das xarqueadas : entretanto a producção de sabão e velas ainda não basta para o consumo.

O cortume tem grandes proporções no Sul, principalmente exercido por Allemães ; ali tambem floresce o fabrico de sellas e sapatos, assim como a trançagem de couro.

Tambem a cervejaria tem progredido muito e a producção total annua roça por 5 milhões de litros, algarismo que explica o decrescimento na importação da cerveja estrangeira, apezar do consumo crescente desta bebida entre os Brasileiros. A chamada cerveja nacional faz-se de lupulo e cevada importados, e só por excepção emprega-se a cevada nacional. Muitas cervejarias possuem grandes machinas de gelo.

A distilação da aguardente faz-se principalmente nos districtos assucareiros do Norte, onde se preparam tres especies: a cachaça com 8 %, a aguardente com 20 a 22 % e o restilo com 24° a 28° Baumé ; mas tambem vai fazendo progressos no Sul, onde além da canna de assucar tambem se empregam centeio, mandioca e batata. No anno de 1879/1880 foram exportados 3.308.328 litros no valor de 386.500$; entretanto no mesmo anno notou-se augmento consideravel na importação de licores, principalmente de genebra.

Industria propria do paiz é a das modistas francezas no Rio de Janeiro, que com as azas e pennas de passaros indigenas, como papagaios, tucanos e beija flores e tambem insectos raros, fabricam muito habilmente flores de penna.

Segundo o catalogo da exposição brasileira de Amsterdam, o valor das transações nesta especialidade sobe a 1.000 contos annualmente.

Tem-se desenvolvido consideravelmente o fabrico de chapeos, iniciado, haverá uns cincoenta annos, por Allemães, pois, como provou-o a exposição brasileira de Berlim, estão perfeitamente á altura da época e seus productos não cedem em bondade aos europêos, pelo que o consumo consideravel é quasi exclusivamente coberto pela producção indigena.

Não podemos nos occupar de todos os outros ramos de industria menos importantes. Basta mencionar, que a pequena industria e os officios no Brasil septentrional e médio estão principalmente nas mãos dos Portuguezes e nas provincias do Sul nas dos Allemães. Os Brasileiros occupam-se de preferencia com o commercio, a agricultura e a criação do gado. Os Indios, além dos productos naturaes já mencionados, levam ao mercado quando muito redes de dormir, louça ordinaria e cuias pintadas ou coités.

XXIII

O COMMERCIO

Deixando para outro volume o estudo do commercio de importação e exportação das diversas provincias, apresentaremos por ora apenas alguns pontos geraes para a apreciação do commercio brasileiro.

Desde que a navegação costeira e a dos grandes rios ficou livre ás bandeiras de todas as nações, o commercio tem crescido consideravelmente, como se evidencia pela estatistica. De 1864/1865 a 1879/1880 o movimento de navegação nos portos brasileiros duplicou, sinão quanto ao numero de navios, ao menos quanto ao da tonelagem.

Naquelle ultimo anno entraram:

Navegação de longo curso:	3.380 navios	de	2.397:526 toneladas
» costeira:	6.719 »	de	1.953:489 »
	10.099		4.351:015

Sahiram:

Navegação de longo curso:	2.897 navios	de	2.046:579 toneladas
» de cabotagem:	6.536 »	de	2.178:499 »
			4.225:078

Não se inclue neste calculo o movimento de navegação nos portos do Pará, Maranhão, Ceará e Sergipe, que não mandaram a tempo informações para a commissão de estatistica commercial do Rio de Janeiro, o que, calculando pelos annos anteriores, augmentaria de 6 ½ % a tonelagem.

De passagem notaremos que a organisação extremamente defeituosa da estatistica commercial no Brasil cerca de extraordinarias difficuldades o estudo do presente objecto. Assim desde 1881 não foram publicadas informações completas sobre o movimento de navegação e commercio;

e aquellas não se referiam ao anno anterior mas ao de 1871/1872 !

Isto é tanto mais vergonhoso para o Imperio quanto em muitas republicas sul-americanas, como por exemplo no Chile e na Argentina, este importante ramo de administração está organisado de maneira notavel e os annuarios estatisticos que publicam permittem que os economistas europeus formem juizo preciso sobre os phenomenos economicos daquelles paizes.

Segundo a mencionada estatistica, no anno de 1871/1872 a marinha mercante allemã occupava o quarto logar no commercio nacional e apparece na lista das entradas com 404 navios de 125.910 toneladas. A Inglaterra pertenciam no mesmo anno 1297 navios com 938.920 tonelladas, á França 253 com 206 307, aos Estados Unidos 248 com 190.412. Os outros navios pertenciam a armadores nacionaes ou dividiam-se pelas bandeiras da Suecia, Dinamarca, Portugal, Hespanha, Argentina, Uruguay, Hollanda, Italia, Belgica, Russia, Grecia e Perú.

Não havendo da parte do Brasil dados modernos quanto ao quinhão das diversas nações no commercio de seus portos, achamos interessante saber pela estatistica de Hamburgo que no anno de 1881 sahiram dahi para o Brasil 140 navios de 79.196 tonelladas e do Brasil entraram 78 navios com 85.549 tonelladas. Reflectindo que estes algarismos referem-se apenas a uma parte da navegação entre a Allemanha é o Brasil, são elles a melhor prova que as communicações entre os dois paizes têm augmentado consideravelmente, e isto mais notavel ainda se torna considerando-se estes dados relativamente ao movimento geral do porto de Hamburgo, que no dito anno foi de 1728 navios.

O commercio brasileiro representa assim 10 $^1/_3$ % do total, o que, attendendo ao curto praso do desenvolvimento das relações reciprocas, deve considerar-se resultado muito conspicuo e digno de attenção.

A marinha mercante brasileira consta de 160 navios de longo curso e 1590 costeiros. Com o movimento da navegação tem crescido consideravelmente o movimento das mercadorias.

O valor das transações com o estrangeiro subiu:

	1863/1864	1871/1872	1879/1880
Importação.	125.511:655	162.271:379	173.612:300
Exportação	131.120:395	193.418:866	222.351:700
	256.635:050	355.590:264	395.964:000

Sobre a quota de cada provincia na distribuição destes valores ha dados relativamente precisos, de que falaremos em outra occasião; difficil é isolar a quota das nações estrangeiras, porque, abstrahindo da organisação defeituosa da estatistica commercial no Brasil, tambem nas terras europeas e na America do Norte as estatisticas deixam muito a desejar e, calando muitas vezes a procedencia dos productos importados, tornam-se illusorias. Para ao dar menos idéa approximada da parte com que as diversas nações contribuiram no movimento commercial brasileiro, mencionaremos as seguintes porcentagens calculadas pela commissão de estatistica commercial do Rio de Janeiro, e relativas ao quinquenio de 1879/1874.

Tomaram parte na:

	Importação	*Exportação*
Imglaterra.....	51,47	45,30
França.....	19,49	13,46
Estados Unidos.....	4,67	20,90
Rio da Prata.....	9,13	4,75
Portugal.....	5,01	4,73
Allemanha.....	5,21	3,43

O resto distribue-se pela Belgica, Dinamarca, Hespanha, Hollanda, Italia, Russia, Suecia e Estados da costa occidental da America do Sul. Neste calculo, a Allemanha occupa o sexto lugar; como, porém, exactamente nos ultimos annos tem crescido muito seu commercio com o Brasil, a proporção já não deve ser a mesma, principalmente si podesse calcular-se com mais precisão o valor de seu commercio indirecto.

Cerca de metade do commercio exterior e a quarta parte do commercio costeiro cabem á cidade do Rio de Janeiro; dahi tambem faz-se commercio interno com as provincias centraes de Minas Geraes, Goyaz e parte de S. Paulo. Não é possivel, porém dar o valor preciso de taes transações.

Sobre as especies e valores dos artigos de exportação já temos falado em outros lugares; resta agora especialisar a importação. Em 1872/1873 os animaes vivos e dissecados subiram ao valor de 252$500; cabellos, pelles e pennas, 564.400$; pelles, couros, etc., 4.751:900$; carnes, peixes, etc., 14.362:300$; marfim, madreperola, etc. 578.100$; fructas 836.800$; legumes, farinaceos, etc., 6.529:100$; plantas, folhas, etc., 2.720:100$; sumos, bebidas alcoolicas, 12.424:500$; perfumarias etc., 4.669:300$; productos chimicos, etc., 6.159:000$; madeiras, etc., 1.749:100$; canna da India, etc., 112.600$; palha, esparto, etc, 926.400$; algodão e seus tecidos, 45.978:500$; ditos de lã, 11.536:900$; ditos de linho, 7.794:900$; ditos de seda, 3.142:200$; papel e suas aplicações, 2.622;500$; pedras, terras, etc., 5.763:900$; louça e vidros, 2.228:600$; ouro, prata e platina, 1.523:200$; cobre e suas ligas 1.997:600$; chumbo, zinco, etc, 494:600$; ferro, aço etc, 5.382:100$; casquinha e suas obras, 8:700$; metaloides, 51:000$; armamento e munições, 1.248:300$; obras de cutelaria, 559:800$; ditas de relojoaria, 444:500$; ditas de segeiro 153:900$; instrumentos mathematicos, 371;800$; ditos cirurgicos, 233:900$; ditos de musica, 550.400$; machinas e ferramentas, 5.005:600$; varios artigos 3.001:600$.

Total: 156.730:600$.

Estas addições representam as trinta e seis classes em que se divide a tarifa das alfandegas.

No mesmo exercicio a exportação foi: aguardente de canna, 548.700$; algodão em pluma, 27.021:100$; assucar, 27.749:000$; aves vivas e dissecadas, 28.000$; azeites e oleos, 140,700$; cacao, 1.507.700$; café, 115.377:100$; castanha do Pará, 443.700$; clina e cabello 540:400$; couros em cabello, 15.720:900$; diamantes, 1.355:800$; doces, 82.700$; especiarias, 18.000$; esteiras de tabúa,

21.200$; farinhas diversas, 342.600$; fumo e seus preparados, 6.802:900$; gado vivo, 66.100$; gomma elastica, 10 810:600$; erva mate, 3.856:000$; ervas medicinaes, 62.300$; jacarandá, 581.200$; lã em rama, 317.500$, madeiras de construcção, 714.800$; ossos calcinados, 245:200$; ouro em barra e pó 361.800$; piaçaba 460.100$; pontas ou chifres, 101.900$; pao-brasil, 31.700$; prata em barra, 14.500$; sebo e graxa, 7.200$; toucinho, 88.200$; diversos productos, 473.400$.

Somma 215.893:100$.

Como já fica dito são muito elevados os direitos de importação, que montam na media a 48 % do valor da factura. Isentos de direitos são apenas certas machinas, sementes, plantas, e animaes vivos, carvão de pedra, metaes preciosos em barra, prélos, etc. Todas as outras mercadorias divididas nas 36 classes acima nomeadas, pagam direitos de 2, 5, 10, 15, 20, 30, 48 e 60%; o maior numero paga 48 %. A estes accresce a taxa addicional movel, segundo a fluctuação do cambio sobre mercadorias que têm similares no paiz, no intento de proteger a industria nacional. Nas provincias do Rio Grande do Sul e Matto Grosso, para impedir o contrabando das fronteiras, vigora tarifa especial. Os direitos de exportação, de 1 % para o diamante, de ½ a 2 ½ % sobre ouro em barra, são de 9, 7 e 5 % para os demais generos, havendo alguns livres delles. Ha mais impostos de exportação provinciaes e municipaes, direitos de ancoragem e armazenagem que gravam bastante o commercio e em todo caso tornam muito caros os productos brasileiros. Desfavoravel ao commercio é o despacho difficil e moroso das alfandegas e mezas de renda.

Do mesmo modo lhe é desvantajoso o processo commercial que se faz por um codigo imitado do *Code Napoleon* e promulgado em 1850. Tambem, nestes como em todos os outros, antes de iniciar-se a acção deve-se fazer uma tentativa conciliatoria diante do juiz de paz, excepto nos casos de titulos commerciaes endossados, fallencias, causas arbitraes ou de simples officio do juiz, ou naquellas em que as partes não podem transigir. Antes ou depois de iniciada a acção, pode-se escolher em lugar de juizo do commercio ordinario

um juizo arbitral voluntario, tanto na primeira e segunda instancia e até mesmo depois da concessão da revista. Os tribunaes do commercio não existem mais: foram substituidos pelas Relações para o julgamento das causas commerciaes em 2ª instancia, pelos juizes especiaes do commercio para a 1ª instancia, e pelas junctas commerciaes, com jurisdicção meramente administrativa e compostas de deputados eleitos pelo corpo commercial e de presidente nomeado pelo governo. Alem dos juizes especiaes do commercio, ha tambem juizes dos feitos da fazenda, que têm de julgar das dividas fiscaes. Apesar deste apparelho consideravel para garantir os interesses e direitos do commercio, dominam ainda os maiores abusos nesta esphera, pois a marcha do processo contra devedores remissos ou velhacos é tão morosa, difficil e dispendiosa que o credor aos meios judiciarios prefere qualquer via que leve á conciliação, embora desvantajosa.

No Rio de Janeiro existem 9 bancos, dos quaes 2 inglezes; ha outros bancos no Pará, Maranhão, Pernambuco, Alagôas, Bahia, Campos, Santos, S. Paulo, Rio Grande e Porto Alegre. O capital com que foram fundados é de 149.270.000$; mas apenas a decima parte foi realisada.

Os bancos que funcionam no Rio de Janeiro em principios de 1889 são: agencia do Aliança do Porto, com o capital de 4 mil contos, moeda portugueza; Auxiliar, do Brasil, com o c de 33 mil contos; Commercial, com o c. de 20 mil contos, dos 10560 realisados; agencia do Commercial de S. Paulo, com o c. de 2 mil contos; do Commercio, com o c. de 12 mil contos, dos quaes 10 500 realisados; agencia do Commercio e Industria do Porto, c. 2 mil contos, m. port.; Credito Real do Brasil, c. 20 mil contos, dos quaes realisados 1.250; agencia do Credito Real de S. Paulo, c. 5 mil contos; del Credere, c. r. 2 mil contos; English, c. 1 milhão de libras, das quaes realisadas 500 mil; Industrial e Mercantil, c. 6 mil contos; Internacional, c. 20 mil contos, dos quaes realisados 12 mil; ag. do da Lavoura de S. Paulo; ag. do Mercantil de Santos, c. 1.000 contos; ag. do do Minho; London & Brasilian, c. 1 milhão 250 mil libras, das quaes realisadas 625 mil; Popular; ag. do de Portugal, c. 13 500 contos, m. port.; Predial, c. 4 mil contos, dos quaes realisados 2.000; Rural e Hypothecario, c. 16 mil contos, dos quaes realisados 10 000; agencia do Territorial e Mercantil de Minas, c. 1.000 contos; União de Credito, c. 4 mil contos, e Brasilianische, c. 10 milhões de marcos.

Pelo Decreto n. 3403 de 24 de Novembro de 1888 foi permittido ás companhias anonymas que se propuzerem a fazer operações bancarias, emittir, mediante certas condições, bilhetes ao portador e á vista, convertiveis em moeda corrente.

Esta autorisação não será concedida sinão ás companhias anonymas, cujo fundo social não seja inferior a 5 mil contos na côrte, 2 mil nas capitaes de provincia e mil nos municipios.

A emissão maxima destes bilhetes será de 100 mil contos para as companhias que tenham séde na capital do Imperio; de 8 mil para as que se estabelecerem em cada uma das provincias de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo e Rio Grande do Sul; de 6 mil contos para as que funccionarem em cada uma das provincias do Pará, Maranhão, Ceará, Espirito Santo, Paraná e Santa Catharina; de 2 mil contos para as que se organisarem em qualquer das provincias do Amazonas, Piauhy, Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagôas, Sergipe, Goyaz e Mato Grosso.

Além disso ha nas ditas cidades e em outras caixas economicas, montes pios, e sociedades de seguros nacionaes e estrangeiras. Juntas commerciaes, compostas de negociantes de diversas nacionalidades, que têm de deliberar sobre todos os negocios que dizem respeito ao commercio especialmente das localidades em que funccionam, e levar ao conhecimento das autoridades suas decisões e representações, ha em quasi todas as cidades maiores. Escolhem entre seus membros commissões de bolsa ás quaes compete fixarem o cambio do do dinheiro, funccionarem como juizes eventuaes nas questões em que o codigo do commercio o permitte.

A bolsa mais importante do Brasil é a do Rio de Janeiro, pois de suas decisões quanto ao cambio e outras relações commerciaes dependem mais ou menos as outras praças do Imperio, ás quaes tôdas ella excede em transações de bancos, estradas de ferro e outras acções.

No anno de 1882 montou a 276.000.000$ o capital das acções com que especulou na praça do Rio de Janeiro.

FIM

As seguintes informações, bondosamente fornecidas pelo Sr. Commendador Sousa Ferreira, digno radactor chefe do *Jornal do Commercio*, completam e corrigem o que se lê a pag. 171 sobre credito real.

« As instituições de credito real no Brasil têm tido desenvolvimento pequeno, e desproporcionado em relação às condições de um paiz, cuja industria unica é a agricultura e no qual é escasso o capital. Existem, todavia, nesta data as seguintes instituições de credito real:

Banco do brasil.— Por accôrdo celebrado com o Governo Imperial em 1873, obrigou-se este banco a empregar em emprestimos hypothecarios aos proprietarios agricolas do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Espirito Santo, Paraná e Santa Catharina até a somma de 25 mil contos, mediante o juro de 6 % e amortisação de 5 % ao anno, no maximo.

Tornando-se excessivamente precaria a situação da lavoura, viu-se o banco obrigado a suspender-lhe os emprestimos, sujeitando-se ao pagamento de uma multa.

Em Agosto de 1888 celebrou novo accôrdo com o governo com o fim de crear-se neste estabelecimento uma secção de credito agricola com o capital de 12 mil contos, sendo metade fornecida pelo Thesouro Nacional, para auxiliar os lavradores com emprestimos hypothecarios e adiantamentos sobre fructos pendentes.

Em virtude do accôrdo de 1873, o banco emittiu letras hypothecarias de juro de 5 %. Em Junho de 1888 os emprestimos hypothecarios comprehendiam 609 devedores, responsaveis por 19.120:428$849.

As letras hypothecarias em circulação eram na importancia de 861:200$, tendo sido as emissões de 5.050:000$000.

As operações da secção agricola representavam em 31 de Dezembro do anno findo 4.759:898$393.

Banco Predial.— Tem o capital realisado de 2.000:000$; a somma empregada em emprestimos hypothecarios era, em 31 de Dezembro ultimo, de 13.360 contos; as letras em circulação eram no valor de 7.151:300$. Estas letras vencem o juro de 6 % ao anno.

Banco de Credito Real do Brasil.— Tem um capital de 20 mil contos, mas pouco está realisado. A' ultima data, os emprestimos eram na importancia de 12 mil contos.

Emitte letras pagaveis em papel com o juro de 6 %; pagaveis em ouro com o juro de 5 %; a emissão das primeiras é de 5.810:000$; a das segundas de 7.187:000$000.

Banco de Credito Real de S. Paulo.— As ultimas informações são estas:

Capital realisado 2.000:000$; emprestimos e adiantamentos á lavoura 6.883:000$; emissão de letras hypothecarias, 6.616:000$000.

O governo provincial garante o juro de 7 %.

Banco de Credito Real de Pernambuco.— Capital 500:000$, realisado 200:000$000.

Emprestimos hypothecarios, 1.697:000$000.

Lettras emittidas 1.648:000$000.

Banco Hypothecario do Maranhão.— Capital 170:860$ realisado.

Letras emittidas 603:600$000.

Emprestimos 503:300$000.

Incorporou-se recentemente um banco em Juiz de Fóra com o capital de 500:000$000.

O Banco da lavoura de S. Paulo faz operações sobre frutos pendentes e de credito agricola.

Systema metrico decimal, escripto para uso das escolas primarias pelo professor publico João Rodrigues da Fonseca Jordão, 1 vol. com figuras representando os novos pesos e medidas. $800

Guia pedagogica de calculo mental e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. 2$000

Methodo para aprender a contar com segurança e facilidade, obra posthuma de Condorcet, traduzida do francez por G. S. M , 1 vol. in-12 cart. $600

Arithmetica da infancia e metrologia, por monsenhor C. Couturier, bacharel em sciencias e em letras, professor de mathemáticas, 5ª edição, 1888. 1 vol. in-32 cart. $400

Noções de chimica geral, pelo Dr. Martins Teixeira, 1 vol. 4$000

Noções de chimica inorganica, pelo Dr. Martins Teixeira, 1 vol. 8$000

H. Spencer—Da educação moral, intellectual e physica, 1 vol. br. 1$000

Tratado de methodologia, por Felisberto de Carvalho. 1 vol. 2$000

Cathecismo da doutrina christã, approvado pelo Exm. e Revm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, adoptado pelo conselho superior de instrucção publica para ser ensinado nas escolas do Governo, 4ª edição muito melhorada, por monsenhor C. Couturier, 1 vol. in-12 cart. $500

Compendio de historia sagrada, seguida de geographia sagrada pelo mesmo monsenhor C. Couturier, 1 vol. in-16 cart. 1$000

Diurnal da mocidade christã, dedicado aos filhos da terra de Santa Cruz, por monsenhor C. Couturier, 4ª edição, 1 vol. in-32 cart. 2$000

Historia do Oriente e da Grecia, por João Ribeiro, 1 vol. cart. 2$500

Explicador de arithmetica, por Eduardo de Sá, em collaboração com seu filho o engenheiro Chrokatt de Sá, 6ª edição correcta e augmentada, 1 vol. in-8. 3$000

Elementos de arithmetica por João José Luiz Vianna, 4ª edição melhorada, 1 vol. 4$000